

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

RÁDIO COMUNITÁRIA
OS DESAFIOS DO AMBIENTE EDUCATIVO DA RÁDIO HELIÓPOLIS FM

SÉRGIO PINHEIRO DA SILVA

São Paulo
2010

SÉRGIO PINHEIRO DA SILVA

**RÁDIO COMUNITÁRIA.
OS DESAFIOS DO AMBIENTE EDUCATIVO DA RÁDIO HELIÓPOLIS FM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo
2010

SILVA, Sérgio Pinheiro da

Rádio Comunitária. Os desafios do ambiente educativo da rádio
Heliópolis FM / Sérgio Pinheiro da Silva. -- São Paulo, 2010.

204 f. : il. ; 30 cm.

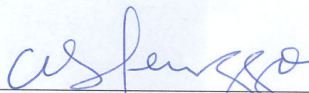
Orientador: Prof. Dr. Jose Eugenio de O. Menezes
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação

1. Heliópolis. 2. Comunidade. 3. Rádio Comunitária. 4. Ambiente
Educativo. 5. Cultura do Ouvir. I. Sérgio Pinheiro da Silva. II. Faculdade
Cásper Líbero, Programa de Mestrado em
Comunicação. III. Rádio Comunitária. Os desafios do ambiente educativo da
rádio Heliópolis FM.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: SÉRGIO PINHEIRO DA SILVA

**“RÁDIO COMUNITÁRIA: OS DESAFIOS DO AMBIENTE
EDUCATIVO DA RÁDIO HELIÓPOLIS FM”.**



Prof. Dr.ª. Cicilia Maria Krohling Peruzzo
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP



Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 01 de outubro de 2010.

Não é, em absoluto, missão nossa renovar as instituições ideológicas sobre a base da ordem social estabelecida, mediante inovações. Porém, sim, com nossas inovações temos que impulsioná-las para sua missão básica. (BRECHT *in* MEDITSCH, 2005:45)

Oferecimentos:

Ofereço esta dissertação a todas as comunidades que buscam melhores condições de vida no exercício da cidadania.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pela força que sempre me deu. Aos meus pais, que se esforçaram com honestidade, dedicação e carinho para que os filhos tivessem boa educação. Quero agradecer à minha irmã pelo apoio emocional e financeiro. Ainda falando de família, quero agradecer às minhas avós, padrinhos, tios, primos e sobrinhos que sempre me apoiaram, em especial à minha afilhada Carolina que move meus sonhos. Aos amigos de muitos anos e suas famílias por compartilharem momentos de amizade.

Aos meus professores e amigos: Arlete Taboada, Dra. Carmem Lúcia José, Dagoberto Alves, Ms. Helena Rugai Bastos, Dr. João Vicente Cegato Bertomeu, Júlio de Paula, Dr. Luciano Victor Barros Maluly, Marcelo Franco Fernandes, Dra. Márcia Furtado Avanza, Dr. Marcos Júlio Sergl, Dra. Rita Maria Lino Tarcia, Ms. Roberto D'Ugo Júnior; que entre tantos amigos sempre incentivaram a realização desta pesquisa. Aos colaboradores da rádio e entrevistados Heliópolis FM que são parte viva desta dissertação.

Aos membros da banca examinadora Dr. Cláudio Novaes Coelho e Dra. Cicilia M. Krohling Peruzzo que muito contribuíram a esta dissertação. Aos colegas da secretaria de Pós Graduação da Faculdade Cásper Líbero que sempre estão prontos para colaborar com os alunos. Aos professores da Faculdade Cásper Líbero, em especial à professora Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques e ao meu orientador Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes que me proporcionou toda a orientação necessária, com paciência e dedicação além do grande incentivo: “Bom Sérgio. Vamos pra frente!”.

Aos amigos casperianos e aos companheiros do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir: Obrigado pelas audições! Aos companheiros de trabalho da FMU/FIAM/FAAM e Rádio Gazeta AM; em especial, quero agradecer aos que se tornaram amigos para a vida desde o início desta caminhada: Ana Paula Kwikto, Caio Ramos, Carlos Hermíno, Eliane Calixto, Eliane Deak, Erik Carvalho, Fabíola Tarapanoff, Rodrigo Fernandes, Mara Rovida, Marcelo Cardoso, Pedro Vaz, enfim, desculpe o engano de fugir algum nome, mas do coração vocês não escapam.

Muito obrigado!

SILVA, Sérgio Pinheiro da. *Rádio Comunitária. Os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RESUMO

A presente dissertação busca entender a comunicação realizada através da rádio comunitária do bairro Heliópolis – cuja população constitui a maior comunidade popular de São Paulo, com 125 mil habitantes em uma área de pouco mais de 700 mil m². Ao abordar a programação da emissora mantida pela UNAS (União das Associações dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), observa-se o ambiente educativo ao redor da rádio. Dentro do ambiente de pesquisa, define-se comunidade como um conjunto de pessoas que se organizam sob um conjunto de normas; geralmente vivem no mesmo local e buscam melhores condições na qualidade de vida e educação. Através do diálogo com Martin Buber e Guy Debord, procura-se trazer à tona os vínculos presentes entre os comunitários, as tensões da sociedade do espetáculo estudada por Guy Debord e a proposta de relação de Martin Buber na forma como os cidadãos se relacionam com os outros. No desenvolvimento do trabalho, foram realizadas pesquisas de campo com visitas na comunidade, conversas com os moradores de Heliópolis e entrevistas com colaboradores, diretores da rádio e da UNAS – além de profissionais de grande importância na história da emissora. A rádio comunitária Heliópolis FM presta o serviço comunitário ao configurar-se um instrumento vinculador e favorecer um ambiente educativo entre os comunitários, procurando, no contexto das tensões e limites, encontrar meios para solucionar os problemas compartilhados pelas pessoas que vivem na comunidade em foco.

Palavras-chave: Heliópolis. Comunidade. Rádio Comunitária. Ambiente Educativo. Cultura do Ouvir.

SILVA, Sérgio Pinheiro da. *Rádio Comunitária. Os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ABSTRACT

This thesis aims at understanding the communication done through Heliópolis community radio station whose population – 125 thousand inhabitants living in an area over 700 thousand m². - consists of the biggest poor community in São Paulo. While approaching the grid of the channel funded by UNAS, it is possible to see its educational environment. For research matters, community is defined as a set of people who abide by the same set of rules; they usually live in the same place and search for better life condition and education. Through the dialogue with Martin Buber and Guy Debord's studies this research tries to show the bonds between people who live in the area, the tensions of the spectacle society studied by Guy Debord and Martin Buber's as he or she engages on relationship whit others. As developing this work field research was carried out including community visits, talks to Heliópolis inhabitants and interviews with staff from the radio and UNAS. There were also interviews with professionals who had previously worked for “Rádio Comunitária Heliópolis FM” serves community interests because it consists of an educative and bonding instrument which tries to find means to solve the problems shared by everyone who lives there within the context of tensions and limits.

Key-words: Heliópolis. Community. Community Radio. Educative environment. Culture of listening.

SIGLAS

ABRACO	Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária
AM	Amplitude Modulada
AMARC	Associação Mundial das Rádios Comunitárias
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
APCA	Associação Paulista de Críticos de Artes
CCA	Centro da Criança e Adolescente
CEI	Centro de Educação Infantil
CJ	Centro da Juventude
CRAF	Centro de Referência de Assistência à Família
CRECA	Centro de Referência da Criança e Adolescente
DSTs/AIDS	Doenças Sexualmente Transmissíveis / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
FM	Frequência Modulada
GLS	Gays Lésbicas e Simpatizantes
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
INURB	Índice de Infra-estrutura Urbana
MHz	Mega Hertz
MinC	Ministério da Cultura
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
MST	Movimento dos Sem Terra
NPPE	Núcleo de Proteção Psicossocial Especial
ONG	Organização não governamental
PAC	Projeto de Aceleração do Crescimento
SAE	Sistema de Assistência de Enfermagem
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNAS	União das Associações dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**

A – O objeto	15
B – Como nasceu o rádio no Brasil	16
C – Legislação brasileira de rádios comunitárias	17
D – Metodologia	18
E – Composição da Pesquisa	20

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. HISTÓRIA DE HELIÓPOLIS E DA EMISSORA	22
1.1 A formação de Heliópolis	22
1.2 Associação de Moradores	24
1.3 Uma rádio em Heliópolis	27
1.3.1 O surgimento da rádio corneta	28
1.3.2 A transmissão em FM	29
1.3.3 Mudanças no <i>dial</i>	31
1.3.4 A sede da rádio	34
1.3.5 Transmissão via internet	35
1.3.6 Programação	35
1.4 Heliópolis, um bairro educador	46
1.5 Ponto de Cultura	49

SEGUNDO CAPÍTULO

2. INSPIRAÇÕES TEÓRICAS	51
2.1 A sociedade do espetáculo	51
2.1.1 Brecha na sociedade do espetáculo	53

2.2	No princípio é a relação	55
2.2.1	A relação em Heliópolis	58
2.3	O texto vinculador	59
2.4	O que é comunidade	60
2.5	O trabalho em comunidade	63
2.5.1	Comunicação comunitária educativa	65
2.6	O que é uma rádio comunitária	67
2.6.1	Programação de rádio comunitária	69
2.7	Programação educacional	71
2.7.1	A educação através da rádio comunitária	72

TERCEIRO CAPÍTULO

3.	DESCER A CAMPO	74
3.1	Caminhar, ver e ouvir	74
3.1.1	Primeira visita à rádio	76
3.1.2	Entrando em Heliópolis por São Caetano do Sul	76
3.1.3	Caldo de Mocotó	77
3.1.4	Conversa com Cláudia Neves	78
3.1.5	Experiência Solidária	78
3.1.6	Metrô Sacomã	79
3.1.7	Conversa com locutores	80
3.1.8	Primeira tentativa de entrevista com Geronino	81
3.1.9	Entrevista com Reginaldo	82
3.1.10	Entrevista com Geronino	83
3.1.11	Entrevista com João Miranda	84
3.2	Breve análise das entrevistas	85

CONSIDERAÇÕES E CONVITE PARA DIÁLOGO	87
---	-----------

REFERÊNCIAS	93
--------------------	-----------

ANEXOS

ANEXO 1 – Da radiodifusão	100
ANEXO 2 – Da radiodifusão comunitária	111
ANEXO 3 – Medida provisória da Lei da Radiodifusão Comunitária	118
ANEXO 4 – História do autor	119
ANEXO 5 – Entrevista com Cláudia Neves	122
ANEXO 6 – Entrevista com Célia	128
ANEXO 7 – Entrevista com Zefinha	130
ANEXO 8 – Entrevista com Badega	132
ANEXO 9 – Entrevista com Sérgio Gomes	134
ANEXO 10 – Entrevista com Reginaldo	155
ANEXO 11 – Entrevista com Pedro Serico Vaz Filho	178
ANEXO 12 – Entrevista com Geronino Barbosa	186
ANEXO 13 – Entrevista com João Miranda	195

INTRODUÇÃO

A – O objeto

Antes de iniciar a pesquisa e apesar de toda vivência em comunidades, eu tinha a visão de que uma rádio comunitária era apenas uma forma de comunicação que poderia chegar ao seu destino: a pessoa que mora na favela. Para mim, a favela era um ambiente no qual as pessoas possuem pouca condição social; não há escolas, há alto índice de desemprego, ausência de hospitais, moradia em barracos de madeira, ruas de terra com o esgoto a céu aberto e falta de energia elétrica. Afinal, era a estrutura de muitas das favelas que frequentei na minha adolescência. Essa forma de ver Heliópolis foi modificada ao longo da pesquisa, e o principal fator que mudou meu olhar foi a vivência na comunidade e a conscientização de que não são simples ouvintes que ouvem a rádio Heliópolis FM, mas também pessoas que vivem dificuldades diárias e buscam melhoras em suas atuações comunitárias.

Objetivando a pesquisa, procurei, nessa dissertação, entender os desafios educativos da rádio Heliópolis FM em propor melhorias para as pessoas que vivem no bairro. Busco trazer esse entendimento para que não só a rádio Heliópolis FM, mas também outras emissoras comunitárias possam perceber e encontrar, a partir dos desafios de Heliópolis, caminhos para solucionar possíveis problemas presentes em suas comunidades.

Uma rádio comunitária pode gerar ambientes educativos que estimulem a participação dos cidadãos envolvidos. Para Dioclécio Luz, uma rádio comunitária tem o papel de: “Provocar a reflexão, fazer perguntas, formular propostas com a população, educar, promover a arte e a cultura, aprender com o povo, questionar o latifúndio da educação, fazer crítica aos meios de comunicação, enfrentar os grandes temas, desaprender o que é ultrapassado, ser moderna, não ter medo do novo e mostrar a realidade” (LUZ, 2007:24-27). Acredito que a prática da educação – e não somente da educação formal – constitui a melhor maneira de se construir uma nova sociedade e modificar a forma de pensar dos indivíduos. Pensando nessa abordagem, pretendo analisar como a rádio Heliópolis FM atua no campo educativo:

Não é necessário ser um professor, no sentido profissional do termo – para atuar em Rádio Comunitária. Todos nós temos algo a ensinar. E podemos ensinar o que presta e o que não presta. Podemos fazer da rádio uma fonte de entretenimento, ou seja, de difusão de bobagens; ou, o que a gente espera de Rádio Comunitária: vamos transmitir coisas boas, agradáveis e engraçadas, e que sirvam para a comunidade crescer (LUZ, 2007:25).

A programação da rádio comunitária pode proporcionar um trabalho educativo, além de servir como apoio aos serviços sociais da comunidade. Nesta pesquisa, analiso quais são as possibilidades criadas pela emissora e como se dá esse processo educativo em Heliópolis.

As rádios comunitárias, por sua vez, nasceram a partir das rádios livres com a missão de servir como canal de prestação de serviços às comunidades locais: a finalidade dessas rádios livres foi substituída por práticas diferenciadas que, muitas vezes, contribuem para o desenvolvimento de uma determinada comunidade. Elas iniciam quando a conquista do canal comunitário reflete na programação da emissora na busca de atender às necessidades da população e incentivar o trabalho comunitário na melhoria da qualidade de vida na região.

B – Como nasceu o rádio no Brasil

No ano de 1922, a então radiotelefonia foi apresentada para o brasileiro na exposição comemorativa do centenário da Independência do Brasil. O médico Edgard Roquette-Pinto entusiasmou-se com os novos equipamentos que não despertavam a atenção dos frequentadores da feira. Ele vislumbrou o futuro pensando em um veículo de comunicação que pudesse aproximar a população à informação e à educação. Vera Regina Roquette Pinto no texto “Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos” diz que ao ter o contato com o rádio, Edgard Roquette-Pinto disse: “Como é que a gente não aproveita isso para levar o pensamento por essa extensão de terra, levando essa gente toda que está morrendo por aí afora de ignorância?” (Roquette-Pinto *in* MEDINA:2003:12). No início de 1923, convicto da importância educativa do rádio, Roquette-Pinto sensibilizou a Academia Brasileira de Ciências e fundou a primeira estação de rádio brasileira – a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro –, com o prefixo PRA-A, instituição de caráter educativo-cultural que sobrevivia das doações de seus sócios. Em São Paulo, a primeira emissora foi a Educadora Paulista, em 1924, presidida por Vergueiro Steidel. Roquette-Pinto pretendia que o rádio fosse um veículo educativo; assim, durante os primeiros anos desse veículo de comunicação no Brasil, a programação se ocupava de óperas, grandes concertos e palestras.

Com o passar do tempo, o rádio foi popularizando a programação e, em 1932 – quando o então presidente Getúlio Vargas aprovou a veiculação de propagandas comerciais no rádio – as emissoras conseguiram mais investimentos financeiros, o que proporcionou a chamada “era de ouro do rádio” que marcou as décadas de 1930 e 1940. Com isso, os

programas educativos perderam espaço de veiculação para os programas populares que encheram a grade de programação das emissoras de rádio. Para não transformar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em uma emissora comercial, Roquette-Pinto preferiu doá-la ao Ministério da Educação e Cultura. Nascia, assim, a atual Rádio MEC, que até hoje possui o mesmo lema de Roquette-Pinto: “Pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil”.

De acordo com Mario Kaplún, a soma das áreas de educação e comunicação pode ser a alavanca para a cidadania. Bortoliero afirma que o pensamento de Kaplún está mais do que nunca presente no debate atual: discutir um modelo de comunicação que represente os excluídos socialmente.

A preocupação de Kaplún, devido a sua trajetória prática, é a de garantir que a cidadania seja exercida na recepção e que grupos marginalizados do processo institucionalizado dos grandes veículos possam participar como emissores dos processos de produção de programas radiofônicos, televisivos ou de meios alternativos (BORTOLIERO, 1996: 187).

Os avanços ocorridos através dos anos – tanto na Educação como na Comunicação – nos levam a afirmar que existe uma clara consciência do trabalho inter e multidisciplinar em diferentes áreas do conhecimento e que, somente com um esforço conjunto, há a possibilidade de colocar em prática projetos que possam diminuir as desigualdades sociais.

C – Legislação brasileira de rádios comunitárias.

A legislação de radiodifusão brasileira é regulada pela ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), entidade que fiscaliza as emissoras para que cumpram o que pede a Lei. A radiodifusão é um espaço público e limitado, cedido através de concessões para que sejam prestados serviços à população, o que justifica a fiscalização de um órgão público. Os serviços de radiodifusão, conforme a legislação brasileira, tem como finalidade a cultura e educação, promovendo a cultura nacional e regional, bem como o estímulo à produção independente que objetive a regionalização da produção cultural, artística e jornalística, respeitando os valores éticos e sociais da pessoa e da família. Existem três tipos de emissoras de rádio: *comerciais*, *educativas* e *comunitárias*, podendo cada uma explorar qualidades específicas de suas funções na sociedade¹.

¹ Veja em ANEXO 1.

A Lei 9.612/98, assinada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso e por seu ministro das Comunicações Sérgio Motta em 19 de fevereiro de 1998, diz que Rádio Comunitária é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora e com potência de transmissão irradiada máxima de 25 watts². As emissoras de rádio comunitária devem ser administradas apenas por fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos, sediadas na comunidade a servir; seus dirigentes devem ser brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos.

Criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades, a rádio comunitária é uma pequena estação de rádio que oferece meios à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. A rádio comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais, bem como noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública e promover atividades educacionais e outros serviços para a melhoria das condições de vida da população.

Uma rádio comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e os eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população (Radiodifusão Comunitária: Legislação. Brasília: Ministério das Comunicações)³.

A programação diária de uma Rádio Comunitária deve conter informações, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de etnia, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais. Devem sempre ser respeitados os valores éticos e sociais da pessoa e da família, dando oportunidade à manifestação das diferentes opiniões sobre o mesmo assunto. Uma rádio comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como partidos políticos, instituições religiosas etc. Não pode, em hipótese alguma, inserir propaganda comercial, a não ser sob a forma de apoio cultural, dos estabelecimentos localizados na sua área de cobertura.

D – Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um trabalho com perspectiva etnográfica: ao longo dos estudos, realizei visitas à comunidade de Heliópolis no intuito de entender como é a

² Veja em ANEXO 2.

³ Disponível em: <http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria>. Acesso em: 16 de julho de 2010.

vida diária no bairro, quais são os costumes e como a rádio poderia se vincular aos moradores – não só para atender as especificações da legislação, mas também para colaborar com a população e consequentemente melhorar a qualidade de vida no bairro. Como a pesquisa etnográfica consiste em um ato de contar de histórias, mergulhei no trabalho de descer a campo e aprofundi o conhecimento sobre o texto cultural de Heliópolis.

Para entender os vínculos educativos que a rádio tenta sugerir aos moradores de Heliópolis, realizei nove entrevistas:

- Cláudia Neves, então coordenadora da programação da rádio. A entrevista foi realizada no meio da pesquisa, no dia 15 de outubro de 2009;
- Célia, Zefinha e Badega (locutores da rádio). As entrevistas foram realizadas no dia 23 de maio de 2010;
- Sérgio Gomes, diretor da Oboré⁴. A entrevista foi realizada no dia 21 de junho de 2010;
- Reginaldo (atual coordenador de programação da rádio). A entrevista foi realizada no dia 25 de junho de 2010;
- Pedro Serico Vaz Filho⁵, professor da Faculdade Casper Líbero⁶. A entrevista foi realizada no dia 30 de junho de 2010.
- Geronino Barbosa (diretor da rádio comunitária Heliópolis FM). A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2010;
- João Miranda (vice-presidente da UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco –, ONG que criou a emissora de rádio comunitária Heliópolis FM). A entrevista foi realizada no dia 02 de julho de 2010.

Através das entrevistas e as impressões das visitas que realizei na comunidade, busco propor melhorias na programação da rádio a fim de realizar o trabalho educativo com mais qualidade. Utilizando-me dos estudos do sociólogo Guy Debord através da obra *A sociedade do espetáculo*, busco entender como o espetáculo pode ser utilizado como meio de socialização, apesar de todas as dificuldades do capitalismo, e na construção das capacidades do indivíduo para ir além do próprio interesse imediato em buscar informação e

⁴ OBORÉ, é uma empresa prestadora de serviços que atua com comunicação popular. A empresa tem a missão de: “Criar, organizar e disseminar conteúdos comunicacionais, culturais e educativos demandados das pautas das políticas públicas, agregando valores éticos e democráticos em prol da transformação social”.

⁵ VAZ FILHO, Pedro Serico. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2146332816517256>

⁶ Disponível em: <http://www.casperlibero.edu.br/home/>

entretenimento – ainda que pasteurizados. Através do espetáculo, o indivíduo se vincula ao outro, e, se essa vinculação envolver a reflexão, a crítica e a redefinição dos quadros de valores que permitem compreender a realidade do outro, ela pode se tornar educativa. No caso, essa vinculação pode acontecer através da rádio comunitária. Assim, através do encontro de pessoas que vivem em sofríveis condições de vida, busco verificar se em Heliópolis acontece uma transformação coletiva que modifica as condições de vida no bairro.

Para entender a relação entre os comunitários, me utilizo dos estudos do filósofo Martin Buber e sua obra *Eu e Tu*, que propõe uma filosofia de vida que acontece no encontro. Se a “Sociedade do Espectáculo” propicia o encontro dessas pessoas, a relação proposta por Martin Buber se torna um caminho para a cidadania em Heliópolis. Assim, os estudos de Guy Debord e Martin Buber inspiram esta dissertação.

Para entender os espaços que uma rádio comunitária pode ocupar, busco entender o que é uma comunidade, como é ser um ator social e como esse trabalho se torna educativo. Ao estudar o tipo de rádio em questão, foi importante aprofundar os conhecimentos sobre rádio comunitária e sobre como funciona sua programação para que ela possa ampliar um ambiente educativo na comunidade em que atua e driblar as dificuldades presentes na sociedade.

E – Composição da pesquisa

Esta dissertação divide-se em três capítulos:

No primeiro capítulo, traço um perfil da comunidade de Heliópolis, como foi sua formação e o processo de criação de uma associação de moradores. Em seguida, vamos conhecer como surgiu a rádio corneta que resultou na rádio Heliópolis FM e como ela atua através da programação na busca de colaborar para que Heliópolis seja um “Bairro Educador”, além de entender como o projeto do Ministério da Cultura “Ponto de Cultura” se tornou importante para a atuação da rádio e identificação dos moradores com a programação atual.

No segundo capítulo, apresento os referenciais teóricos desta dissertação – principalmente os conceitos de Guy Debord e Martin Buber – que permeiam os acontecimentos da comunidade. Para entender o que é comunidade e a importância do trabalho comunitário, me inspiro nos estudos de Cicilia Peruzzo, que amplia os caminhos para

que uma comunidade possa modificar a realidade sofrível. Através do trabalho educacional que uma rádio pode realizar, apresento estudos de Mario Kaplún e Dioclécio Luz, que dão dicas de como produzir programas de rádio que tragam a educação como proposta de existência.

Por fim, apresento no terceiro capítulo a pesquisa etnográfica, reforçando o caráter antropológico do estudo, que inspirou descer a campo para conhecer a comunidade de Heliópolis, além de trazer alguns diários de campo das visitas que realizei na comunidade.

1. HISTÓRIA DE HELIÓPOLIS E DA EMISSORA

Neste capítulo, pretendo contar a história de Heliópolis desde sua formação, mencionando a guerra contra os grileiros e o surgimento de reuniões que organizavam os moradores para a realização de mutirões e outras iniciativas em prol do suprimento de necessidades existentes na comunidade. Essas reuniões geraram uma associação dos moradores (UNAS), que, para facilitar a comunicação com os comunitários, criou uma rádio corneta, hoje a Rádio Comunitária Heliópolis FM.

1.1 A formação de Heliópolis

A comunidade de Heliópolis originou-se a partir de um alojamento de cem famílias provenientes da região da Vila Prudente que, na década de 1970, sofriam com as frequentes enchentes na região. Esse bairro, por sua vez, está localizado ao sul da Zona Leste da cidade de São Paulo, próximo ao início da Avenida Luiz Inácio de Anhaia Melo, enquanto Heliópolis está localizada entre a Estrada das Lágrimas e a Rua Almirante Delamare, um pouco mais a sul, fazendo divisa também com São João Clímaco, Ipiranga e a cidade de São Caetano do Sul.

Nos registros da Prefeitura de São Paulo, a ocupação se iniciou no início do ano de 1972⁷. As famílias foram alocadas na região provisoriamente em um local composto por um alojamento e por vários campos de futebol de propriedade da família Álvares Penteado. No decorrer das décadas de 1970 e 1980, muitas pessoas migraram para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e de vida – principalmente nordestinos –; como a região tinha muito espaço, muitos deles se instalaram em Heliópolis. A comunidade aumentou rapidamente, inviabilizando o retorno das famílias para a Vila Prudente.

Em São Paulo, a metrópole econômica do Brasil, 2% da população vivia em favelas em 1957 e 1960. Essa porcentagem dobrou (4%) em 1966 (J. Valenzuela, 1970, p.207), ilustrando uma significativa característica da recente evolução na economia urbana. A aglomeração em São Paulo teve um aumento relativo no número de grandes e pequenos estabelecimentos industriais, enquanto que a proporção de estabelecimentos de tamanho médio diminuiu (Rattner, 1964:153/155) (SANTOS, 1979:113).

Entrementes, o crescimento das indústrias proporcionou a criação de muitas vagas de

⁷ Disponível em: http://www.habisp.inf.br/aspnet/asp/espacohabitado/FavelaDetalhe.aspx?ins_idt_instancia=477B1DDF-259E-49DF-894B-C10B80746EBF&tipo= Acesso em: 27 de junho de 2010.

emprego que, com o passar do tempo, possibilitariam ao migrante nordestino melhores condições de moradia.

Eu, com minha esposa e meu filho, (...) eu sempre trabalhando, eu entrava nas fábricas, de ajudante geral, depois passava sempre para operador de máquinas. Eu trabalhei em três empresas metalúrgicas, (...) daí comprei um barraco aqui e viemos morar (...) em 1980 (...) todo transporte era só da estrada das Lágrimas. (...) A luz da gente que vinha lá do poste da estrada das lágrimas o fio vinha pela rua e passava nos barraquinhos e eu era o dono, (...) o pessoal vinha me procurar porque eles não tinham luz (MIRANDA, João. Informação verbal).⁸

O crescimento acelerado da população favelada – principalmente nas décadas de 1970 e 1980⁹. – acarretou um processo de urbanização das favelas, passando, com isso, a serem consideradas bairros. Conforme dados da Secretaria de Habitação do Município de São Paulo, Heliópolis abrigava, em 2009, 18.080 domicílios em 708.632,44 m² de terrenos particulares e da Prefeitura, somando cerca de 125 mil habitantes. Dos domicílios, 83% contam com abastecimento de água e 62% com redes de esgoto; a rede elétrica abrange 94%, com iluminação pública em 75% da comunidade, e 97% das vias são pavimentadas.¹⁰ O bairro possui 61,55% de vulnerabilidade social média e 32,87% de vulnerabilidade muito alta¹¹. Há cobertura total de coleta de lixo e vários acessos por vielas da comunidade contam com cestos para a população deixar sacos de lixo.

Heliópolis possui o índice de 0,75 de INURB¹² (Índice de Infraestrutura Urbana); dependendo da região da comunidade, esse índice tem o objetivo auxiliar os administradores na tomada de decisões em relação às políticas públicas referentes aos serviços de infraestrutura urbana. Conforme a Secretaria de Habitação de São Paulo, as favelas da cidade possuem INURB que vão de 0,00 a 1.

Sem condições financeiras para adquirir casas estruturadas e planejadas, muitos migrantes construíram suas residências à beira dos alojamentos da prefeitura; aos poucos, ocuparam todos os espaços existentes na região com pequenas construções improvisadas, sem estrutura adequada para a acomodação dos moradores, mas que poderiam suprir a necessidade momentânea. A maioria das residências é construída a partir da parede do vizinho; as ruas e

⁸ MIRANDA, João. Informações colhidas em entrevista ao autor em 02 de julho de 2010.

⁹ São Paulo-Cidade-Secretaria do Bem Estar Social, Departamento de Habitação e Trabalho-Estudo sobre o fenômeno favela do Município de São Paulo, SEBES, 1974-Caderno Especial nº.1.

¹⁰ Disponível em: <http://www.favelization.com/2009/05/06-sintese-de-heliopolis.html>. Acesso em: 27 de junho de 2010.

¹¹ Disponível em: <http://www.habisp.inf.br/aspnet/asp/espacohabitado/FavelaLista.aspx>. Acesso em: 27 de junho de 2010.

¹² Disponível em: <http://www.favelization.com/2009/05/06-sintese-de-heliopolis.html>. Acesso em 27 de junho de 2010.

vielas são pequenas e sem calçadas, características do aproveitamento total da área para construção das residências. Na comunidade existem muitos bares e salões de beleza que também funcionam em garagens; alguns dos bares deixam suas mesas de bilhar na frente do estabelecimento, acorrentadas e presas por cadeados, por não caberem dentro do local.

1.2 Associação dos moradores

No final da década de 1970, alguns moradores – como o casal João e Genésia Miranda – começaram a reunir os moradores de Heliópolis para lutar contra os grileiros que queriam vender terras na comunidade sem a documentação necessária; por conta desse combate, muitas pessoas morreram. Também com a luta por moradia e condições de vida para a convivência nasceu a necessidade de organizar a população de Heliópolis: a princípio, se chamava “Associação dos Moradores de Heliópolis” e contava com o apoio da Pastoral da Moradia e da Pastoral da Criança e do Adolescente para orientar e reunir os moradores em busca de melhorias de vida.

A Associação dos Moradores de Heliópolis transformou-se na UNAS (União de Núcleos, Associações e Sociedades dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), uma ONG formada por uma diretoria eleita pelos moradores. João Miranda foi o primeiro presidente, e Antônio Cleide Alves a preside nos dias de hoje. O trabalho do presidente da ONG é incentivar a comunidade para a concretização da missão da UNAS na promoção da cidadania, da melhora da qualidade de vida e do desenvolvimento integral da comunidade.

Em um primeiro momento, os objetivos da UNAS consistiam em possibilitar a moradia e questões de infra-estrutura como iluminação pública, abastecimento de água e canalização de esgoto. Com o crescimento da comunidade, a ONG acompanhou esse processo e passou a atuar em outras áreas importantes para os moradores com a intenção de melhorar o relacionamento, a cidadania, a segurança, o acesso à educação formal, o saneamento básico, as relações com a polícia e outros problemas que atingem a população de Heliópolis.

Atualmente, a UNAS possui vários projetos sociais que buscam apoiar a comunidade de Heliópolis:

- CEI (Centro de Educação Infantil), que acolhe 1250 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses;
- CCA (Centro da Criança e Adolescente), que trabalha com 760 crianças entre 6 e

14 anos;

- MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que busca a alfabetização de 200 jovens;

- CRECA (Centro de Referência da Criança e Adolescente), que atende 20 crianças, jovens e adolescentes entre 13 e 17 anos;

- NPPE (Núcleo de Proteção Psicossocial Especial), que atende 120 jovens e adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa, oferecendo acompanhamento cultural, esportivo e várias outras atividades. Em tese, o projeto aceita jovens entre 12 e 17 anos e onze meses, mas em casos excepcionais a idade pode ser estendida até os 21 anos;

- CJ (Centro da Juventude), que atua com 150 adolescentes entre 13 e 17 anos através do esporte e da profissionalização;

- Escola de Moda Jovem, na qual 30 adolescentes entre 13 e 17 anos atuam na criação e confecção de roupas;

- Lata na Favela: com 30 crianças, jovens e adolescentes entre 9 e 24 anos, o projeto nasceu quando um fabricante de tintas realizou um projeto e pintou várias casas da comunidade. As crianças começaram a brincar com as latas de tinta vazias criando músicas e organizando algumas apresentações na comunidade;

- Telecentro, um espaço onde 2000 crianças, jovens, adolescentes e adultos utilizam computadores para cursos, trabalhos escolares e acesso a internet;

- Biblioteca Comunitária, que atende crianças, jovens, adolescentes e adultos que além de utilizar o espaço, podem levar o acervo para casa sem nenhum custo. A biblioteca conta com um acervo de mais de 8.000 livros;

- Assistência Jurídica, que atende 180 pessoas por mês para auxiliar as pessoas da comunidade nas questões legais – sejam elas de caráter civil ou penal;

- Projeto Geração Vida Heliópolis: uma gestão cooperativa de administração, produção, publicidade e vendas dos produtos que são produzidos na comunidade. O projeto atende 30 adolescentes entre 15 e 25 anos e mulheres acima de 18 anos. Este projeto não está em atividade porque a UNAS está reformulando-o para possibilitar a comercialização das mercadorias produzidas com nota fiscal;

- Entrega de Leite para a Terceira Idade, na qual são distribuídos mil litros de leite por mês para 50 pessoas acima de 55 anos;

- Entrega de Leite, na qual são distribuídos quatro mil litros de leite para pessoas

necessitadas;

- Prevenção DSTS/AIDS através de oficinas; também orientam a prevenção à gravidez;

- Lavanderia Comunitária: é um espaço onde os moradores podem utilizar máquinas de lavar roupas e secadoras para limpar suas roupas. Em uma comunidade em que as residências são pequenas e apertadas, este projeto colabora com a higiene das pessoas porque podem usar roupas limpas e bem cuidadas. No espaço utilizado para o projeto – que atende 1700 usuários por mês – os usuários discutem sobre as questões referentes à moradia, saúde, educação, transformando o ambiente em um local de mobilização social;

- CRAF Chico Mendes: consiste em um centro de assistência com capacidade de atender até 1050 famílias. Os educadores vão às casas e fazem o levantamento e cadastramento das famílias e orientam sobre como a UNAS pode colaborar dentro da necessidade de cada uma;

- Movimento Sol da Paz: reúne as escolas da região para realizar a “Corrida e Caminhada pela Paz”. Luta contra todo tipo de violência, por escolas com ensino de qualidade e pela implementação da campanha “Heliópolis, bairro educador” a qual norteia por cinco eixos: *autonomia, solidariedade, responsabilidade, a escola como centro de liderança e tudo passa pela educação*. Em 2010, o projeto reuniu cerca de 15000 pessoas entre professores, pais e alunos moradores da região e do entorno. A participação da “Corrida e Caminhada pela Paz” é beneficente: as pessoas fazem inscrições através de doações (material escolar, alimentos, etc.), e o material arrecadado é doado à população local;

- Movimento dos Sem Teto e Movimento do Sem Creche: projeto que mobiliza pais e pessoas que pagam aluguel ou moram de favor para lutar pela abertura de novas creches e pela construção de moradias populares;

- Festa das Crianças: com apoio dos comerciantes locais e articulação e mobilização da UNAS, o evento tem por objetivo proporcionar um dia de lazer voltado para as crianças, com a distribuição de doces e brinquedos, atrações musicais e brincadeiras, sendo realizado em três pontos da comunidade;

- Quermesse da Rua Paraíba: tradicional em Heliópolis, a quermesse tem como objetivo resgatar a tradição e os costumes nordestinos, com barracas com comidas, bebidas e diversas atrações musicais típicas da região. A confraternização reúne cerca de 12000 pessoas por semana nos meses de junho;

– Parceiros da Criança: um dos primeiros projetos em Heliópolis, tem por objetivo resgatar a cidadania de 120 crianças de 7 a 14 anos;

– Rádio Comunitária Heliópolis: emissora com programação focada em entretenimento e utilidade pública, constituindo um veículo de comunicação utilizado para mobilização social e informação. A rádio tem a responsabilidade de transmitir informações à população de todos os projetos realizados pela UNAS, comunicando a disponibilidade de algum benefício ou vaga em escolas e creches. Ela também acolhe os comunitários que precisam de ajuda e buscam, através da emissora, serem beneficiados com algum projeto da comunidade.

O ideal da diretoria da UNAS é fazer com que todos os projetos trabalhem em conjunto na busca da cidadania para que os objetivos da ONG sejam concretizados.

O trabalho da UNAS é bacana, mas não consegue atingir todos os jovens da comunidade. Por isso que a gente cobra o poder público, cobra da iniciativa privada para contribuir, pois quanto mais projetos tiver aqui a gente consegue reduzir os riscos do jovem entrar para o mundo do crime, daquela pessoa que está ajudando ser assaltada posteriormente. Porque você dá condições para esse jovem ter um futuro. E esse é o nosso trabalho. A UNAS não pensa no presente e não fica vivendo o passado. É sempre o projeto visando o futuro, preparando esse jovem para amanhã ser um profissional, seja na área que for, mas principalmente ser um cidadão consciente dos seus direitos, dos seus deveres. E saber criticar, saber cobrar, saber admitir quando está errado (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).¹³

1.3 Uma rádio em Heliópolis

Na década de 1980 e início da década de 1990, Heliópolis teve um crescimento populacional significativo e, com isso, a comunicação com os comunitários tornou-se consideravelmente precária para que os diretores da UNAS pudessem convidá-la para participar das reuniões e dos movimentos. Eles precisavam estar mais próximos das casas das pessoas para conhecer as melhorias das quais o bairro necessitava, discutir problemas que compartilhavam no dia-a-dia e evitar, principalmente, que os próprios moradores enxergassem a comunidade como era mostrada pela mídia. Para João Miranda, Heliópolis só aparece na mídia por causa da violência – e não é só nisso que consiste o cotidiano da comunidade.

A imprensa tem que ter liberdade, eu sou a favor da liberdade com responsabilidade. Fala o que é ruim, mas mostra o que tem de bom. (...) mais de noventa e nove vírgula pouco por cento são todos trabalhadores. Trabalhador no sentido de trabalhar nas fábricas, de ter o próprio negócio, é esse povo que está aqui. (...) Tem um

¹³ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

pouquinho que trabalham com as drogas (MIRANDA, João. Informação verbal).¹⁴

Como a comunicação com a população se tornou grande desafio, foi cogitada a criação de uma rádio.

A rádio deu início pela necessidade de comunicação que tinha na região, porque Heliópolis cresceu demais e eles não tinham como ficar batendo de casa em casa pra avisar das reuniões de moradia ou as pessoas do sem teto e tudo mais necessário pra comunidade (NEVES, Cláudia. Informação verbal).¹⁵

Essa rádio corneta demandaria a distribuição de algumas caixas de som pela comunidade para ampliar os espaços de comunicação; assim, a comunidade poderia ser convidada a participar dos eventos, suprimindo, dessa forma, sua necessidade momentânea.

1.3.1 O surgimento da rádio corneta

Inspirados em exemplos latino-americanos, os comunitários de Heliópolis criaram a rádio corneta que deu origem à rádio comunitária na comunidade.

A origem das rádios comunitárias, no Brasil, está relacionada às experiências de alto falantes, utilizadas como “rádios do povo” não só aqui, como em outros países da América Latina. Uma das experiências mais conhecidas é a da Vila El Salvador, em Lima (PAIVA, 2007:99).

Assim, nasceu o sonho de uma rádio que possibilitaria que a própria comunidade estabelecesse condições de conversa entre os moradores também através desse meio, com a força que o veículo traz, ou seja, uma comunicação idealmente da e para a comunidade. A rádio seria uma maneira de dialogar os assuntos comunitários, marcar reuniões de moradores, interagir para organizar a comunidade na busca de melhores condições de vida – como, por exemplo, no planejamento de um mutirão para substituir barracos por casas –, além estabelecer maior vínculo entre as pessoas que vivem na comunidade de Heliópolis.

Em 1992, foi implantada a primeira versão da rádio na comunidade. A “Rádio Popular de Heliópolis” funcionava através de alto falantes instalados em dois locais estratégicos da comunidade; era operada somente aos domingos das 10h00 às 12h00 e, durante a programação, eram noticiadas as pautas das reuniões, prestações de serviços e solicitação de ajuda aos mais necessitados, além de uma programação musical para o entretenimento da comunidade.

¹⁴ MIRANDA, João. Informações colhidas em entrevista ao autor em 02 de julho de 2010.

¹⁵ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

A rádio ia ao ar somente aos domingos e o Sr. Delmiro comandava, ele está até hoje na UNAS, ele tocava música estilo Amado Batista, Roberta Miranda e tinha os avisos das reuniões (NEVES, Cláudia. Informação verbal).¹⁶

Nisso, a missão da rádio comunitária de Heliópolis passou a ser a promoção da cidadania, da melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento integral da comunidade através da comunicação, disponibilizando informações de relevância, mobilizando e conscientizando seus moradores. A população de Heliópolis reconheceu a rádio corneta como ambiente participativo de comunicação e passou a se reunir próxima aos alto falantes para saber dos acontecimentos da comunidade; com esse trabalho, a rádio colaboraria na organização de ações de melhorias para os moradores, intensificando os vínculos entre os moradores e a Associação nos projetos sociais.

Com o passar do tempo, a discussão de assuntos e o crescimento desordenado da comunidade trouxeram à tona a necessidade da criação de mais espaços para a rádio corneta; os movimentos de rádios comunitárias já estavam acontecendo pelo Brasil e os organizadores da UNAS queriam muito transmitir a programação da rádio em FM¹⁷. Entretanto, a ONG não possuía recursos financeiros para tal ação.

1.3.2 A transmissão em FM

Como relatou Cláudia Neves em entrevista, “ficamos por cinco anos como rádio corneta, veio um pessoal da Alemanha visitar Heliópolis e eles acharam super interessante a questão da rádio corneta e perguntaram quanto precisaria de investimentos para transformar a rádio corneta em rádio FM. Prometeram um dia voltar e realmente voltaram em 1997, aí ela passou a ser uma Frequência Modulada.”¹⁸ Assim, a rádio passou a transmitir em FM na frequência de 102,3 MHz¹⁹. Essa transmissão fez com que ela alcançasse efetivamente os lares da comunidade, ampliando os espaços de comunicação entre as pessoas da comunidade.

Ainda em 1997, o então presidente da UNAS Geronino Barbosa encaminhou o pedido para a regularização da emissora de rádio para o Ministério das Comunicações; entretanto, a comunidade nunca recebeu uma resposta do Ministério informando se a documentação estava correta.

¹⁶ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

¹⁷ FM (Frequência Modulada) – forma de transmissão de rádio.

¹⁸ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

¹⁹ MHz = Mega Hertz (forma de transmissão das ondas sonoras em FM)

Logo naquele ano, a UNAS, junto com o Geronino que na época era o coordenador, mandou a documentação até Brasília pra poder legalizar a rádio já que nós existíamos como rádio comunitária antes da Lei, mas nós nunca tivemos a resposta se a documentação entregue estava correta. Então nós ficamos como várias rádios aqui na capital, como rádio pirata mas fazendo um trabalho comunitário (NEVES, Cláudia Informação verbal).²⁰

Ainda não existia uma legislação para o funcionamento de emissoras de rádio comunitárias; somente em fevereiro de 1998 o então Presidente Fernando Henrique Cardoso promulgou a Lei Número 9.612/98 que regularizava a existência das rádios comunitárias²¹.

Desde o início da rádio corneta – e com intensidade maior com a rádio comunitária –, a ONG sempre atuou no incentivo à educação, saúde, cidadania e melhores condições de vida para os moradores de Heliópolis. Dentre os programas, um fez muito sucesso durante a programação da rádio comunitária: o GLS Club Tech, apresentado por Geronino e Alexandre, dois líderes da comunidade.

Era um programa humorístico, a gente fazia as pessoas darem risada, chamava as pessoas para dançar, brincava e o pessoal adorava. O telefone não parava de tocar e as pessoas também mandavam bilhetinhos com recados, então a gente atirou no que viu e acertou no que não viu. Nós fazíamos o programa pra discutir os direitos dos homossexuais, mas nós atingimos toda a comunidade que começou a entender, fazer perguntas sobre homossexualidade, etc (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).²²

A qualidade do programa e do trabalho realizado pela equipe deste programa e de todos os colaboradores da rádio comunitária foi atestada em 2003, quando a emissora ganhou o Prêmio de Ação Social pela Promoção da Cidadania da APCA²³. Para o Professor da Faculdade Cásper Líbero Pedro Serico Vaz Filho, a premiação colaborou para que a rádio comunitária fosse mais reconhecida fora de Heliópolis.

Ali, quem não sabia o que era produção comunitária, dava atenção na plateia só para artistas, mesmo o que foi reproduzido pelos jornais foi muito importante. (...) De repente aquelas pessoas (...) descobriram a rádio Heliópolis e descobriram a rádio comunitária (VAZ FILHO, Pedro Serico. Informação verbal).²⁴

A premiação fez com que os produtores do programa fossem reconhecidos por um trabalho que nasceu ali na comunidade. Por conta de sua atuação comunitária, Geronino Barbosa foi convidado a assumir a coordenação da rádio.

Eu comecei a levar a rádio para fora da comunidade, participar de seminários, fazer

²⁰ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

²¹ Veja a Lei em ANEXO 1

²² BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

²³ APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo

²⁴ VAZ FILHO, Pedro Serico. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

cursos na ABRACO, na Oboré e entender o que o que a gente estava fazendo era uma rádio comunitária, era dar voz ao povo, falar de direitos e deveres. Então começou a força da rádio Heliópolis, porque nós levamos a nossa experiência para fora, assim a minha história se funde com a história da rádio Heliópolis que é da entidade (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).²⁵

Dessa forma, a emissora deixou de ser atuante só em Heliópolis e passou a ser um exemplo de rádio comunitária.

1.3.3 Mudanças no *dial*

Em 1997, a emissora iniciou sua transmissão em FM 98,3 Mhz, uma outra frequência encontrada pelos técnicos que auxiliaram no início das transmissões da Heliópolis FM. Entretanto, no ano de 1999, a rádio foi autuada por supostamente interferir no sinal de outras emissoras de rádio e, com isso, a Rádio Comunitária de Heliópolis passou a transmitir em outra frequência. Em 2002 houve nova interferência e a rádio de Heliópolis passou a usar a frequência de FM 97,9 Mhz para continuar a comunicação com a comunidade.

Além das autuações por interferência que a rádio Heliópolis recebeu da Polícia Federal nos anos de 1999 e 2002. Dois anos após a aprovação da rádio como um “Ponto de Cultura” através do Ministério da Cultura e a presença do Presidente da República na emissora em 2004, a Rádio Heliópolis foi tirada do ar através da chamada “Operação Sintonia” da Polícia Federal – que fechou várias emissoras de Rádio Comunitárias e piratas em São Paulo – com o argumento das emissoras não possuírem autorização para transmissão na frequência de FM.

Um dos casos expressivos de retenção de equipamentos foi o da rádio Heliópolis, (...). Parceira do Governo Federal, Estadual e Municipal em diversos projetos sociais e uma das grandes experiências brasileiras de comunicação comunitária (...). Na manhã de 20 de julho de 2006, por decisão da Justiça Federal, a Polícia Federal e a Anatel lacraram a rádio, após catorze anos de funcionamento ininterrupto e apreenderam uma mesa de som, dois microfones, uma CPU, um gerador de estéreo e um transmissor. Também foi aberto processo criminal contra dois dirigentes da UNAS, João Miranda Neto, presidente da entidade e Geronino Barbosa, diretor-geral da rádio (GOMES, 2007:52).

Foi criado um impasse dentro do governo: se o Ministério da Cultura e o Governo Federal apoiavam e reconheciam o trabalho da emissora, por que o Ministério das Comunicações não fazia o mesmo?

Fruto de inúmeras articulações sociais e políticas e de fortes manifestações de

²⁵ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

solidariedade, os principais coordenadores da Anatel encontraram uma solução técnica e jurídica capaz de resolver o caos: autorizar a execução do serviço especial para fins científicos ou experimentais no canal 199, supervisionado por uma universidade ou instituição de ensino (GOMES, 2007:52-53).

Na atuação comunitária, a articulação através de parceiros acontece não só com os membros da comunidade, mas também com pessoas e instituições de fora.

O organizar-se para resolvê-los por si mesma significa, pois, articular-se a nível da sua própria força social. Essa força social se faz presente dentro e fora da comunidade e tem como aliados todos aqueles comprometidos com os seus interesses fundamentais (SOUZA, 2008:30).

Além da documentação realizada com o apoio de uma Universidade, a rádio precisaria voltar a ter equipamentos, pois a Polícia Federal havia apreendido os equipamentos por ela utilizados até então. Nisso, as parcerias voltaram a ser importantes para o funcionamento da rádio.

Nós tivemos um grande apoio do Sérgio Gomes da Oboré que ajudou a gente a conseguir tudo o que precisávamos: laudo técnico, cursos com a Radioficina, etc. A Action Aid, grande parceira nossa, financiou a compra dos equipamentos que precisávamos e já poderíamos voltar a funcionar (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).²⁶

Esse processo foi importante porque conhecemos pessoas que foram importantes para legalizar a rádio: Cicilia Peruzzo, Sérgio Gomes, que sempre esteve com a gente; o senador Eduardo Suplicy, o Mercadante; é apartidário, porque tem o Willian Woo que não é do Partido dos Trabalhadores, é de outro partido. Todas as pessoas que a gente achou que poderia contar, nós procuramos independente de partido, a gente queria botar a rádio no ar, e conseguimos (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).²⁷

Assim, os membros da comunidade comunicaram os parceiros para que a rádio pudesse voltar a funcionar.

Em menos de 24 horas veio a ligação do Yapir Marotta dizendo que para a rádio voltar a funcionar deveria ter uma série de questões que nós já tínhamos, mas desde que estivéssemos transmitindo em caráter experimental com a parceria de uma Instituição de Ensino. (...) Nós falamos com o reitor da Metodista e explicamos a nossa situação, eles toparam e deram a assinatura para a gente voltar a funcionar (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).²⁸

Depois de quatro meses a emissora foi reaberta com o apoio da Universidade Metodista de São Paulo que colaborou com o incentivo de caráter experimental para testar a frequência de 87,7 MHz.

²⁶ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

²⁷ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

²⁸ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

Após quatro meses, a emissora foi reaberta com o apoio da Universidade Metodista de São Paulo, que colaborou com o incentivo de caráter experimental para testar a frequência de 87,7 MHz. Em julho de 2009 chegou a outorga final de funcionamento na sintonia de 87,5 MHz e, com isso, a rádio teve de mudar novamente a frequência de transmissão, além de pagar algumas multas pelo funcionamento em uma frequência diferente da autorizada. A sintonia FM 87,5 MHz foi escolhida pela Anatel²⁹ para que todas as emissoras de rádio comunitárias de São Paulo pudessem usar a mesma frequência.

Conforme o depoimento da colaboradora da rádio Heliópolis Cláudia Neves, as constantes mudanças no *dial* e a frequência de 87,5 MHz dificultaram o trabalho da rádio Heliópolis:

Por isso, a gente começou novamente tudo do zero, mudamos pra 87,5 FM dia quinze de junho de 2009, tivemos que pagar pra um técnico fazer isso além de duas multas, uma de R\$ 300,00 e outra de R\$ 100,00 (NEVES, Cláudia. Informação verbal).³⁰

Além de questões técnicas e jurídicas, a produção da emissora passou a ter de informar as pessoas como sintonizar a rádio. Para Sérgio Gomes, a rádio falha na comunicação fora do ar.

Houve ao longo desse tempo várias mudanças de frequência, era aqui, passou para lá. A necessidade de uma comunicação, de uma campanha de dizer qual era a frequência em que a rádio estava funcionando. Quer dizer, cartazes nos bares, botecos, um esforço de informar as escolas, fazer com que os alunos levassem papéis para os pais dizendo que a rádio estava funcionando em tal frequência, fazer algum tipo de publicidade nesses plásticos que botam em automóvel, “Tô ligado na Heliópolis, frequência 87.5”, enfim. Isso foi feito? Nunca foi feito (GOMES, Sérgio. Informação verbal).³¹

Por outro lado, para a colaboradora da rádio Cláudia Neves, o trabalho de informar a mudança no *dial* para os ouvintes acontece de forma diferente da planejada pelo jornalista e acrescenta outras dificuldades na nova frequência utilizada pela emissora.

A rádio tinha *banners*, camisetas, vinhetas de alguns artistas, todo o mundo já estava acostumado com a frequência de 87,7 FM, apesar de termos ficado um mês avisando que iríamos mudar a frequência, tivemos que ir em busca dos ouvintes novamente. Temos muitas dificuldades porque em 87.7 FM já era difícil pegar e em 87,5 FM é pior ainda porque não é em todo o rádio consegue sintonizar a rádio (NEVES, Cláudia. Informação verbal).³²

Ainda segundo ela, problemas de interferências de sinais de outras emissoras

²⁹ Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações.

³⁰ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

³¹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em entrevista ao autor em 21 de junho de 2010.

³² NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

continuam afligindo a comunidade: “tem outras rádios que interferem na nossa, que não são rádios comerciais, são rádios piratas, até comunitárias que são legalizadas que acabam interferindo na gente. Ao invés de ouvir uma rádio de Heliópolis ouve uma rádio de Diadema e essa rádio comunitária é legalizada. Eu já liguei lá, já conversamos, já liguei pra Anatel também e isso é um grande problema pra gente.”³³

1.3.4 A sede da rádio

A rádio Heliópolis estava localizada na sede da UNAS e ficava em um local inapropriado, já que usava o telefone e muitos espaços utilizados pela UNAS. Com isso, a emissora buscava um espaço melhor.

Então foi comprada esta casa em que nós estamos hoje pela *Action Aid* (uma ONG da Inglaterra) que é a principal parceira da UNAS hoje. Só que esta casa não tinha a estrutura e a gente também não tinha dinheiro pra fazer um *big* de um estúdio, muitas coisas daqui já eram da casa porque a casa era residência de uns padres. Então quase tudo aqui foi a gente que fez: a torre foi um serralheiro daqui que fez, uma arquiteta fez um projeto da casa, mas nós também não temos dinheiro para fazer o que ela desenhou. (NEVES, Cláudia. Informação verbal).³⁴

A casa é uma residência com dois quartos, uma sala, cozinha e banheiro com uma área de limpeza no andar de cima, localizada no fundo do terreno. O estúdio do ar encontra-se nesta área de limpeza, de modo que possa ficar longe da rua e, conseqüentemente, com menos interferência de som externo. O estúdio de gravação fica localizado no quarto dos fundos da residência; a sala e a cozinha são aproveitadas como uma pequena recepção e sala de conversa, a última também é utilizada para refeições dos colaboradores da rádio. O quarto localizado na frente da residência é utilizado como depósito de bagunças. A antena da rádio foi instalada na frente da casa, no quintal; com isso, ao entrar no terreno, seu posicionamento dificulta a passagem de pedestres.

No que diz respeito às perspectivas de mudança do quadro em questão, os comunitários dizem que não teriam dinheiro para realizar a construção do prédio conforme a arquiteta projetou. Os depoimentos, demonstraram que embora não haja recursos para a realização do projeto, a busca pela melhor forma de concretização do projeto também não foi trabalhada pelos colaboradores da rádio.

³³ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

³⁴ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

1.3.5 Transmissão via Internet

A rádio tinha um site para divulgar seu trabalho, além de uma página dentro do site da UNAS³⁵; havia, porém, a intenção de transmitir a programação via internet. A manutenção do site era realizada por um colaborador, mas ele não está mais atuando na rádio.

Tinha um cara que vinha fazer a manutenção, mas ele trabalhava num restaurante e depois sumiu. Mas agora surgiu a ideia de uns estudantes da UNIP que querem fazer o site com *streaming* pra gente como trabalho de conclusão de curso e depois pagar um ano pra manter o site no ar. O problema não é manter com conteúdo, o problema é alguém que faça um site legal (NEVES, Cláudia. Informação verbal).³⁶

Muitas emissoras de rádio transmitem via Internet. A rádio Heliópolis, por sua vez, passou a transmitir sua programação através da rede mundial de computadores em janeiro de 2010 graças ao financiamento do suporte tecnológico para a transmissão via *streaming*. A partir de então, a rádio tem um site³⁷ que é atualizado por seus colaboradores.

A grande preocupação não é simplesmente transmitir via Internet, mas a finalidade em transmitir via Internet.

Eu durante muitos anos não queria colocar a rádio na Internet, a gente discutia e eu sempre votei contra porque eu sei que hoje tem programa que está pronto pra ir pra internet e as outras comunidades verem o que é rádio comunitária. (...) Mas tem programa que não dá, que não vai contribuir em nada porque não é programa comunitário (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).³⁸

O entrevistado alerta para uma questão de profissionalismo ao fazer a programação da rádio: não é porque é uma rádio comunitária que os programas podem ser mal feitos. A transmissão via Internet abre espaço para que todos que tenham acesso à rede possam ouvir e, conseqüentemente, por falta de informação, acreditar que toda a programação da rádio está perfeita e que é exatamente como deve ser a programação de uma rádio comunitária. Outro fator que deve ser observado: uma rádio comunitária (conforme a legislação vigente) deve ter uma programação feita pela comunidade e para a comunidade; nesse sentido, talvez a abertura da programação para a Internet possa possibilitar a perda do caráter de uma programação desse caráter.

1.3.6 Programação

³⁵ Disponível em: www.unas.org.br

³⁶ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

³⁷ Disponível em: www.heliopolisfm.com.br

³⁸ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

A grade da Rádio Heliópolis é marcada pela programação musical e pela interação com a comunidade, buscando atender os interesses da população como ambiente participativo. Vários estilos musicais são abordados para satisfazer toda a comunidade de Heliópolis: samba, forró, jovem guarda, sertanejo e *rap* são tocados diariamente; a programação musical e o atendimento aos pedidos dos ouvintes é bem parecida com o modelo das rádios comerciais. Na programação da rádio, cada apresentador tem a responsabilidade restrita ao seu horário de atuação: não há uma organização da direção do estilo que cada programa deve seguir ou qual o objetivo de cada programa. Para o jornalista Sérgio Gomes, algumas questões devem ser respondidas:

Tem a programação? Se há programação, com que propósito? Este propósito está sendo alcançado? (...) Ela é ouvida por que tipo de gente? Esta programação está em sintonia com a associação política, que representa os interesses dos moradores, ou ela é uma rádio autônoma, que não tem nada a ver? (...) Existem programas que são feitos para cooperar com a melhoria da grade de programação? (GOMES, Sérgio. Informação verbal).³⁹

Na rádio Heliópolis FM a programação é inspirada no apoio ao trabalho social da UNAS; porém, um problema muito citado entre os entrevistados é a falta de interesse dos colaboradores da rádio em saber qual é seu papel na rádio comunitária: muitos acham que são locutores como numa emissora comercial.

As rádios comunitárias não precisam seguir este modelo de FM. A notícia é tão importante quanto a música. Devemos dar o máximo de informação às pessoas da comunidade (LUZ, 2004:34-35).

O principal estúdio da rádio Heliópolis FM tem dois microfones, um para o apresentador e outro para o operador; dois computadores estão instalados para dar apoio à produção dos programas.

A rádio tem os seus estúdios em um formato de rádio FM em que só se fala. Eventualmente você tem contato com os ouvintes através do telefone. Mas não tem uma mesa para reunir a comunidade para conversar. Então, é uma FM mais do que tradicional. Tem um sujeito operando a parte técnica e um locutor, como eles chamam (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁴⁰

Apesar da estrutura do estúdio acompanhar uma emissora de rádio FM, acontecem debates na programação, vezes com a participação pelo telefone, vezes com a participação em estúdio.

³⁹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

⁴⁰ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em entrevista ao autor em 21 de junho de 2010.

Eu mesmo quando eu fazia a programação eu fiz vários debates. Um debate que foi muito polêmico foi em relação ao aborto, que teve várias participações. Outro debate foi sobre os preconceitos (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁴¹

Durante a programação os ouvintes pedem determinados estilos de música na programação da emissora e a rádio busca atender aos pedidos dos ouvintes.

Tem programas que tocam de tudo, tem programas católicos, evangélicos, de *black music*, românticos, de *hip hop*, programa que só toca música antiga, a maioria toca de tudo como forró e sertanejo, mas tem programas específicos: sertanejo, jovem guarda, forró e *rap*; mas todos os programas são obrigados a dar as informações da comunidade, prestação de serviços, os documentos perdidos e os apoios culturais (NEVES, Cláudia. Informação verbal).⁴²

Não é porque o programa é musical que ele não discute problemas sociais ou realiza debates para a comunidade expor seus pensamentos embora programas específicos de entrevistas e debates não estejam mais na programação.

No programa de *rap* praticamente uma vez por semana acontece entrevista, ou debate, mas um programa específico não tem. A gente tinha o Fuzarca, que era um programa de entrevista que debatia um tema com um convidado. Mas a gente não tem um tema assim específico, esse programa chamava “Heliópolis papo-cabeça”, a gente pegava um tema, chamava um convidado e deixava os ouvintes fazerem perguntas (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁴³

Aconteceu muito de ligarem e as pessoas falarem na hora e dizerem “o que é isso e tal, mas eu moro aqui minha rua vai sair do projeto?”. Tem muito disso, por que pra mim debate é isso: o ouvinte ouvir e ligar e falar tudo e muitas das vezes a gente também a gente discute um pouco sobre a questão da educação, pois tem gente que pensa de um jeito, tem gente que discute (MIRANDA, João. Informação verbal).⁴⁴

A nossa ideia era montar um estúdio e um auditório. Quem quisesse vir ver como era a programação, participar, aí sim quando tivesse o debate ia ser bom. A rádio ia criar muito mais vida, porque ia ter a participação da comunidade. O cara poderia vir aqui a hora que quisesse, ver a programação, conhecer o locutor. É um sonho que a gente tem que está engavetado, mas quem sabe um dia a gente consegue um parceiro (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁴⁵

O incentivo à cultura regional também está presente na programação: a emissora divulga as músicas dos artistas da comunidade, além de promover eventos de rap e forró para que eles possam se apresentar e divulgar sua arte.

Em toda a grade da programação da Rádio Heliópolis são transmitidas informações

⁴¹ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

⁴² NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

⁴³ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

⁴⁴ MIRANDA, João. Informações colhidas em entrevista ao autor em 02 de julho de 2010.

⁴⁵ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

importantes para a comunidade, bem como programetes enviados por órgãos públicos e organizações não-governamentais: programas que buscam prevenir doenças sexualmente transmissíveis são veiculados na linguagem dos moradores e procuram aconselhar a população na prevenção, assim como campanhas de combate às drogas e doenças. Entretanto, alguns projetos realizados foram se perdendo com o passar do tempo: Plantão Saúde, Escritório Dom Evaristo Arns, entre outros.

Mas aí aconteceram tantas, tantas e tantas coisas que nós acabamos nos perdendo, mas eu Geronino, tenho a intenção em voltar a discussão com: Oboré, Cyro César, Martinho Lutero, Pedro Vaz. Porque são pessoas que foram importantíssimas para que a rádio fosse o que é hoje, mas que infelizmente por causa do dia a dia nós perdemos o contato. O dia a dia é fogo, faz com que a gente perca o contato com essas pessoas ótimas (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).

O que me traz alegria é a intenção de retomar o contato com alguns dos colaboradores que a rádio já teve. Por outro lado, é preciso repensar o que será feito com esses colaboradores, uma vez eles já colaboraram e foram “abandonados” pela rádio. Fica a pergunta se eles estarão dispostos a voltarem a atuar na emissora.

Nós precisamos voltar a dialogar com várias pessoas que ajudaram a gente, até porque nós estamos aqui dentro, mas quem está lá fora enxerga diferente e pode ajudar porque vê mais claramente a situação e quem está de dentro às vezes acha que está tudo bom (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁴⁶

Para que os projetos não se percam, é necessário que a direção da emissora tenha um acompanhamento muito próximo da programação, a fim de veicular os projetos, e das entidades colaboradoras para que possam trabalhar em parceria.

Alguns programas são produzidos por profissionais da região, como o “DST AIDS”, que conta com a participação da equipe de médicos do posto de saúde da região que, além do programa, faz exames na sede da emissora e distribui preservativos. Outro programa realizado pela equipe em questão conta com clínicos gerais que falam sobre qualquer assunto relacionado à saúde, tiram dúvidas da população e aconselham a respeito da prevenção de doenças.

A religião está presente na emissora através de espaços cedidos, além da participação eventual da programação da emissora. Um desses espaços é cedido à Igreja Católica, com um programa apresentado pelo Padre Reginaldo Manzotti.

A rádio comunitária não pode ter programas sectários. Existem opiniões divergentes sobre como cultivar Deus; cada religião tem o seu modo, e a rádio não é o lugar para se levar estas diferenças – é preciso respeitar os que pensam diferente. O que cabe é

⁴⁶ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

noticiar os encontros das religiões (todas!) e, em alguns casos, convidar padres, pastores, bispos e pais-de-santo para participar de debates. Mas jamais permitir que assumam programas específicos. É contra a lei e os princípios das rádios comunitárias (LUZ, 2004:29).

Para que uma comunidade religiosa consiga espaço na comunidade, conforme os organizadores e entrevistados, basta levar o projeto do programa que se deseja fazer: a UNAS tenta ampliar os espaços para o trabalho de cidadania independente da crença de cada um. Exige-se apenas que seja um trabalho comunitário e que o grupo religioso esteja presente em Heliópolis.

Rádio que só coloca a opinião do padre, e não entra a do pastor, ou do bispo evangélico, ou ainda daqueles que fazem Tambor-de-crioula, não é comunitária (LUZ, 2004:33).

Os colaboradores da rádio também fazem o acompanhamento de projetos sociais do governo, como o PAC (Projeto de Aceleração do Crescimento), que está criando moradias para a população de Heliópolis. Muitos moradores procuram saber através da rádio se a casa que aguarda está para ser entregue. Da mesma forma, acompanham indicações de como fazer parte do MST (Movimento dos Sem Teto) e conseguir o encaminhamento ideal para adquirir moradia: quando um morador tem uma necessidade específica, a rádio busca o apoio necessário. Outro trabalho realizado na sede da emissora é comandado por estudantes de fisioterapia da USP fazem um trabalho de reutilização de materiais recicláveis e impermeáveis com crianças de necessidades especiais.

Todos os dias aparecem pessoas da comunidade precisando de algo – algumas vezes só de uma conversa. E os colaboradores da rádio também procuram ajudar a pessoa necessitada.

Nós tivemos uma ouvinte que tinha um problema muito sério de dor de cabeça e às vezes tem gente que morre por falta de atendimento médico e eu me desabafei no ar porque a ouvinte não estava sendo tratada corretamente pelos médicos. Aí uma ouvinte ouviu e ligou dizendo que gostou do meu desabafo (...). No rádio acontece muito isso, você fala uma coisa que o ouvinte estava precisando ouvir aquilo (OLIVEIRA. Josefa Silva de. Informação verbal).⁴⁷

A rádio comunitária de Heliópolis é um ambiente de comunicação que possibilita a troca de experiências através da participação das pessoas da comunidade. Conforme o depoimento da colaboradora da rádio Cláudia Neves,

Recentemente nós conseguimos a doação de 20 cadeiras de rodas novas com uma comunidade chinesa e as entregas foram feitas aqui. Quem possibilitou isso foi o

⁴⁷ OLIVEIRA, Josefa Silva de. Informações colhidas em entrevista ao autor em 23 de maio de 2010.

Deputado Federal Willina Woo, ele doou 20 cadeiras de rodas aqui pra rádio e as pessoas foram na Praça da Sé pra receber as doações. A gente anunciou na rádio e as pessoas preenchiam umas fichas com fotos pra comprovar a necessidade das cadeiras de rodas com um laudo médico (NEVES, Cláudia. Informação verbal).⁴⁸

Através das entrevistas, verifiquei que o exemplo de doação de cadeira de rodas sempre é trazido como grande exemplo de atuação comunitária.

As pessoas procuram muito a gente por cadeira de rodas, então a gente anuncia e não chega a um mês e a gente encontra (OLIVEIRA, Josefa Silva de. Informação verbal).⁴⁹

Estes exemplos constatados nas entrevistas também são frisados por Sérgio Gomes, demonstrando que os colaboradores da emissora possuem um discurso pronto para as perguntas sobre a atuação comunitária da emissora.

Uma questão que eu percebo é que esse ideal comunitário, dentro da rádio Heliópolis, você não sente que ele existe e acontece no dia a dia. Na rádio, na sua programação, não. Eles até podem ter essa intenção, como a maioria das rádios comunitárias, que acham que você prestar serviço à comunidade hoje é dar cesta básica e cadeira de roda (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁵⁰

Na rádio Heliópolis, durante toda a programação, são divulgadas as notícias, recados e informações importantes para os moradores da comunidade. O atendimento musical é constante, mas verifiquei que não é em toda a programação que a prestação de serviços é trabalhada de forma intensa por não haver um fio condutor entre os programas e, principalmente, entre os apresentadores.

Eu entendo que cada programa tem certo sentido também de formar a patota de quem faz o programa, isso é melhor do que nada. Mas que tem programas que são feitos para si mesmos, não tenha nenhuma dúvida (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁵¹

Cada apresentador segue seu próprio estilo, noticiando as informações que vê como necessárias para a comunidade. Para o coordenador da emissora Geronino Barbosa, a prática educativa acontece também com os colaboradores e locutores da rádio:

Tem gente aqui na rádio que não entende o nosso papel, tem locutor que só toca música, manda abraço, toca música e assim vai. Ele é importante para a nossa comunidade? Sim, porque enquanto ele está lá, a rádio não está parada, tem alguém falando com alguém, tá levando alegria pra alguém. Mas o nosso papel é fazer com que esta pessoa tenha o entendimento do papel dela na comunidade. Que o papel dele é mais que isso na comunidade (BARBOSA, Geronino. Informação Verbal).⁵²

⁴⁸ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

⁴⁹ GONÇALVES, Josefa Silva de. Informações colhidas em entrevista ao autor em 23 de maio de 2010.

⁵⁰ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

⁵¹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

⁵² BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

Assim, o ambiente educativo acontece não só através do sinal radiofônico, mas também em todo o ambiente da produção e realização da emissora em si.

Eles são comunicadores sociais, não só locutores. Tem muitos aqui que têm intenção de se tornarem profissionais mesmo. Então, eles fazem um trabalho como se estivessem em uma rádio comercial. É legal e tudo mais, mas eles esquecem do lado social. Hoje com esse processo de formação a gente está melhorando muito e essas pessoas estão vendo que tem como ser um bom profissional e um bom comunicador social. Uma coisa não atrapalha a outra. (...) Estamos nesse caminho, não sei se vamos atingir 100% dos locutores, mas é todo um processo e eu tenho certeza de que todos que estão por aqui estão por amor, (...) Às vezes algum cara dá uma derrapada, mas isso é normal. Quem não erra? (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁵³

A rádio é comunitária quando dá voz às pessoas que nunca poderiam entrar em uma emissora comercial e se comunicar diariamente.

É na rádio comunitária, como se verifica em Heliópolis, que a empregada doméstica apaixonada por rádio ou o cobrador de ônibus com pouca instrução podem chegar ao microfone, apresentar um programa, falar com os seus, ajudar a comunidade, se sentir participativo e valorizado. (...) É na rádio comunitária, que as associações de bairro e ONGs conseguem dar avisos relevantes para os moradores e estimular discussões sobre temas educacionais ou de saúde. É na rádio comunitária que se fala de lixo, de Aids, de creche, de vacinação, de mutirão para construção de casas (DETONI, 2004:123).

Verifico que, através dos apresentadores entrevistados, a rádio é verdadeiramente uma oportunidade para essas pessoas colaborarem com a comunidade em que vivem.

Eu ligava pra ele e pedi pra ele tocar mais Roberto Carlos e daí ele me convidou e eu vim trabalhar aqui na rádio. Agora eu faço o programa Estilo Musical das cinco até a sete da tarde de segunda a sexta (OLIVEIRA, Josefa Silva de. Informação verbal).⁵⁴

A programação da rádio é voltada às músicas, mas isso não impede que os ouvintes tenham a rádio como fonte de informação regional.

Mesmo que reproduza o tradicional modelo de radiodifusão das FMs brasileiras, baseado em música, a emissora é percebida pelos ouvintes como uma emissora voltada para os interesses da comunidade: 88% dos ouvintes demonstraram valorizar o fato de a emissora ser local e falar das coisas de Heliópolis (58% disseram que é isso o que mais gostam nela, enquanto 30% disseram que esse é um dos fatores que os fazem gostar dela) (DETONI, 2004:113).

A seguir, uma lista dos programas atuais da rádio comunitária Heliópolis:

⁵³ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

⁵⁴ OLIVEIRA, Josefa Silva de. Informações colhidas em entrevista ao autor em 23 de maio de 2010.

Luar do Sertão

Apresentado por Sabino Soares, o programa toca músicas sertanejas e caipiras e vai ao ar de segunda à sexta-feira das seis às oito horas da manhã.

Jovem Guarda

Com a apresentação de Libera e Renato Santos, o programa toca músicas da jovem guarda e vai ao ar de segunda à sexta-feira das oito às dez horas da manhã.

Saúde no Rádio

Presidido pelos médicos da UBS (Unidade Básica de Saúde) Delamari, o programa instrui os ouvintes e dá dicas de saúde para a população de Heliópolis de segunda à sexta-feira das nove às nove e meia da manhã.

Frequência do Sucesso

Com a apresentação de Erisvaldo Rodrigues e Beatriz Lima, o programa atende à demanda musical da população de Heliópolis. É dividido em duas partes: a primeira vai ao ar de segunda a sexta-feira, das nove e meia ao meio dia, e a segunda aos sábados e domingos, das onze às treze horas.

DST AIDS

O programa é apresentado pela equipe SAE Ipiranga e dá dicas de combate às doenças sexualmente transmissíveis, promove testes de HIV e faz o acompanhamento de pessoas infectadas. No ar de segunda à sexta-feira, do meio dia às quatorze horas.

Comando Jovem

O programa é apresentado pela Cláudia Neves. Busca, além de tocar as músicas pedidas pelo público jovem, discutir assuntos a ele pertinentes.

Forrozão da Heliópolis

Programa com a apresentação de Zenildo Ribeiro, toca músicas de forró, traz convidados, coloca os ouvintes no ar e divulga os eventos do gênero na região. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira das quatorze às dezesseis horas.

Catraca Livre – Cultura Gratuita

Programa apresentado por Eduardo, traz dicas de cultura gratuita ou de baixo custo, além de discutir teatro, cinema e shows com os ouvintes. No ar de segunda a sexta-feira, das dezesseis às dezessete horas.

Estilo Musical

Apresentado por Zefinha, veicula as músicas pedidas durante o dia na rádio Heliópolis e discute os principais acontecimentos do dia na comunidade. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira das dezessete às dezoito horas.

Oração do Padre

Apresentado pelo Padre Reginaldo Manzotti, além de trazer a oração do dia, compartilha mensagens e aconselhamentos religiosos para a população de Heliópolis. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, das dezoito às dezenove horas.

A Voz do Brasil

Conforme a legislação brasileira, a rádio Heliópolis transmite, de segunda a sexta, das dezenove às vinte horas, “A Voz do Brasil”, programa produzido e transmitido pela RADIOBRAS⁵⁵.

Revolução Rap

Programa apresentado por Mano Zóio, traz as músicas do *rap* nacional e internacional para a população de Heliópolis. No ar de segunda a sexta-feira, das vinte às vinte e duas horas.

Esporte Comunidade

Apresentado por Dj Sapão e Dedé, discute assuntos relacionados ao esporte nacional e internacional. Além de dar grande destaque aos campeonatos existentes na comunidade, divulga e promove eventos esportivos. O programa vai ao ar de segunda e quinta-feira das vinte e duas horas à meia noite.

The Night Love

⁵⁵ Disponível em: www.radiobras.gov.br

Programa apresentado por Badega, que toca músicas românticas na programação da rádio Heliópolis de terça, quarta e sexta-feira, das vinte e duas horas à meia noite.

Show do Jota Maria

Com a apresentação de Jota Maria, o programa toca músicas de sucesso, além de atender aos pedidos dos ouvintes. O show do Jota Maria vai ao ar aos sábados e domingos das seis às nove horas.

Na Quebrada do Nordeste

Com a apresentação da Cida Lourenço e do Fábio de Oliveira, o programa faz a diversão dos ouvintes ao tocar forró na programação da rádio Heliópolis de sábado e domingo das nove às onze horas.

Mistura Fina

O programa que vai ao ar aos sábados e domingos, das treze às quinze horas, com a apresentação de Rogerinho e Liu, toca músicas com o *swing* brasileiro pedidas pelos ouvintes da emissora.

Samblack

Com a apresentação de Ricardinho Neves, o programa toca samba, *black* e samba rock aos sábados e domingos das quinze às dezessete horas.

Show Mix

Com a apresentação de Filinto Soares e Leandro, o programa vai ao ar aos sábados e domingos, das dezessete às dezenove horas, e toca músicas de todos os estilos, sempre atendendo aos pedidos dos ouvintes.

Pá dá qui pá de lá

O programa vai ao ar todos os sábados, das dezenove às vinte e uma horas, com a apresentação de Daimon José e Mia. Com ritmos festivos, o programa alegra a população nas noites de sábado.

Mistura de Ritmos

Com a apresentação de Célia Moreira, o programa faz uma mistura de ritmos musicais, sempre atendendo aos pedidos dos ouvintes da emissora. No ar todos os sábados, das vinte e uma horas às onze horas.

Forró Breganejo

Com a apresentação de Carlos Freitas e Erisvaldo Rodrigues, o programa que toca músicas sertanejas, românticas e bregas vai ao ar aos domingos, das vinte e uma horas às vinte e duas horas e trinta minutos.

Para o entrevistado Reginaldo, a rádio Heliópolis FM está próxima do ideal:

Vejo hoje que Heliópolis é uma das poucas rádios que está chegando próximo de ser uma rádio comunitária. Não 100%, mas está chegando próximo (REGINALDO. Informação verbal).⁵⁶

Já Pedro Serico Vaz Filho acredita que a rádio Heliópolis FM conseguiu chegar ao patamar de referência.

Creio que a rádio comunitária de Heliópolis é um bom exemplo, é referência. Ela precisa sempre estar atenta à própria organização, porque querendo ou não ela é uma referência para as outras produções comunitárias, não só de rádio, mas quando se fala em produção comunitária Heliópolis aparece nas pautas sempre. Ela tem que sempre estar organizada porque ela carrega uma responsabilidade gigante diante do nome que ela adquiriu (VAZ FILHO, Pedro Serico. Informação verbal).⁵⁷

A programação da rádio presente em Heliópolis é reconhecida; por isso, seus colaboradores devem estar sempre atentos já que muitas pessoas procuram aprender com a emissora para iniciar produções comunitárias em suas regiões. A direção da rádio tem grande consciência do seu papel; nisso, ela busca intensificar a educação com os colaboradores da rádio para que eles também sejam verdadeiros atores sociais e instiguem a população a colaborar nos projetos comunitários, além de conscientizarem sobre o fato de que a rádio ainda não é perfeita:

Hoje a rádio passa por um processo de transformação. A rádio foi legalizada, a gente fazia um trabalho legal, mas a gente sabia que aqui tinha vários erros. E um erro era de não divulgar o que acontecia na comunidade. Tinha um projeto aqui com 60 vagas para adolescentes, aí vinha um programa “X” e falava, mas depois o programa na sequência não falava. E a gente tem que fazer um trabalho comunitário. Tudo que acontece na comunidade, seja positivo ou negativo a gente tem que falar aqui, para que toda população saiba o que está acontecendo em Heliópolis (REGINALDO.

⁵⁶ REGINALDO. Informações colhidas em entrevista ao autor em 25 de junho de 2010.

⁵⁷ VAZ FILHO, Pedro Serico. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

Informação verbal).⁵⁸

É importante que os problemas da emissora sejam reconhecidos por ela mesma; dessa forma, ela pode solucionar os problemas internos e não deixar que a relação da emissora com colaboradores externos seja perturbada – além de evitar que projetos interessantes deixem de existir e poder colaborar com outras comunidades que tenham o interesse em iniciar uma produção comunitária através de uma emissora de rádio.

1.4 Heliópolis, um bairro educador

Na UNAS, todos os projetos estão envolvidos em concretizar a missão da ONG: *promover a cidadania, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade*. Nessa concepção, a diretoria da UNAS busca fazer com que Heliópolis seja um “Bairro Educador”, ressaltando que essa educação se caracteriza não só pelo segmento formal, mas também no exercício da cidadania.

A educação vai fazer com que as pessoas tenham o entendimento que ter educação é ter saúde, moradia, então tudo começa pela educação (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁵⁹

O trabalho educativo não é somente para os ouvintes: ele começa dentro da própria UNAS e da rádio comunitária, ensinando o que é o trabalho da rádio e sua importância para fazer com que Heliópolis seja um “Bairro Educador”.

Uma minoria muito pequena tem o entendimento do papel dele aqui na comunidade. Não entende a grandiosidade do que é o trabalho dele, mas a maioria está lá para satisfazer o ego e cabe a nós da diretoria trabalhar isso diariamente, fazendo com que ele tenha o entendimento (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁶⁰

Através da constatação de Geronino Barbosa, posso entender os problemas citados sobre a programação da rádio que, em muitos momentos, não realiza o trabalho comunitário; por outro lado, para que os próprios locutores participem dos movimentos comunitários promovidos pela UNAS e possam realizar seu papel educativo através da rádio, são realizadas constantes reuniões a fim de melhorar a atuação dos apresentadores.

Nós tivemos uma reunião com o pessoal da UNAS e eles perguntaram pra gente o que cada um pensava sobre o que era um “Bairro Educador” e eu achei legal isso. A rádio tem o poder de mudar o pensamento das pessoas, até pessoas que estejam em

⁵⁸ REGINALDO. Informações colhidas em entrevista ao autor em 25 de junho de 2010.

⁵⁹ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

⁶⁰ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 01 de julho de 2010.

outro caminho, a UNAS pode mudar o caminho dessas pessoas. Eu conheço gente que entrou na UNAS e a vida dessa pessoa mudou, hoje tem família, etc (SILVA, Israel de Jesus. Informação verbal).⁶¹

Para que o bairro seja sempre um “bairro educador” a intenção é fazer com que os cidadãos estejam em constante mudança, e busca pela melhoria nas condições de vida. No início da comunidade a luta era pela moradia, mas hoje os objetivos da ONG se ampliam conforme a necessidade.

Quem quer moradia também quer abastecimento de água, quer luz elétrica, quer esgoto, escola, creche, transporte enfim uma série de coisas. Então hoje a UNAS não quer só a moradia, mas também a moradia, agora o nosso foco maior é a educação porque ela é a mola propulsora de tudo isso (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁶²

Portanto, a questão educativa do bairro se torna mais que a educação formal, configurando-se na construção de uma nova realidade na comunidade.

No discurso pedagógico, a modernidade torna-se o tempo da “grande aspiração”: a educação deve conduzir o eu para uma comunhão com a vida, junto com outras pessoas, formar o homem virtuoso, onde a racionalidade é o ponto central (civilizar, cultivar, moralizar, humanizar são expressões desse processo). A educação deve ser racional, porque a razão, comum a todos os seres humanos, é o fundamento da totalidade da existência (HERMANN, 1999:38-39).

A UNAS, com a união de escolas, moradores e líderes regionais, busca fazer com que o bairro seja considerado um “Bairro Educador”. Através do projeto, busca-se fazer com que o bairro possa ser não apenas um bairro de moradia e convívio, mas que também um bairro que colabore com a cidadania e a educação das pessoas que nele vivem. A rádio tem um papel fundamental nesta ação, porque é através da emissora que as pessoas são lembradas a todo o momento da importância de participar dos projetos sociais.

Tem que martelar e uma hora entra na cabeça da pessoa. Às vezes desperta o interesse da pessoa em pesquisar, saber que o que estamos falando é verdade [...] o nosso papel é martelar, fazer a divulgação e fazer as pessoas uma hora entenderem que às vezes é mais importante você participar de uma reunião de moradia, mesmo sabendo que seu barraco não tenha nada a ver com o que está sendo discutido, do que ficar no bar bebendo. Porque aqui os moradores participam quando vai incomodá-los. Enquanto não está incomodando, enquanto o problema está no vizinho não tem problema. Quando o problema do vizinho começa a ser seu problema também você procura soluções. Aqui a gente tenta fazer o contrário, primeiro falar, orientar, para que esse problema não se espalhe (REGINALDO. Informação verbal).⁶³

⁶¹ SILVA, Israel de Jesus. Informações colhidas em entrevista ao autor em 23 de maio de 2010.

⁶² BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

⁶³ REGINALDO. Informações colhidas em entrevista ao autor em 25 de junho de 2010.

A rádio está sempre aberta à população; eu, inclusive, fui bem recebido todas as vezes que estive na emissora. A população vai até lá para dar recados, notificar perda de documentos, pedir músicas, buscar conselhos; enfim, a rádio proporciona um ambiente educativo também para quem frequenta a emissora. Entretanto, esse ambiente educativo é bem mais evidente no estabelecimento que na programação: quando as pessoas entram na rádio, sentem que a emissora verdadeiramente faz parte da comunidade e, conseqüentemente, também é delas, mas ao ouvir a rádio, a impressão se confunde com a de uma rádio comercial.

Quem entra aqui e conhece o locutor, o que é a rádio, sente. Quem só ouve eu acho que não tem esse sentimento, a pessoa está lá escutando para se informar, mas não para participar. Mas a partir do momento em que conhece, essa pessoa consegue mudar a visão (REGINALDO. Informação verbal).⁶⁴

Passou do portão, entrou na emissora, subiu as escadas e entrou no estúdio e está no ar, você está num ambiente comunitário. Não precisa nem estar no ar, só passando o portão você já sente o clima e a atmosfera que é apresentada naturalmente, como se o ar já apresentasse pra gente que isso é uma rádio comunitária; venha porque você vai ser ouvido (VAZ FILHO, Pedro Serico. Informação verbal).⁶⁵

Na programação há um ambiente educativo, mas ele não aparece tão forte quanto ao entrar na emissora: ali, é perceptível o verdadeiro sentido comunitário. Nessa impressão, entende-se que função de um bairro educador é buscar soluções para os problemas de todos, não importando se o problema está ou não incomodando determinado indivíduo, é agir para que as pessoas tenham história, trocar experiências e aceitar a diferença.

Eu acho que bairro educador é isso: resgatar a história, mostrar para o jovem, para o senhor, para a senhora, que eles têm algo para passar e para aprender. Eu acho que o bairro educador aqui de Heliópolis está acontecendo, é um processo difícil, mas tudo o que é difícil é mais gostoso de trabalhar (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁶⁶

O desafio educativo é diário, lento e paciente, pois, em uma comunidade na qual as condições de vida são limitadas, a amplitude educativa pode parecer, à primeira vista, supérflua; entretanto, é através dela que serão obtidas novas conquistas necessárias ao bem-estar do cidadão.

⁶⁴ REGINALDO. Informações colhidas em entrevista ao autor em 25 de junho de 2010.

⁶⁵ VAZ FILHO, Pedro Serico. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

⁶⁶ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

1.5 Ponto de Cultura

Em 2004, Heliópolis foi aceito no projeto "Ponto de Cultura" do Governo Federal. No Estado de São Paulo existem 800 “Pontos de Cultura” que promovem a cultura em suas regiões. O projeto em questão constitui a principal ação do “Programa Cultura Viva” do Ministério da Cultura, formando uma Rede Nacional de Pontos de Cultura, chamada de TEIA.

O “Ponto de Cultura” é uma comunidade escolhida através de um projeto enviado e analisado para firmar um convênio com o Ministério da Cultura. Através dessa parceria, os responsáveis articulam e impulsionam as ações que já existem nas comunidades e o Ministério da Cultura financia os projetos.

Não existe um modelo fixo de Ponto de Cultura. Cada comunidade trabalha com o próprio projeto e as instalações que possui; por outro lado, atuam com uma gestão compartilhada entre o poder público e a comunidade na busca de desenvolver e promover a cultura na região. A intenção do projeto é agregar recursos e novas capacidades dentro das instalações já existentes na comunidade. O Ministério da Cultura também oferece equipamentos que ampliam as possibilidades do fazer artístico e uma ação contínua na comunidade.

O projeto estimula os mais diferentes meios de linguagens artísticas e culturais e impulsiona um conjunto de ações nas comunidades, focando a inclusão cultural, digital e cidadania. Nesse conceito, a Rádio Comunitária de Heliópolis foi instituída como “Ponto de Cultura” por levar todo o tipo de música e possibilitar o diálogo para pessoas de todas as idades e interesses na comunidade, além de qualificar pessoas através do trabalho voluntário na emissora. Para inaugurar todos os “Pontos de Cultura”, o então Ministro Gilberto Gil e o Presidente Luís Inácio Lula da Silva estiveram na comunidade de Heliópolis e instituíram o espaço da Rádio Heliópolis FM como tal.

No projeto da emissora estava inclusa a compra de equipamentos para o estúdio do ar, além da montagem de um estúdio de gravação e outros computadores para a utilização na emissora. Os equipamentos devem ser utilizados para o trabalho diário da emissora e também na realização de cursos e treinamento na rádio.

Nós iniciamos um curso com 250 adolescentes na questão de ativar as diversas culturas. Heliópolis são 125 mil habitantes e 95% de nordestinos ou descendentes, então esses jovens pesquisaram as diversas culturas presentes na comunidade

(BARBOSA, Gernonio. Informação verbal).⁶⁷

Para a concretização do projeto, a rádio recebeu uma importância de R\$ 155.000,00 dividida em quatro parcelas. Dentro deste valor, havia uma ajuda de custos de meio salário mínimo por mês, durante seis meses, para os jovens que participaram do projeto.

⁶⁷ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

2. INSPIRAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, pretendo abordar as teorias dos pesquisadores que se dedicaram a compreender e discutir como a comunicação age na sociedade. Com base nos estudos de Guy Debord e Martin Buber, estabelecerei pontos de contato entre a chamada “sociedade do espetáculo” e a possível atuação da rádio Heliópolis FM em proporcionar uma relação entre as pessoas que vivem na comunidade; bem como desafios presentes na tensão entre o que se quer, o que se pode e o que se tem: problemas sociais, de convívio e amizade que possibilitam a união das pessoas e as mobilizam para modificar a realidade da população que vive em Heliópolis, possibilitando que a comunidade se torne um bairro educador.

2.1 A sociedade do espetáculo

Na década de 1960, o pensador e militante político francês Guy Debord encontrava-se incomodado com a forma pela qual os meios de comunicação agiam na sociedade capitalista – vinculando as pessoas por questões financeiras e status social e não por outros princípios humanos. Para Debord, os bens materiais se tornaram mais importantes através da valorização do ter, do acúmulo de bens; nisso, as pessoas deixaram de se importar como o quanto cada um “é” para valorizar o quanto cada um “tem”. Não é importante simplesmente ter, mas mostrar o que se tem: esse fundamento do pensamento materialista só é possível graças à estrutura social capitalista. Nos estudos de Debord, esta estrutura da sociedade causa uma perda de consciência pela ânsia do ter.

O conceito de sociedade do espetáculo, elaborado por Guy Debord na década de 60 do século XX e em processo crescente de incorporação à análise dos fenômenos comunicacionais, só pode ser plenamente compreendido se levarmos em consideração os seus vínculos com a teoria crítica da sociedade capitalista (COELHO, 2006:13).

Como a sociedade está dividida em padrões sociais, a mídia reafirma esses padrões através da programação organizada em públicos alvo. A separação das classes sociais e do foco das programações proporciona que os indivíduos se unam.

O espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfalecimento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão de seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida (DEBORD, 1997:37).

Na década de 1980, Debord escreveu os comentários sobre a chamada “Sociedade do Espetáculo” e confirmou sua crítica sobre a sociedade que reduz a vida humana à aparência. Verificou que as questões de dominação aumentaram, e a importância que as mercadorias passaram a ter na sociedade se alastrou pelo mundo.

Como os acontecimentos de 1968, que se estenderam a diversos países nos anos seguintes, não destruíram em nenhum lugar a organização social existente, o espetáculo, que dela parece brotar espontaneamente, continuou a se firmar por toda a parte. Alastrou-se até os confins e aprofundou sua densidade no centro. (DEBORD, 1997:168)

Para Debord, a sociedade vive uma realidade marcada pelo consumo, idealizada pelos padrões de vida. Tal fato é reafirmado por Cristopher Lasch:

Três vertentes do desenvolvimento social e cultural apresentam-se como particularmente importantes no estímulo a uma orientação narcisista da experiência: a emergência da assim chamada família igualitária; a crescente exposição da criança a outras agências socializadoras além da família; e o efeito geral da moderna cultura de massa, no sentido de romper as distinções entre ilusões e realidade (LASCH, 1990:170).

Teoricamente, na sociedade do espetáculo todos podem, mas é a condição financeira de cada um que realmente vai proporcionar ou não o consumo de determinadas mercadorias. A linguagem na sociedade do espetáculo valoriza o indivíduo que consome oferecendo a sensação de satisfação, uma vez que ela atua como se o produto fosse produzido especialmente para aquele indivíduo.

A publicidade, a linguagem hegemônica da sociedade consumista, desempenha o papel não só de tornar os produtos conhecidos, mas também de individualizar cada produto, como passo fundamental para torná-lo “humano”, mediante a sua identificação com valores ideológicos e ideais de felicidade (COELHO, 2006:10-11).

Se através dos padrões sociais as pessoas são valorizadas pela quantidade de bens que consomem, essa redução da pessoa humana faz com que quem não pode consumir deixe de ter a devida importância na sociedade: aquele que não pode adquirir determinados produtos não faz parte do grupo, não é capaz de viver em sociedade e acaba por ser isolado, trazendo, com isso, a sensação de inferioridade.

Uma vez que a sociedade capitalista prioriza o consumo, os meios de comunicação

utilizam-se do espetáculo para incentivar o consumo desenfreado.

O espetáculo, nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos (DEBORD, 1997:171).

O exagero dos meios leva a sociedade a uma alienação: o objetivo é o incentivo ao consumo fazendo com que a formação e a informação do indivíduo se tornem quase ausentes na programação das emissoras de rádio. Além da não informação, os ouvintes recebem constantemente produtos culturais pasteurizados, o que os enfraquece como capacidade de articulação em grupo e acaba por estimular a individualização.

É possível uma análise de aspectos da sociedade brasileira com base na noção do espetacular integrado: cada vez mais, dentro do contexto do neoliberalismo, há a proliferação da lógica mercantil e da disseminação das práticas espetaculares, ao mesmo tempo em que a administração utiliza-se de procedimentos centralizados para tentar se perpetuar no poder, agindo como intermediária dos interesses dominantes (COELHO, 2006:24).

Mesmo quem não tem o poder do consumo, conforme a observação de Debord, não consegue fugir da sociedade do espetáculo a partir do momento em que constitui um consumidor dominado pelo sonho do consumo.

2.1.1 Uma brecha na sociedade do espetáculo

Como consequências da divisão da sociedade em classes sociais, as classes empobrecidas acabam se encontrando em regiões com pouca estrutura de moradia; com isso, o indivíduo que a compõe se sente inferiorizado e não reconhece sua identidade, deixando de ter interesses próprios. A lógica da sociedade do espetáculo é fazer com que nós não consigamos consumir totalmente tudo, nas sociedades empobrecidas esta lógica pode gerar a brecha na sociedade do espetáculo porque ali todos se sentem enfraquecidos e com dificuldades em melhorar a qualidade de vida pessoal e profissional.

A comunidade de Heliópolis cresceu devido a impossibilidade de moradia em regiões mais estruturadas. As condições de vida são sofríveis, mas a comunicação interna entre as pessoas da comunidade pode proporcionar o conhecimento de uma forma diferente de vida e de consumo vinculado às pessoas que vivem na própria localidade. Nisso, a atuação da UNAS sempre seguiu em busca da melhoria e da valorização da pessoa que vive em Heliópolis – tanto na questão profissional como também na busca pela valorização pessoal e social. Nessa

atuação, a rádio é o agente reverberador da proposta de cidadania, criando brechas na sociedade do espetáculo, nadando contra a corrente e buscando a cidadania. A partir do vínculo estabelecido entre a ONG e a população, as pessoas que vivem na comunidade passam a se identificar umas com as outras.

Conforme os estudos de Bertold Brecht em *Teorias do rádio (1927-1932)*,

para descobrir o positivo da radiodifusão, uma proposta para mudar o funcionamento do rádio: é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. (...) se conseguisse não só escutar o ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele” (BRECHT in MEDITSCH, 2005:42).

A partir do momento que o rádio se torna meio, ele pode compreender e abraçar a comunidade.

Apesar da tendência crescente da sociedade do espetáculo observada por Guy Debord, a população de Heliópolis busca, através da rádio comunitária, proporcionar a valorização do indivíduo, tentando enfraquecer o mecanismo da sociedade do espetáculo. Com a programação da rádio comunitária, o indivíduo pode se reconhecer, encontrando a própria cidadania e tendo suas capacidades afloradas – condições que a sociedade do espetáculo limita ou reduz.

As vertentes da sociedade do espetáculo estimulam o reconhecimento pessoal, mas, quando falamos em comunidade, o reconhecimento é social: a valorização ocorre em cada indivíduo a partir da vivência e da relação existente entre as pessoas, demonstrando para cada ser que ele é importante para as melhorias de todo um conjunto social. A atuação comunitária é uma brecha existente na massacrante sociedade do espetáculo: é uma forma de encontrar caminhos para que o indivíduo que não consegue participar da vida consumista possa ser valorizado e reconhecido como alguém importante na comunidade.

A programação da rádio Heliópolis FM é inspirada nos moldes da sociedade do espetáculo presente nas emissoras comerciais, mas busca através dela aumentar a audiência e conseguir, através dos incentivos de cidadania, atuar como meio educador. Na programação da emissora, os produtos anunciados, as notícias transmitidas, a sociedade apresentada, enfim, fazem parte de um contexto que o ouvinte participa e compreende: ele sente-se convidado a ser atuante e valorizado no meio em que se encontra.

Heliópolis é formada por uma grande maioria de nordestinos; cada um traz uma história, um sonho e uma experiência de vida que tece o texto cultural que vincula as pessoas na comunidade; nisso, a rádio o potencializa através da programação.

2.2 No princípio é a relação

Martin Buber, nascido em Viena, foi um filósofo preocupado com a realidade da vida concreta: na juventude, foi líder de grupos estudantis e sempre demonstrou uma vida madura e consciente inspirada na liberdade pessoal. Preocupado com a vida individual das pessoas e como elas interagem entre si, observou que essa relação acontece em um local de encontro onde os sujeitos convivem e estipulam regras em que estejam em um acordo: a compreensão e o respeito são base para que a vida aconteça. Sem a comunicação entre as pessoas com respeito e compreensão, não há relação; sem relação e comunicação, não há vida em sociedade: portanto, não há comunidade.

O diálogo é o lugar desse encontro e a palavra atravessa (no sentido grego do dia-, “atravessar”, do termo diálogo), perpassa a relação. Dia-logos é, assim, uma relação entre pessoas, algo que perpassa, que as atravessa, que está entre, que está no meio. Assim também acontece com o amor, diz ele, que não é algo possuído pelo Eu como se fosse um sentimento, mas algo que acontece, que está além do Eu e do Tu, que ocorre no campo do “entre” nós. No diálogo, realizamos uma espécie de imersão, as pessoas interagem como se se atirassem nas águas e nadassem (MARCONDES FILHO, 2009:48).

O filósofo propõe uma filosofia de vida que acontece no encontro: conhecida como a filosofia do encontro ou do diálogo, Buber parafraseia o prólogo do Evangelho de São João: “No princípio é a relação” – no caso do nosso estudo, a relação em comunidade. Para Ciro Marcondes Filho, Martin Buber “está preocupado, antes, com o homem, com a preocupação do humano numa sociedade cada vez mais técnica. Esta preocupação será traduzida no investimento da relação pessoal com o outro.”⁶⁸ Para Buber, o importante é a relação que acontece no presente: não importa o pensamento de futuro ou passado, desprendido de tudo.

A relação com o Tu é imediata. Entre o EU e o TU não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre o EU e o TU não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade (BUBER, 1979:13).

O filósofo dá o nome às pessoas dessa relação de “eu e tu”; para ele, a relação entre as pessoas deve acontecer como um “eu e tu” – não um “eu-isso”. Na relação, o “tu” ou o “isso” é como o “eu” se relaciona com o outro, agindo como um ser “tu” ou como um objeto “isso”.

⁶⁸MARCONDES FILHO, Ciro. “No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber” Disponível em: www.ufrgs.br/revistaemquestao. Acesso em: 05 de julho de 2010.

Para Buber, o “eu” só existe quando há uma outra pessoa na relação; sem o outro, a relação não existe e não há comunicação; sendo assim, é impossível viver sozinho e sem se comunicar. O ser humano necessita do outro para viver: esse outro pode ser um “tu” ou um “isso”, dependendo de como essa relação se acontece. A relação “eu-tu” é o cerne do pensamento buberiano: quem diz “tu” na relação não espera nada, não busca nada; a partir do momento em que se busca algo na relação, ela se caracteriza como “isso” e a relação não alcança sua totalidade. A relação entre as pessoas em comunidade acontece livremente, sem se esperar algo do outro: ela é de entrega, de doação ao outro e à comunidade; dessa forma, a relação entre as pessoas pode alcançar sua totalidade.

A fenomenologia da relação dialógica estudada por Buber não só se limita à pura descrição conceitual, mas também se faz acompanhar de propostas e atos concretos da vida cotidiana atual.

A mensagem buberiana evoca no pensamento contemporâneo uma notável nostalgia do humano. Sua voz ecoa exatamente numa época que paulatina e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no homem: a sua humanidade. Sendo assim, a obra de Buber é fundamental para a abordagem da questão antropológica (ZUBEN, Newton Aquiles Von *in* BUBER: 1979:VII).

Para ele, o mais importante entre o eu e o outro é a relação, a comunicação existente entre as pessoas no dia-a-dia. A relação inter-humana é a base para a construção da comunidade.

A partir de uma relação ética, o ser alcança a sua totalidade e a relação deixa de ser um “Eu-Isso” para um “Eu-Tu”. Na vida em comunidade, as metas e as trocas de experiências são importantes para que a comunidade estabeleça seus objetivos e, uma vez os objetivos traçados, possa compartilhar o trabalho comunitário. O “Eu-Isso” está preso ao passado, ao mundo das coisas; o “Eu-Tu” é o presente, é o que se vive, é a relação do dia-a-dia. O “Isso” pode ser ordenado, enquanto o “Tu” não conhece nenhum sistema de coordenação, simplesmente acontecendo: em comunidade, a relação acontece se dá a experiência do outro. Ao falar do encontro entre o “eu” e o “tu”, Buber diz:

Os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo. Os encontros são inter-relacionados entre si, mas cada um te garante o vínculo com o mundo. O mundo que assim te aparece não inspira confiança, pois ele se revela cada vez de um modo e, por isso, não podes lembrar-te dele. Ele não é denso, pois nele, tudo penetra tudo; ele não tem duração, pois, vem sem ser chamado e desaparece quando se tenta retê-lo. Ele é confuso, se tu quiseses esclarecê-lo, ele escapa. Ele vem a ti para buscar-te; porém se ele não te alcança, se ele não te encontra, se dissipa; ele virá novamente, sem dúvida, mas transformado. Ele não está fora de ti. Ele repousa no

âmago de teu ser, de tal modo que, se te referes a ele como “alma de minha alma”, não dizes nada de excessivo (BUBER, 1979:36-37).

A palavra proferida “Isso” ou “Tu”, para Buber, é a atitude pela qual o homem se situa e age no mundo com as pessoas; nas ações e nas relações o homem vive e alcança a alteridade. Buber indica que o ser deve proferir a palavra princípio “Eu-Tu” em todas as esferas – no relacionamento com a natureza, com os homens e com os seres espirituais.

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que alguém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o Tu que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifestada e explícita: podemos endereçar e receber o Tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la (BUBER, 1979:06).

Na vida em comunidade, nos referimos às três esferas citadas por Martin Buber: na esfera da relação com a natureza, a necessidade de se estabelecer uma harmonia respeitando a natureza. Na relação entre os homens, a importância da ética e da doação ao outro vai colaborar com o ambiente comunitário. Por fim, a relação com os seres espirituais colabora para que cada Eu da relação esteja em paz consigo mesmo.

Se na relação um se doa e o outro também se doa, a reciprocidade acontece, fazendo que um entre em relação com o outro. Buber alerta: “Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade”⁶⁹. A palavra proferida Tu só pode ser dita em sua totalidade, não pode ocultar algo na relação, não pode proferir o Tu na relação em uma das três esferas – e, em outras, não experimentar esta relação –, senão não há doação. Não somos nós que dominamos a relação e que a fazemos acontecer, ela simplesmente acontece. A partir do momento que a relação se desestruturar, ela muda e deixa de ser um Tu para um Isso.

A sociedade não vive a totalidade. O mínimo que uma relação não seja verdadeira propicia o necessário para que ela não possa ser total, e, conseqüentemente, não haja a verdadeira vida conforme a proposta de Martin Buber. A partir desta proposta, a união entre as pessoas é necessária para a vivência em comunidade. O compartilhamento de uma mesma realidade física propicia o encontro; assim, a experiência da relação é natural e diária para que o indivíduo se deixe “tocar” pelo outro. O acontecimento da relação é por si a possibilidade de se atingir a totalidade de entrega e de experiência de vida.

⁶⁹ BUBER, 1979:9

A intenção da filosofia buberiana é uma utopia que pretende proporcionar a totalidade da vida através do encontro: a relação “Eu-Tu” é ética, sincera, pura e legítima, porém não é a única forma de vida que o indivíduo deve ter. Não é possível viver só no “Eu-Tu” nem com o “Eu-Isso”; a vida é complexa e os momentos de uma relação “Eu-Tu” estão sujeitos aos acontecimentos do cotidiano. O filósofo alerta: “E com toda a seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o 'isso', mas aquele que vive somente com o 'isso' não é homem” (BUBER, 1979:39). Na prática comunitária, essa perspectiva idealizada se explicita concretamente em alguns momentos e em outros é abafada, configurando-se numa tensão constante entre a concretização e a idealização.

2.2.1 A relação em Heliópolis

O estudo de uma comunidade concreta através de uma filosofia utópica não nos coloca em uma encruzilhada, mas oferece uma oportunidade de repensar o dia-a-dia vivido em Heliópolis, os vínculos entre os comunitários. As pessoas trocam vivências e conversam sobre os assuntos mais variados: assim, um deixa-se afetar pelo outro. A rádio comunitária busca fazer parte dessa experiência de troca, constituindo um ambiente de conversa, informação e entretenimento para um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O envolvimento nas atividades sociais pode, por exemplo, afastar jovens de atividades ilícitas. É claro que esse envolvimento não existe entre todos os moradores, e que, ao participar dos movimentos, a pessoa não se envolva com tais questões; o importante é que o movimento existe e que muitos se utilizam dele e convidam outros moradores para participar e criar outros movimentos para estarem juntos em comunidade.

A maioria dos jovens que estão nos projetos dificilmente entra para o crime. Esses que estão num dos projetos acabam se destacando mais do que os que não estão. (...) A UNAS não pensa no presente e não fica vivendo o passado. É sempre o projeto visando o futuro, preparando esse jovem para amanhã ser um profissional, seja na área que for, mas principalmente ser um cidadão consciente dos seus direitos, dos seus deveres (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁷⁰

A programação da rádio comunitária é inspirada na música e no espaço para o morador da comunidade. A programação musical, apesar de abrir espaço aos músicos da região, possui características de emissoras comerciais; entretanto, esta é a forma de direção da emissora que busca maior quantidade de ouvintes, proporcionando, assim, momentos de

⁷⁰ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

encontro com o morador de Heliópolis. Na estrutura física do estúdio da rádio Heliópolis FM, o espaço para a discussão de ideias no ar é relativamente inviável; nisso, a participação de ouvintes ocorre, na maioria das vezes, para mandar um recado, um beijo ou pedir uma música.

A rádio tem os seus estúdios em um formato de rádio FM em que só se fala. Eventualmente você tem contato com os ouvintes através do telefone. Mas não tem uma mesa para reunir a comunidade para conversar. Então, é uma FM mais do que tradicional (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁷¹

Eu acho que você tocar música, (...) teria que ter entre a programação musical um discurso mais elaborado. As coisas aparecem e somem, mas acho que talvez a voz entre a música poderia ter uma porcentagem maior, pois a contribuição seria bem mais significativa (VAZ FILHO, Pedro Serico. Informação verbal)⁷²

Como a estrutura da rádio segue os padrões das rádios FM, a comunicação educativa pode ser falha uma vez que a falta da conversa empregada através da programação impossibilitaria a atuação educativa da emissora, mas isso não impede que a relação entre os comunitários seja intensificada, pois a comunicação direta de uma rádio feita na comunidade para a própria comunidade fortalece os vínculos entre as pessoas que nela vivem.

2.3 O texto vinculador

Heliópolis é um bairro formado pelas camadas mais empobrecidas da sociedade paulistana: sempre conviveu com um alto índice de desemprego, com a falta de escolas e de segurança, além de outros problemas sociais. Nisso, a interação entre os moradores é importante para que eles estabeleçam vínculos entre si e se mobilizem para sanar os problemas que compartilham. A formação de uma emissora de rádio comunitária já é em si um elemento vinculador a partir do momento em que os colaboradores da emissora (locutores, colaboradores das organizações, comerciantes e moradores) estão vinculados à comunidade; todos estão vinculados a um sistema social e comunicacional que envolve aproxima os comunitários em suas mobilizações.

Comunicação orquestral, encarada não mais apenas como um ato individual, e sim como um fato cultural, uma instituição e um sistema social. Uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia relacional, mas sim, como uma orquestral ritual, eminentemente sensível e sensual (WINKIN, 1988:10).

⁷¹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

⁷² VAZ FILHO, Pedro Serico. Informações colhidas em depoimento ao autor em 30 de junho de 2010.

Em Heliópolis, como em qualquer localidade, existe um espaço simbólico definido no qual as pessoas nele inseridas tem total conhecimento – seja de necessidades comunicacionais, políticas e sanitárias como também de relacionamentos interpessoais. A rádio constitui esse ambiente, procurando criar laços entre as pessoas, mover e articular a comunidade para que as tensões do dia-a-dia se convertam em desafios e propostas na busca de melhorias.

Para a etologia o vínculo passa a ser um dos conceitos centrais, por ser o resultado de ações (inatas ou aprendidas) do ser vivo que o aproximam do outro ou reforçam e alimentam uma proximidade já existente (BASTOS *in* MARCONDES FILHO, 2009:253/354).

A comunicação realizada através da rádio comunitária busca articular e propiciar uma melhor vinculação entre pessoas. Assim a busca por um bairro educador, se faz através da conscientização da população e da união entre os comunitários. Entretanto, a rádio não atinge toda a comunidade, a ONG não consegue inserir toda a população em seus projetos sociais e muitos moradores dizem não ouvir a rádio por inúmeros motivos; enfim, há todo um processo e trabalho para que Heliópolis seja um “Bairro Educador”.

2.4 O que é Comunidade

Etimologicamente, comunidade significa “estar em comum”. Aquele que vive em uma determinada comunidade vive com pessoas em uma mesma realidade e possui interesses comuns. No caso abordado por esse estudo, a comunidade de Heliópolis é formada por pessoas que convivem em uma mesma localidade: a realidade para quem nela vive proporciona vários vínculos entre os moradores – seja o transporte para o trabalho, sejam as questões de moradia, escola, saúde, entre outras. Em comunidade, não se busca o “eu”, mas sim o “nós”: tudo é idealmente compartilhado entre os comunitários.

Em 1992 eu comecei a conhecer melhor a UNAS, mas eu queria o reconhecimento pra mim, não para nós. Era um pensamento errado, mas era como eu fui criado, sofri tanto pra criar essas coisas na escola e tudo mais, mas eles queriam o reconhecimento pra nós (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁷³

Para que a vinculação entre as pessoas se concretize na busca de melhorias para a comunidade, a organização dos moradores se faz necessária na transformação dos ideais individuais em um ideal coletivo. A partir do momento em que o ideal coletivo é posto em

⁷³ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

prática, as possíveis conquistas podem favorecer a todos os que fazem parte da comunidade. Assim, o trabalho não é de um ou outro, mas de todos: não existe o “eu”, mas sim o “nós”.

Nesse raciocínio, o empenho de cada um traduz-se em um empenho cooperativo na busca das melhorias idealizadas. Friedo Ricken na obra “O bem-viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles” diz que para Aristóteles,

Uma cooperação libertadora só poderá ser garantida quando uma comunidade servir aos interesses de todos os envolvidos (RICKEN, 2008:124).

Nos tempos atuais, o vínculo tão necessário entre as pessoas é cada vez mais difícil de existir. A sociedade do espetáculo, que propicia o individualismo e a guerra pelo poder, desestimula o trabalho coletivo e comunitário que tanto necessita o processo de identificação coletiva.

Essa identidade tende hoje a desaparecer ou se apresenta enfraquecida entre os novos condicionamentos da conjuntura social. (...) A partir do próprio conceito de comunidade, o desenvolvimento comunitário exige reflexão e redefinição dos seus velhos conceitos. Pequenos ou médios aglomerados populacionais podem ser ou não uma comunidade, podem ter, internamente, interesses opostos que implicam a existência de mais de uma comunidade em uma única área (SOUZA, 2008:18).

Para que a comunidade aconteça, é necessário que o vínculo, a partir de objetivos em comum, possa ser traçado e posto em prática a partir de regras e normas de convivência.

Toda comunidade acontece apenas por meio da justiça e só por meio dela adquire solidez. A regra da justiça é fundamentada teleologicamente pelo bem da comunidade ou pela cooperação; ela é condição necessária de toda forma de comunidade (RICKEN, 2008:122).

A partir do momento em que as pessoas vivem com as regras estabelecidas e se doam umas às outras, a comunidade se estabelece. Nela, o compartilhar e o dividir são verbos presentes não só nas palavras, mas no sentimento e, principalmente, nos acontecimentos.

A primeira vez que eu cheguei lá, (...) as pessoas que vinham da feijoada (...) e tudo o que sobrou da feijoada foi colocado numa bacia de plástico e umas pessoas estavam com fome, (...) e tinha uma única colher para 6 pessoas dividirem. (...) Ali eu percebi que as palavras comunidade e comunitário estavam presentes em todas as pessoas que entraram para trabalhar e nós que éramos visitantes entendemos as palavras comunidade e comunitário não só pela feijoada, mas pela atuação das pessoas (VAZ FILHO, Pedro Serico. Informação verbal).⁷⁴

Para que a comunidade possa atingir os objetivos traçados, a relação de amizade é o vínculo previsto entre os comunitários para que a atuação de cada indivíduo forme um todo; essa relação pode ou não acontecer.

⁷⁴ VAZ FILHO, Pedro Serico. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

O ser humano é motivado a reunir-se com outras pessoas, num intercâmbio de esforços. Ele só pode motivar as outras pessoas a colaborar na satisfação de suas necessidades na medida em que ele colabore para a satisfação da necessidade dos outros (RICKEN, 2008:123).

A relação estabelecida em pequenos grupos com união e justiça geralmente move outras pessoas para a mobilização. Conforme o trabalho é realizado, o número de pessoas em busca da cidadania aumenta⁷⁵ e o trabalho se fortalece na comunidade. A cidadania que se busca em uma comunidade empobrecida consiste na luta por melhores condições de moradia, segurança, educação, saúde, etc. Essa busca é traduzida na educação para as pessoas que ali convivem; a atuação dentro do ato de se educar vem a ser, com isso, o cerne da questão comunitária.

Quanto à importância do desenvolvimento comunitário... uma das suas perspectivas, no entanto, é definir-se como processo educativo em função da organização social da população comunitária para enfrentamento dos seus interesses e preocupações e, conseqüentemente, ampliação das suas condições de cidadania (SOUZA, 2008:16).

O trabalho comunitário é a união de várias forças em um mesmo sentido. O indivíduo não é nada sozinho: ele se fortalece no conjunto a partir de uma busca por uma realidade melhor não só para si, mas para todos. Essa modificação do pensamento individualista para um pensamento coletivo transforma o indivíduo, demonstrando uma das brechas existentes na sociedade do espetáculo.

Eu estava certo no que eu queria, mas estava errado no reconhecimento, porque eu queria só pra mim (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁷⁶

Esta cadeia de transformações promove o pensamento coletivo em cada indivíduo: o ser reconhece que a solidariedade do trabalho realizado por todos os participantes da comunidade possibilita mais resultados do que se os esforços estivessem concentrados individualmente.

Quando a gente entrou na rádio a gente pensava em divulgar nosso trabalho como DJ. A gente nem estava pensando em trabalho social, (...) na hora eu não tive essa noção de ser liderança comunitária, de trabalhar com a comunidade. Mas depois que você se envolve na rádio, você acaba se tornando referência. (...) Liderança é isso, é você lutar pelo bem da sua comunidade. Você fazer algo que seja mínimo, mas que vai contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade. Aí eu comecei a me envolver com a ONG, comecei a fazer uns cursos, a me aprimorar, a entender como

⁷⁵ “Em direito internacional cidadania diz respeito à nacionalidade: o direito de pertencer a uma nação. Para além dessa noção, cidadania incorpora a garantia de se ter: a) proteção legal – na perspectiva da igualdade, como a de que todos são iguais perante a lei; b) o direito de locomover-se – ir de um lugar para outro livremente; c) participação política – votar e ser votado, interferir na vida política; d) direito de expressão” (PERUZZO in BARBOSA, 2007:178/179).

⁷⁶ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

é esse processo de trabalho e estou até hoje (GONÇALVES, Reginaldo José. Informação verbal).⁷⁷

A cadeia de transformações em cada indivíduo, a aceitação e o vínculo estabelecido entre os cidadãos são elementos na constituição de uma educação por uma sociedade melhor.

2.5 O trabalho em comunidade

A atuação de cada indivíduo e o vínculo estabelecido entre as pessoas que vivem em comunidade possibilitam a formação de uma organização dos exercícios cotidianos e práticos em busca da cidadania. Normalmente, como em Heliópolis, o trabalho comunitário é incentivado por ONGs (Organizações não governamentais) que se caracterizam como

Organizações formais, privadas, porém com fins públicos e sem fins lucrativos, autogovernadas, objetivando realizar mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de serviços e apoio material e logístico para populações – alvos específicas ou para segmentos da sociedade civil, tendo em vista expandir o poder de participação destas com o objetivo último de desencadear transformações sociais ao nível micro (do cotidiano e/ou local) ou ao nível macro (sistêmico e/ou global) (SCHERER-WARREN, *apud* GOHN, 1997:55).

O intuito educativo das ONGs é estimular e incentivar o povo a participar de forma ativa em seus projetos e ações.

Participar é estimular-se para assumir a execução de ações previamente determinadas, assim como para assumir um conjunto de valores de modernidade, incorporando-os ao cotidiano das ações coletivas (SOUZA, 2008:16).

Nas regiões mais populares do Brasil, a carência de referências educativas, as dificuldades na realização de projetos populares e a pouca abertura para as decisões governamentais estimularam a necessidade do povo se organizar para a concretização dos próprios anseios, dividindo entre os comunitários a responsabilidade de alcançar os objetivos em comum. Para que os anseios se tornem realidade, o trabalho em grupo e a organização são necessários, pois a convivência e os desafios do dia-a-dia colaboram para que cada indivíduo sinta no outro a tensão para continuar atuando de forma espontânea. Assim:

(...) vai se articulando nas comunidades à medida que os próprios desafios da natureza e os sociais vão levando no homem a forma de procurar formas adequadas de reação a eles. Encontrar tais formas significa buscar a cooperação para a realização de ações comuns em torno dos problemas comuns que afetam a comunidade (SOUZA, 2008:28).

⁷⁷ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

Em busca de objetivos comuns, as pessoas experimentam anseios, simpatias ou crenças diferentes; com isso, na atuação comunitária, o indivíduo conhece outras formas de ver o mundo que o cerca. Embora essa diversidade possa direcionar a atuação comunitária para um lado divergente, é através do pensamento comunitário que os interesses se encontram e impulsionam a atuação de cada indivíduo no trabalho conjunto.

Comunitário é quem confere valor às relações sociais, religiosas, familiares e nacionais. Para o comunitário, a ligação não é a cadeia que o aprisiona e que limita sua liberdade, mas, ao contrário, o fio que liga aos outros e o sustenta. Comunitário é quem reconhece o seu lugar originário, assumindo-o como sua pátria; para ele não é insignificante ou fortuita a sua origem ou seu destino e suas relações... O comunitário, enfim, é aquele que confere importância ao sentir comum, aos ritos e costumes de um povo, não como uma visão sociológica ou folclórica, mas vital como podendo de referência para orientar-se (PAIVA *in* PERUZZO, 2004:64).

Através da cooperação, um encontra no outro a força para resolver os próprios problemas.

A cooperação, como um processo social buscado pelo homem em sua origem, abre caminhos para a formulação de mecanismos instrumentais que fazem dela um processo complexo também utilizado pelo homem para se defender das barreiras sociais criadas pelo próprio homem (SOUZA, 2008:22).

Nas comunidades empobrecidas, os problemas sociais podem gerar a ação comunitária que possibilita um trabalho cooperativo entre os moradores. Nisso, tal ação aborda não só os problemas estruturais que seriam de responsabilidade do Estado, mas também questões da relação de um com o outro, referentes ao indivíduo como ator social em sua comunidade. Dessa forma, a ONG se articula a parceiros que possam colaborar com o trabalho comunitário de dentro ou de fora.

Nós tivemos um grande apoio do Sérgio Gomes da Oboré, que ajudou a gente a conseguir tudo o que precisávamos: laudo técnico, cursos com a Rádioficina, etc. Então a Action Aid, grande parceira nossa, financiou a compra dos equipamentos que precisávamos e já poderíamos voltar a funcionar (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁷⁸

A gente nunca ficou pensando na Rádio Heliópolis como um campo de provas para nossas ideias. Sempre nos pusemos em uma posição aqui na Oboré de cooperar com a rádio desde que ela dissesse o que ela quer. Nos colocamos numa posição não pró-ativa no sentido de nos “meter” lá (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁷⁹

O indivíduo se fortalece com o outro e, através do interesse na comunidade, também vive as regras daquele grupo social de forma justa, colocando os interesses sociais acima dos

⁷⁸ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

⁷⁹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

interesses pessoais; afinal, a proposta não é só a realização individual, já que ela acontece dentro do grupo social.

A igualdade que mantém a amizade completa é a igualdade do valor moral dos parceiros. Não se pergunta se os parceiros são úteis um para o outro do mesmo modo, mas se o propósito de ser úteis é igual nos dois. O valor da pessoa é medido de acordo com esse propósito e não pelas possibilidades externas contingenciais que ela tem à disposição para concretizá-lo (RICKEN, 2008:141).

A atuação no trabalho comunitário envolve não só o indivíduo, mas toda a comunidade que atua na ação comunitária. Esta união de pessoas envolvidas por um mesmo propósito faz com que os resultados do trabalho educativo se materializem.

No trabalho comunitário, a união das pessoas é a veia central da questão para que os objetivos sejam atingidos de forma eficiente. Na comunidade de Heliópolis, a rádio comunitária busca realizar este trabalho educativo em busca de melhorias para a população.

2.5.1 Comunicação comunitária educativa

No contexto do trabalho comunitário, a comunicação é uma das formas de se fortalecer a relação e incentivar outras pessoas a também participarem e se envolverem nele. A existência de um meio de comunicação na comunidade permite às pessoas a divulgação de seus costumes, de sua cultura e das notícias de seu interesse. A cidadania é ampliada na participação e no envolvimento do indivíduo na troca de informação à medida que ele se sente valorizado e importante para que todo o processo aconteça.

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se *sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele (PERUZZO in BARBOSA, 2007:189).

A comunicação entre os comunitários fortalece o engajamento das pessoas; nisso, a rádio comunitária constitui o espaço para esse processo de divulgação e motivação em prol da mobilização dos comunitários.

As dimensões do engajamento na dinâmica local, conteúdo das mensagens e da participação em todas as fases do processo comunicativo, em geral, acontecem interligadas e se configuram como o *ideal* em termos de ação-edu-comunicativa no âmbito dos movimentos comunitários (PERUZZO in BARBOSA, 2007:191).

O incentivo dos meios de comunicação atuantes na comunidade possibilita o

desenvolvimento da educação e da cidadania. Neste sentido, a ação da ONG se fortalece e possibilita a concretização mais eficaz dos objetivos do trabalho.

Educação significa educar para a sociedade. É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social. É também educar para a convivência social e a cidadania, para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão (PERUZZO in BARBOSA, 2007:183).

Na rádio comunitária, o comunicador se torna um educador, pois ele tem a possibilidade de incentivar a comunidade na participação nos movimentos populares. Se a emissora comunitária apenas copiar o que já é feito nas emissoras comerciais, ela deixa de ser comunitária e perde toda sua importância social. Nisso, o comunicador é o responsável pela busca da modificação na estrutura na programação radiofônica a fim de torná-la educativa.

Kaplún definiu o comunicador educativo como responsável por atuar com ações comunicativas nos espaços educativos para produzir e desenvolver o que denominou de “ecossistemas educativos” (GOMES, 2007:61).

A comunidade se reconhece a partir do comunicador porque ele é da região e está inserido no mesmo contexto dos comunitários. Esta estrutura orquestral é presente através da interação e da troca de experiências vivenciadas que colocam em comum os anseios individuais que, na troca, se tornam anseios coletivos.

O modelo orquestral equivale, na verdade, a ver a comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a *comunhão* (WINKIN, 1988:34).

O comunicador não está de fora falando para quem é de dentro da comunidade: ele faz parte do sistema que envolve todo o discurso presente na programação da rádio comunitária. Como o comunicador participa ativamente dos movimentos, pode falar melhor da experiência neles vivida e, com isso, o ouvinte se sente mais acolhido por esse discurso.

Em sua ação concreta os referidos movimentos desenvolvem formas próprias de comunicação, como algo engendrado a partir de toda a ação social transformadora, e ao mesmo tempo, como força intrínseca e propulsora deles próprios. Nesse patamar se desenvolve, simultaneamente, todo um processo educativo, no sentido da educação informal, o que o caracteriza como um dos ambientes propícios para efetivação das relações entre comunicação e educação (PERUZZO in BARBOSA, 2007:187).

Na comunidade, a proximidade da rádio com o público ajuda na vinculação da emissora com seu público. As notícias veiculadas estão próximas da realidade vivida pelo ouvinte e, com isso, as necessidades também podem ser sanadas através de uma programação

educativa que busca melhorias para esta determinada comunidade.

2.6 O que é uma rádio comunitária

Rádio comunitária configura-se em uma pequena emissora de rádio que trabalha em função de uma determinada comunidade.

Seus objetivos são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; desenvolver práticas de educação para a recepção ativa e crítica dos meios, facilitar o processo de ensino-aprendizagem mediante o uso criativo dos meios de comunicação e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa (GOMES, 2007:62).

Através da comunicação comunitária, busca-se fazer com que os assuntos que envolvem o grupo social possam estar em diálogo constante com a comunidade, a fim de que melhorias sejam buscadas. Na comunicação comunitária, todos tem oportunidade e autonomia para exporem sua opinião; desenvolvendo o senso crítico através deste processo de troca de informação e de ideias, o indivíduo se sente ativo no processo do desenvolvimento social.

No Brasil, as rádios mais influentes na sociedade são as comerciais. Das rádios comerciais que transmitem em FM, a maioria faz da música a forma de entretenimento em grande parte da programação; das emissoras jornalísticas, desde meados da década de 1990, algumas em AM passaram a transmitir a mesma programação também em FM. As emissoras de rádio estatais, por sua vez, em São Paulo, trabalham com uma programação de qualidade que busca o desenvolvimento humano e social do ouvinte. Alguns exemplos são as rádios USP FM, Cultura FM e AM; entretanto, possuem baixa qualidade de recepção.

A atuação da emissora comunitária deve refletir os anseios da comunidade e evitar o erro de copiar o modelo de programação das rádios comerciais.

A mídia comunitária cria perspectivas de ampliação dos elementos que configuram as representações que as comunidades fazem de si mesmas, sua auto-imagem, no sentido lato da expressão (LIMA, 2006:257).

Bertold Brecht, em sua obra *Teoria do rádio (1927-1932)*, sugere às emissoras de rádio que “se preparem, diante do microfone, em lugar de resenhas mortas, entrevistas reais, nas quais os interrogados têm menos oportunidade de se inventar esmeras mentiras, como podem fazer periódicos” (BRECHT in MEDITSCH, 2005:37). Nesse sentido, a proposta inicial de uma rádio comunitária nasce para criar um canal de comunicação entre a população; um espaço para as pessoas discutirem ideias, educar, criar, desenvolver e manifestar seus

pensamentos. Seu papel é: provocar a reflexão, indagar, propor, educar, promover cultura e inovar com a comunidade, buscando dar voz a todos os moradores da região, informando e formando os cidadãos que vivem na comunidade que a rádio atua. O cidadão que mora na comunidade tem acesso à emissora fisicamente: ele entra, conversa, reclama e faz pedidos. Nisso, a rádio comunitária proporciona um espaço além das ondas sonoras porque, à medida que os comunitários utilizam do espaço físico da emissora como referência de encontro, ela se torna o ambiente de troca e, consequentemente, proporciona o ideal de Brecht.

As rádios comunitárias têm (...) responsabilidade social que procura informar para *formar* opinião pública, para *inconformar* com a situação injusta vivida pela maioria de nosso povo, para colaborar com a transformação dessa situação (VIGIL, 2004:450).

Uma rádio comunitária tenta ouvir a população com seus anseios para saber como e onde atuar. Diante das dificuldades sociais que cercam a população, o trabalho comunitário se torna um desafio não só para quem é incentivado à participação, mas também para quem incentiva e lidera os projetos da comunidade. Por outro lado, é pertinente observar que a falta de conhecimentos técnicos e educacionais para atuar em comunidade fragiliza e, ao mesmo tempo, fortifica a atuação comunitária.

A grande dificuldade em muitos meios de comunicação comunitária não é realizar, mas saber o que é o trabalho comunitário. Esta falta de conhecimento faz com que muitas das emissoras comunitárias não realizem o trabalho que lhe cabe.

Tem gente aqui na rádio que não entende o nosso papel, tem locutor que só toca música, manda abraço, toca música e assim vai. Ele é importante para a nossa comunidade? Sim, porque enquanto ele está lá, a rádio não está parada, tem alguém falando com alguém, tá levando alegria pra alguém. Mas o nosso papel é fazer com que esta pessoa tenha o entendimento do papel dela na comunidade. Que o papel dele é mais que isso na comunidade (BARBOSA, Geronino. Informação verbal)⁸⁰

Em contrapartida, muitas experiências em Heliópolis comunitárias realizam excelentes trabalhos.

Hoje a gente tem um projeto aqui que quando eu falo muita gente acha uma loucura, que é a parceria com a AMBEV para desenvolver um projeto de conscientização e prevenção contra o uso de bebida alcoólica por menores de 18 anos, e após os 18 anos o uso consciente.(...) A gente não quer falar para pessoa não beber, não quer ser o salvador. A gente sabe que esse projeto é de orientação e prevenção. Se a gente conseguir que, de dez adolescentes, dois percebam a importância de não beber antes dos 18 anos, ou a importância de beber com consciência pra nós já está valendo, porque é um tema difícil, um trabalho complicado que não existe em outro lugar. E Heliópolis é piloto, se der certo aqui vai para o Brasil inteiro (GONÇALVES,

⁸⁰ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

Dada a dificuldade financeira que assola, em alguns casos, o empreendimento, a falta de recursos impossibilita a concretização de vários projetos e os organizadores dependem do financiamento de organizações externas.

A criação de uma emissora de rádio comunitária deve ser, conforme a Lei número 9.612/98, realizada por uma instituição sem fins lucrativos e organizada por uma associação de moradores com, no mínimo, dez pessoas sem envolvimento de grupos religiosos ou partidos políticos – exatamente para evitar a interferência de interesses pessoais⁸². A emissora comunitária está ligada à comunidade e seus interesses, buscando interagir com a população, valorizando e incentivando a cultura regional, a cidadania e não deixando os interesses das emissoras comerciais mudarem os objetivos comunitários.

A lógica de um meio de comunicação comunitário ou de serviço público é muito diferente. Naturalmente essas rádios também precisam captar publicidade para poder se sustentar. Mas para elas as entradas econômicas são meios e não fins (VIGIL, 2004:449).

Em uma emissora comunitária, os objetivos são sociais, mas isso não impede que a rádio busque a audiência de um número cada vez maior de ouvintes – mantendo, claro, o alcance do sinal e a programação voltada para a comunidade conforme a exigência do Ministério das Comunicações.

Todas as emissoras – comerciais, estatais ou comunitárias – jogam no mesmo campo, que nada mais é que o ouvido do ouvinte. Com diferentes objetivos – lucrativos, promocionais ou sociais – todas as emissoras vêm-se submetidas ao mesmo processo de seleção. Quando se escuta uma, deixar-se de escutar a outra. O ouvinte não está interessado se essa emissora se define como educativa ou comercial, se pertence ao Estado ou à Igreja, se sua figura jurídica é com ou sem fins lucrativos. Está interessado nos programas. Uma vez que no *dial*, todas as rádios têm de aceitar a mesma lógica da concorrência (VIGIL, 2004:447).

A atuação social, a identidade e a programação criativa da rádio comunitária são convites para o ouvinte se fidelizar à emissora.

2.6.1 Programação de Rádio Comunitária

A programação de uma emissora de rádio comunitária está voltada aos interesses da comunidade, tendo como propósito ouvir e valorizá-la através do incentivo à cultura regional

⁸¹ GONÇALVES, Reginaldo José. Informações colhidas em depoimento ao autor em 25 de junho de 2010.

⁸² Ver Anexo 1.

e da informação à população sobre os assuntos que a cerca.

Pela participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem *sujeitos*, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores (PERUZZO in BARBOSA, 2007:190).

Nisso, a programação musical deve atender aos pedidos da população, além de valorizar músicos e movimentos musicais da região.

A programação é totalmente variada pra tentar agradar todo o mundo, o que é difícil. Se você perguntar para as pessoas vai ter gente que vai dizer que a rádio só toca forró, mas só tem um programa que toca forró. Tem outros que falam falta forró. Ouvinte é igual espectador e acha que a rádio tem que ser feita só pra ele, e não é assim (NEVES, Cláudia. Informação verbal).⁸³

A programação da rádio é bem variada: nós temos uma paraibana que faz “A Quebrada do Nordeste” ela fala de como era a vida na roça (BARBOSA, Geronino. Informação verbal).⁸⁴

Divulgar shows, festas e apresentações dos artistas locais faz parte do incentivo à participação de eventos sociais; com isso, as pessoas da comunidade se relacionarão mais, possibilitando maior força da comunidade em suas mobilizações. A programação educativa de uma emissora de rádio comunitária também é incentivada, uma vez que busca melhorar a qualidade de vida da população abordando temas como o cuidado com drogas, reciclagem e o reaproveitamento de materiais usados – tudo no sentido de favorecer a população da comunidade.

É conhecida a existência, por exemplo, de programas de rádio feitos pelos moradores de favela, em que se faz um trabalho educativo junto às crianças e jovens ensinando sobre os perigos dos consumo e do tráfico de drogas. Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais (PERUZZO in BARBOSA, 2007:190).

Peruzzo (1998:152) enfatiza que o pensamento comunicacional comunitário, hoje, gira em torno das questões da informação, educação, arte e cultura, possuindo mais espaços para o entretenimento, prestação de serviços, participação de organizações e divulgação de manifestações culturais locais.

Na programação da rádio comunitária, tudo está envolvido com a realidade da comunidade. A relação existente entre a produção da rádio e os ouvintes é muito próxima, possibilitando maior interatividade do ouvinte na programação.

Na rádio local conhecemos e nos conhecem, mandam cumprimentos para nossa comadre e nos parabenizam pelo aniversário. Podemos ligar para a emissora local

⁸³ NEVES, Cláudia. Informações colhidas em entrevista ao autor em 15 de outubro de 2009.

⁸⁴ BARBOSA, Geronino. Informações colhidas em entrevista ao autor em 30 de junho de 2010.

para pedir um disco e reclamar a falta de atenção no hospital. Na rádio das redondezas saem notícias da redondeza. Na rádio comunitária nos sentimos em comunidade, em família. Os locutores falam como nós falamos. E podemos falar de nosso jeito, por causa da intimidade (VIGIL, 2004:448).

A proximidade potencializa a participação e a colaboração do ouvinte – seja em notícias, programação musical, apoio cultural ou até mesmo na colaboração com o trabalho na emissora. Com a valorização cultural e dos interesses do indivíduo, a rádio comunitária se torna influente para atingir os objetivos educativos da emissora. Os programas de rádio podem ser, ao mesmo tempo, educativos e de entretenimento: uma qualificação não impede que outra também esteja presente durante um programa de rádio. A pessoa está se educando permanentemente, em toda a sua vida, através de situações e acontecimentos.

2.7 Programação educacional

Os programas de rádio podem entreter e também educar de alguma maneira. “Todo programa educa, pode se educar como na escola ou em casa – pode educar bem e pode educar mal (KAPLUN, 1978:20)⁸⁵. Na obra *Produção de Programas de rádio*⁸⁶, Mário Kaplun nos propõe três modelos educacionais passíveis de produção: a educação por conteúdo, por resultados ou através do processo.

O primeiro modelo educacional, a “educação por conteúdo”, consiste na educação tradicional baseada na transmissão de conhecimentos de educador para educando, na qual informação é maior que a formação. Na “educação por resultados”, algumas metas são estabelecidas e, conforme há o aprendizado, estipulam-se novas para a obtenção do resultado. No terceiro modelo, por sua vez, a educação acontece através do processo da transformação das pessoas e da sociedade, sem se preocupar tanto com o resultado da matéria a ser educada, priorizando a dialogia entre as pessoas e a sua realidade, fazendo com que elas desenvolvam suas capacidades intelectuais individualmente e sua consciência social.

Qualquer campanha com um programa claro, portanto, qualquer campanha que se encaixe realmente na realidade, que tenha por objetivo modificar a realidade, mesmo que seja em assuntos da mais modesta importância, (...) asseguraria à radiodifusão uma eficácia muito distinta, incomparavelmente mais profunda, e lhe conferiria uma importância social muito distinta da sua atual postura puramente decorativa (BRECHT in MEDITSCH, 2005:43).

⁸⁵ Tradução do autor: “*todo programa, pues, educa; solo que – lo mismo que la escuela, lo mismo que el hogar – puede educar bien o que puede educar mal.*”

⁸⁶ Tradução do autor: “*Producción de Programas de Rádio*”

O rádio pode contribuir e operar como instrumento educacional para a sociedade. É um veículo de comunicação muito simples, mas deve-se conhecer sua simplicidade para usá-lo bem. É importante que os locutores saibam o que falar e qual a mensagem a ser transmitida para então fazê-lo. “Usar bem a rádio é uma técnica e uma arte” (KAPLUN, 1978: 4)⁸⁷.

2.7.1 A educação através da rádio comunitária.

Para Roquette-Pinto, o povo brasileiro precisava ser educado não só através da educação formal: “o problema da educação no Brasil, não é questão pedagógica; é caso financeiro ou econômico” (ROQUETTE-PINTO, 1941:105). O brasileiro precisava principalmente da educação social, que consistia, no caso, em aprender a ter alguns cuidados de higiene que diminuiriam o índice de doenças, alimentação adequada, etc.

Historicamente, no Brasil, rádio e educação sempre estiveram associados. Roquette Pinto, (...) defendia a transmissão de educação e cultura pelo rádio como estratégia para reduzir os elevados índices de analfabetismo. (...) O fracasso das experiências de educação massivo-instrucional pelo rádio, evidenciado pelos baixos índices de audiência, demonstrou que esse meio não constitui um espaço para exercer a educação formal (BIANCO, 2000:23).

Nesse sentido, o locutor de uma rádio comunitária é um educador social que gera o conhecimento dos ouvintes da emissora ao possibilitar mudanças no cotidiano da comunidade. O processo de educação acontece não só dos locutores para a comunidade, mas também entre as pessoas envolvidas no trabalho da rádio comunitária através de um processo de formação, de um trabalho educativo interno para avaliar as necessidades próprias e pensar em soluções.

Paulo Freire defende que, através da “Pedagogia da Libertação”, a educação atua basicamente em três momentos: ação, reflexão e ação. O indivíduo age de determinada maneira, através de conselhos e orientação, reflete sobre suas ações e após a reflexão pode ou não mudar a forma de ação; de qualquer maneira, a segunda ação é consciente.

O rádio pode ser o meio de comunicação para incentivar a população a agir da melhor forma, não pensando só em si, mas em toda a comunidade. Agindo desta maneira, a eficácia educativa da emissora aumenta, podendo transformar o dia-a-dia da comunidade. Em uma programação educativa, a proposta é mais que ensinar coisas e transmitir conteúdos: é provocar o ouvinte para que aprenda a aprender, para que divida os problemas e aprenda a

⁸⁷ Tradução do autor: “*Usar bien la radio es una técnica y un arte*”

resolvê-los em comunidade. Não é apenas fornecer explicações sobre como solucionar, mas possibilitar que o comunitário tenha a capacidade de transformar a realidade.

Como comunicadores educativos, é importante que retenhamos esta recomendação. Elas nos dá uma pauta crucial para a formação de nossas mensagens (KAPLUN, 1998:47)⁸⁸.

Na comunicação comunitária educativa, o indivíduo é valorizado como um ser importante e atuante na sociedade, sendo incentivado a participar, refletir e agir em grupo; ao agir, ele tem suas potencialidades afloradas.

⁸⁸ Tradução do autor: “*Como comunicadores educativos, es importante que retengamos esta recomendación. Ella nos da una pauta clave para la formulación de nuestros mensajes*”

3 DESCER A CAMPO

Neste capítulo, apresento a importância do trabalho etnográfico e como ele contribui para a compreensão do contexto comunicativo/cultural no qual está inserida a rádio comunitária em foco. Nesta parte, adiciono algumas das vivências que tive em Heliópolis durante as andanças e visitas à comunidade.

3.1 Caminhar, ver e ouvir

Ao caminhar pela comunidade, ver acontecimentos e ouvir pessoas, procurei investigar os comportamentos sociais, as interações e as situações de Heliópolis que também se explicitam, além de em outros espaços, na programação da rádio comunitária. Assim, percebi processos comunicacionais orquestrados no cotidiano das pessoas e, de alguma maneira, no cotidiano da emissora. Constatei indícios do que alguns pesquisadores chamam de “comunicação orquestral”:

Uma comunicação encarada não mais e apenas como ato individual, e sim como um fato cultural, uma instituição e um sistema social. Uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia relacional, mas, sim, como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual (SAMAIN *in* WINKIN, 1988: 10).

Durante os dois anos de mestrado, fiz algumas visitas a Heliópolis em prol da realização da pesquisa de campo. Através da etnografia⁸⁹, busquei exercitar o trabalho de descer a campo: no caso, eu descii às ruas de Heliópolis e fiz alguns passeios a pé, de bicicleta e visitas à rádio comunitária para conseguir extrair o máximo de conhecimento a partir da interação entre as e com as pessoas.

Acompanhei a programação da rádio, quando possível de casa, e em outras oportunidades andando pela comunidade e ouvindo-a através de um rádio portátil. As visitas foram realizadas aleatoriamente durante a pesquisa; em duas ou três ocasiões eu me apresentei como cidadão que tinha o interesse em morar na comunidade – uma forma rápida que encontrei para justificar algumas perguntas feitas durante as conversas. Em outras visitas,

⁸⁹ Para o antropólogo belga Yves Winkin, a etnografia é “ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar *saber ver*. Em seguida uma disciplina que exige *saber estar com*, com os outros e consigo mesmo, quando você encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro e portanto que *se saiba escrever*. A arte de ver, a arte de ser, arte de escrever”(WINKIN, 1988:132).

eu me apresentei como pesquisador que realiza um estudo sobre a rádio comunitária e o ambiente educativo que ela busca proporcionar aos moradores do bairro. A minha postura foi inspirada em algumas das anotações de Winkin:

Se você quisesse sentar-se ao lado de alguém durante a sessão, deixava desfilarem os participantes à sua frente. Quando a pessoa escolhida passasse, você se levantava naturalmente e a seguia de perto, iniciando uma conversa (WINKIN, 1988: 137).

As visitas foram realizadas em diferentes momentos e lugares. Em alguns passeios, apenas caminhei e não conversei com nenhum morador; em outros, não consegui inserir na conversa as questões objetivadas neste trabalho; por outro lado, em algumas visitas inseri a questão da rádio comunitária, do convívio e das relações entre os comunitários e a emissora presente em Heliópolis. Além das visitas realizadas na própria emissora, onde as pessoas sabiam o objetivo da minha presença, ao longo da pesquisa realizei entrevistas presentes nos anexos para compará-las com as minhas impressões.

Mais tardiamente, será eventualmente preciso realizar entrevistas. A formação para o procedimento etnográfico passa primeiro pela observação, que, aliás, não deve ser necessariamente participante. (...) Num segundo momento você virá talvez a realizar entrevistas, para tentar reconstruir a percepção do lugar por meio de seus diferentes usuários profissionais ou amadores (WINKIN, 1988: 140).

Trago, a seguir, alguns relatórios e impressões obtidas em algumas das visitas realizadas no bairro e na rádio Heliópolis FM. Os relatos indicam a minha forma de ouvir e ver, bem como a minha postura, sempre limitada, diante das interações humanas que realizei ou observei. Percebi que, aos poucos, mesmo que de maneira limitada, passei a interagir com uma orquestra em movimento, isto é, com sistemas de interações sociais que estavam em andamento, nos quais, em alguns momentos, eu também estava inserido.

Usando as palavras do filósofo Martin Buber, percebi que aos poucos deixei de ter uma relação “eu-isso” com os interlocutores – isto é, eles deixaram de ser um “objeto de pesquisa” e passaram a ser interlocutores inseridos em uma relação “eu-tu”. Se, no início da pesquisa, os comunitários me tratavam como um visitante – um “objeto estranho” ou um “isso” –, durante os contatos eu passei a ser acolhido como um “tu”. Para os comunitários, a relação comigo também teve início numa relação “eu-isso” porque, nas primeiras entrevistas e andanças pela comunidade, não consegui obter informações consistentes; mas, à medida que a relação “eu-tu” passou a acontecer, não só as entrevistas, mas os próprios protagonistas da história se prontificaram a olhar para si em busca da compreensão crítica do ambiente educativo da comunidade e na emissora.

3.1.1 Primeira visita à rádio

Esta visita foi realizada no dia 13 de setembro de 2008: entrei em contato telefônico com a rádio, sendo atendido por “Filinto”. Marcamos um sábado para a visita, ele explicou o caminho e assim nos encontramos na emissora no dia e horário marcados.

Ao chegar à comunidade, tive grandes dificuldades em encontrar a sede da emissora. Caminhei por boa parte da Estrada das Lágrimas (via que dá acesso à comunidade) e perguntei às pessoas onde ficava a rádio, mas ninguém sabia me informar ao certo. Uns indicavam o endereço da UNAS, outros diziam que sabiam que a rádio tinha mudado, mas ainda não sabiam onde era exatamente o novo endereço. Consegui melhores informações quando cheguei ao endereço da UNAS; lá me informaram o caminho e cheguei rapidamente na emissora.

Uma vez lá, fui recebido pelo “Filinto”, que me apresentou a rádio e alguns colaboradores que lá estavam no momento. Conversamos sobre o dia-a-dia e a dinâmica de se trabalhar em rádio, uma vez que também atuo nesta área. Ele contou um pouco da sua atuação na rádio e na comunidade, seus projetos musicais – afinal, ele é um DJ⁹⁰ – e, finalmente, iniciamos a entrevista, relacionada entre os anexos deste trabalho.

Despedimo-nos na promessa de novas visitas. O tempo na emissora contabilizou cerca de uma hora. A conversa com “Filinto” foi muito proveitosa; como um primeiro contato pessoal, acreditei que a imagem transmitida havia sido boa.

3.1.2 Entrando em Heliópolis por São Caetano do Sul

Para saber o espaço atingido pelas ondas eletromagnéticas da emissora, realizei um passeio de bicicleta nos arredores do bairro, em posse de um rádio portátil, no dia 18 de janeiro de 2009. Liguei o rádio buscando a frequência da Heliópolis FM, que não conseguia sintonizar da Vila Prudente. Segui para a cidade de São Caetano do Sul pela Avenida Guido Aliberti a fim de me aproximar de Heliópolis e, em alguns momentos, consegui encontrar a rádio no ar. Entrei em algumas ruas até a praça da Igreja Santa Edwiges e não consegui sintonizar. Ao me aproximar do Largo São João Clímaco, localizado no alto de um morro, consegui, pela primeira vez, sintonizar a rádio com qualidade.

⁹⁰ DJ é um artista profissional que seleciona e roda as mais diferentes músicas. Seu trabalho acontece em rádios, pistas de dança de bailes, clubes, boates e danceterias.

Encostei a bicicleta e me sentei em um banco do Largo São João Clímaco ao lado de um senhor. Ele logo puxou assunto comigo: fez perguntas sobre a prática do ciclismo e disse que eu deveria sempre praticar. Comecei a perguntar se ele morava há muito tempo no bairro e se gostava. Disse que era um morador antigo, acrescentou que o bairro era gostoso, mas que já tinha sido muito violento e hoje em dia é mais calmo. Comentou que antes o problema era a favela ao lado, mas que ele já tinha se acostumado e também estava bem melhor.

Perguntei sobre o convívio com o povo da comunidade e se as pessoas de lá também circulavam pela praça na qual se localiza a Paróquia de São João Clímaco. Disse que sim; nos horários da missa vem muita gente de lá. São pessoas boas, mas o problema são os bagunceiros que fazem arruaça na madrugada. Aproveitando a deixa, falei da violência e ele disse que, hoje em dia, o bairro em questão é bom pra se morar e acabou ficando intrigado com as minhas perguntas, querendo saber por que eu estava perguntando tanto. Respondi que estava vendo um apartamento para morar lá no bairro São João Clímaco e queria saber como era o dia-a-dia da região.

Ele disse que valia a pena; já foi muito ruim, mas hoje em dia vale a pena comprar casa em São João Clímaco porque era gostoso. Então eu perguntei se ele sabia que existia uma rádio comunitária em Heliópolis e se ele já a tinha ouvido. Disse que ouviu umas vezes, mas que faz tempo; ele disse que gostava de ouvir jogo de futebol e lá não tinha, por isso não ouve. Fui mais incisivo, perguntando se ele conhecia alguém que ouvia a rádio. Ele afirmou que tem gente que gosta, mas ele não gosta muito, não.

Após conversarmos um pouco sobre futebol, despedi-me daquele senhor e voltei pra casa.

3.1.3 Caldo de mocotó

Esta visita foi realizada no dia 03 de setembro de 2009: saí da Vila Prudente, onde resido, e fui andando até chegar a Heliópolis. Entrei na comunidade pela região do Hospital Heliópolis e notei que ela estava ocupada pela Polícia Militar, que revistava várias pessoas que entravam e saíam por conta do assassinato da estudante Ana Cristina de Macedo no dia 31 de agosto de 2009. As notícias diziam que as pessoas da comunidade não queriam que a polícia entrasse na região. Em alguns acessos da comunidade, policiais revistavam algumas pessoas; eu, entretanto, não fui revistado.

Durante um passeio pela comunidade, conversei com três grupos. Entrei em um bar no qual algumas pessoas estavam jogando bilhar, fiquei observando e fui entrando na conversa deles. Lá não houve conversa nenhuma sobre a rádio ou sobre os trabalhos comunitários. Só se falava do próximo jogo da seleção brasileira de futebol.

O segundo bar no qual entrei estava bem vazio e, pó isso, consegui conversar com o dono, “Senhor” Luiz. Ele comentou que a rádio não existe mais e que era uma rádio pirata. Como – segundo o que ele ouviu falar – rádio pirata atrapalha os aviões, ela foi fechada.

No último bar, eu já estava cansado de andar. Três homens estavam no local, além do casal de proprietários. Estavam comendo; aproveitei para beber um refrigerante e conversar. Antes de fazer o pedido de uma bebida, entrou um cliente e pediu um caldo de mocotó. Assim como ele, pedi outro caldo de mocotó; a senhora que estava no balcão me atendeu e assim a conversa se iniciou. Lá obtive algumas informações de que a rádio estava fechada e que era um grupinho que fazia, mas eles não sabiam direito dos motivos pelos quais a rádio fechou. Falaram que naquela região, próximo ao Hospital Municipal de Heliópolis, a rádio não pegava e que nunca souberam de nada importante que a rádio tivesse feito.

3.1.4 Conversa com Cláudia Neves

Liguei para a rádio e, prontamente, Cláudia Neves – então coordenadora da rádio comunitária – agendou o dia 15 de outubro de 2009 para me receber. Ao chegar, ela estava a minha espera: apresentou-me a emissora e começamos a conversar. A conversa foi gravada e está disponível nos anexos deste trabalho. Cláudia Neves é jornalista e foi coordenadora de programação da rádio Heliópolis FM; atualmente, colabora como apresentadora na rádio.

Ao final da entrevista, ela pediu que eu a ajudasse a conseguir o endereço de um ouvinte da Rádio Gazeta FM para que ela pudesse ajudar uma pessoa que ligou lá na Rádio Heliópolis e precisava encontrar o pai. Peguei os dados e fui embora com a intenção de colaborar naquele contato – um serviço da rádio comunitária que poderia facilitar o encontro do ouvinte com seu pai que deveria morar na comunidade.

3.1.5 Experiência solidária

Aproveitando as caminhadas e visitas à comunidade de Heliópolis, resolvi levar até a

UNAS alguns utensílios domésticos usados e em bom estado (panelas, pratos e copos) e, dessa forma, também ter uma nova experiência ao presenciar como um cidadão seria recebido ao levar utensílios para as instituições da comunidade. Fiz o contato e, assim que cheguei no dia 16 de fevereiro de 2009 com o carro cheio de coisas, fui recebido por uma mulher que sugeriu que eu falasse com Geronino: ele poderia me indicar o lugar ideal para entregar a doação. Geronino estava na frente da UNAS e me acompanhou até a creche localizada na Estrada das Lágrimas. Chegando lá, ele me mostrou a casa, descarregamos os materiais na garagem, brinquei com algumas crianças e fui informado de que o material seria encaminhado para quem necessitasse. Fiz mais algumas brincadeiras com as crianças e fui embora.

3.1.6 Metrô Sacomã

Fui até a estação de metrô do bairro Sacomã no dia 18 de abril de 2010: atravessei a Avenida Juntas Provisórias e segui contornando a comunidade pela Avenida Almirante Delamari. Entrei em um primeiro bar, pedi um refrigerante e observei que algumas pessoas estavam jogando bilhar. Enquanto observava o jogo, um rapaz já afirmou que eu não era dali e perguntou o que eu fazia no bairro. Falei que estava interessado em me mudar para Heliópolis. Ele se chama José; falou-me que está muito bom morar lá, além da valorização das casas por conta da chegada da estação de metrô na região. Eu falei que já tinha morado no bairro Sapopemba e perguntei se a comunidade Heliópolis tinha alguma ONG. José afirmou que havia e que ela fazia várias coisas. No entanto, disse que quem saberia informar era a sua esposa, justificando que essas coisas eram mais para as mulheres e que ele não tinha tempo para esses negócios. Eu insisti, perguntando o tipo de organizações que havia na comunidade, e ele respondeu citando, em primeiro lugar, a creche que seu filho frequentava e, depois, algumas distribuições de alimentos para quem estava passando fome; mas, como ele trabalhava, não tinha muito contato com essas coisas.

No segundo bar em que entrei, conversei com dois jovens que estavam sentados na entrada. Eu fiquei em pé, próximo a eles, e pedi uma latinha de cerveja. Puxei assunto quando passou uma moça por nós; perguntei se em Heliópolis ocorriam festas, onde o povo se divertia e paquerava; um deles comentou que todo o final de semana havia alguma festa, seja num canto ou em outro, mas não entrou em detalhes. Perguntei quem organizava, se havia um povo que estava sempre envolvido. Ele falou que havia umas pessoas que até trabalham na

rádio Heliópolis FM e que sempre organizam baladas; acrescentou que as festas que eles fazem são bem legais, mas que só ia de vez em quando.

Nisso, levantei o assunto da rádio: perguntei como era, se ele ouvia e disse que eu achava muito legal a questão da comunidade ter uma rádio. Ele respondeu dizendo que gostava de ouvir o programa de *rap* que tem à noite, e que muita gente ouve a rádio. Aproveitei e perguntei se a rádio ajudava a comunidade; ele respondeu que sim e que os locutores sempre falam dos projetos sociais que acontecem na comunidade.

3.1.7 Conversa com locutores

No dia 23 de maio de 2010, eu estava me preparando para realizar as entrevistas. Peguei o telefone para contatar a rádio Heliópolis FM a fim de conversar com alguns apresentadores e dialogar com um pouco mais de profundidade.

Havia ligado várias vezes para a emissora durante a manhã de sábado, dia 22 de maio de 2010, mas ninguém atendeu. Como eu estava em casa, tentei ouvir a emissora – de lá, às vezes é possível sintonizá-la – mas não consegui. Parti, então, para a Internet e consegui ouvir a rádio. Na programação, só estava tocando uma música atrás da outra com intervalos e vinhetas; ninguém estava apresentando. Rapidamente me lembrei do dia em que a rádio foi fechada – fato que me deixou muito preocupado.

Fui trabalhar e, no final da tarde, liguei novamente. A locutora Clélia atendeu-me e disse que pela manhã estavam em uma reunião; por isso não tinha ninguém no ar. Fiquei aliviado. Marcamos uma conversa para o domingo, uma vez que o programa que ela apresenta é veiculado aos sábados e domingos.

No dia e horário marcado, cheguei à comunidade. Quando cheguei à rádio, desci da moto e observei que alguns rapazes, com uma criança de aproximadamente quatro anos de idade por perto, estavam conversando em frente à emissora. Eles pararam de conversar e ficaram olhando para mim e para minha moto. Cumprimentei-os, fui até a porta da rádio e toquei a campainha. Enquanto não era atendido, um dos rapazes que estava na frente da rádio me abordou e perguntou quem eu procurava na rádio. Disse que o povo da rádio não estava lá porque era domingo e que, se eu quisesse encontrar alguém, era melhor eu ir até a sede da UNAS. Quando falei que tinha marcado horário lá na rádio, ele levantou o braço para me abraçar e apontou o caminho que eu deveria fazer para ir até a sede da UNAS. Observei que,

na mão com a qual me indicava o caminho, o rapaz segurava um cigarro de maconha. Agi com naturalidade. Nisso, atenderam o chamado pela campainha do portão eletrônico e, de dentro da casa, perguntaram se o portão havia sido aberto. Agradei o rapaz e entrei na rádio.

Deixei a moto do lado de fora da rádio, entrei na emissora e conversei com Célia, Zefinha e Badega, locutores da rádio. As transcrições dessas conversas estão nos anexos desta dissertação. Como era um domingo à noite, despedi-me após a conversa e fui embora.

3.1.8 Primeira tentativa de entrevista com Geronino

No dia dez de junho de 2010, marquei, por telefone, uma entrevista para o dia 18 daquele mês com o coordenador da rádio – o senhor Geronino Barbosa, que esteve à frente de toda a história da rádio Heliópolis FM. Na data e horário combinados, fui até a sede da UNAS e aguardei por volta de uma hora. Enquanto aguardava, observei as pessoas que entravam e saíam, a moça que trabalha na recepção e outros que paravam para conversar com ela. Como a recepcionista estava com um rádio ligado na rádio Metropolitana FM, achei a situação curiosa: na própria sede da UNAS não estavam ouvindo a rádio Heliópolis FM.

Como Geronino não chegava, a moça da recepção da UNAS perguntou quem eu estava aguardando e entrou em contato com o entrevistado. A ligação foi encaminhada para mim e Geronino disse que não poderia me atender naquele dia porque houve um imprevisto e não poderia conceder a entrevista. Aproveitando que estava na própria sede da UNAS e que tinha visto a Presidente da ONG (Antônia Cleide Alves) no prédio, pedi para que a recepcionista me encaminhasse à Cleide para realizar uma entrevista ou, na impossibilidade, agendá-la. A moça do atendimento, muito prestativa, disse que era só subir as escadas e procurar pela Cleide; ela me atenderia prontamente.

Subi as escadas e, chegando ao andar superior, havia três salas. Nas duas primeiras, observei pessoas trabalhando, sendo que na primeira uma das moças ouvia a rádio Gazeta FM pelo computador. Na segunda sala estava tocando música eletrônica e, pelo que ouvi, não foi possível identificar a emissora. Na última sala, havia algumas pessoas conversando – entre elas, Cleide. A porta estava entreaberta e aguardei que alguém saísse da sala. Em pouco tempo, a porta se abriu e Cleide apareceu. Apresentei-me e expliquei qual era o meu trabalho e a minha intenção de entrevistá-la. Ela demonstrou interesse na pesquisa e me apresentou às outras pessoas que estavam na sala – dentre eles João Miranda. Eu o cumprimentei e

comentei sobre a importância de uma entrevista com ele também.

Quando expliquei mais detalhadamente como era o estudo e como eles poderiam colaborar, a Cleide olhou para o João e pediu para que ele explicasse para mim. Então ele disse: “Olha meu rapaz, por várias vezes os alunos vem aqui para fazer entrevistas, para falar da rádio, dos projetos, da UNAS e depois somem e a gente acaba só perdendo tempo com vocês que vem das Faculdades para estudar. Eu sei que é legal – e para nós também – mas isso faz a gente perder muito tempo e o nosso tempo é precioso. Então a gente até já pensou em cobrar para fazer essas entrevistas, porque tempo é dinheiro.”

Em um primeiro momento, fiquei assustado com esta observação; procurei explicar melhor que o meu trabalho era parte de uma pesquisa e que não faria sentido reunir apenas dados disponíveis em bibliotecas. Lembrei que estava estabelecendo um contato que poderia se reverter no retorno das informações para a equipe da emissora – através tanto do diálogo como da leitura das minhas observações. Não se tratava de apenas escrever mais uma dissertação para ficar guardada em uma faculdade.

Novamente, Cleide olhou para João e, com um olhar afirmativo, ela disse que poderiam conversar comigo – mas que não poderia ser naquele dia. Agendamos as entrevistas – tanto da Cleide como do João – para o dia 25 de junho. Quando estávamos nos despedindo Reginaldo, que eu já conhecia de algumas visitas à rádio, chegou. Cumprimentamo-nos. Expliquei a ele que agora estava na fase das entrevistas e aproveitei para agendar com ele também. Como eles estavam indo para uma reunião interna, Reginaldo disse prontamente que poderia conversar comigo no mesmo dia das entrevistas da Cleide e do João, e assim agendamos.

3.1.9 Entrevista com Reginaldo

Marquei as entrevistas com Cleide, João Miranda e Reginaldo para o dia 25 de junho na sede da UNAS. Cheguei no horário combinado. Nem a Cleide, nem o João Miranda estavam na ONG. Perguntei pela Cleide na recepção da UNAS e a recepcionista disse que ela estava numa reunião fora da UNAS. Perguntei, em seguida, pelo João Miranda e fui informado que eles estavam juntos. Então pedi para ligar para a Cleide e perguntar se poderíamos nos encontrar depois da entrevista com Reginaldo. A moça ligou e Cleide disse que teve um problema para resolver e que não pôde me ligar e desmarcar a entrevista. Assim,

remarcamos nova entrevista com Cleide e João Miranda para o dia 30 de junho.

Com as duas primeiras entrevistas desmarcadas, dirigi-me à sede da rádio e procurei pelo Reginaldo. Ele estava me aguardando e, com isso, iniciamos a entrevista, que pode ser acompanhada nos anexos desta dissertação.

Ao término da entrevista, ficamos na sala de recepção da rádio acompanhando o jogo do Brasil contra Portugal pela Copa do Mundo. Lá estavam mais dois colaboradores da rádio – Mano Zóio e *Dj Sapão* – com os quais falamos sobre futebol e o jogo em questão. No intervalo da partida, eu me despedi e fui embora. Na saída da comunidade, pela primeira vez, vi as ruas de Heliópolis vazias: só algumas pessoas andavam por lá com a camisa do Brasil em decorrência do intervalo do jogo.

3.1.10 Entrevista com Geronino

Como não obtive sucesso na realização das entrevistas com Cleide, Geronino e João Miranda no dia 25 de junho, liguei novamente para eles e consegui remarcar as entrevistas para o dia 30 de junho.

Cheguei à sede da UNAS no horário combinado e, logo que entrei, fui atendido pela recepcionista “Jose”, que me informou que a Cleide estava em uma reunião fora de Heliópolis. Perguntei pelo João Miranda e ele também não estava, mas estava na comunidade. Perguntei pelo Geronino. A recepcionista ligou para ele informou-me que poderia conceder-me a entrevista – mas teria que aguardar duas horas.

Enquanto aguardava, observei algumas cenas na comunidade. Algumas crianças estavam na quadra da UNAS jogando bola com a instrução de dois professores de Educação Física. Na rua, havia um caminhão da Prefeitura do Município de São Paulo fazendo a limpeza do esgoto. Como era bem cedo, muitas pessoas passavam indo para o trabalho ou para suas tarefas diárias. Um rapaz que atende em uma central de atendimento de financiamentos imobiliários da Caixa me perguntou quem eu estava aguardando e eu falei da Cleide, do João Miranda e do Geronino. Ele confirmou que Cleide não estava na comunidade, que João Miranda tinha ido cortar o cabelo e que Geronino normalmente não ficava na UNAS, mas que era para eu perguntar na recepção. Eu disse que já tinha falado e que Geronino viria daqui algum tempo. Então ficamos conversando.

Ele não reside em Heliópolis e estava lá para executar financiamentos imobiliários.

Disse que ultimamente muita gente estava procurando moradia no bairro porque Heliópolis está melhor, o que me permitiu logo perguntar quanto valia uma casa na região. Ele disse que há casas por volta de R\$ 60 mil e que está muito fácil para vender, uma vez que a demanda é grande. Perguntei se ele fazia parte dos projetos da UNAS e ele disse que não, mas que achava muito interessante a atuação da ONG. Disse que eles realmente trabalham em função da comunidade e que muita gente do bairro possui uma condição de vida mais estruturada por causa da UNAS. Complementou dizendo que muita gente da comunidade só consegue trabalhar fora porque fez alguns cursos na UNAS ou conseguiu vaga em creches para deixar os filhos e, com isso, ter o tempo livre para buscar oportunidades de trabalho.

Estávamos ainda conversando quando Geronino chegou. Ele cumprimentou-nos e me chamou para segui-lo na busca de um local tranquilo onde pudéssemos fazer a entrevista. Fomos até o porão da quadra da UNAS e iniciamos a entrevista, que pode ser encontrada entre os anexos deste trabalho. No meio da entrevista, fomos interrompidos por um grupo de jornalistas que estavam conhecendo a UNAS para realizar um trabalho comunitário em Heliópolis. Eles iriam falar para as pessoas da comunidade sobre a importância da atuação política das ONGs. As jornalistas se despediram e foram embora; nisso, continuamos a entrevista.

Ao término da entrevista, nos despedimos e firmamos um compromisso: eu deveria voltar de fato à comunidade para dialogar a respeito dos resultados da minha pesquisa com os colaboradores da rádio comunitária. Voltei à sede da UNAS e perguntei pelo João Miranda e pela Cleide. Ela, por telefone, remarcou a entrevista para o dia 01 de julho pela manhã.

3.1.11 Entrevista com João Miranda

No dia primeiro de julho, cheguei cedo à comunidade de Heliópolis para conseguir realizar as entrevistas com a Cleide e com o João Miranda. Encontrei os dois entrevistados saindo da UNAS. Eles se desculparam e disseram que não poderiam me atender. Como eu disse que precisava das entrevistas, mas não poderia aguardar muito tempo, ela pediu para que eu voltasse no mesmo dia no período da noite. E assim fiz.

Voltei à comunidade por volta das dezenove horas. Procurei a Cleide na sede da UNAS, mas ela não estava; perguntei pelo João Miranda e fui informado que ele já estava em casa. Um rapaz de baixa estatura, cabelo comprido e com um chapéu de palha estava me

observando. Perguntou se eu tinha ido à comunidade para participar da festa junina que estava ocorrendo no MOVA. Eu disse que precisava falar com a Cleide ou o João Miranda. Ele gentilmente mostrou a casa na qual o João Miranda mora e disse que não havia problema em entrar e chamar por ele. A casa não tem campainha; então entrei na garagem, que estava aberta, e chamei pelo João Miranda. Ao entrar, depois de passar por um veículo em ótimo estado, aguardei a chegada do João Miranda. Logo que ele chegou, disse que já estava descansando, mas iria me atender naquele horário porque via que eu estava lá insistentemente.

Fomos até a sede da UNAS e entramos numa sala vazia para realizar a entrevista. A transcrição desta conversa consta nos anexos deste trabalho. No final da entrevista, agradei e fui embora.

3.2 Breve análise das entrevistas

Durante as entrevistas realizadas, percebi como a relação se modificou de um “eu-isso” para um “eu-tu”. Alguns dos entrevistados acompanharam a pesquisa ao longo dos dois anos e, ao serem entrevistados, se entregaram às questões; em outros casos, principalmente no início da pesquisa, a confiança não havia acontecido.

No caso da entrevista realizada com Cláudia Neves, em outubro de 2009, a entrevistada era coordenadora de programação da rádio e, numa relação “eu-isso”, respondeu questões mais abrangentes, não havendo entrega. Na entrevista realizada com os apresentadores da emissora, percebi que eles me aceitaram bem; porém, senti que não possuem a consciência do poder que possuem ao se comunicar através de uma rádio comunitária. Sérgio Gomes, diretor da Oboré – apesar de não estar inserido na comunidade – foi muito importante para que a rádio fosse o que é hoje; porém, ele buscava algo na emissora:

Que Heliópolis pudesse ser uma espécie de campo de prova, de rádio minimamente organizada, que antecipasse de algum jeito o que as rádios todas poderiam ser, ao invés da gente ficar correndo atrás de cooperar, de capacitar a todas as rádios, o que seria impossível, nos não teríamos condição, não teríamos fôlego para isso (GOMES, Sérgio. Informação verbal).⁹¹

A experiência que o diretor da Oboré buscava na rádio Heliópolis FM era plausível, uma vez que ela se tornaria um exemplo de rádio comunitária. Em determinado momento, a

⁹¹ GOMES, Sérgio. Informações colhidas em depoimento ao autor em 21 de junho de 2010.

relação que acontecia deixou de acontecer, e percebi nas falas de Sérgio Gomes uma certa decepção com a emissora. Acredito que, apesar de tudo sempre ter sido explicado, a rádio voltou-se para a resolução de questões próprias ao invés de seguir no projeto de colaborar na capacitação de outras rádios comunitárias.

Na conversa com Pedro Serico Vaz Filho, jornalista e professor da Faculdade Cásper Líbero, senti que eu não deveria realizar um trabalho ligado somente às questões sentimentais.

Ao conversar com os entrevistados Reginaldo e Geronino, atuais diretores da rádio, percebi a confiança nas entrevistas. Eles acompanharam a pesquisa desde o início e se entregaram às questões: falaram de problemas, dificuldades e dos grandes desafios que possuem ao dirigir a rádio Heliópolis FM. Possuímos o acontecimento da relação “Eu-Tu”.

Os diretores da UNAS não acompanharam o processo da pesquisa e tive grandes dificuldades para entrevistá-los. Acabei desistindo da entrevista com a Cleide (presidente da UNAS) e acabei conversando com João Miranda, fundador e atual vice-presidente da ONG. Na entrevista com João Miranda, ele mais sonhou que analisou os fatos concretos.

CONSIDERAÇÕES E CONVITE PARA DIÁLOGO

No exercício da pesquisa na qual observei a interdependência entre os processos de comunicação como processos de vinculação sociocultural, as visitas ao bairro de Heliópolis se tornaram um costume para mim, e ouvir a rádio comunitária, um hábito – principalmente depois da transmissão via internet. O aprofundamento teórico, na interface entre comunicação e antropologia, possibilitou que entendesse como uma organização social pode enfrentar os desafios do cotidiano em busca de melhorias para a região.

Através das impressões que obtive na pesquisa de campo – andando a pé, de moto ou de bicicleta – consegui presenciar alguns momentos do cotidiano das pessoas que residem no bairro e/ou estão atuando na emissora. Percebi que as interações entre as pessoas são práticas sociais, algumas vezes, muito educativas – e, em outros momentos, são marcadas por tensões, conflitos ou até mesmo aparentemente pouco educativas. Como não cabe a mim avaliar como se fosse um juiz, percebi que o desenvolvimento humano ocorre justamente na tensão entre as conquistas e os limites das pessoas e seus projetos pessoais e/ou sociais. Este ambiente cheio de conquistas e desafios constitui o que denomino ambiente educativo do bairro e da gestão e programação da rádio comunitária.

Através das entrevistas realizadas, encontrei afirmações que comprovavam minhas impressões e outras que me instigaram a ouvir e olhar por outros ângulos a realidade da comunidade. Assim, trago minhas considerações sobre os desafios da rádio comunitária Heliópolis FM na medida em que ela se propõe a expressar um ambiente educativo que promove a prática da comunicação e da cidadania dos cidadãos e cidadãs do bairro.

Analisando a questão técnica, constatei que, mesmo utilizando um sinal dentro da capacidade máxima permitida pela legislação brasileira, a rádio não pode ser sintonizada em toda Heliópolis. Tal fato prejudica o incentivo à participação da comunidade nos projetos sociais. Por outro lado, como o atual espaço físico do estúdio é semelhante ao de uma emissora FM, sugiro que se instale uma mesa na qual os apresentadores possam se sentar à frente de outras pessoas, podendo conversar ao vivo sobre vários assuntos e, assim, abrir os microfones da rádio, convidando os moradores a viver o ambiente da emissora.

Na programação da emissora, verifiquei que a rádio não possui uma organização detalhada dos programas e, em muitas mudanças de um programa para o outro, os apresentadores não interagem entre eles para proporcionar um ambiente agradável aos

ouvintes. Em algumas oportunidades que estive no estúdio da emissora, a programação musical era produzida conforme os pedidos dos ouvintes e, por vezes, os locutores não sabiam se já tinham atendido determinado ouvinte. Esta aparente falta de organização pode ser um estilo de se organizar de forma criativa – passível de questionamentos – mas é assim que acontece.

Não encontrei na programação nenhuma caracterização de comerciais; sempre aparecem apoios culturais à rádio Heliópolis FM. Os anunciantes são da região – fato que reforça a característica de uma emissora comunitária. Nos intervalos da programação, a rádio constantemente veicula campanhas educativas dos órgãos governamentais e enfatiza, através de suas vinhetas e prefixos, que é uma emissora comunitária. A rádio veicula corretamente a “Voz do Brasil”, programa produzido pela RADIOBRAS. A Igreja Católica possui maior espaço na programação; porém, a rádio está aberta para que outras religiões façam programas na emissora. Nos itens citados acima, verifico que a emissora reúne características de uma rádio verdadeiramente comunitária.

Quanto às notícias veiculadas pela rádio Heliópolis FM, grande parte são de cunho geral: hora certa, tempo e temperatura, horóscopo, esportes, notícias de cidade, Brasil e mundo. Constatei que as notícias sobre os projetos sociais da UNAS não são debatidas pelos apresentadores, mas aparecem nos intervalos da programação, fato que indica, durante o período da minha pesquisa, a pouca interação dos comunicadores da emissora com os projetos sociais da ONG. Grande parte da programação é musical, o que colabora para que a rádio consiga maior vinculação com os ouvintes. Este ambiente marcado pela música poderia ser utilizado, em maior número de vezes, para convidar os comunitários para a participação nos projetos sociais da comunidade ou informar a respeito. No entanto, a maior parte dos convites de participação feitos pelos apresentadores se limita a recados e pedidos musicais.

Ainda em relação a programação da rádio, verifiquei que, ao copiar o modelo tradicional das rádios comerciais, a emissora busca mais ouvintes. Os responsáveis parecem atentos em relação ao cuidado permanente de não deixar que o modelo tradicional impere na programação e, assim, permitir que as perspectivas dos ideais comunitários permeiem a programação – fato que acontece em alguns momentos.

As emissoras comerciais representam a força da sociedade do espetáculo quando, nas suas programações, quase limitam os ouvintes a consumidores e objetos da comunicação – ou, para usar a linguagem de Martin Buber, estabelecem relação com uma coisa ou um “Isso”

e instauram uma relação “Eu-Isso”. À medida que envolve os ouvintes e os convidam a participar da vida sociocultural – tanto nas festas como nos projetos sociais –, uma emissora comunitária ensaia experiências de relações “Eu-Tu” com os ouvintes/interlocutores. Essas experiências – mesmo que marcadas por conquistas, conflitos e tensões – geram o que chamo de brechas de participação comunitária no contexto da chamada sociedade do espetáculo que envolve boa parte do contexto sociocultural brasileiro.

Uma rádio comunitária não precisa seguir os padrões das rádios comerciais; porém, como este é um mecanismo utilizado pela Heliópolis FM, esta estratégia ora permite um ambiente educativo que abre frestas na sociedade do espetáculo, ora simplesmente reproduz as características consumistas da sociedade do espetáculo. Conforme a minha observação, a rádio acerta na estratégia de programação, mas erra em ousar pouco nas campanhas educativas.

Através de entrevistas, verifiquei que os diretores da rádio Heliópolis FM e da UNAS percebem que o ideal comunitário nem sempre é viabilizado. Por isso, convidam os colaboradores da rádio – pessoas de referência no bairro – a participarem dos projetos sociais e fiquem mais atentos ao potencial cultural e político da programação. Infelizmente, não são todos os comunicadores que atendem aos convites de formação; mas, conforme os entrevistados, quando participam se sentem instigados a apostar cada vez mais da vida comunitária.

A veiculação da programação através da internet é uma proposta que, na minha avaliação, precisa ser repensada. Quais são os objetivos? Através da internet, a emissora compartilha digitalmente sua programação para internautas vinculados à Heliópolis ou com atores sociais de outras comunidades interessados em aprender como se faz rádio comunitária? Ouvindo a experiência comunitária da Heliópolis FM, os ouvintes-internautas tem acesso a informações e programas de áudio marcados por características comunitárias? São questões que podem ser pensadas.

A relação da emissora com os vários projetos externos em andamento na comunidade nem sempre está presente na programação. Trata-se de um problema que, segundo os entrevistados, é gerado pelos inúmeros desafios do dia-a-dia das pessoas e por seus problemas pessoais e/ou comunitários. Os problemas cotidianos, sempre emergenciais e inadiáveis, são citados como desculpa para o aperfeiçoamento da emissora. Sugiro que projetos que interessam ao conjunto da comunidade voltem à pauta das reuniões mensais, sendo

acompanhados de perto pela diretoria da emissora e da UNAS para que não se percam⁹².

Percebi que a diretoria atual da rádio busca melhorar as relações com colaboradores externos, tais como Oboré, Escritório de Advocacia Dom Paulo Evaristo Arns, Maestro Martinho Lutero, entre outros. Nesse contexto, a diretoria também busca conscientizar os colaboradores internos da importância dos colaboradores de fora da comunidade, uma vez que esses possuem uma leitura externa da rádio e da comunidade.

Conforme os entrevistados e o próprio Reginaldo José Gonçalves, diretor de programação da rádio, os ouvintes da emissora que frequentam o local – e, especialmente, o estúdio – sentem que o ambiente da rádio é educativo – isto é, propicia e convida ao compromisso com a transformação criativa da comunidade. Por outro lado, quem somente ouve a rádio não tem a mesma impressão, já que a programação da rádio, em muitos momentos, apenas copia o modelo das emissoras comerciais tradicionais e não ousa falar, discutir e envolver os ouvintes na participação comunitária. Nesse sentido, sugiro que a direção da emissora discuta e problematize, através de e com os apresentadores, a importância do trabalho de comunicador social para que eles expressem, dentro do possível, a postura educativa e sócio-transformadora de uma rádio comunitária.

Através das caminhadas por Heliópolis – relatadas no terceiro capítulo desta dissertação – observei que quem ouve a emissora praticamente não a distingue de uma emissora comercial – e nem sempre percebe que sintonizou uma emissora comunitária.

Por outro lado, a pesquisa indica que a rádio é um dos projetos da organização não-governamental denominada UNAS – mas ela não é a ONG. Para muitas pessoas, a rádio propicia um primeiro encontro com a ONG que, através do incentivo, chama o cidadão à participação comunitária em diferentes projetos socioculturais.

Os ouvintes e locutores que participam dos projetos e vivem alguns aspectos da vida comunitária, em seus acertos e contradições, manifestam muito prazer em colaborar não só consigo mesmos, mas com toda a comunidade. “Esse fato indica que os cidadãos que interagem com a comunidade assumem a postura de ‘tu’ na relação proposta por Martin Buber.

Nos processos de participação nas dinâmicas socioculturais, em muitos momentos os indivíduos se tornam capazes de modificar a realidade e, dentro do possível, enfraquecer a

⁹² O estreitamento das relações possibilita que aconteça a “totalidade” a qual Buber se refere em sua filosofia. Para Martin Buber “totalidade” quer dizer ter uma relação “eu-tu” em todas as esferas: com os homens, a natureza e os seres espirituais.

sociedade do espetáculo. Se, em muitos momentos, a rádio trata o ouvinte como um “isso”, à medida que incentiva o envolvimento cidadão, ela proporciona uma relação “Eu-Tu” com o ouvinte aberto à participação. Esses processos comunicativos socioculturais permitem que Heliópolis, em seus acertos e tensões, funcione como um ambiente educativo, um “bairro educador”.

Apesar da rádio Heliópolis FM estar à frente de outras emissoras comunitárias na questão da legalização e ser um marco na história das emissoras comunitárias em São Paulo, observo que a rádio tem vários problemas internos que devem ser enfrentados antes da emissora se prontificar a ajudar outras rádios mais jovens. Não adianta querer ajudar outras emissoras, utilizando-se do próprio exemplo, se a emissora tem dificuldades em atuar com uma perspectiva comunitária.

Por outro lado, observo que a tensão entre o ideal e o concreto na perspectiva comunitária também é educativa: trata-se de um aprendizado diário em fazer e desfazer que modifica o ser humano de dentro para fora, um processo de comunicação e de não-comunicação que acontece em muitos momentos.

O ambiente em Heliópolis é poroso na tensão entre o ideal e prática cotidiana. Ora os cidadãos pensam em cidadania e políticas públicas, ora se expressam como acostumados à prática comunicativa da sociedade do espetáculo. Cabe à diretoria da ONG e da emissora trabalhar para melhorar a formação dos colaboradores da rádio e, então, buscar maior participação da comunidade nos projetos sociais.

Nesse contexto, observo que, em certos momentos, a rádio permite que vários protagonistas se relacionem como “Eu-Tu” e vivenciem a experiência comunitária como ambiente educativo; em outros, se limitam à relação “Eu-Isso”. A mudança em um trabalho social, como em Heliópolis, é lenta e não pode ser analisada com resultados concretos de forma cartesiana, mas sim a partir de mudanças que ora acontecem, ora não. A rádio gera ambientes educativos em determinados momentos sem dia e hora marcados e enfrenta desafios diários à medida que proporciona e/ou explicita um ambiente educativo da comunidade.

Este trabalho, que exigiu tempo para ouvir os protagonistas comprometidos com a comunidade e com a emissora, é o início de um diálogo. Deverá proporcionar, dentro das minhas expectativas, uma boa conversa com a comunidade, com os diretores da emissora e com os colaboradores e os diretores da UNAS; à medida que expõe minhas escutas e

análises, ele pretende ajudar os protagonistas a aperfeiçoarem os objetivos e a programação da emissora.

Se esta pesquisa ajudar a repensar a missão básica da rádio como ambiente de comunicação dos cidadãos envolvidos ou convocados à participação sociocultural na comunidade, terá cumprido seu papel. Não será apenas um volume impresso, mas também um convite ao diálogo e aperfeiçoamento das práticas comunitárias em benefício de todos os moradores de Heliópolis e/ou de outras comunidades similares.

REFERÊNCIAS

a) Bibliografia

ANRIOTTI, Cristiane. **O Movimento das Rádios Livres e Comunitárias e a Democratização dos Meios de Comunicação no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BAITELLO, Norval Júnior. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBOSA, Marinalva. O sonho intenso. In: **Coleção Verde-Amarela**. São Paulo: Intercom, v. 1, 2007.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética. **Nexos – Revista de Estudos de Educação e Comunicação**. São Paulo, 1997. p. 19-38.

BIANCO, Nélia R. del. **Rádio a serviço da comunidade**. São Paulo: Moderna, 2000.

BORTOLIERO, Simone. Mário Kaplún: a recepção como cidadania na América Latina. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1996.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo. CORTEZ & MORAES. 1979.

_____. **Sobre a Comunidade**. São Paulo. PERSPECTIVA. 1987.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CÂNDIDO, Geraldo. **Como Montar Rádios Comunitárias e Legislação Completa**. Brasília: ed. Coletivo Nacional Petista de Comunicação, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA, Henrique. **Rádios Comunitárias: Estado é lerdo para definir autorizações**.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

DETONI, Márcia. **Radiodifusão comunitária: baixa potência, grandes mudanças?** Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Comunicação da Universidade de São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1983. 18ª. ed.

_____ **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____ **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 31ª. ed.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **Na Boca do Rádio: o radialista e as políticas públicas**. São Paulo: Hucitec, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1997.

HERMANN, Nadja. **Validade em educação: intuições e problemas na recepção de Habermas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

KAPLUN, Mario. **Producción de Programas de Radio, el guion – la realizacion**. México, CROMOCOLOR, CIESPAL, 1978.

_____. **Una pedagogia de la comunicación.** Madri: Ediciones de La Torre, 1998

LASCH, Cristopher. **O Mínimo Eu.** Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.

LIMA, Rafaela Pereira (org.). **MÍDIAS COMUNITÁRIAS, juventude e cidadania – 2ed. Revista e atualizada.** Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem comunitária, 2006.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Política de Radiodifusão Comunitária: Exclusão como estratégia de contra-reforma.** Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2005.

LUZ, Dioclécio. **Rádios Comunitárias na Intenção de Mudar o Mundo.** Brasília: Independente, 2004.

_____. **Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo.** Brasília: Independente, 2004.

_____. **Rádios Comunitárias: a arte de pensar e fazer.** Brasília: Independente, 2007.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica – a experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: introdução à filosofia compreensiva.** Rio Grande do Sul: Sulina, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINEZ, Paulo. **Política, Ciência, Vivência e Trapaça.** São Paulo: Moderna, 1990.

MEDINA, Cremilda. ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. **Revista USP**. São Paulo: USP, CCS, v.56, 2003.

MEDITISCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: Textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, José Marques. **Educomídia alcança a cidadania**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e Cidade, vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. DIOONÉ, Iraci Maria. **Comunicação e Política: a ação conjunta das ONGs**. São Paulo: Paulinas, 1995.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

OTTMANN, Goetz. Habermas e a esfera pública no Brasil: considerações conceituais. **Revista Novos Estudos**. 2004.

PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade e os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2007.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **VOZES CIDADÃS: Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

_____. **Comunicação no Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento.** In PAIVA, 2007.

RICKEN, Friedo. **O Bem-viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles.** São Paulo: Loyola, 2008.

ROMERO, Pedro. **Comunicação e Vida em Comunitária.** São Paulo: Loyola, 2002.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Ensaio Brasileiro.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados.** São Paulo: Paulinas, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000.

_____. **Espaço e Sociedade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. **O país distorcido.** São Paulo: Publifolha, 2002.

_____ ; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2006.

SILVEIRA, Paulo Fernando. **Rádios Comunitárias.** Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação.** São Paulo: Cortez. 2008. p.16.

SPÓSITO, Roberto. **Nihilismo e Comunidade.** In: PAIVA, Raquel. **O Retorno da**

Comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 15-30.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1988.

b) Sites consultados:

ANATEL. **ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações.** Disponível em: www.anatel.gov.br

GASPAR, Júlia. **Rádio Comunitária Depende de Padrinho.** Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=330IPB004>. Acessado em 13/03/2006.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Ministério das Comunicações.** Disponível em: www.mc.gov.br

OBORÉ: www.obore.com.br

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Observatório da Imprensa.** Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=495IPB005>. Acessado em 21/09/2008.

Secretaria de Habitação do Município de São Paulo. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/portalmmsp/do/orgaos?op=instituicaoForm¶m=822&unidadeForm=false&mostraUnidades=false&filter=0&orderBy=0&coEstruturaPaiVertical=91>

Favelization. Disponível em: <http://www.favelization.com/2009/05/06-sintese-de-heliopolis.html>

UNAS. Disponível em: www.unas.org.br

ANEXOS

ANEXO 1 - DA RADIODIFUSÃO

INTRODUÇÃO:

As radiofrequências usadas na radiodifusão e nos demais serviços de telecomunicações são um bem escasso e de capital importância para os povos porque, a sua utilização, permite a ‘comunicação’ entre pessoas e máquinas eletrônicas, sendo inimaginável, no estágio atual de nossa civilização, a convivência envolvendo seres humanos, sem a sua presença em todos os minutos da vida moderna.

Por serem limitadas e compartilhadas por todas as nações deste planeta elas necessitam de uma administração centralizada e rigorosa, não somente por parte das Administrações (países), mas, especialmente, por um organismo de âmbito mundial, capaz de executar a coordenação internacional do bem em apreço, no que diz respeito a sua distribuição e utilização, de sorte a permitir seu uso ordenado e pacífico por todos os usuários.

A administração e coordenação nacional são feitas, desde o final do ano de 1997, pela Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL, o órgão regulador das telecomunicações do Brasil que substituiu o Ministério das Comunicações nos fóruns internacionais e que também organiza a exploração dos serviços de telecomunicações no País e elabora, administra e mantém os Planos Básicos de Distribuição de Canais (radiofrequências), conforme previsto na Lei Geral de Telecomunicações – LGT, de nº 9.472, de 17 de julho de 1997.

No âmbito internacional a administração e coordenação das radiofrequências são da competência da União Internacional das Telecomunicações (UIT) que é a mais antiga organização internacional governamental, tendo sido criada em 1865, e a maior organização mundial de telecomunicações, sendo desde 1947 uma agência especializada das Nações Unidas.

Os objetivos fundamentais da UIT são em termos gerais: a promoção das relações pacíficas e da cooperação internacional entre os povos, bem como o seu desenvolvimento econômico e social, através do aperfeiçoamento e do emprego racional das telecomunicações de todas as espécies; mais especificamente: **(i)** a regulamentação das telecomunicações a nível mundial; **(ii)** a gestão do espectro e da órbita geoestacionária; **(iii)** o estabelecimento de normas de exploração de equipamentos e sistemas; **(iv)** a coordenação dos dados necessários à planificação e à exploração de serviços de telecomunicações; e, **(v)** no seio do sistema das Nações Unidas, o desenvolvimento das telecomunicações e das infra-estruturas conexas.

Presentemente (2007), a UIT é composta por 189 Estados Membros e mais de 600 entidades com interesses no setor das telecomunicações, desde operadores a fabricantes, na qualidade de Membros dos Setores.

As línguas oficiais da União são: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo.

O órgão máximo da UIT é a Conferência de Plenipotenciários (PP) que, de 4 em 4 anos, reúne os mais altos representantes dos Estados Membros, para discutir questões de política geral, planeamento estratégico e gestão da organização a longo prazo

O Setor das Radiocomunicações (UIT-R) visa implementar os objetivos da União em termos de radiocomunicações, nomeadamente assegurar a utilização racional, equitativa, eficaz e económica do espectro radioelétrico por todos os serviços de radiocomunicações, incluindo os que utilizam a órbita dos satélites geo-estacionários.

O Setor da Normalização das Telecomunicações (UIT-T) tem por fim implementar os objetivos da União em termos de normalização, tratando questões técnicas, de exploração e de tarifação sobre as quais adota recomendações, tendo em vista a normalização das telecomunicações à escala mundial.

SERVIÇOS DE RADIODIFUSÃO

I - CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Código Brasileiro de Telecomunicações - CBT, aprovado pela Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1967, estabeleceu que os serviços de telecomunicações, em todo o território do País, inclusive águas territoriais e espaço aéreo, obedeceriam aos *“preceitos desta lei e aos regulamentos baixados para a sua execução e, ao mesmo tempo, classificou os serviços de telecomunicações, quanto aos fins a que se destinam, como: a) serviço público; b) serviço público restrito; c) serviço limitado; d) serviço de radiodifusão; e) serviço de radioamador e f) serviço especial”*.

Os Serviços de Telecomunicações e de Radiodifusão, no Brasil, têm ordenamento jurídico próprio, com suporte na Constituição Federal, que os define tal como ‘serviços públicos’.

O texto original da Constituição, promulgado em 1988, dava tratamento único aos serviços de telecomunicações e de radiodifusão, sendo estes considerados parte daqueles na definição constitucional (alínea “a”, inciso XII do art. 21).

Entretanto, no ano de 1995, com a edição da Emenda Constitucional nº 8, objetivando permitir a privatização dos serviços de telefonia e dos de transmissão de dados, explorados pela ‘Telecomunicações Brasileiras S.A – TELEBRAS’ e pela ‘Empresa Brasileira de Telecomunicações – EMBRATEL’, promoveu-se a reorganização dos serviços, distinguindo os serviços de telecomunicações dos serviços de radiodifusão, estabelecendo-se também, no novo texto constitucional, que seria criado um órgão regulador dos serviços de telecomunicações.

Em razão dessa Emenda, foi editada a Lei nº 9.472, de 1997, (Lei Geral de Telecomunicações - LGT) que passou a disciplinar os serviços de telecomunicações e que criou, igualmente, o órgão regulador previsto, sob a denominação de Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL. Assim, os serviços de telecomunicações, excetuados os de radiodifusão ficaram, daí por diante, a cargo da citada Agência.

Todavia, os serviços de radiodifusão permaneceram sob a administração do Poder Executivo, representado pelo Ministério das Comunicações e sob a égide da Lei nº 4.117, de

1962 (Código Brasileiro de Telecomunicações - CBT)

De acordo com a Lei nº 4.117/62 (CBT) - Radiodifusão é um serviço *“destinado a ser recebido direta e livremente pelo público em geral, compreendendo a radiodifusão sonora (popularmente conhecido como ‘rádio’) e a televisão (mais conhecida pela abreviatura ‘TV’)”*.

A definição indica que os serviços de radiodifusão: (a) sonora (rádio) e (b) de televisão (de sons e imagens - TV), estão disponíveis a qualquer pessoa do povo, livre e gratuitamente, bastando, para recebê-los, que o interessado adquira, em lojas especializadas, os aparelhos próprios à sua recepção, para utilização em residências, carros ou mesmo à mão (equipamentos portáteis), sem ter que pagar pelo acesso à programação.

É importante frisar que os serviços de radiodifusão, como definidos na Constituição Federal, têm por fundamento filosófico a finalidade educativa e cultural, a promoção da cultura nacional e regional e o estímulo à produção independente que objetive sua divulgação, a regionalização da produção cultural, artística e jornalística e o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, sendo permitida a exploração comercial deles/desses serviços, na medida em que não prejudique esse interesse e aquela finalidade.

O texto original da Constituição Federal de 1988 estabelecia no art. 21, incisos, XI e XII que, compete à União:

XI – explorar, diretamente ou mediante concessão a empresas sob controle acionário estatal, os serviços telefônicos, telegráficos, de transmissão de dados e demais serviços públicos de telecomunicações, assegurada a prestação de serviços de informações por entidades de direito privado através de rede pública de telecomunicações explorada pela União:

XII – explorar, diretamente ou mediante autorização, concessão ou permissão:

a) – os serviços de radiodifusão sonora, de sons e imagens e demais serviços de telecomunicações;

- os serviços e instalações de energia elétrica.

O teor do inciso XI acima transcrito e destacado indica que o serviço telefônico seria prestado, na modalidade de concessão, por empresas sob o controle acionário estatal. A empresa estatal era a TELEBRAS. O texto diz ainda que os serviços de transmissão de dados e demais serviços de telecomunicações seriam prestados, também, por empresa controlada pela União que, no caso, era a EMBRATEL.

Já o inciso XII conferia à União, não só o direito de explorar, diretamente, o serviço de radiodifusão e demais serviços de telecomunicações, neles incluídos o serviço limitado, o especial e outros como também permitia à União outorgar concessão, permissão ou autorização a entidades de direito público estadual e municipal e às privadas para que elas explorassem tais serviços.

Esse permissivo constitucional constava igualmente de Constituições anteriores, incluindo a que vigorava em 1962, data da edição da Lei 4.117/62 e de seu regulamento (Decreto nº 52.026, de 20 de maio de 1963), assim como do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão (Decreto nº 52.795, de 63).

Segundo o disposto na Lei 4.117/62 e no Regulamento dos Serviços, “é atribuição do Presidente da República a outorga da concessão ou autorização para os serviços de televisão e de serviços de radiodifusão sonora regional e nacional” e, do CONTEL (Conselho Nacional de Telecomunicações, substituído pelo Ministério das Comunicações), “a outorga da permissão para a execução do serviço de radiodifusão sonora local, assim como dos serviços público restrito, limitado, de radioamador e especial” (cf. § 5º do art. 33 e § 1º do art. 34 da Lei citada c/c art. 6º do mencionado Regulamento).

Assim, as outorgas para a execução dos serviços de radiodifusão de sons e imagens (TV) e as de radiodifusão sonora em ondas curtas (OC); em ondas tropicais (OT) e ondas médias (de âmbito nacional - OM-N, assim consideradas as que operam com potência acima de 10 kW) e as de (âmbito regional - OM-R com potência entre 1 e 10 kW, inclusive) são conferidas via concessão pelo Presidente da República.

As outorgas para a execução do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias locais (OM-L potência de 100, 250 ou 500 Watts) e as de frequência modulada (FM) são conferidas por meio de permissão, via Portaria do Ministro de Estado das Comunicações.

A partir da década de 1980, o Ministério das Comunicações estabeleceu que as outorgas para a execução dos serviços sob consideração, por parte das pessoas jurídicas de direito público interno (dos Estados e Municípios), seriam feitas mediante ‘autorização’.

O serviço de Radiodifusão Comunitária – RadCom também é outorgado por meio de autorização, como previsto no art. 10 da Lei nº 9.612/98.

II - O CARÁTER DO SERVIÇO E OS PRAZOS DAS OUTORGAS

A outorga para a prestação dos serviços de Radiodifusão é conferida em caráter comercial (qualquer que seja o tipo: TV, OM, OT, OC e FM), educativo (TV, FM e OM) ou comunitário, sendo que neste caso a área de cobertura da estação tem de atender, apenas, a determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

As outorgas são conferidas pelo prazo de 15 (quinze) anos, no caso de TV e, de 10 (dez) anos, se radiodifusão sonora – rádio. Esses prazos são prorrogáveis por iguais períodos, tantas vezes quantas forem de interesse das entidades outorgadas desde que cumpridas certas determinações legais.

III - OUTORGA DOS SERVIÇOS

Serviço em caráter comercial: a outorga depende de procedimento de licitação, com base na Lei nº 8.666/93, como está indicado no art. 1º do Regulamento do Serviço, aprovado pelo Decreto nº 52.795/93, com a redação do Decreto nº 2.108/96.

São competentes para a execução de serviços de radiodifusão comercial: **a)** a União; **b)** os Estados, Territórios e Municípios; **c)** as Universidades brasileiras; **d)** as Fundações constituídas no Brasil cujos estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações; **e)** as sociedades nacionais por ações nominativas ou por cotas de responsabilidade limitada, desde que subscritas, as ações ou cotas, por brasileiros natos, observadas as disposições da Lei nº 10.610, de 2002, adiante transcritas.

Serviço em caráter educativo: não há procedimento específico estabelecido na legislação, sendo observada a precedência do pedido, ou seja, a ordem de sua entrada no Protocolo no Ministério das Comunicações.

Pedem executar o serviço educativo: **a)** a União; **b)** os Estados, Territórios e Municípios; **c)** as Universidades brasileiras e **d)** as Fundações constituídas no Brasil cujos estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações.

Na forma da lei, o serviço de radiodifusão educativa “não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos.” (Parágrafo único do art. 13 do Decreto-lei nº 236, de 1967).

Serviço de radiodifusão comunitária – RadCom: São competentes para executar o serviço de RadCom: **a)** as fundações e **b)** as associações comunitárias sem fins lucrativos, sediadas na área da comunidade a ser servida pela estação e cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos.

A autorização para a exploração do referido serviço é concedida segundo as seguintes regras: recebida a petição do interessado, indicando a área de prestação do serviço, o Ministério analisa a viabilidade técnica da pretensão e publica comunicado de habilitação, assim como promoverá sua mais ampla divulgação para que as entidades interessadas se inscrevam.

Se apenas uma entidade se habilitar para a prestação do serviço e estando regular a documentação apresentada, o Ministério outorgará a autorização à postulante.

Havendo mais de uma entidade habilitada, o Ministério promoverá o entendimento entre elas, objetivando que se associem.

Não sendo possível a associação dos interessados, o Ministério procederá à escolha da entidade levando em consideração o critério da representatividade, evidenciada por meio de manifestações de apoio encaminhadas por membros da comunidade a ser atendida e/ou por associações que a representem.

As prestadoras de RadCom poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural, para os programas a serem transmitidos, desde que restritos a estabelecimentos situados na área da comunidade atendida.

Cabe ressaltar que Emenda Constitucional nº 36/2002 abriu o capital das empresas jornalísticas e de radiodifusão ao capital estrangeiro e introduziu a definição de “Serviço de Comunicação Social Eletrônica”. Em decorrência dessa Emenda, foi editada a Lei nº 10.610, de 20 de dezembro de 2002 (conhecida como Lei do capital estrangeiro) que no seu art. 2º e no § 1º deste, estabeleceu o seguinte:

“Art. 2º A participação de estrangeiros ou de brasileiros naturalizados há menos de

dez anos no capital social de empresas jornalísticas e de radiodifusão não poderá exceder a trinta por cento do capital total e do capital votante dessas empresas e somente se dará de forma indireta, por intermédio de pessoa jurídica constituída sob as leis brasileiras e que tenha sede no País”.

§ 1º As empresas efetivamente controladas, mediante encadeamento de outras empresas ou por qualquer outro meio indireto, por estrangeiros ou por brasileiros naturalizados a menos de dez anos não poderão ter participação total superior a trinta por cento no capital social, total e votante, das empresas jornalísticas e de radiodifusão”.

No entanto, as disposições acima citadas (limite de capital estrangeiro) não se aplicam a RadCom, em razão dos tipos de entidade que podem executar o serviço nessa modalidade (somente fundações e associações).

Só os brasileiros natos poderão exercer, nas entidades executantes de serviço de radiodifusão, os cargos e funções de direção, gerência, chefia, de assessoramento e assistência administrativa e intelectual (considerar as disposições do art. 222 da Constituição e Lei nº 10.610, de 2002).

IV - LIMITES PARA A CONCESSÃO DE OUTORGAS PARA A EXPLORAÇÃO DOS SERVIÇOS

Em se tratando dos serviços prestados em caráter comercial ou educativo, os limites de outorgas que uma entidade, seus sócios (quando for o caso), assim como seus administradores poderão deter, encontram-se fixados no art. 12 do Decreto-lei nº 236, de 1967 que complementou e modificou a Lei 4.117/62, como segue:

“Art. 12. Cada entidade só poderá ter concessão ou permissão para executar serviço de radiodifusão, em todo o país, dentro dos seguintes limites:

1 – Estações radiodifusoras de som:

a) locais:

ondas médias – 4 (com potência de 100, 250 ou 500 Watts)

frequência modulada – 6

b) regionais:

ondas médias – 3 (com potência entre 1 e 10 kW, inclusive)

ondas tropicais – 3

sendo no máximo 2 por Estado

c) nacionais

ondas médias – 2 (com potência acima de 10 kW)

ondas curtas – 2

2) Estações radiodifusoras de som e imagem – 10 em todo o território nacional,

Sendo, no máximo, 5 em VHF e 2 por Estado.”

Em se tratando de RadCom, o art. 10 da Lei nº 9.612/98 estabelece que, a cada entidade, será outorgada apenas uma autorização para explorar o Serviço de Radiodifusão Comunitária.

As concessões, permissões e autorizações para a prestação dos serviços, tanto as de natureza ‘comercial’ quanto ‘educativa’, poderão ser transferidas para outras entidades, operação que se denomina “transferência direta da outorga”, ou para outros sócios, num percentual correspondente à alienação do controle societário, operação conhecida como “transferência indireta”, observadas as restrições impostas pela Constituição Federal, pelo CBT, pelo Regulamento do serviço e pela Lei do Capital Estrangeiro.

Já no caso da RadCom, segundo o preceito contido no art. 12 da Lei de Regência do Serviço, é vedada, a qualquer título, a transferência das autorizações conferidas para a sua exploração.

V - FUNCIONAMENTO DAS EMISSORAS COMERCIAIS E EDUCATIVAS

Publicado o Decreto Legislativo aprovando/que aprovou o ato de outorga do interessado (Decreto Presidencial ou Portaria Ministerial), segue-se a assinatura do contrato de concessão ou de adesão a ser firmado entre o Ministério, representando a União e a entidade outorgada. A partir daí a entidade deve solicitar ao Ministério a aprovação dos locais de instalação da emissora, assim como dos equipamentos a serem utilizados, de conformidade com o projeto técnico apresentado, com a observância, entre outras questões, das características especificadas no Plano Básico do serviço outorgado, devendo a Agência

Nacional de Telecomunicações - ANATEL autorizar o uso da correspondente radiofrequência.

Nenhuma estação pode entrar em funcionamento com equipamentos sem certificação e sem estar devidamente licenciada pelo Ministério.

VI - LICENCIAMENTO DE RADCOM E AUTORIZAÇÃO PARA OPERAÇÃO EM CARÁTER PROVISÓRIO

Verifica-se, neste particular, mais uma peculiaridade contida na legislação que rege o serviço de radiodifusão comunitária.

Enviada a documentação referente à autorização para a execução do serviço de RadCom ao Congresso Nacional e, decorrido o prazo de 90 (noventa) dias sem deliberação do ato de autorização pelo Poder Legislativo, de conformidade com o disposto no art. 19 da Medida Provisória nº 2.216/37, de 2001, que mantém alterado o parágrafo único do art. 2º da Lei 9.612, de 1998, será expedida a Autorização de Operação em caráter provisório, caso a entidade autorizada solicite a sua emissão.

Diante da solicitação da interessada, a Secretaria de Serviço de Comunicação Eletrônica do Ministério das Comunicações, por seu departamento encarregado, encaminha à entidade o “Termo de Operação” acompanhado de ofício solicitando a indicação do horário de funcionamento da emissora. Devolvido o Termo ao departamento, será expedido ofício à ANATEL para que ela faça a indicação e a liberação da radiofrequência “provisória” a ser utilizada.

A “Licença Provisória” terá validade até a deliberação do ato de autorização pelo Congresso Nacional.

VII - EXPEDIÇÃO DE LICENÇA DEFINITIVA

Após a publicação de Decreto Legislativo aprovando a Portaria de Autorização para a execução do serviço RadCom, o departamento competente do Ministério, repetirá todo o procedimento já descrito no item anterior, até o licenciamento definitivo da emissora. A Licença definitiva valerá por 10 (dez) anos, coincidentes com o prazo de vigência da autorização para a exploração do serviço de RadCom.

VIII - PLANOS BÁSICOS DE DISTRIBUIÇÃO DE CANAIS

Para a melhor administração do espectro radioelétrico, o Ministério das Comunicações implantou, nos anos 70, os chamados Planos Básicos de Distribuição de Canais dos Serviços de Radiodifusão, bem como dos ancilares ao de TV, esses dois últimos conhecidos como Serviço de Repetição de TV (RpTV) e o Serviço de Retransmissão de TV (RTV) os quais ficaram submetidos à Agência Nacional de Telecomunicações, como constou do art. 211 da LGT, denominados correntemente como:

Plano Básico de Distribuição de Canais de Onda Média – PBOM.

Plano Básico de Distribuição de Canais de Onda Tropical – PBOT.

Plano Básico de Distribuição de Canais de Onda Curta – PBOC.

Plano Básico de Distribuição de Canais de Frequência Modulada – PBFM.

Plano Básico de Distribuição de Canais de Televisão – PBTv.

Plano Básico de Distribuição de Canais de Retransmissão de Televisão - PBRTv.

A inclusão de novos canais nos respectivos Planos Básicos poderá ser efetuada por interesse da União que, mediante ato da ANATEL, promoverá diretamente a inclusão de canal para determinada localidade ou por provocação do particular, considerado sempre o interesse público.

O particular, interessado na inclusão de canal em determinado Plano para uma dada localidade, deverá encaminhar à ANATEL projeto de viabilidade técnica, elaborado por engenheiro habilitado, fazendo-o acompanhar, ainda, do levantamento socioeconômico da região pretendida. O projeto será analisado pela Agência que, considerando-o viável, submeterá a proposta de inclusão à Consulta Pública, por intermédio do Diário Oficial da União. Somente depois da análise dos comentários recebidos, assim como da constatação da conveniência e do interesse público é que o canal será incluído no Plano Básico pretendido.

ANEXO 2 – DA RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA

Lei N. 9.612/98 – Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências.

Art. 1.º – Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operadora em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

§ 1.º Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado à comunidade, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.

§ 2.º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

Art. 2.º O Serviço de Radiodifusão Comunitária obedecerá aos preceitos desta Lei e, no que couber, aos mandamentos da Lei n. 4.117, de 27 de agosto de 1962, modificada pelo Decreto-Lei n.236, de 28 de fevereiro de 1967, e demais disposições legais.

Parágrafo único. O serviço de Radiodifusão Comunitária obedecerá ao disposto no art. 223 da Constituição Federal.

Art. 3.º O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

- I – dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II – oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- III – prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV – contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V – permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.

Art. 4.º As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária atenderão, em sua programação, aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade;

II – promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida;

III – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida;

IV – não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social nas relações comunitárias.

§ 1.º É vedado o proselitismo de qualquer natureza na programação das emissoras de radiodifusão comunitária.

§ 2.º As programações opinativa e informativa observarão os princípios da pluralidade de opinião e de versão simultâneas em matérias polêmicas, divulgando, sempre, as diferentes interpretações relativas aos fatos noticiados.

§ 3.º Qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá direito a emitir opiniões sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar ideias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações, devendo observar apenas o momento adequado para programação para fazê-lo, mediante pedido encaminhado à Direção responsável pela Rádio Comunitária.

Art. 5.º O Poder Concedente designará, em nível nacional, para utilização do Serviço de Radiodifusão Comunitária, um único e, específico canal na faixa de frequência do serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada.

Parágrafo único. Em caso de manifesta impossibilidade técnica quanto ao uso desse canal em determinada região, será indicado, em substituição, canal alternativo, para utilização exclusiva nessa região.

Art. 6.º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta Lei e normas reguladoras das condições de exploração do Serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de três anos, permitida a renovação por igual

período, se cumpridas as exigências desta Lei e demais disposições legais vigentes.

Art. 7.º São componentes para explorar o Serviço de Radiodifusão Comunitária as fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, desde que legalmente instituídas e devidamente registradas, sediadas na área da comunidade para a qual pretendem prestar o Serviço, e cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos.

Parágrafo único. Os dirigentes das fundações e sociedades civis autorizadas a explorar o Serviço, além das exigências deste artigo, deverão manter a residência na área da comunidade atendida.

Art. 8.º A entidade autorizada a explorar o Serviço deverá instituir um Conselho Comunitário, composto por no mínimo cinco pessoas representantes de entidades da comunidade local, tais como associações de classe, beneméritas, religiosas ou de moradores, desde que legalmente instituídas, com o objetivo de acompanhar a programação da emissora, com isto ao atendimento do interesse exclusivo da comunidade e dos princípios estabelecidos no art. 4.º desta Lei.

Art. 9.º Para outorga da autorização para execução do Serviço de Radiodifusão Comunitária, as entidades interessadas deverão dirigir petição ao Poder Concedente, indicando a área onde pretendem prestar o serviço.

§ 1.º Analisada a pretensão quanto a sua viabilidade técnica, o Poder Concedente publicará comunicado de habilitação e promoverá sua mais ampla divulgação para que as entidades interessadas se inscrevam.

§ 2.º As entidades deverão apresentar, no prazo fixado para habilitação, os seguintes documentos:

I – estatuto da entidade, devidamente registrado;

II – ata da constituição da entidade e eleição dos seus dirigentes, devidamente registrada;

III – prova de que seus diretores são brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos;

IV – comprovação de maioria dos diretores;

V – declaração assinada de cada diretor, comprometendo-se ao fiel cumprimento das normas estabelecidas para o serviço;

VI – manifestação em apoio à iniciativa, formulada por entidades associativas e comunitárias,

legalmente constituídas e sediadas na área pretendida para a prestação do serviço, e firmada por pessoas naturais ou jurídicas que tenham residência, domicílio ou sede nessa área.

§ 3.º Se apenas uma entidade se habilitar para a prestação do Serviço e estando regular a documentação apresentada, o Poder Concedente outorgará a autorização à referida entidade.

§ 4.º Havendo mais de uma entidade habilitada para a prestação do Serviço, o Poder Concedente promoverá o entendimento entre elas, objetivando que se associem.

§ 5.º Não alcançando êxito a iniciativa prevista no parágrafo anterior, o Poder Concedente procederá à escolha da entidade levando em consideração o critério da representatividade, evidenciada por meio de manifestações de apoio encaminhadas por membros da comunidade a ser atendida e/ou por associações que a representem.

§ 6.º Havendo igual representatividade entre as entidades, proceder-se-á à escolha por sorteio.

Art. 10.º A cada entidade será outorgada apenas uma autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

Parágrafo único. É vedada a outorga de autorização para entidades prestadoras de qualquer outra modalidade de Serviço de Radiodifusão ou de serviços de distribuição de sinais de televisão mediante assinatura, em como à entidade que tenha como integrante de seus quadros de sócios e de administradores pessoas que, nestas condições, participem de outra entidade detentora de outorga para exploração de qualquer dos serviços mencionados.

Art. 11.º A entidade detentora de autorização para execução do Serviço de Radiodifusão Comunitária não poderá estabelecer ou manter vínculos que a subordinem ou a sujeitem à gerência, à administração, ao domínio, ao comando ou à orientação de qualquer outra entidade, mediante compromissos ou relações financeiras, religiosas, familiares, político-partidárias ou comerciais.

Art. 12.º É vedada a transferência, a qualquer título, das associações para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

Art. 13.º A entidade detentora de autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária pode realizar alterações em seus atos constitutivos e modificar a composição de

sua diretoria, sem prévia anuência do Poder Concedente, desde que mantidos os termos e condições inicialmente exigidos para a outorga da autorização, devendo apresentar, para fins de registro e controle, os atos que caracterizam as alterações mencionadas, devidamente registrados ou averbados na repartição competente, dentro do prazo de trinta dias contados de sua efetivação.

Art. 14.º Os equipamentos de transmissão utilizados no Serviço de Radiodifusão Comunitária serão pré-sintonizados na frequência de operação designada para o serviço e devem ser homologados ou certificados pelo Poder Concedente.

Art. 15.º As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária assegurarão, em sua programação, espaço para divulgação de planos e realizações de entidades ligadas, por suas finalidades, ao desenvolvimento da comunidade.

Art. 16.º É vedada a formação de redes na exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, excetuadas as situações de guerra, calamidade pública e epidemias, bem como a transmissões obrigatórias dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, definidas em Lei.

Art. 17.º As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária cumprirão tempo mínimo de operação diária a ser fixado na regulamentação da Lei.

Art. 18.º As prestadoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural, para os programas a serem transmitidos, desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida.

Art. 19.º É vedada a cessão ou arrendamento da emissora do Serviço de Radiodifusão Comunitária ou de horários de sua programação.

Art. 20.º Compete ao Poder Concedente estimular o desenvolvimento de Serviço de Radiodifusão Comunitária em todo o território nacional, podendo, para tanto, elaborar Manual de Legislação, Conhecimentos e Ética para uso das rádios comunitárias e organizar cursos de treinamento, destinados aos interessados na operação de emissoras comunitárias,

visando o seu aprimoramentos e a melhoria na execução do serviço.

Art. 21.º Constituem infrações na operação das emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária:

- I – usar equipamentos fora das especificações autorizadas pelo Poder Concedente;
- II – transferir a terceiros os direitos ou procedimentos de execução do serviço;
- III – permanecer fora de operação por mais de trinta dias sem motivo justificável;
- IV – infringir qualquer dispositivo desta Lei ou da correspondente regulação;

Parágrafo único. As penalidades aplicáveis em decorrência das infrações cometidas são:

- I – advertência;
- II – multa; e
- III – na reincidência, revogação da autorização.

Art. 22.º As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária operarão sem direito à proteção contra eventuais interferências causadas por emissoras de quaisquer Serviços de Telecomunicações e Radiodifusão regularmente instaladas, condições estas que constarão do seu certificado de licença de funcionamento.

Art. 23.º Estando em funcionamento a emissora do Serviço de Radiodifusão Comunitária, em conformidade com as prescrições desta Lei, e constatando-se interferências indesejáveis nos demais Serviços regulares de Telecomunicações e Radiodifusão, o Poder Concedente determinará a correção da operação e, se a interferência não for eliminada, no prazo estipulado, determinará a interrupção do serviço.

Art. 24.º A outorga de autorização para execução do Serviço de Radiodifusão Comunitária fica sujeita a pagamento de taxa simbólica, para efeito de cadastramento, cujo valor e condições serão estabelecidos pelo Poder Concedente.

Art. 25.º O Poder Concedente baixará os atos complementares necessários à regulamentação do serviço de Radiodifusão Comunitária, no prazo de cento e vinte dias, contados na publicação desta Lei.

Art. 26.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 27.º Revogam-se as disposições em contrário.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Sérgio Mota

ANEXO 3 – MEDIDA PROVISÓRIA DA LEI DA RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

(...)

Art. 19.º O art. 2. da Lei n. 9612, de 19 de fevereiro de 1998, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 2. o serviço de Radiodifusão Comunitária obedecerá ao disposto no art. 223 da Constituição, aos preceitos desta Lei e, no que couber, aos mandamentos da Lei n. 4.117, de 27 de agosto de 1962, e demais disposições legais.

Parágrafo único. Autorizada a execução do serviço e, transcorrido o prazo previsto no art. 64, §§2.º e 4.º da Constituição, sem apreciação do Congresso Nacional, o Poder Concedente expedirá autorização de operação, em caráter provisório, que perdurará até a apreciação do ato de outorga pelo Congresso Nacional.” (NR)

Art. 20.º Ficam convalidados os atos praticados com base na Medida Provisória n. 2.143-31, de 2 de maio de 2001.

ANEXO 4 – A HISTÓRIA DO AUTOR

Nasci da união de um casal proveniente de realidades diferentes: meu pai é baiano e minha mãe, portuguesa. Meu pai, Valdomiro Pinheiro da Silva, nasceu em Monte Santo, cidade do interior da Bahia, em 1944; veio para a cidade de São Paulo com a família de 11 irmãos em 1955. Ao chegar à capital paulista, a família Pinheiro alugou uma casa no bairro do Ipiranga, entre a Rua do Grito e a Rua Ainda – praticamente no bairro do Sacomã e ao lado de onde é hoje a comunidade de Heliópolis. No início da década de 1960, a família do meu pai adquiriu um terreno na Vila Ema, na Zona Leste da cidade de São Paulo, e, após a construção de uma casa com dois dormitórios, a família de 13 pessoas se mudou para uma residência própria.

A minha família materna veio de Portugal, da freguesia de Ovadas (Distrito de Resende). Minha mãe nasceu em 1952 e, com apenas um ano e meio, migrou com os pais de Portugal para o Brasil em busca de uma vida melhor. Meus avôs se instalaram no bairro da Água Rasa, na Zona Leste de São Paulo, e, com o passar dos anos, mudaram-se para a Vila Diva e, posteriormente, para o bairro do Sapopemba – também localizados na Zona Leste de São Paulo. No Sapopemba, meus avôs maternos colaboraram na construção da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e de toda uma comunidade portuguesa em formação no bairro. Aos poucos, essa comunidade lusitana se modificou ao interagir com o crescente número de nordestinos na região.

Meus pais se conheceram em um ponto de ônibus, pois estudavam no mesmo colégio e, todos os dias, um acompanhava o outro no caminho de volta para casa. Namoraram por três anos, casaram-se e foram morar no Jardim Grimaldi. Lá tiveram dois filhos: após a minha irmã Sandra, em 1975, eu nasci em 1977. Meus pais registraram-me com o nome de Sérgio, inspirado em um amigo da família, mas com etimologia na palavra “servo” remetente ao período dos Senhores Feudais da Idade Média; então, “Sérgio” seria um nome sugestivo para um “servo”, para alguém que sirva as pessoas.

Quando eu tinha um ano e meio de vida, nos mudamos para o bairro do Sapopemba, em um local muito próximo à Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Nessa ocasião, meu avô materno já havia falecido e, poucos anos depois, minha avó veio morar conosco. Meus pais sempre incentivaram a educação religiosa dos filhos: somos católicos e meus pais, além de participar no dia-a-dia da comunidade, procuraram incentivar os filhos nesta participação.

Sempre tive muitos amigos na Igreja. Meus pais faziam parte do Encontro de Casais com Cristo e da comissão organizadora da quermesse do Sapopemba. Fui coroinha por três anos sob a orientação do Frei Miguel, pessoa pela qual tenho grande admiração – *in memoriam* – e que sempre ensinou a todos os coroinhas para que em toda a nossa vida estivéssemos envolvidos com propostas que pudessem colaborar para a melhoria de vida das pessoas. Assim como São Francisco, Frei Miguel era um amante da natureza e do trabalho com os menores em geral. Nessa época, eu sentia que minha vocação era a vida religiosa, pois sempre quis ser um colaborador para os necessitados.

Aos quinze anos, atingi a idade que não era mais aceitável como coroinha; então, parti para o próximo grupo, a Mini Juventude Franciscana, também coordenada pelo mesmo Frei Miguel. Aos dezessete anos, fui para o grupo da Juventude Franciscana. Nesses grupos, tive contato com o trabalho em algumas favelas da região: levávamos alimentos e, principalmente, nossos ouvidos para que as pessoas pudessem contar seus problemas e desabafar o que quisessem. Apesar do entusiasmo pelo trabalho nas comunidades da região, eu me distanciei da ideia vocacional.

Com o passar dos anos, fui me inserindo no grupo de jovens da comunidade. Fazíamos encontros, palestras e, entre os meus dezenove e vinte e um anos, estive muito envolvido em ajudar jovens com dependência química e procurava estar com eles por todo o tempo possível, pois sabia que, enquanto eles estivessem ao meu lado, conseguiriam não consumir drogas. Meus pais não entendiam porque eu andava com alguns jovens envolvidos com drogas, bem como outras atitudes de jovem minhas. Foi um período de grande crise familiar, pois não me sentia à vontade para explicar o que sentia; nesse período, voltei a pensar seriamente na minha vocação e queria doar a minha vida pelos necessitados.

Os anos se passaram e, por conta dos trabalhos realizados no Encontro de Jovens com Cristo, fui estudar comunicação e me apaixonei pelo rádio. Formei-me como radialista e sempre tive o sonho de poder colaborar, através da minha profissão, com os necessitados. Minha irmã casou-se e nos mudamos do Sapopemba para o bairro da Moóca em 1999 e, em 2008, eu me mudei para o bairro da Vila Prudente. Entre a Vila Prudente e a primeira moradia do meu pai em São Paulo (Ipiranga) está localizada a comunidade de Heliópolis.

Resolvi estudar o funcionamento de uma rádio comunitária e, aos poucos, entendi que a essência de seu mecanismo de atuação residiria não somente no funcionamento da emissora, mas também em como ela pode proporcionar algo concreto para a comunidade na qual está

instalada. A escolha da rádio comunitária de Heliópolis trouxe à tona toda a minha intenção de colaborar com uma comunidade, bem como minha história familiar. A proximidade de Heliópolis com o bairro em que moro – Heliópolis, inclusive, nasceu da Vila Prudente, como será melhor explicado no primeiro capítulo desta dissertação. Portanto, a intenção deste trabalho é que ele possa colaborar para que não só Heliópolis, mas também outras comunidades possam entender o que uma rádio comunitária pode proporcionar em mudanças concretas para a população da região.

ANEXO 5 – ENTREVISTA COM CLÁUDIA NEVES

Entrevista com Cláudia Neves realizada no dia 15 de outubro de 2009. A coordenadora da programação da rádio Heliópolis FM hoje apresenta o programa: Comando Jovem.

Sérgio Pinheiro – Como foi o início de Heliópolis?

Cláudia Neves – A própria Prefeitura começou a favela de Heliópolis por causa de um incêndio que aconteceu na favela da Vila Prudente e depois foram chegando alguns moradores como: João Miranda e João Prefeito que lutavam contra os grileiros e muitas pessoas morreram nessas lutas. A UNAS começou na luta desses grileiros. A Pastoral da Criança e a Pastoral da Moradia ajudavam, mas ainda não era a UNAS era a Associação dos Moradores de Heliópolis que era composta por vários moradores, uns estão até hoje e outros que foram embora ou morreram. A rádio deu início pela necessidade de comunicação que tinha na região, porque Heliópolis cresceu demais e eles não tinham como ficar batendo de casa em casa pra avisar das reuniões de moradia ou as pessoas do sem teto e tudo mais necessário pra comunidade. Pensou-se então em uma rádio corneta porque não tinha tanto dinheiro assim.

Sérgio Pinheiro – Como era a programação da rádio corneta?

Cláudia Neves – A rádio ia ao ar somente aos domingos e o Sr. Delmiro comandava, ele está até hoje na UNAS, ele tocava música estilo Amado Batista, Roberta Miranda e tinha os avisos das reuniões.

Sérgio Pinheiro – Como foi o processo de passagem de rádio corneta para FM?

Cláudia Neves – Nós ficamos por cinco anos como rádio corneta. Veio um pessoal da Alemanha visitar Heliópolis e eles acharam super interessante a questão da rádio corneta e perguntaram quanto precisaria de investimentos para transformar a rádio corneta em rádio FM. Prometeram um dia voltar e realmente voltaram em 1997. Aí ela passou a ser uma Frequência Modulada. Logo naquele ano, a UNAS, junto com o Geronino que na época era o coordenador, mandou a documentação até Brasília pra poder legalizar a rádio já que nós existíamos como rádio comunitária antes da Lei, mas nós nunca tivemos a resposta se a documentação entregue estava correta. Então nós ficamos como várias rádios aqui na capital,

como rádio pirata mas fazendo um trabalho comunitário.

Sérgio Pinheiro – Fale a respeito da aprovação da rádio comunitária e Ponto de Cultura.

Cláudia Neves – Em 2005 veio a aprovação do Ponto de Cultura que foi o primeiro projeto da rádio, até que o Gilberto Gil veio pra rádio. O Presidente Lula esteve pela primeira vez em Heliópolis e em 2006 eles fecharam a rádio pela “operação sintonia” que muitas rádios foram fechadas. Depois de quatro meses veio uma opção pra rádio Heliópolis que era fazer uma parceria com uma Universidade pra a gente voltar a funcionar em caráter experimental pra experimentar a frequência de 87,7FM.

A gente não tinha dinheiro, a rádio era na sede da UNAS, então foi comprada esta casa em que nós estamos hoje pela Action Aid que é a principal parceira da UNAS hoje, uma Ong da Inglaterra. Só que esta casa não tinha a estrutura e a gente também não tinha dinheiro pra fazer um big de um estúdio. Muitas coisas daqui já eram da casa porque a casa era residência de uns padres. Então quase tudo aqui foi a gente que fez: a torre foi um serralheiro daqui que fez, uma arquiteta fez um projeto da casa, mas nós também não temos dinheiro para fazer o que ela desenhou.

Nós ficamos um ano e vinte e dois dias fechados porque não tínhamos dinheiro pra comprar outro transmissor. Nós participamos do programa do Roberto Justus na Rede Record, O Aprendiz, junto com a comunidade de Paraisópolis e a gente ganhou um transmissor, uma híbrida pra colocar o ouvinte no ar e um ano de acesso à internet gratuito e foi aí que a gente entrou no ar. Então nós ficamos um ano em caráter experimental e veio a Polícia Federal querendo fechar a rádio, como a gente estava com esse documento, a gente ligou pro pessoal da ANATEL, eles conversaram com o cara que estava aqui e eles foram embora. O documento venceu e chegou a outorga oficial, mas ela chegou em outra frequência, que era 87,5FM, mas eles alegaram que a gente teria que mudar pra 87,5 FM já que eles legalizaram outras 22 rádios comunitárias nesta frequência. Por isso, a gente começou novamente tudo do zero, mudamos pra 87,5 FM dia quinze de junho de 2009. Tivemos que pagar pra um técnico fazer isso além de duas multas, uma de R\$ 300,00 e outra de R\$ 100,00. Aí começamos, mas a rádio tinha banner, camisetas, vinhetas de alguns artistas, todo o mundo já estava acostumado com a frequência de 87,7 FM. Apesar de termos ficado um mês avisando que iríamos mudar a frequência, tivemos que ir em busca dos ouvintes novamente. Temos muitas dificuldades porque em 87.7 FM já era difícil pegar e em 87,5 FM é pior ainda porque não é

todo rádio que consegue sintonizar a rádio.

Outras rádios interferem no nosso sinal, rádios que não são comerciais, são piratas e até comunitárias que são legalizadas mas localizadas bem longe daqui, mas interferem não sei como. Uma rádio de Diadema interfere e Heliópolis, ao invés de ouvir a rádio da comunidade, ouve uma rádio comunitária de Diadema e esta rádio comunitária é legalizada. Já liguei pra lá, já conversei com a ANATEL, então isso está sendo um grande problema pra gente. Porque a gente perde os apoios culturais, os anúncios. Quem vai anunciar numa rádio que não pega? Então a gente está com essa dificuldade, nós voltamos aos poucos e estamos batalhando pra entrar na Internet, vamos ver se dá certo.

Sérgio Pinheiro – Fale a respeito da transmissão via Internet.

Cláudia Neves – A gente nunca transmitiu porque não temos dinheiro para fazer isso. Nós precisaríamos de uma pessoa que fizesse um site legal pra gente. Nós temos um site mas é uma página gratuita com um endereço muito difícil pra decorar. Tinha um cara que vinha fazer a manutenção, mas ele trabalhava num restaurante e depois sumiu. Mas agora surgiu a ideia de uns estudantes da UNIP que querem fazer o site com *streaming* pra gente como trabalho de conclusão de curso e depois pagar um ano pra manter o site no ar. O problema não é manter com conteúdo, o problema é alguém que faça um site legal.

Sérgio Pinheiro – Como é o dia a dia da rádio e a programação da emissora?

Cláudia Neves – A programação é totalmente variada pra tentar agradar todo o mundo, o que é difícil. Se você perguntar para as pessoas vai ter gente que vai dizer que a rádio só toca forró, mas só tem um programa que toca forró. Tem outros que falam falta forró. Ouvinte é igual espectador e acha que a rádio tem que ser feita só pra ele, e não é assim. São Caetano do Sul é um município aqui do lado e o sinal chega lá como sempre chegou, não como antigamente mas ainda chega.

A gente tem o *Roberto Carlos e Convidados* que já está há mais de doze anos no ar. O programa DST/AIDS é uma equipe de médicos do posto de saúde que vêm toda a quinta feira. Eles fazem conscientização para evitar doenças e campanhas de exame aqui na rádio. Tem o pessoal do clínico geral daqui do posto de saúde, que fala no sentido geral de saúde. Tem programas que tocam de tudo, tem programas católicos, evangélicos, de *black music*, românticos, de *hip hop*, programa que só toca música antiga. A maioria toca de tudo como

forró e sertanejo, mas tem programas específicos: sertanejo, jovem guarda, forró e *rap*; mas todos os programas são obrigados a dar as informações da comunidade, prestação de serviços, os documentos perdidos e os apoios culturais. Os serviços comunitários da rádio, a rádio não tá aí só pra tocar música, a gente faz de tudo aqui. Eu e o Régis fazemos o acompanhamento do PAC e da urbanização de favelas, então as pessoas vêm aqui e perguntam o que devem fazer. Tem o pessoal do movimento sem teto que também participa aqui da rádio, então a gente aconselha como fazer, tem que participar das reuniões ou orientação jurídica. Tem gente que precisa de atendimento médico, a gente vê se consegue alguma coisa no posto de saúde com os médicos pra encaixar uma consulta para as pessoas da comunidade. Alguém que está precisando de uma cesta básica, a gente tenta conseguir ajudar essa pessoa. Recentemente nós conseguimos a doação de 20 cadeiras de rodas novas com uma comunidade chinesa e as entregas foram feitas aqui. Quem conseguiu isso foi o Deputado Federal Willina Woo, ele doou 20 cadeiras de rodas aqui pra rádio e as pessoas foram na Praça da Sé pra receber as doações. A gente anunciou na rádio e as pessoas preenchiam umas fichas com fotos pra comprovar a necessidade das cadeiras de rodas com um laudo médico. Tem o pessoal da USP, as meninas de fisioterapia que a gente fez um trabalho bem legal com crianças deficientes físicas daqui da comunidade. Elas trabalham com materiais recicláveis. Pessoas que estão com problema em casa, as vezes a esposa que o marido tem problema com alcoolismo então a gente aconselha a pessoa.

Sérgio Pinheiro – A rádio tem algum projeto com escolas?

Cláudia Neves – A gente está sempre em parceria com as escolas da região. Tem a escola Campos Sales que a gente fala tudo o que acontece lá, o Brás (diretor da escola) que também luta pra que Heliópolis seja mesmo um bairro educador. Tem a escola municipal Péricles Eugenio que montou uma rádio lá dentro e eu fui lá pra dar umas oficinas de rádio pras crianças. Eles tinham o equipamento e a gente ajudou a montar a rádio, hoje os alunos usam a rádio lá. Então em todo o lugar que a gente vai, a gente divulga a rádio Heliópolis e também ajudando eles a fazer rádio.

Sérgio Pinheiro – Como é a “Caminhada pela Paz”

Cláudia Neves – Heliópolis bairro educador começou com o Brás (Diretor da Escola Campos Sales). Ele deu início à Caminhada da Paz por conta de uma estudante da escola dele que

morreu, ela tinha 15 anos, era uma moradora de Heliópolis. Então ele e o Professor Orlando organizou a “Caminhada da Paz” e em torno de 10 mil ou 15 mil de pessoas participam por ano, geralmente ela acontece no mês de junho. Com a chegada do CÉU Menino, com os projetos sociais da UNAS, os projetos sociais da comunidade e mais recentemente o Pólo Cultural que é como se fosse um CÉU, então a gente está batalhando pra Heliópolis ser um bairro educador, ou seja, tentar mais educação pra nossa comunidade, tentar reeducar as pessoas, então por isso Heliópolis um bairro educador.

Sérgio Pinheiro – Algum professor participa da programação da rádio?

Cláudia Neves – Os professores não tem tempo. Aqui todos somos voluntários e nem sempre dá pra largar uma aula na escola pra vir aqui e eles ficam na dependência do Estado ou da Prefeitura, então fica bem difícil.

Sérgio Pinheiro – O Brás participa da programação da rádio?

Cláudia Neves – Ele é um dos diretores da UNAS e participa. Estava aqui na rádio falando do bairro educador, ele também tem uma rádio na escola, sempre apoiando a gente. O professor Orlando já teve programa aqui na rádio, hoje ele não tem mais tempo, mas sempre que pode ele está aqui ajudando a gente. A escola sempre está de portas abertas, a gente sempre está lá e ele sempre está aqui.

Sérgio Pinheiro – Qual é o papel educador da rádio na comunidade?

Cláudia Neves – Uma senhora, esses dias, falou que encontrou um cachorro de raça e que ele estava na casa dela. A pessoa ligou pra ela e ela retornou pra gente pra agradecer.

Outro dia uma senhora chamada Maria Helena, esse caso aconteceu no programa da Cida, há mais de um mês, a mãe dela sumiu e ela estava desesperada. A última vez que ela foi vista foi na Rual Alencar de Araripe, próximo à comunidade e a mãe dela de Mal de Alzheimer e a mãe dela estava de chinelo rosa e bermuda preta carregando um saco de pão. Ela ligou pra agradecer porque a mãe foi encontrada graças aos anúncios que a gente fez aqui na rádio, falando da mãe dela.

Esses dias veio uma moça que não vê o pai dela há muitos anos, sabia que o pai morava no Ipiranga e como ela ficou grávida muito novinha, perdeu o contato com o pai. Ela ouvindo a rádio Gazeta FM, ouviu o pai falando no ar porque ele ganhou um prêmio na rádio,

então na rádio eles falarm o nome completo dele e ele falou que mora em Heliópolis. Hoje a menina mora em Santo Amaro, então ela procurou a gente pra procurar o pai. Então eu pedi pra Rádio Gazeta pra pegar o endereço do pai dela. Então tem vários casos que a gente vai tentando ajudar as pessoas conforme dá.

Sérgio Pinheiro – Qual é a audiência da rádio na comunidade?

Cláudia Neves – Não temos o percentual de audiência da rádio. Em 2002 a Márcia Dentoni, que trabalhava na rádio BBC de Londres, e a dissertação de mestrado dela foi sobre a fidelidade e a audiência da rádio Heliópolis. Mas na época nós éramos ilegais e hoje a rádio está regularizada. Antes eram 120 mil habitantes, hoje são 125 mil. A pesquisa deu que em torno de 30% da comunidade ouvia a rádio, mas hoje nós não temos este percentual. Nós já tentamos fazer uma pesquisa, mas não terminamos porque Heliópolis é muito grande. Então nós temos que a maioria das pessoas acham que tem que ter um programa só de Black Music, um programa só de samba e um programa só de Sertanejo. É que o Sertanejo aqui é de manhã, das 6 às 8 horas da manhã mas as vezes eles querem um no período da tarde. Um só de black music nós não temos, mas de sertanejo nós temos.

ANEXO 6 – ENTREVISTA COM CÉLIA

Entrevista com Célia Moreira, apresentadora e colaboradora da rádio Heliópolis FM há sete anos. A entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2010.

Sérgio Pinheiro – Como você conheceu a rádio Heliópolis e como foi o início de sua colaboração na emissora?

Célia Moreira – Eu nem conhecia a rádio, a minha sobrinha ouvia a rádio no meu radinho e ela pegou o endereço da rádio e pediu pra eu trazer ela aqui pra conhecer o Filinto e o Alex que faziam o programa “Show Mix”. Eu vim junto, conheci e comecei a ouvir a rádio. O Filinto fazia o programa da Igreja de segunda a segunda que começava as cinco horas. Eu perguntei se tinha mulher que trabalhava na rádio e disse que sim e perguntou se eu tinha interesse. Eu falei que já tinha trabalhado na rádio Horizonte em Santo André, mas tinha saído e morria de vontade em voltar. Ele me ofereceu começar o programa da Igreja só nas quartas durante meia hora e depois eu fui fazendo mais programas, eu cheguei a ficar de segunda a segunda. Depois o Gerô pediu pra eu fazer um programa de forró das treze às quinze horas aí a Claudinha gostou do nome “Do jeitinho que você gosta” e eu fiquei na semana, mas agora eu estou só nos sábados e domingos.

Sérgio Pinheiro – O que você acha que faz com que as pessoas participem da rádio?

Célia Moreira – É você ser verdadeiro, incentivando as pessoas, então as pessoas vão e se levantam. Eu sempre faço oração pedindo que as pessoas melhorem das doenças. A fé remove montanhas mesmo. Até uma vez teve um locutor que não gostava disso porque ele tinha uma outra religião e falava que aqui não tem padre, não tem pastor, não tem nada e que não era pra fazer isso. Mas a gente acredita que através do rádio a gente pode ajudar quem está em casa e ser amigo através de uma palavra, de uma música, etc.

Sérgio Pinheiro – Que tipo de programa você gosta?

Célia Moreira – Eu gosto do programa que pode falar de simpatia, aquela coisa que pode ajudar quando o ouvinte precisa pra tirar uma dor, etc. Outra coisa, comer bem é comer coisa boa. Então eu ensino receitas pra aproveitar tudo. As vezes a pessoa tem um pão velho e eu procuro falar de uma receita pra usar aquele pão amanhecido.

Sérgio Pinheiro – Como é o relacionamento entre os colaboradores da rádio?

Célia Moreira – Olha, sempre tem algum problema, mas a gente é como se fosse uma família. Mas graças a Deus eu nunca tive problema com ninguém. Quando a gente tem um problema com alguém, a gente vai fala e fica por um tempo meio que chateado, mas depois passa. Eu moro em São Caetano do Sul e eu pago o ônibus pra vir até aqui, mas não reclamo não. Tem gente que eu nunca vou querer me afastar, porque é minha amiga mesmo. Eu tenho medo de ter que sair daqui cortada porque às vezes a gente erra sem querer, então eu sempre peço pra me ajudarem a corrigir os erros.

ANEXO 7 - ENTREVISTA COM ZEFINHA

Entrevista com Josefa Silva Oliveira (Zefinha), apresentadora e colaboradora da rádio Heliópolis FM há sete anos. A entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2010.

Sérgio Pinheiro – Como você veio morar em Heliópolis?

Zefinha – Faz sete anos que eu moro em Heliópolis e eu conheci o bairro por causa da rádio comunitária. Eu comecei a participar das programações, eu era a ouvinte número um da rádio. Foi a programação do Roberto Carlos que fez eu conhecer a comunidade de Heliópolis porque eu ganhei um CD, então eu vim buscar o CD e gostei da rádio, da comunidade, fui passeando na comunidade e gostei. Eu morava em São Caetano do Sul, morei lá por 20 anos. Quando eu fui comprar casa não teve jeito, vim morar aqui pra ficar mais perto da rádio e da comunidade. É muito bom morar em Heliópolis, eu não troco por nada, e aqui tem a rádio que eu amo. Foi por causa da rádio que eu me tornei uma comunicadora social, eu recebi o convite e vim colaborar aqui. Eu fazia uma hora de programa só aos finais de semana, agora estou aqui direto.

O meu primeiro contato com a rádio Heliópolis foi por um amigo (Romero Dantas) que ele foi em casa e falou que era locutor da rádio Heliópolis. Eu até brinquei, a favela tem uma rádio? Ele falou que era um comunicador social e sintonizou a rádio pra mim, depois eu fui ouvindo o programa dele e depois todas as programações. Eu ligava pra ele e pedi pra ele tocar mais Roberto Carlos e daí ele me convidou e eu vim trabalhar aqui na rádio.

Agora eu faço o programa Estilo Musical das cinco até a sete da tarde de segunda a sexta.

Sérgio Pinheiro – A rádio faz uma série de trabalhos incentivando a educação na comunidade. Como os ouvintes percebem essa educação?

Zefinha – As pessoas procuram muito a gente por cadeira de rodas. Então a gente anuncia e não chega a um mês e a gente encontra. A gente tem aqui a “Caminhada da Paz” que criou a questão do “Bairro Educador”. Nós tivemos uma ouvinte que tinha um problema muito sério de dor de cabeça e às vezes tem gente que morre por falta de atendimento médico e eu me desabafei no ar porque a ouvinte não estava sendo tratada corretamente pelos médicos. Aí uma ouvinte ouviu e ligou dizendo que gostou do meu desabafo porque mexeu com ela e eu

indiquei ela a brigar pelos direitos à saúde que todos nós temos. Assim, eu ganhei uma grande ouvinte que foi no Hospital, brigou e conseguiu resolver o problema que ela tinha. No rádio acontece muito isso, você fala uma coisa que o ouvinte estava precisando ouvir aquilo.

Sérgio Pinheiro – Como os locutores da rádio se tornam amigos dos ouvintes?

Zefinha – Tem ouvinte que a gente se torna amigo e eles confessam os problemas deles. Tem uma ouvinte, que mora na Vila Alpina, que sempre ligava pra gente. Hoje a rádio não pega mais na casa dela, mas ela sempre ligava pra cá e tinha a gente como os principais amigos dela. E a gente também tem problemas, mas quando chega aqui fica tudo lá fora.

ANEXO 8 – ENTREVISTA COM BADEGA

Entrevista com Israel de Jesus Silva (Badega), 32 anos, baiano que mora em Heliópolis desde os dez anos. Apresentador e colaborador da rádio Heliópolis FM. A entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2010.

Sérgio Pinheiro – O que o motivou a querer trabalhar na rádio Heliópolis FM?

Badega – Esse negócio de rádio está no sangue, eu comecei com 16 anos. Ganhei um prêmio numa rádio comunitária na Vila Alpina e naquela época não tinha perseguição às rádios comunitárias e piratas, tanto que a rádio era na frente de um posto policial. Eu fui ganhar o prêmio e mandei um abraço para os amigos da rádio aí o pessoal falando que eu tinha voz de locutor e tal. Como eu falei todo comportado e falei bonito, o locutor ficou enciumado, umas meninas do bairro ligaram pra querer conhecer o Badega. A rádio pegava longe e uma menina do Jabaquara pediu pra me conhecer, várias vezes pediam pra eu falar na rádio. Até que eu conheci o Beto Rosa que tinha amizade com o dono da rádio e ele me deu um horário de duas horas de sábado e domingo das oito às dez horas. Eu comecei e não sabia o que falar para os ouvintes, porque uma coisa é como ouvinte, outra coisa é ser locutor da rádio. Eu já conhecia o Reginaldo, umas pessoas daqui da rádio Heliópolis e numa época que eu fiquei desempregado, pedi um horário na semana aqui pra fazer um programa, mas na época não tinha espaço. Hoje estou realizando um sonho que é trabalhar aqui em Heliópolis. Neste ano eu comecei aqui na rádio e minha intenção é ajudar todo o mundo fazendo parte da equipe, porque aqui todo o mundo é igual, a gente não se sente inferior aos locutores de rádio comercial, se você tem espaço pra se profissionalizar, que bom. Se você pegar vários cantores da comunidade, os caras cantam muito mais que caras que estão aí na TV, mas eles não têm essa oportunidade de ter um cartucho.

Sérgio Pinheiro – O que fez você vir para a rádio. Só a rádio?

Badega – Hoje mesmo eu me comprometi a participar de uns projetos da UNAS. Isso é legal porque eu quero sempre aprender.

Sérgio Pinheiro – Como a rádio faz para unir as pessoas da comunidade?

Badega – Tem a UNAS, que é uma ONG aqui da comunidade e eu vim conhecer o trabalho

da UNAS há uns dois anos e meio por causa da minha namorada que trabalha nos projetos da UNAS e começou a me contar a história, o trabalho da UNAS. Então eu vejo como a UNAS faz com que as pessoas estejam juntas, a UNAS toma conta de tudo. Outro dia nós tivemos uma reunião com o pessoal da UNAS e eles perguntaram pra gente o que cada um pensava sobre o que era um “Bairro Educador” e eu achei legal isso. A rádio tem o poder de mudar o pensamento das pessoas, até pessoas que estejam em outro caminho, a UNAS pode mudar o caminho dessas pessoas. Eu conheço gente que entrou na UNAS e a vida dessa pessoa mudou, hoje tem família, etc. Aqui todo o mundo tem respeito, aqui você não vê o que tem lá fora, não tem roubo, etc. Aqui tem uma união muito legal que é admirada por todos, inclusive por quem é de lá de fora e é o “Bairro Educador” que faz isso.

ANEXO 9 – ENTREVISTA COM SÉRGIO GOMES

Entrevista realizada no dia 21 de junho de 2010. Sérgio Gomes é diretor da Oboré: Projetos Especiais em Comunicação e Artes.

Sérgio Pinheiro – Qual a sua relação com a rádio comunitária Heliópolis FM e as rádios comunitárias em geral?

Sérgio Gomes – A ANATEL trabalhou de maneira discriminatória em relação à grande São Paulo, que ficou como a última área. Eles tentaram descobrir uma frequência. Foi uma atitude meio deliberada de não descobrir alternativas. Quando surgiu a rádio Heliópolis e eles estreitaram relacionamento aqui conosco, aí se desenvolveu uma amizade entre a direção dos trabalhos lá da Favela e a gente. Então nós adotamos uma seguinte linha aqui: nós íamos diversificar a relação com as rádios. Nós iríamos cooperar com a rádio de Heliópolis, porque nos não teríamos fôlego para atender todas. E adotamos uma postura de que a rádio dissesse de que precisava, o que ela queria, e nós iríamos atrás e resolver, cooperar, colaborar; ou diretamente, se a gente fosse capaz, ou estabelecendo pontes com pessoas ou instituições que pudessem colaborar.

De tal maneira que quando alguma emissora, quando alguma rádio viesse nos procurar para alguma coisa mais complicada, nós pudéssemos dizer: “Vá a Heliópolis, veja como que a Heliópolis está fazendo, converse com Heliópolis e ali vocês tirem suas conclusões, se inspirando no que realmente eles possam estar desenvolvendo, não somos nós aqui que vamos ensinar a vocês como que se deve proceder. Então, de tal maneira que Heliópolis pudesse ser uma espécie de campo de prova, de rádio minimamente organizada, que antecipasse de algum jeito o que as rádios todas poderiam ser, ao invés da gente ficar correndo atrás de cooperar, de capacitar a todas as rádios, o que seria impossível. Nós não teríamos condição, não teríamos fôlego para isso.

Realizamos vários encontros, sempre uma vez por mês, e levando para estas reuniões pessoas que efetivamente pudessem cooperar com a rádio. Propusemos que a rádio se estruturasse em cinco comissões internas: programação, técnica, jurídica, política de relacionamento e sustentação.

Então, esta parte técnica tem a ver com transmissores, antenas, potência, computadores, programas. Isso não tem nada a ver com a programação nem com a parte jurídica, ela era uma

parte específica, absolutamente indispensável, que não podia ficar ao Deus dará. A mesma coisa a programação, terá que ser uma programação em sintonia com as aspirações da comunidade, saber que a emissora atinge um determinado raio, que ela não está falando para todo mundo, quer dizer, nós já não tínhamos essa facilidade que se tem hoje de que qualquer emissora pode ser uma rádio *web*, portanto qualquer emissora pode ser uma brincadeira de jovem que está querendo falar com o cara lá da Austrália. Tudo bem. A outra era ver qual a diferença que existia entre uma rádio de jovens que resolve por um projeto em pé por liberdade, que querem fazer, e qual é a situação de quando você tem uma rádio para responder a necessidades. Então, no caso da periferia de São Paulo, que os problemas são acumulados ao longo de décadas. São problemas muito complexos, que dependem de investimentos públicos, dependem de você ter uma organização mínima indispensável, dentro daquela comunidade, que por sua vez tem de ter uma política de alianças, com as forças culturais, sociais, políticas, enfim, tem de articular para ter força. Tem que ter proposta, ter razão mas também tem que ter força. E isso varia de bairro para bairro. Então, a necessidade de uma política de alianças, de ter uma programação que correspondesse às necessidades ali daquele grupo, daquela comunidade que precisaria ter uma rádio, você pode ter uma rádio que é uma vaidade do grupo que faz ou é uma necessidade social. São duas rádios diferentes. E contornar o problema que a legislação brasileira coloca desde o começo, isso tem uma história comprida, que é de que as rádios comunitárias não podem ter publicidade, não podem ter apoio cultural, a não ser que a instituição apoiadora tenha a sua sede até 1 quilometro da sede da rádio, enfim, inviabilizando do ponto de vista financeiro toda e qualquer emissora, o que levava e a gente dizia isso, isso vai empurrar esses grupos que querem botar as rádios de pé ou para os braços dos evangélicos, que são os que têm dinheiro na periferia, ou empurra para os braços do narcotráfico, do crime organizado, que também tem dinheiro, ou empurra para os braços dos políticos, que atrás de votos são capazes de arrumar algumas operações trianguláveis. A quarta alternativa é quando você tem uma rádio dessas numa periferia que consegue atrair um grupo externo de jovens, sobretudo de classe média, que consegue articular via internet desde que exista uma instituição minimamente legalizada de aceitar convênios com organizações internacionais, as ONGs internacionais, e a partir daí você passa de forma, imperceptível, a cumprir o programa da ONG estrangeira. Tem gente que já tem um formato direitinho, então se você quiser ter algum tipo de apoio financeiro, seja para comprar equipamentos, capacitar pessoas, manter a instituição, você deverá preencher aí os

editais das instituições que focaram nessa questão da comunicação junto às populações das periferias e aí você já sabe: tem de tratar de equidade de gênero, a questão do protagonismo juvenil, reciclagem de latinhas de alumínio, que está ligada com o meio ambiente, então você já tem quase uma fórmula que faz com que esses grupos se ponham em movimento, fazendo trabalhos relativamente interessantes, mas que só consegue se manter enquanto existir esse anabolizante. No que o convênio retira o apoio, aquilo não está apoiado na realidade, na sociedade e isso vai para o buraco.

Então, propostas óbvias do tipo: “Esta rádio é mantida pela UNAS?”. Quais são os aliados da UNAS? Ah, tem tais empresas. Nos vários projetos sociais, a primeira coisa que temos que fazer é procurar essas instituições, essas empresas, que estão dando apoio a projetos aqui da comunidade, que têm convênio com a UNAS, para sensibilizar essas instituições a dar apoio à programação da rádio, ou na forma de publicidade, na forma que banquem, patrocinem programas específicos. Então, Sabesp: a Sabesp tem um programa voltado? Tem. Sabesp tem a presença em algum lugar? Tem. Do lado da favela fica aquele reservatório. Pois bem, existe uma campanha da Sabesp no sentido de alertar, sobretudo os garotos a não se meterem lá dentro e querer nadar no reservatório, pensando que aquilo é uma piscina e morre afogado. Então a Sabesp tem uma preocupação com isso, então procurem a Sabesp para que a Sabesp patrocine um programa de prevenção de riscos, pode ser sobre nadar no reservatório, mas em relação a todos os riscos, como atravessar a rua, etc. A UNAS tem um trabalho com a OMO, Gessy Lever. Tem lá um projeto de apoio a uma lavanderia. Então procurem para que eles venham a patrocinar um programa sobre economia doméstica, como racionalizar o uso da água, ou os detergentes, como orientar como comprar as coisas de época, ensinar a fazer, mostrar que a comida pode ser barata, boa, e agradável, fazer bem a saúde, enfim. Inventem uma programação que tenha a ver com possibilidade de patrocínio dessas instituições que já estão por aí, estão com vocês, e imaginem programas que sejam úteis para a comunidade. Isto foi feito? Existe algum programa do tipo?

Sérgio Pinheiro - Qual a relação entre a direção da rádio e a direção da UNAS?

Sérgio Gomes - Se você fizer uma entrevista com eles e conversar você vai ver que existe uma tensão permanente entre a direção da UNAS e a direção da rádio. A rádio meio que se concebeu como um ente autônomo, e em muitos lugares foi assim mesmo. A rádio se

constituiu sem que existisse associação alguma. Aliás, muitas associações surgiram a partir da dinâmica da rádio comunitária. A rádio começou a existir e para que ela pudesse ter futuro ela via a necessidade de organizar uma associação, mas ali no caso de Heliópolis não, a associação já preexistia. Foi com essa associação que os padres inicialmente montaram lá aquela rede de auto falantes, a tal da rádio corneta, então nunca houve ali um grupo que fosse autonomamente a rádio. Está certo que todo mundo tem uma rádio, mas tem de pagar, tem gasto. A rádio sempre teve sedes, ocupando salas da UNAS, não pagando aluguel, consumindo energia da UNAS, telefone pago pela UNAS. Nem sempre pago pela UNAS, muitas vezes nós tivemos que pagar, porque a rádio estava praticamente fechando. Então, a introdução de racionalidade mínima indispensável, e que esta emissora, não é porque ela era uma emissora pequena, uma emissora de uma favela que queria ser chamada de bairro, que ela não tem que ter pelo menos o mesmo tripé que toda emissora tem. Toda emissora tem o diretor de programação, a área técnica e a área comercial. Se você imaginar uma emissora de rádio, grande ou pequena, significa que você tem que ter esses três departamentos, essas três frentes. Se possível, ter um responsável por cada uma delas. Muitas vezes você encontra emissoras tão pequenas em que o cara é as três coisas, ele é tudo. Tão logo isso se desenvolva e fique mais complexo, naturalmente você vai ter que especializar uma pessoa pra cuidar da parte da transmissão, para saber se o som está chegando, porque se o som não chegar, se não houver sintonia, se a qualidade do som não for aceitável, por que o ouvinte ficaria ligado numa coisa que só dá chiadeira, se ele tem uma emissora do lado, pelo mesmo preço, que fala com clareza? Então a necessidade de uma preocupação de natureza técnica. Depois, houve ao longo desse tempo várias mudanças de frequência, era aqui, passou para lá. A necessidade de uma comunicação, de uma campanha de dizer qual era a frequência em que a rádio estava funcionando. Quer dizer, cartazes nos bares, botecos, um esforço de informar as escolas, fazer com que os alunos levassem papéis para os pais dizendo que a rádio estava funcionando em tal frequência, fazer algum tipo de publicidade nesses plásticos que botam em automóvel, “To ligado na Heliópolis, frequência 87.5”, enfim.

Isso foi feito? Nunca foi feito. Então, o fato da rádio ter o apoio a ela sempre foi maior do que o pedido, a oferta sempre foi maior que a procura, e a procura sempre foi muito desorganizada. Então, isso se reflete até mesmo na própria diagramação dos espaços. Você já esteve lá na rádio algumas vezes e sabe que a rádio tem os seus estúdios em um formato de rádio FM em que só se fala. Eventualmente você tem contato com os ouvintes através do

telefone. Mas não tem uma mesa para reunir a comunidade para conversar. Então, é uma FM mais do que tradicional. Tem um sujeito operando a parte técnica e um locutor, como eles chamam. Eles mesmos se chamam locutores. Então, quais são os programas de ouvir a comunidade?

Depois, esse tempo, desde o tempo da rádio poste até hoje, isso dá 18 anos, de 92 pra cá. Esse é o tempo em que veio a internet. Esse é o tempo em que se multiplicaram as *lan houses*. Esse é o tempo que se barateou o acesso a celular, pré pago, pós pago, não importa. Esse é o tempo em que se constituíram os telecentros, em que as escolas passaram a ter suas escolas de informática, a questão do computador que era uma coisa inacessível virou um objeto comum. Então, se o objetivo era falar com a juventude, eu não sei se a juventude está ligada numa rádio, seja ela qual for. A juventude está se informando, precariamente, não importa, mas por esses novos meios que vieram, de alguma maneira, para competir com a rádio, porque ninguém ouve duas rádios ao mesmo tempo. Ele ouve uma rádio e apenas uma rádio. Se o objetivo era falar com a dona de casa, que está provado que quanto mais pobre for a população, mais poder relativo tem as mães na decisão, desde a decisão se vai ou não comprar a geladeira até a decisão se o menino vai ou não para a escola porque está com febre, quem toma essa decisão não é o pai, quem toma essa decisão é a mãe. Então, mesmo que a mãe não tenha renda própria, que ela não gere renda, mas na composição, nada se decide numa casa desse tipo sem que a mãe, a mulher esteja de acordo. Então é sabido que se você quiser falar com a comunidade você terá que ter uma programação, sobretudo de manhã, que tenha audiência entre as mulheres. Existe essa preocupação, quais os programas que estão acontecendo pela manhã na rádio Heliópolis voltados para chegar nesse público? Então, eu não estou falando nada de excepcional, estou falando de coisas óbvias de quem lida com o rádio.

O rádio é uma mídia individual. Não é uma mídia domiciliar. Rádio não é televisão sem imagem. As pessoas ouvem rádio individualmente. E também existe uma fidelidade ao rádio. Para cada 10 pessoas que ouviram rádio nas últimas 48 horas, 6 ouviram uma emissora e só aquela emissora. Não ficam mudando a estação. Então, fazer com que a pessoa tenha o hábito de se ligar naquela emissora, naquele horário, para ouvir aquele radialista, é uma conquista de trabalho acumulado. Não uma coisa de uma hora para outra. É muito difícil você mudar o hábito de uma pessoa que está acostumada a ouvir todo dia de manhã Rádio Bandeirantes, Pulo do Gato, etc. E fazer com que essa pessoa saia dessa emissora e vá para Jovem Pan, ou

vá para a Rádio USP. Também desenvolvemos um trabalho durante o tempo em que a rádio estava fechada, naquele um ano, sempre nessa linha de que a gente não se “mete”, nós nunca nos “metemos” na rádio Heliópolis. A gente nunca ficou pensando na Rádio Heliópolis como um campo de provas para nossas ideias. Sempre nos pusemos em uma posição aqui na Oboré de cooperar com a rádio desde que ela dissesse o que ela quer. Nos colocamos numa posição não pró-ativa no sentido de nos “meter” lá. Mas uma postura mesmo de consultoria, como um médico, que faz consultas, um médico não vai na sua casa para saber se você está tomando remédio ou não. Fazer uma consulta sem que você queira. Você fica lá, e ele te procura e você atende, e atende bem. E procura ver de que maneira o tratamento deve ser encaminhado. Fizemos duas visitas na USP para ver como funcionava uma Universidade que é mantida com o dinheiro que também é da população de Heliópolis, porque eles também pagam impostos. Numa das vezes, no dia 14 de abril entregamos à rádio USP um CD com *spots* para que a rádio USP e a rádio Heliópolis, no dia primeiro de maio, era a nossa proposta, a rádio USP, que é também mantida pelos favelados de Heliópolis, não só, também tem Paraisópolis, também Cidade Ademar, etc, que a rádio USP, que é mantida pela maioria do povo e a rádio Heliópolis lançassem simultaneamente uma campanha de estímulo que as pessoas pedissem nota fiscal. Então nós criamos aqui uma série de *spots* de uma campanha chamada “imagina” que explica exatamente isso, são *spots* de um minuto. Não passou três meses, e o Prefeito Gilberto Kassab cismou que ia fazer uma reforma, derrubar os barracos, etc, fazer algo na favela de Heliópolis, porque como essa favela está localizada entre o Ipiranga e São Caetano do Sul, interessa a eles ver se desfaz essa ferida, ali é uma coisa que desvaloriza a região, etc, então a necessidade de você fazer um investimento e com isso vai aumentando o preço da terra, o valor das mercadorias, o valor dos alugueis e com naturalidade você vai renovando, ali por dentro a população, uma espécie de uma classe média. Me liga o Geronino perguntando se eu não conhecia alguma ONG, de arquitetos, urbanistas, etc, que pudessem rapidamente elaborar um projeto para oferecer como alternativa à proposta que a prefeitura estava levando. “Gerô mas, não estou entendendo, faz três meses que fomos na USP, vocês descobriram, vocês é que mantêm a USP, vocês estiveram na faculdade de arquitetura e urbanismo, conversaram com a professora Ruth. Houve até lá a coincidência de uma das moradoras que faz parte da rádio que falou “Mas a senhora é Ruth de tal?”. “É”. “A senhora sabia que a senhora é o nome da minha rua? Temos uma rua em Heliópolis que leva o seu nome.”. “Ah, que interessante, não sabia”. Quando a USP fez as invasões lá, há vinte e tantos

anos, a USP se deslocou para lá, nós mandamos uma equipe de professores e estudantes, etc, para ajudar a fazer um desenho minimamente racional. Trabalhamos lá mas depois não sei o que aconteceu, vocês se afastaram, estamos cheios de projetos aqui, de coisas que pensamos, na questão do desfavelamento, é uma preocupação permanente, da faculdade de arquitetura da USP, quando precisarem da gente, estamos à disposição. Então, você não lembra? É a hora de vocês retomarem o contato com a USP, para que a USP elabore com o peso da USP uma proposta ao lado dos moradores”. “Ah é, até tinha esquecido disso”. Então, tudo se esquece. Muita barulheira, não existe uma disciplina de organizar as ideias. Tudo na base do “puxadinho”, da “gambiarra”, etc. Tudo vai se fazendo do jeito que dá, eu não acredito em fazer um plano e depois batalhar por ele e persistir, tudo tende a ser provisório. O provisório fica definitivo e pronto. Fica tudo irracional. Bota antena, mas a antena fica no lugar da entrada, as pessoas tem de abaixar a cabeça, entrar pelo outro lado, tem aquele muro da frente.

Sérgio Pinheiro – Como ocorreu a regularização da rádio?

Sérgio Gomes – No que se legalizou a rádio Heliópolis eles se recolheram. Não se interessaram mais pelos outros. Nós também fomos ficando cada vez mais discretos. Ajudar quem não quer ajudar? Para quê? Não temos interesse imobiliário, ninguém aqui quer ser candidato a vereador. Estamos tentando ver se esta rádio funcionava com uma antecipação minimamente organizada para funcionar como exemplo para as outras. Se depois eles se confundem lá e vão reproduzir o modelo tradicional sem nenhuma conexão com os movimentos, uma política de achar que tudo chega lá por acaso, não precisa fazer muita coisa, é só ficar parado que as coisas aparecem lá. Aí organizamos dois cursos lá. Esses cursos foram feitos lá, articulamos com quatro escolas públicas da região, para que esses estudantes, que estão nas escolas que servem o povo de Heliópolis, pudesse se desenvolver e ter meios próprios de comunicação e que todas essas escolas tenham suas salas de informática. É um absurdo que a essa altura do campeonato essas escolas não tenham um site, um *blog*, um jornal, um boletim. Essas crianças vão e voltam da escola todo dia. Não existe nenhuma instituição, que não seja a escola, que tenha essa relação permanente com a sociedade. Centro de saúde você só vai quando está doente. Na subprefeitura você só vai quando tem alguma coisa para fazer lá. Mas a escola não. Todo mundo tem, ou teve ou terá um dia. Nossa proposta era que a população do bairro triangulasse com as escolas, de tal maneira que

potencializassem as escolas para poder chegar a todas as famílias no mesmo dia.

Se você tem um acordo minimamente eficaz com as escolas, você faz um pequeno boletim e dá na mão dessas crianças. As crianças levam pra escola e toda a comunidade, tendo ou não internet, ficará sabendo dessa reunião, daquela decisão, disso ou daquilo. E se a escola tem meios próprios de comunicação, e a proposta era capacitar esses meninos para que cooperassem com o futuro jornalismo da rádio, quando a rádio viesse a funcionar, ou para fechar, se tivesse mais gente que soubesse dar a notícia, da comunidade: o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu. Você montar uma rede de correspondentes na favela toda. No dia da entrega dos certificados as pessoas da rádio apareciam lá, porque a gente fazia força para que eles aparecessem na UNAS, e isso aqui resultou na estrutura de um curso que funciona, que é esse curso tal. Então, que tipo de gente estamos procurando? Gente que goste de escrever, já tenha a facilidade com a escrita, goste de matemática, seja curiosa e goste de trabalhar em equipe. E em quarenta horas você dá um curso, que é chamado de jornalismo amador. Não resolve, mas ajuda. Agora, não há nenhuma razão para que nós, sem nenhum tipo de recurso, de nenhuma daquelas entidades que apoiam, nunca, nós sempre fizemos as coisas por nossa própria conta. Nós sempre viabilizamos as coisas ou diretamente, a gente gastando do nosso próprio, isso aconteceu o tempo todo, ou ajudando viabilizando recursos para ajudá-los. Mas não existe nenhuma obrigação, nós não temos nenhum tipo de obrigação militante, porque eles tem de fazer a parte deles também. Então fomos percebendo que esse pessoal foi viciando em um tipo de atividade que tem o patrocínio sempre de alguma instituição grande. Então, para que essas pessoas se movam, alguém tem que providenciar a mobilização, a organização, mobilizar e providenciar um ônibus, o lanche, ou seja, você retirou essas condições, essas pessoas já não são mais capazes de se organizar, pegar um ônibus e chegar até aqui. Nós estamos fazendo uma proposta de se apoiarem, se organizarem na sua, manterem os seminários de avaliação e planejamento, definirem entre eles o que é que eles podem em cada uma dessas coisas, as políticas e alianças pra fortalecer cada uma dessas frentes de trabalho, e a gente aqui fazendo os contatos, seja os contatos políticos, contatos na área cultural, na área educativa ou outras instituições, além do que a rádio Heliópolis, assim como a Oboré fazem parte da AMARC⁹³. O método de trabalho que a AMARC aplica é o método das chamadas mesas de trabalho. Você tem um problema, bota esse problema no centro da mesa, e chama as pessoas e instituições interessadas em resolver este problema. E

⁹³ AMARC – Sigla de Associação Mundial das Rádios Comunitárias.

cada uma das pessoas e instituições dizem o que podem fazer em relação a ajudar a resolver aquele problema. Faz-se a ata, com aquilo que cada um diz que pode e depois se encaminha a partir daí, não é uma coisa centralizada, não é uma coisa hierarquizada. O que aconteceu, na medida em que Heliópolis se legalizou e se afastou, ficou nela, ficou com ela, ficou para ela, ficou mediocrementemente para ela, não se ocupou do resto, todo o resto da luta desde que eles se legalizaram para cá, eles próprios participaram minimamente, em qualquer coisa. Se você perguntar individualmente, você pode fazer esse teste: como é que está a situação nas rádios comunitárias aqui em São Paulo? Você tem essa informação, mas faça a pergunta como se não soubesse. E você vai verificar que a maior parte daquelas pessoas não tem a menor ideia do que é que está acontecendo com as outras, quais são as dificuldades que as outras estão enfrentando hoje, que são as mesmas dificuldades que eles enfrentaram antes. Como nós nos colocamos nesta postura, de que nós não temos nada lá para ficar metendo o bedelho, nós agimos na medida em que somos solicitados, exatamente para que não haja da parte lá das “tricas e futricas”, que são típicas dessas comunidades, em que se fala muito dos outros e muito do passado, então a tendência é de não se trabalhar com ideias e sim trabalhar com memórias do que as pessoas falaram, fizeram, etc. Então, há uma tendência natural para a fofoca, para a intriga, para as coisas pessoais, etc, que não é o nosso terreno. Não temos nenhum prazer em nos metermos na vida de “quem é quem”, “quem fez o que” e é essa discussão menor é uma discussão que existe mesmo, mas que a gente procura se afastar disso porque isso é um atoleiro, isso não leva a lugar nenhum. Então, o que está precisando? Ah, estou precisando de computador. Ah, computador. Então vamos atrás. Se temos ou se conhecemos alguém que tenha. Que é que estão precisando? Ah, estamos precisando aqui de um curso de gestão para levantar os recursos. Perfeitamente, vamos atrás. Seja o Sebrae, seja a fundação Getúlio Vargas, seja a ECA, a unir, a própria AMARC, enfim. Então, sempre alguma coisa na linha assim de ver qual é a demanda real, porque a rádio é deles, não é nossa.

Sérgio Pinheiro – O que sabemos a respeito da audiência da rádio.

Sérgio Gomes – Como você faz para saber se a rádio está sendo ouvida ou não? Uma coisa é você chegar e fazer um teste. Então vamos lá, o programa vai das dez até o meio dia, todo mundo que ligar para cá neste período diz o nome da música que acabou de tocar e vai concorrer a uma passagem para Buenos Aires. E você terá por aí uma ideia de quantas pessoas ligam, se é que tem gente ouvindo. A outra é você andar pelas ruas, bater de porta em

porta e perguntar “A senhora ouve rádio? Que emissora? Qual programa você gosta mais? No final, faz a pergunta “E a rádio Heliópolis?”. Então, se você reconhece que a rádio não está sendo ouvida, por que ela não está sendo ouvida? Ah, por uma questão técnica, o som é de má qualidade. Opa, essa é uma questão técnica. Ah, porque os programas não têm nada a ver. Afinal, isso já aconteceu. Final de campeonato no Morumbi, o Corinthians ia ser campeão, eu fui até lá e estava rolando um programa de *Hip Hop*, ao vivo, absolutamente alheio. Quando eu cheguei lá eu perguntei “Vem cá, quanto é que está o jogo?”. “Ah, um a zero”. “Como assim um a zero? Está três a zero já.”. “Você não está nem sabendo, você não tem nem outro rádio sequer para ir incrementando sua programação, quer dizer, todo mundo está ligado no jogo do Corinthians, e vocês não? Vocês podiam ter uma pessoa lá no estádio assistindo e com o recurso do celular entrar ao vivo e dizer como é que estão rolando as coisas lá, se ligarem com as coisas que as pessoas estão se ocupando. Como é possível vocês conseguirem audiência se vocês não prestam atenção nos ouvintes?”. Eu entendo que cada programa tem certo sentido também de formar a patota de quem faz o programa, isso é melhor do que nada. Mas que tem programas que são feitos para si mesmos, não tenha nenhuma dúvida. Não sei por que os trabalhos acadêmicos até hoje tiveram receio de mostrar a ferida. Só vai poder consertar a ferida mostrando a ferida. Não é uma questão de estar atacando Heliópolis, é uma questão de mostrar que tem todos os recursos, tem todos os meios e no entanto não acontece.

É evidente que tem sempre luta interna. Um quer isto, outro quer aquilo. Um quer neste ritmo, outro quer em um outro ritmo. Então, para que você possa formar um grupo de pessoas que realmente contribuam para a melhoria da vida ali da população, sempre levando em conta que a rádio é um meio, e não um fim. Ela é um meio de comunicação, de comunicação. Ora, se a rádio não está a serviço da UNAS, se o pessoal da rádio não tem a menor ideia de qual é o plano, a estratégia política da associação que é dona da rádio, essa rádio fica em função de si mesma e cada programa isolado um do outro, sequer você pode imaginar uma grade de programação minimamente coerente. Se você tem uma intuição ou sabe, mesmo que não cientificamente, que ninguém está ouvindo a rádio, se você revela isso, quem está fazendo a rádio fica fraco. Nós não significamos nada, temos quantos, dez ouvintes? Quinze? Vinte?

- O pai, a mãe, o primo e o vizinho... Pois é. Sempre tem um pessoal viciado em ouvir rádio. Tem sempre isso no grupo, isso acontece em todas as emissoras, mas uma coisa que acho que seria uma contribuição importante era exatamente essa de apurar a audiência. Qual é a

programação? Esta rádio existe? Existe. Tem um papel onde existe a programação? Existe aqui um papel que tenha o nome do programa e o resumo do que ele é? Tem que existir, qualquer emissora tem que ter isso. Então, a primeira coisa é: tem a programação? Se há programação, com que propósito? Este propósito está sendo alcançado? A rádio atual, a rádio que existe hoje, que está no ar hoje, ela é ouvida? Sim ou não? Ela é ouvida por que tipo de gente? Esta programação está em sintonia com a associação política, que representa os interesses dos moradores, ou ela é uma rádio autônoma, que não tem nada a ver? Se ela é uma rádio autônoma ela também deveria ter seus propósitos autônomos. Quais são esses propósitos? Existem programas que são feitos para cooperar com a melhoria da grade de programação?

Na cidade de São Paulo tem a Aliança FM, Colina FM e Heliópolis.

Nós temos um programa, chamado Plantão Saúde, e toda emissora...Essa história está toda contada aqui. Então nós produzimos aqui, há dez anos, como eu te disse, a gente começou o trabalho lá atrás.

A preocupação nossa aqui da Oboré desde o surgimento dela é cooperar com essa área de saúde. Todas as emissoras que quiserem fazer parte dessa rede, esse é o contrato de parceria e cooperação. As emissoras manifestam que querem participar da rede e vai assinar isto aqui, termo de parceria e cooperação, em que se estabelece a Oboré de um lado e do outro a emissora “fulano de tal”, situada na cidade tal, estado tal, representada por quem, registro pelas cláusulas e tal. Aqui tem os dados da emissora: nome fantasia, endereço, bairro, município, estado e tal, se tem site ou não. Se é AM ou FM, quantos watts, potência e alcance.

A emissora vai definir que vai veicular o programa “Plantão Saúde” no dia tal, às tantas horas e, se quiser fazer reprise, quando será. “As partes estão cientes de suas responsabilidades no desenvolvimento da rede de comunicadores pela saúde e assina em duas vias, de igual teor e valor e afirmando assim seus compromissos ligados à comunicação e a legítima defesa da vida”. Assina a produtora e assina a emissora. No verso estão as cláusulas e condições.

A gente se compromete a remeter para a emissora mensalmente um CD com quatro programas Plantão Saúde, com duração de oito minutos cada um, carta falada e entrevistas exclusivas. A produtora reservará a janela na edição de cada plantão para eventuais inserções publicitárias de interesse da emissora. Então, um programa de oito minutos são dois blocos de quatro para ajudar a emissora a levantar recursos. As despesas de produção e distribuição dos

programas são assumidos por nós. Nós vamos atrás de quem são os parceiros para viabilizar isso. E a produtora garante a inclusão da emissora em todos os sorteios e promoções que vier a realizar. Viagens, cursos, relógio de parede...tudo o que a gente conseguir. Se a gente tem um seminário, uma coisa qualquer, avisa, convida.

Qual é a obrigação da emissora? Comprometer-se a veicular o Plantão Saúde semanalmente, na sua íntegra de oito minutos. Ela estabelece para isso um dia certo e um horário regular para a transmissão. E a emissora também pode aproveitar, se quiser, as outras coisas que vamos ceder, que é a chamada “carta falada” e as entrevistas exclusivas.

Rescisão: este termo de parceria e cooperação poderá ser rescindido a qualquer tempo, por qualquer das partes, bastando para isso a comunicação prévia de, no mínimo, trinta dias. Não tem multa, não tem nada.

Pois bem, por incrível que pareça, durante anos Heliópolis recebia e não veiculava. E, portanto não fazia parte da rede. A gente enviava o material para lá e ficava em cima da mesa, uma grande confusão. “Vocês querem? Assim como qualquer outra, estabeleçam um acordo conosco, digam qual é o dia e a hora e pronto, vocês estarão fazendo parte, não paga nada”. Hoje ela está na lista.

Eu duvido que eles estejam veiculando o programa Plantão Saúde no dia e no horário combinado por eles. Teve um dia que eu cheguei lá e eu disse “Estou vendo o Plantão Saúde aqui em cima da mesa...”. “Ah é. Tem uma hora aí que a gente bota e passa vários, um atrás do outro”. Mas esta não é a ideia, a ideia é que eles estabeleçam um dia para que possam estabelecer conexão, sobretudo com as donas de casa, que são as mães de família, que cuidam da saúde da família, para que ela vá se habituando, porque rádio é uma mídia individual.

As rádios não apenas estão segmentadas, cada uma delas tem uma programação, se você quiser falar com as donas de casa de famílias que ganham até mil reais e que compram no Baú da Felicidade, você vai ter que falar através da rádio Globo, através da rádio América, que pega a zona leste. Se você quiser falar com garotos da classe média, de quinze a dezoito anos, você vai ter que falar através da Jovem Pan. Se quiser falar com gente que ganha mais que cinco mil, que tem carro, casa na praia, você vai ter que falar através da rádio Eldorado, da rádio Cultura. É assim. Mas ela não é apenas segmentada assim. Depois ela também é segmentada por horário. Ninguém fica ouvindo o rádio o dia inteiro. Se você quiser falar com a dona de casa terá que ser de manhã.

Coisas elementares, básicas, em termos de conquista de audiência, de estabelecer uma

relação de fidelização dos ouvintes à emissora. Aquele pessoal vive num movimentismo, uma coisa maluca. Você não consegue nunca conversar a sério, é uma brincadeira. Eu até acho interessante. Se for um grupo de jovens classe média que não tem nada para fazer, por que não montar uma rádio *web*? Contar umas piadas, botar umas músicas, uns lances, brinca de *YouTube*, essa coisa moderna. Cada um descobre a sua tribo e se contenta com isso, faz um movimentismo, que parece, mas não é. Agora, quando você tem problemas reais, sérios – trinta por cento das crianças de Heliópolis têm problemas sérios de saúde nas vias respiratórias. E isso não pode ser resolvido com remédio, não há remédio para isso, porque essas crianças vivem em casas que são muito úmidas, muito quentes durante o dia, que tem laje, como se fosse mais um andar, e que são muito frias durante a noite. Essa oscilação de temperatura, muito quente de dia e muito frio durante a noite, é o ambiente ideal para o desenvolvimento de ácaros. Isso só melhora se você conseguir, por exemplo, através daquele vitrô pequeno que fica lá em cima, arrumar um jeito de ter uma ventilação mais competente. Como aquilo foi tudo ocupado sem controle, tem crianças que não tem onde se exercitar, não tem nem como pegar sol, e já se sabe que o Sol é o que vai fazer a vitamina E. Então, é um problema de saúde que não é resolvido com remédio, é resolvido com arquiteto, com reforma das casas, o que não é fácil. Portanto, uma emissora de rádio voltada para essas comunidades não poderia estar ausente de tratar desse tema, de forma sistemática e de ter gente que entenda do assunto. E a USP tem uma porção de gente, não só outras pessoas, enfim.

Você passa a fazer uma rádio que seja uma rádio local, que está tratando de assuntos de interesse local, que também podem ser de interesse geral, na medida em que isso não acontece só em Heliópolis, isso acontece em qualquer favela, as ruas são estreitas, o ar quente sobe. Você vai lá nos barracos, você tem a parede do barraco, lá dentro tem dois quartos, aqui tem uma janelinha e aqui um vitrô. O ar quente está aqui. Por onde ele escapa? Não escapa. Você teria de ter aqui uma coisa muito simples, que é abrir um vitrô aqui em cima por onde o ar escapasse. Isso é uma coisa que se sabe. E os meios de comunicação que a população conseguisse ter, não só a rádio, mas também o jornal, boletins, as reuniões, as palestras, os filmes, os vídeos, os espaços escolares, para ampliar a cabeça das pessoas e entender como é possível melhorar a vida. Mas aí você tem de ter uma consciência política de que aquela rádio existe como um meio. Ela não é um fim em si, é um meio. Quem vai dar ouvidos a isso? Tem de estar interessado nisso. Não vamos fazer nada contra, mas não tem nenhuma razão para a gente ficar gastando o melhor do nosso tempo, insistindo em uma coisa que você não tem da

parte deles um interesse genuíno em entender o que nós estamos falando. Então, segue, vamos ver até onde vai dar. Vai acontecer que não vai dar audiência. Agora, um meio de comunicação que não tem audiência é inútil. “Ah, mas as pessoas não estão se comunicando?”. Estão, mas não através da rádio. Estão se comunicando de outro jeito, falando tradicionalmente por cima do muro, se encontrando nos lugares, nas igrejas, nas reuniões, através das *lan houses*.

Você tem uma fartura de meios de comunicação, a pessoa não sabe o que fazer com eles, não sabe o que dizer neles. Por que não existem programas de microfone aberto, para orientar as pessoas, esclarecer as dúvidas? Houve uma longa luta contra a ditadura pela democracia. E essa luta pela democracia, mesmo que seja uma democracia limitada, temos hoje uma democracia. O auge desse processo foi a Constituinte, que pariu a Constituição de 1988, que definiu direitos e deveres da população brasileira. E pela primeira vez afirmou que saúde é um direito, não uma mercadoria. Que saúde é um dever do Estado e um direito do cidadão. Essa mesma Constituição definiu que educação é um direito. É um dever da sociedade, não só do Estado, e um direito do cidadão. Definiu que os trabalhadores têm direitos, que os consumidores tem direitos, que as crianças tem direitos. Depois veio o Estatuto da Criança e do Adolescente, o sistema único de saúde, as normas de funcionamento da educação, enfim, políticas públicas permanentes que independem do governador ser este ou aquele, são questões do estado brasileiro. Foi uma conquista, não depende da boa vontade do rei, é uma conquista republicana permanente.

Quem são aqueles que mais precisam dessas políticas públicas? Os pobres. Os pobres no nosso país são maioria ou minoria? Maioria. Por serem pobres, não comprar informação, não compram jornal. Como é que os pobres no Brasil, que são a maioria, sabem das coisas? Através do rádio. Está provado que o rádio é o grande meio de comunicação para as pessoas saberem das coisas. E a televisão? A televisão a pessoa não vai lá para saber das coisas, ele vai lá para se divertir, se distrair e está certo. Novela, filme, futebol, humorismo, show – a pessoa vai para a televisão no final do dia para dar uma relaxada. Se tiver gente querendo passar algum recado tem que fazer algum esforço de merchandising social, se meter por dentro das novelas, fazer uma divulgação, mas o fato é que a população brasileira, que tem pouco acesso à leitura, tem pouco dinheiro para comprar informação, ela depende basicamente do rádio para saber das coisas. Ela não é uma mídia tão decadente assim, é uma mídia que não tem nada a ver com decadência. Ao contrário, a mais dinâmica de todas as

mídias tem sido o rádio, nos últimos anos. O que o rádio faz? Toca música e dá informação. Quais são os programas mais ouvidos pela população? São os programas dos animadores, esses radialistas. Eles mudam de emissora e a audiência vai atrás. Então, a característica do rádio é a do sujeito se ligar no radialista. E esse radialista tem algum tipo de restrição política para tratar dos assuntos? Não. Mas por que uma parte desses radialistas que têm grande audiência, não estou falando da rádio Heliópolis. Tem telefone? Tem. É possível, tecnicamente, o sujeito ligar de casa e falar que o ouvinte está no ar? É. E aí perguntar ao radialista o que ele acha. Mas por que os radialistas não fazem isso? Por que esses radialistas não têm o menor domínio sobre as políticas públicas que são permanentes de um país chamado Brasil, desde 1988. Está aí a Constituição, a maior parte deles não tem a menor ideia. Se ligar um ouvinte dizendo que a escola que o filho estuda não tem mais merenda, dependendo do caso o sujeito vai falar que o Lula é o responsável. Mas o Governo Federal não tem nada a ver com merenda escolar. Merenda escolar é uma coisa do Governo Municipal.

Portanto, não é assim “cada um cuida do seu programa”. E quem cuida da rádio? Aí bota a Cláudia como coordenadora da rádio. Ela está interessada no programa dela. É compreensível, mas tem que ter alguém que cuide da rádio toda. Agora veio o Geronino. Talvez com a volta do Geronino se crie outro ambiente. Essas cooperações que podem e devem acontecer com as forças que apóiam o povo lá de Heliópolis e não apóiam só Heliópolis, apóiam também outras favelas. De qualquer maneira, para não fugir do objeto, tem que ter alguma pesquisa, se ouvem a rádio.

Alguém tem de fazer isso, alguém tem de fazer um teste de audiência nessa rádio: se ela está falando para alguém, se ela é uma rádio, se ela é um meio de comunicação social ou se ela é uma rádio *web*, se ela é uma brincadeira do pessoal que está tocando – o que também tem sentido. É melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. Qual é o papel social que essa rádio tem? Está atingindo quem, com qual programação? Qual é a capacidade que esta rádio tem de ajudar na área da comunicação, na mobilização destas pessoas para ir à luta pelos seus interesses? Isso pode abrigar todas as áreas. Acho que precisa disso.

Uma questão que eu percebo é que esse ideal comunitário, dentro da rádio Heliópolis, você não sente que ele existe e acontece no dia a dia. Na rádio, na sua programação, não. Eles até podem ter essa intenção, como a maioria das rádios comunitárias, acho que você prestar serviço à comunidade hoje é cesta básica e cadeira de roda. Mas na programação em si, eles

podem estar pensando que fazem isso, mas eles tocam o que uma rádio FM toca também.

A ideia que tem não só a Heliópolis, mas se você for em toda rádio comunitária eles vão dizer isso “A gente distribui cestas básicas, a gente ajuda a conseguir cadeiras de roda e essa é a ideia que eles têm de trabalho comunitário. Na verdade para mim, a Rádio Heliópolis se sente como se fosse uma empresa particular, os departamentos são individuais, um departamento presta serviço para o outro, mas é tudo a mesma companhia.

Se nem a própria comunidade sabe que a rádio foi legalizada. Você não ouvir a rádio, o sinal não chegar lá é uma coisa, antena baixa, uma porção de situações que não fazem o sinal ficar mais expandido, tudo bem. A gente sabe que, em São Paulo, não pega nem 1 quilometro. Mas se a comunidade é tão envolvida, tem aí alguma coisa. É interesse da comunidade? Quando eles falam que a comunidade participa é sempre aquela meia dúzia, que está lá há muitos anos, um faz um programa de *rap*, outro do Roberto Carlos. Se você pega as grades de programação por aí é igualzinho. Não muda. É “Emoções”, o rei, se não tiver Roberto Carlos não é rádio comunitária. E quando eles falam do programa de saúde, não só na rádio comunitária, mas também na comercial, às vezes é plantão saúde que toca. Só. Isso é o programa de saúde que eles têm. Eles não vão atrás de construir, é muito ruim a situação do rádio. Na rádio Heliópolis o discurso é completamente diferente da realidade.

Sérgio Pinheiro - Você sente que a rádio, ao longo da história da Rádio Heliópolis, ela chegou a contribuir para uma melhoria na questão da cidadania, dentro da comunidade?

Sérgio Gomes - Com essa grade de programação deles não. Você pode sim ter uma contribuição cultural: tem o momento do forró, a população é basicamente nordestina, então eles tocam o ritmo que a população quer ouvir, até porque as pessoas que fazem o programa se identificam com aquilo, então você vai fazer um programa com alguma coisa que você se identifica. Então culturalmente, em termos de ritmos musicais, eu acredito que sim, mas eu não consigo enxergar outra coisa. “Notícias? Temos notícias sim, a banca doa jornal e você lê manchete”. Então, para eles, o noticiário é assim, não só em Heliópolis. O que choca em Heliópolis é o tipo de movimento que eles têm lá dentro, de patrocínio de várias instituições, inclusive estrangeiras, e a rádio não é um instrumento. A rádio não é usada como um instrumento. A verba que vai para a rádio é uma quirela que sobra. Não existe um projeto onde é injetado um valor para o desenvolvimento da rádio. Não é falta de gente, pessoas tem para poder fazer, falta um núcleo que crie, que gerencie, que desenvolva, que pense. A rádio

com o Geronino vai ter uma outra característica, mas ele fica tão envolvido em outros projetos, é um cara de mais visibilidade, isso talvez melhore a visibilidade da rádio, mas isso não para a comunidade.

Sérgio Pinheiro – Vamos conversar a respeito do Ponto de Cultura.

Sérgio Gomes – Na primeira vez que surgiu essa coisa de Ponto de Cultura, em um fim de semana, elaborando um anteprojeto que tinha prazo, para levantar recursos e capacitar pessoas. Fizemos isso junto com o pessoal, trabalhando de sábado e domingo. Quando chegou a hora de colher as assinaturas, já tinha sido resolvido de outro jeito. Existe um cara chamado Geraldo, que mora na segunda casa ao lado da sede da UNAS. Na rua da mina você vai descendo, à direita tem a creche, tem a quadra e tem a administração da UNAS. A rádio ficava ali embaixo. A segunda casa é a dele, uma bela casa. O antigo presidente da UNAS, João Miranda, mora em frente, tem um BMW e um sítio em Ibiúna. Ele abriu na parte de baixo da casa dele uma *Lan House* para o filho, concorrendo e esvaziando o Telecentro, que ficava na própria UNAS.

Ele é o secretário geral, e que aprendeu a lidar com Internet, é ele quem viabiliza todos os convênios, tudo o que tem a ver com dinheiro passa por ele. Ele que manda e desmanda. Quando chegamos lá, ele já tinha feito outro projeto, usando a rádio, e não servindo à rádio. Ele mantém tudo sob controle, não democratiza a informação. As pessoas se mantêm permanentemente espertas, achando que têm recursos – e é verdade. Digo isso aqui, nunca nos metemos lá para descobrir isso. As pessoas percebem que existem convênios que viabilizam recursos e que depois não se presta conta disso. Esse dinheiro escapa e essas pessoas mais pobres, que são as que tocam a rádio no dia a dia, ficam sem nenhum tipo de ajuda de custo. Tem ali um problema de um ditado que diz: “Não deva a rico e nem prometa a pobre, porque eles cobram”.

Tem uma economia ali de pelegagem, Mercadante, Suplicy, Lula, certos ministros, etc, e o pessoal em alguma hora se confundiu com alguns personagens da Globo, naquele “Cidade dos Homens”. Teve um filme chamado “Cidade de Deus” e depois uma série chamada “Cidade dos Homens”. E aí a rádio Heliópolis ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes, por um trabalho que era desenvolvido, que acho que eles não fazem mais, de um programa sobre diversidade cultural, um programa coordenado pelo Geronino. Nós fomos na entrega do prêmio, foi financiado pelo Banco do Brasil, pelo Centro Cultural, e

tinha os personagens do filme, da favela, e o pessoal de Heliópolis circulava por ali em um ambiente que era meio realidade e meio fantasia. Teve um momento em que a Globo trabalhou essa ideia do pobre chique, uma estratégia da Globo de mostrar essas lideranças populares. Você via ali uma espécie de alegria de ser 100% favela. Tudo isso vai confundindo as pessoas.

A rádio tem que se sustentar, ela precisa levantar recursos, seja de convênio, seja de apoio, seja do que for. Tem que ter uma pessoa que articule isso, a questão da administração da instituição, receita e despesa. A forma de essas pessoas poderem viajar, comprar equipamentos, gravador, ajuda de custo para quem faz os programas. Precisa de uma pessoa que seja coordenadora de uma equipe que cuida da programação, da cobertura jornalística dos programas, etc. Precisa de uma pessoa que faça o trabalho de relacionamento, da política de relações. E a parte jurídica, a papelada tem de estar em ordem, porque em uma sociedade como essa você não consegue avançar convênio nenhum sem ter um recibo, sem ter um papel, você tem de estar quite, você tem de pagar os direitos autorais. Toda vez que você se legaliza, isso não é simplesmente uma vantagem, é também uma desvantagem. Se você se legalizar você passa a ter custos. O cara mora na favela, não paga luz, porque é gato, não paga IPTU, porque o terreno é ilegal. E aí legaliza. Passa a existir, tem de pagar IPTU. Se o cara não tem renda, ele vende para quem tem e cai fora.

Tem que ouvir os ouvintes. Tem que ouvir os falantes. Tem de pensar em quem é o seu público, quem vai te ouvir. Porque você tem uma rádio para responder a uma necessidade, esta rádio existe porque é necessário contar com meios de comunicação, de mobilização da população, para se organizar minimamente e ir atrás de seus direitos, seja de saúde, habitação, educação, de lazer, de renda, contra a violência policial. Aí é uma rádio para responder uma necessidade. As pessoas que estão fazendo essa rádio evidentemente vão se divertir, fazer o que gosta. Mas elas tem de estar permanentemente atentas, porque essa rádio tem de ser útil, porque se ela não for útil, o que acontece é que o ouvinte não liga nela. Então, você está falando para quem? Não está falando para ninguém, está falando para você mesmo.

Quando você cria um veículo você deve levar em conta o público real, interessado naquilo hoje, mais o fato de que na medida em que esse veículo passa a existir ele também cria público. Em uma rádio o tempo todo é isso.

Começar com do que temos ou o que queremos? Qual é o propósito? O que queremos. E o que temos? Mas pelo que eu saiba, as pessoas estão tocando a rádio com medo de saber o

que tem. Estão com receio de mostrar que a rádio não tem audiência. E por que não tem audiência? Ah, porque a área técnica, o som chega sujo. Ah, porque os programas são mal feitos. Porque os programas não são úteis. Porque são feitos de qualquer jeito e as pessoas preferem outra emissora. Quais emissoras realmente são ouvidas, lá em Heliópolis? Quem são os concorrentes? É muito comum você ver pesquisas assim: “Qual a audiência da rádio comunitária na sua comunidade?”. 100%. Ora, isso não existe. A emissora que tem mais audiência aqui em São Paulo, que acho que é a rádio Globo, tem 4% de audiência. Quer dizer, diferentemente da televisão brasileira, que consegue ter, em alguns lugares e em alguns horários, 50% dos televisores ligados, no caso do rádio não, o rádio é isso, a emissora que mais consegue audiência tem quatro e meio, cinco. É tudo segmentado. Então não venha dizer que a rádio comunitária pega 100%.

Em seguida tem uma parte da classe média que está na universidade para puxar o saco do movimento popular que adere, fazendo propaganda. Mas o problema não é aderir, o problema é conhecer. Até para poder aderir, de uma maneira positiva, propositiva, construtiva, criativa, eu tenho de saber o que existe. No caso da rádio Heliópolis, eles não tem mais desculpa nenhuma: são legalizados, tem apoio político do Presidente da República, tem ações com o Mercadante, com o Suplicy, tem o recurso do PAC funcionando na comunidade. Existe lá o programa do Baccarelli. Pergunto: existe na Heliópolis algum programa de música coral? Alguma vez o Baccarelli foi entrevistado? Qual foi o dia que teve um programa de passar uma música do coral do Baccarelli? O Maestro Martinho Lutero, criador do coral Martin Luther King, vai fazer 40 anos agora, esteve lá em uma das entidades.

“Emissora e escritório (Escritório Paulo Evaristo Arns de Assessoria Jurídica) se ajudam mutuamente e trabalham em conjunto na defesa da democracia, da comunicação e dos direitos do povo. O escritório prestará toda a assessoria jurídica necessária para a continuidade dos trabalhos da Emissora. A emissora veiculará semanalmente um programa de cinco a oito minutos, denominado “Sobre os direitos do cidadão”, produzido pelos estudantes da PUC, estabelecendo para isso um dia fixo e um horário regular em sua grade de programação. Esse termo de cooperação poderá ser rescindido a qualquer tempo, por qualquer das partes, bastando para isso comunicação prévia de, no mínimo, 30 dias.” Em sete de agosto de 2004. Assinou a Ana Cláudia pelo escritório, o João Miranda e o Geronino pela Emissora e as testemunhas Oboré e Coral Mundial Comunidade Luther King do Martinho Lutero. Em 2004, isso é antes da legalização.

Vocês estão sem assessoria jurídica? Estamos. Precisa de assessoria jurídica para cuidar da papelada toda? Sim. Então deixa eu apresentar o parceiro da Oboré que é o escritório Dom Evaristo Arns. Então vamos fazer o seguinte: o escritório dá assessoria para vocês, de graça. Tudo o que vocês precisarem. Em troca, vocês dão um espaço na programação para um programa de rádio, sobre os direitos do cidadão, que vai ser feito pelos estudantes de direito da PUC, de tal maneira que você ajudará esses futuros advogados a, desde já, ter sensibilidade para quais são os direitos do povo. Por outro lado, vocês terão um programa e contatos, para entrevistas especiais. Um dá assessoria jurídica gratuita e vocês pagarão com mídia. Pergunto: isso está acontecendo?

Você entra no site da UNAS ou da rádio. Você tem lá “parceiros”. Quem são os parceiros? Aí você encontra Action Aid, General Motors, mas não vai aparecer o escritório, não vai aparecer como parceiro a Oboré, não vai aparecer como parceiro o Luther King. Todo mundo que entrou só com trabalho não é considerado parceiro, parceiro é quem bota grana.

Agora que a rádio já tem 18 anos, já é maior de idade, ela tem de se comportar como maior de idade, ela tem de responder às questões.

Existe um programa do Lula chamado “Brasil Sorridente”, que significa que todo mundo agora vai poder cuidar dos dentes, que é um problema muito sério de saúde pública e não só de saúde, mas de posicionamento social. Aí fizemos o levantamento, levei, montei um encontro deles, em Heliópolis, no Congresso da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, para que eles fizessem uma palestra, colocassem quais eram os problemas de saúde bucal. Chegou no dia, não foram. Aí eu tive de falar por mim e mais por Heliópolis, porque não foram. Acertei tudo para falar no congresso, para reivindicar e explicar que sábado e domingo não funciona dentista, que os poucos dentistas públicos que existem fecham às cinco horas da tarde, portanto quem trabalha chega depois que fechou, que a população idosa que precisa de dentadura corresponde a 7% da população da favela, que 7% sobre 125 mil falamos sobre 10 mil pessoas, que uma dentadura custa 20 reais, então com 200 mil, você resolve o problema de boca de todo mundo e que, portanto, sobra dentista, e que nós precisávamos de um programa que tocasse nisso, porque esse é um programa de rádio que fala com o interesse das pessoas. Aconteceu nada.

Se esta rádio é uma rádio comunitária, voltada para a comunidade, esta rádio está a serviço de melhorar a vida dessa comunidade. Se existe uma luta real para melhorar a vida dessa comunidade, nas várias áreas: saúde, educação, transporte, habitação, etc. Por que é que

esses fatos não são fatos apresentados pela rádio? Isso não é uma tese de minha parte, isso é uma hipótese. Eu estou dizendo que é assim, mas para haver a confirmação se isto é fato ou não, tem que pegar a programação, ver os fatos sendo tocados pela associação, e não falo do movimento em geral, não estou falando das igrejas, estou falando das atividades que estão sob a governabilidade da Associação de união de núcleos, da associação que é a dona da rádio.

ANEXO 10 – ENTREVISTA COM REGINALDO

Reginaldo José Gonçalves é diretor de programação da rádio Heliópolis FM. A entrevista foi realizada no dia 25 de junho de 2010.

Sérgio Pinheiro - Heliópolis nasceu com muitas lutas. Como que era esse dia-a-dia? Há quanto tempo você está na comunidade? Você viveu isso? O que você ouviu? Qual é sua experiência desse início de Heliópolis?

Reginaldo Gonçalves - Estou aqui há uns 27 anos.

Sérgio Pinheiro - Você tem quantos anos?

Reginaldo Gonçalves - Eu estou com 33. E aí naquela época quando a gente veio pra cá foi bem no início de Heliópolis mesmo, não tinha água, não tinha luz. A gente pegou aquela época que Heliópolis era muito complicada de se viver, porque tinha os grileiros, eram pessoas que se diziam donas da terra e queriam cobrar. Foram momentos muito difíceis naquela época. Meu pai ia trabalhar e minha mãe ficava em casa, eu moleque só ficava na rua porque não tinha nenhuma área de lazer por aqui. Aos poucos a gente foi vendo a transformação de Heliópolis. Então hoje quando eu vejo Heliópolis eu comparo com quando eu cheguei por aqui. Foi uma transformação enorme. Coisas que eu vejo hoje que tem para os adolescentes que na minha época não tinha. Muitos amigos meus que estudaram comigo na primeira, segunda série, infelizmente entraram para o mundo crime e no mundo das drogas e acabaram falecendo. Eu me sinto um cara que conseguiu se destacar, ser exceção nesse quadro. Hoje em dia eu falo que a molecada tem muita oportunidade, mas naquela época não tinha. Era muito fácil entrar para o mundo da criminalidade, porque estava escancarado na sua frente. Era o que a molecada daquela época fazia, você ficava na rua e estava exposto a tudo. Hoje eu vejo Heliópolis nesse conceito de bairro educador, toda essa transformação e eu me sinto orgulhoso de morar aqui hoje. E saber que essas pessoas que começaram a morar desde o início de Heliópolis e estão até hoje, cada uma delas contribuiu para a melhoria da qualidade de vida da comunidade, cada uma delas fez o mínimo que fosse pra melhorar essa comunidade. Se ela está como está hoje é graças a esses moradores e graças também a uma articulação que Heliópolis tem, e acho que uma coisa deve ser destacada. O diferencial de Heliópolis

Sérgio Pinheiro - Como foi esse surgimento da UNAS?

Reginaldo Gonçalves - A UNAS...eu acho que já existia...com esse nome? Acho que 16 anos, se não me engano. Eu vou falar quando eu entrei na UNAS. Eu conheci o trabalho, mas não participava. Eu tocava, era DJ, sou DJ até hoje. E tinha um camarada meu que foi o cara que me ensinou, que foi o DJ Sapão, que foi um dos primeiros DJs de Heliópolis. E aí ele começou a fazer a programação na rádio. Eu me lembro como se fosse hoje que a gente montou a galera lá em casa e a gente ficou jogando baralho e escutando a rádio. Só que no dia que ele ia entrar no ar não deu certo, teve um problema lá na rádio e ele acabou não entrando no ar. E a gente ficava naquela expectativa, porque na época a rádio era coisa nova. Começou no sistema de *dial* mesmo em 97 e esse programa a gente fez no comecinho de 99, então era tudo novo. Falava “pô, mas caramba, DJ Sapão vai pra rádio”. Nesse dia ele não entrou no ar e veio embora, foi jogar baralho com a gente e disse que não entrou no ar porque deu problema. Aí no dia seguinte a mesma coisa. Ninguém trabalhava, tudo moleção, então a gente juntou o pessoal e ficou jogando baralho e esperou. Aí o Sapão entrou no ar, ele e um companheiro. Com uma semana o cara saiu da programação e o Sapão ficou sozinho e falou “preciso de alguém pra me ajudar”, mas só pra ver, eu não queria ir, estava com medo porque rádio devia ser um negócio louco, não tinha ideia do que era. Ele disse “não, vamos lá comigo e você só vai ver”. Cheguei lá, fiquei olhando ele trabalhar, mexer na mesa de som e ele foi me explicando o que cada botão fazia e eu achei bem legal. Aí eu comecei a ir com ele, preparava os CDs, naquela época não tinha telefone, então as pessoas pediam ao vivo e eu anotava. Muitas vezes também a pessoa ligava na quadra da UNAS. Então não tinha como o Sapão deixar a programação, atravessar a rua e ir para o outro lado, porque a rádio em frente da UNAS. Quando o Fábio começava a gritar da janela “Telefone! Rádio!” eu descia lá do outro lado, anotava o pedido.

O programa começou a se destacar e começou a receber várias ligações. O Rappin Hood fazia a programação de *rap*, sempre teve a programação. Mas ele saiu e o Sapão pegou e começou a ter bastante ligação. E o pessoal falou que precisava ter um telefone pra rádio, porque atrapalhava. O recepcionista só tinha uma linha naquela época. E comecei a ir com o Sapão, anotando os pedidos. E foi aí que eu conheci a UNAS. Quando a gente entrou na rádio a gente pensava em divulgar nosso trabalho como DJ. A gente nem estava pensando em trabalho social, mas a gente queria divulgar o trabalho e pegar mais festas. De início a ideia era essa.

Só que quando a gente começou a participar das reuniões, o Geronino na época falou “você entraram com um intuito, mas não era isso que vocês estavam pensando. Vocês vão virar liderança aqui. Quem entrou na rádio é liderança. E vocês têm uma responsabilidade muito grande”. E na hora eu não tive essa noção de ser liderança comunitária, de trabalhar com a comunidade. Mas depois que você se envolve na rádio, você acaba se tornando referência. Quando tinha algum problema, o pessoal ligava na rádio e a gente procurava resolver. Depois que eu fui entender direito o que eles falaram pra mim aquele dia. Liderança é isso, é você lutar pelo bem da sua comunidade. Você fazer algo que seja mínimo, mas que vai contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade. Aí eu comecei a me envolver com a ONG, comecei a fazer uns cursos, a me aprimorar, a entender como é esse processo de trabalho...e estou até hoje.

Sérgio Pinheiro - A proposta inicial da rádio foi em busca de comunicação, para poder marcar reuniões da Associação de Moradores, organizar mutirões, essas questões. Como que foi o processo de vinculação das pessoas da comunidade ainda quando era a Rádio Corneta? Você lembra?

Reginaldo Gonçalves - Eu lembro. Eu era molecão e ficava muito no Copa Rio que era um campo de futebol que tinha aqui que hoje foi ocupado. Tinha uma corneta lá. E eu me lembro, só que naquela época eu não me interessava por rádio e tinha muito morador que reclamava, porque eles eram obrigados a escutar rádio. Por bem ou por mal, era audiência total. É legal também falar da história de como começou a rádio. A UNAS começou a desenvolver o trabalho e Heliópolis cresceu muito. Não tinha como ir de casa em casa, de porta em porta, chamar os moradores para as reuniões, para os mutirões, para saber o que estava acontecendo na comunidade. Então a UNAS teve a ideia de criar uma rádio e criaram a rádio Heliópolis com o sistema de rádio-corneta, com auto-falantes espalhados pelas principais ruas. E acontecia isso, dos moradores reclamarem às vezes, mas a maioria do pessoal achava interessante. Mas era apenas duas horas durante o domingo. Então era pouco. E também naquela época ninguém tinha experiência em rádio, fizeram na raça, como sempre foi feito aqui. Só que dessa iniciativa a gente tem uma rádio que é uma das mais conhecidas do Brasil. Eu tiro o chapéu pra eles. Não sei se eu teria essa coragem de naquela época montar uma rádio, montar toda uma estrutura que na época era muito difícil. Tanto que quando a rádio nasceu não existia nem a Lei 9.612, que é a Lei que regulamenta as rádios comunitárias.

Como o João Miranda diz, “os caras são valentes”; colocaram a rádio no ar e hoje a gente tem um veículo de comunicação muito importante pra comunidade. Mesmo sabendo que a gente não atinge toda Heliópolis, mesmo sabendo que tem gente que critica a rádio, eu entendo que o trabalho que a gente faz aqui é fundamental e essencial.

Sérgio Pinheiro - A rádio nasceu da UNAS e veio de uma proposta de ajudar a comunidade. Como que a UNAS hoje atende a comunidade?

Reginaldo Gonçalves - Hoje a UNAS desenvolve diversos projetos sociais, seja na área de educação, de cidadania, de meio-ambiente, de comunicação. Tem o MOVA que é alfabetização de adultos, tem o Lavanderia Comunitária, que é um projeto muito bacana, tem aqui a Rádio Comunitária Heliópolis, tem o CCA, Centro da Criança e do Adolescente, que hoje em Heliópolis tem oito; tem o CRECA, Centro de Referência da Criança e do Adolescente, que trabalha a questão de crianças e jovens com conflito familiar. Então, brigou com a família, teve abuso sexual, a justiça tira da família e manda para o CRECA, pra depois dar uma solução. Todos esses projetos trazem melhoria na qualidade de vida da comunidade, porque são projetos que visam a conscientização, a orientação, o futuro de Heliópolis. A maioria desses jovens que está nos projetos dificilmente entra para o crime. Esses que estão num dos projetos acabam se destacando mais do que os que não estão. Mas o que acontece? Heliópolis são 125 mil habitantes separados por 1 milhão de metros quadrados. Mesmo a UNAS atendendo mais de 1.500 jovens em todos os projetos, não atende nem um terço da população jovem de Heliópolis. O trabalho da UNAS é bacana, mas não consegue atingir todos os jovens da comunidade. Por isso que a gente cobra o poder público, cobra da iniciativa privada para contribuir, pois quanto mais projetos tiver aqui a gente consegue reduzir os riscos do jovem entrar para o mundo do crime, daquela pessoa que está ajudando ser assaltada posteriormente. Porque você dá condições para esse jovem ter um futuro. E esse é o nosso trabalho. A UNAS não pensa no presente e não fica vivendo o passado. É sempre o projeto visando o futuro, preparando esse jovem para amanhã ser um profissional, seja na área que for, mas principalmente ser um cidadão consciente dos seus direitos, dos seus deveres. E saber criticar, saber cobrar, saber admitir quando está errado. Essa é a proposta da UNAS.

Sérgio Pinheiro - A rádio é um dos projetos da UNAS. E como que a rádio colabora com a UNAS dentro de todos esse projetos e como que a UNAS colabora com a rádio e,

consequentemente, esses dois colaboram com a comunidade?

Reginaldo Gonçalves - Hoje a rádio passa por um processo de transformação. A rádio foi legalizada, a gente fazia um trabalho legal, mas a gente sabia que aqui tinha vários erros. E um erro era de não divulgar o que acontecia na comunidade. Tinha um projeto aqui com 60 vagas para adolescentes, aí vinha um programa “X” e falava, mas depois o programa na sequência não falava. E a gente tem que fazer um trabalho comunitário. Tudo que acontece na comunidade, seja positivo ou negativo a gente tem que falar aqui, para que toda população saiba o que está acontecendo em Heliópolis. Tem mais uma coisa: os locutores são voluntários, eles não ganham nada aqui. E nem todos têm o entendimento da importância de fazer um trabalho social, de ser um comunicador social. Mas não por culpa deles. Nenhum aqui teve uma formação, só dois aqui têm DRT, tudo isso é um processo. O que a gente fez? A gente parou, refletiu, viu que estava com problema e percebeu que tinha que fazer alguma coisa. E agora a gente está tendo uma formação com todos os locutores, mas não uma formação técnica, porque isso eles mesmo não tendo o curso aprenderam na raça. Mas uma formação política, uma formação de conscientização desses locutores. A gente está tendo esse curso de formação com algumas lideranças daqui: o João Miranda, a Laís, o Genaro, a Genésia. Essas pessoas que passaram por todo esse histórico e sabem tudo que aconteceu de positivo e negativo na comunidade e a importância de lutar. Eles contam essa experiência para os locutores e falam a importância de fazer um programa comunitário, divulgar os projetos, porque às vezes tem uma mãe procurando uma creche e tem vaga em determinada creche e ela não sabe, e acaba perdendo a oportunidade de colocar a criança na creche pra ir trabalhar. E o mínimo que a gente podia fazer era divulgar na rádio... E às vezes por “N” motivos a gente não fazia isso. E hoje não, depois dessa formação. Antigamente a gente cobrava do pessoal, mas a gente nunca tinha feito uma preparação nesse sentido. Então ia muito da consciência do cara. Tinha algum evento na área cultural, como eu sou envolvido na área cultura, eu divulgava esse evento, mas aí tinha atividades na área de saúde e eu não dava tanta importância porque não era da minha área. Hoje a gente está fazendo esse trabalho para que eles entendam que tem que divulgar todas as áreas independente do seu programa, seja de *rap*, forró, de samba, porque seu programa é comunitário. E hoje você pode pegar a programação e avaliar o que eu estou falando aqui. A maioria dos programas hoje, não vou falar 100% porque ainda estamos em processo de mudança, mas a maioria da programação passa vinheta da UNAS, passa o que está acontecendo na comunidade, orienta a população.

Eu conheço algumas rádios Brasil afora e vejo hoje que Heliópolis é uma das poucas rádios que está chegando próximo de ser uma rádio comunitária. Não 100%, mas está chegando próximo. E são poucas que conseguem esse processo, por “N” motivos: Por não ter condições financeiras, não ter estrutura. Hoje a rádio tem estrutura, a rádio não tem como pagar os locutores, mas tem estrutura pra manter a rádio, pra comprar equipamento, isso a gente conseguiu, mas depois de 18 anos de luta.

Sérgio Pinheiro - Você vê que a rádio Heliópolis é verdadeiramente comunitária? O que é uma rádio comunitária?

Reginaldo Gonçalves - Boa pergunta. Às vezes eu faço essa pergunta diariamente. Porque se você falar que ser rádio comunitária é fazer rádio como a lei diz, não tem condições. Porque hoje a rádio Heliópolis está legalizada, mas se você for seguir à risca o que está na lei a gente não conseguiria se manter. A lei regulariza, mas não dá subsídios pra rádio se manter. Inclusive muitas rádios foram contra quanto a rádio Heliópolis foi legalizada. “Mas por que só a Rádio Heliópolis?”. Só que aqui em Heliópolis eu aprendi uma coisa muito importante: a gente não tem medo de errar. E a gente entendeu naquele momento que a rádio Heliópolis sendo legalizada, as outras teriam subsídio para cobrar da ANATEL pra ser legalizada também. E a gente ia estar junto, porque a gente concorda também, mas alguém tinha que dar o pontapé inicial. Fomos nós, mesmo sabendo que alguém ia poder criticar, muitos aplaudiram nossa iniciativa, mas muitos queriam ser a primeira. Depois que a rádio Heliópolis foi legalizada teve outras rádios que conseguiram também a concessão e tem mais que estão no mesmo processo. Mas é tudo coisa que se a gente não tomar a iniciativa não acontece. Quando fala em rádio comunitária, a gente não pode achar que está 100% comunitária. Porque qualquer coisa no mundo, se estiver 100% tem alguma coisa errada. E aqui a gente sempre tem que procurar melhoria, mesmo que a gente ache que a rádio está legal.

Sérgio Pinheiro - Quais são os principais problemas que você vê aqui na rádio?

Reginaldo Gonçalves - A rádio tem vários problemas. Primeiro que a rádio não atinge toda a comunidade. Se eu quero fazer um trabalho comunitário como eu vou fazer sem conseguir falar com toda comunidade? Primeiro, a questão do sinal. A frequência que a gente está no *dial*, 87,5 FM, é uma péssima frequência. A gente pensa que vai legalizar nessa frequência,

sabendo que ela é ruim, mas vai legalizar agora e lutar pra mudar, porque já demos um passo à frente. Não tem como eles fecharem mais, eles deram a concessão pra gente. Se a gente não tivesse legalizado ainda ia ser uma luta para tentar legalizar e tentar mudar a lei. Eu acho que a gente tem que ir passo-a-passo. Sabemos que a frequência é ruim, ela prejudica o sinal, a rádio não pega em toda Heliópolis. A gente tem o entendimento que se a gente pegasse, a gente não quer pegar pra longe, a gente quer pegar toda Heliópolis, só isso. Porque nosso trabalho aqui é focado em Heliópolis. Teve uma época que a gente estava pegando na Vila Bela, mas não pegava aqui. Só que nosso foco não era lá na Vila Bela. Foi feita uma reunião, uma pesquisa, medição de latitude, longitude, pra saber qual frequência ficaria melhor para a gente tentar atingir toda Heliópolis. A gente mudou pra frequência 97,9, pois achamos que ia ter mais condições do pessoal escutar. Outro problema que a gente tem é a divulgação. Tem muitas pessoas que não sabem que a rádio está legalizada, que existe a rádio, que está na frequência 87,5 FM, isso é um problema que a gente está trabalhando para melhorar. A gente faz uma baita divulgação para que todos, mesmo quem não escute, saiba que a rádio existe, que ela é da comunidade, que sempre que precisar a rádio vai estar de portas abertas. Esse é o nosso papel. No dia que a gente conseguir fazer uma divulgação legal, que as pessoas saibam que a rádio existe, que está na frequência 87,5 FM, mesmo que não escute a rádio, eu vou ficar feliz. A gente sabe que pelo menos nosso trabalho está sendo feito. A gente conseguiu divulgar a rádio, conseguiu mostrar para os moradores que tem um veículo de comunicação a serviço deles e na hora que eles precisarem eles podem utilizar.

Sérgio Pinheiro - Heliópolis é um Ponto de Cultura. Como esse projeto foi idealizado e como ele acontece na prática?

Reginaldo Gonçalves - Na verdade esse projeto Ponto de Cultura foi importante aqui pra rádio, porque foi através desse projeto que a gente conseguiu estruturar a rádio. A gente comprou equipamento como o computador, essa mesa de som, o amplificador. Então a gente conseguiu estruturar a rádio, porque alguns anos atrás não tinha essa estrutura e dificultava ainda mais nosso trabalho. Depois que a gente conseguiu estruturar a rádio veio esse processo de melhorar a rádio. Porque o que acontecia? Às vezes o locutor vinha aqui motivado, mas ia tocar o CD colocava e não tocava, enquanto isso enrolava no microfone trocando o CD, mas o outro não funcionava também. Então os caras aqui eram “ninja”, porque eles tinham que fazer coisas do outro mundo para dar certo. Enquanto eles falavam iam lá e limpavam o CD,

passavam na blusa pra limpar, davam uma batidinha no toca-CD e aí tocava. E vários locutores passaram por esse processo, se você for perguntar para o pessoal mais antigo, eles sofreram muito com esse processo. Quando chegou o Ponto de Cultura a gente conseguiu estruturar a rádio, a gente fez oficina de rádio-locução, oficina de áudio e vídeo.

Sérgio Pinheiro - O projeto Ponto de Cultura era estruturação da rádio?

Reginaldo Gonçalves - Isso, estruturação e fazer atividades com a comunidade, como as oficinas, seminários. Hoje a rádio não é mais Ponto de Cultura, não tem a verba, mas temos os equipamentos aqui. A gente ainda faz oficina de rádio. Mesmo o Ponto de Cultura tendo acabado.

Sérgio Pinheiro - Qual é o apoio concreto que chega do não só do Governo Federal, mas do Governo Estadual e Municipal?

Reginaldo Gonçalves - Nós temos vários convênios com o poder público e com a iniciativa privada também. Hoje a gente tem várias creches aqui e é uma parceria com a prefeitura; a gente tem os CCAs que também é uma parceria com a prefeitura; temos o Ponto de Cultura que é uma parceria com o Governo Federal; e a gente também tem as COHABs, com o CDHU. E a gente aqui também procura ver os editais para saber quais são as possibilidades pra gente mandar um projeto e trazer aqui pra Heliópolis. É assim que a gente se mantém. Também cobramos da iniciativa privada. Hoje a gente tem um projeto aqui que quando eu falo muita gente acha uma loucura, que é a parceria com a AMBEV para desenvolver um projeto de conscientização e prevenção contra o uso de bebida alcoólica por menores de 18 anos, e após os 18 anos o uso consciente. Estamos fazendo uma campanha pesada aqui nesse sentido, para que os jovens da comunidade de menos de 18 anos não beba. E muita gente pensa que a AMBEV está patrocinando um projeto desse para diminuir o consumo deles, mas é ao contrário. Eles sabem que quando a pessoa bebe muito, fica alcoolizada, vira dependente e traz transtorno para a família, problema de saúde. E para eles é ruim, porque passa uma imagem negativa e eles não querem isso. Se todo mundo bebesse sem exagerar não faria mal, mas a gente não tem consciência. Outra coisa que é importante falar é que a gente não quer falar para pessoa não beber, não quer ser o salvador. A gente sabe que esse projeto é de orientação e prevenção. Se a gente conseguir que de 10 adolescentes 2 percebam a importância de não beber antes dos 18 anos, ou a importância de beber com consciência para

nós já está valendo, porque é um tema difícil, um trabalho complicado que não existe em outro lugar. E Heliópolis é piloto, se der certo aqui vai para o Brasil inteiro.

Sérgio Pinheiro - No processo de legalização da rádio a Universidade Metodista deu um apoio. Como isso se deu e qual foi o apoio concreto da Universidade aqui na rádio?

Reginaldo Gonçalves - Quando a rádio fechou a gente começou a se reunir e procurar soluções, porque a rádio Heliópolis não poderia ficar fechada. E mesmo com a rádio fechada, a rádio era um ponto de encontro dos locutores aqui e da própria comunidade. Então a gente vinha aqui e conversava, discutia o que estava acontecendo, via o que a gente podia fazer para legalizar a rádio. A UNAS procurou os parceiros que agente tinha, procurou todos os políticos que vinham aqui pedir votos. E muita gente falou que a rádio foi legalizada porque Heliópolis tem padrinhos políticos, mas é justamente o contrário; a rádio foi legalizada porque Heliópolis tem articulação. A UNAS soube cobrar das pessoas que vêm aqui só para pedir voto. Elas vêm só para usar a comunidade e depois quando estão eleitos esquece, não é? Então a gente fez ao contrário, fizemos uma carta e fizemos todo esse pessoal que vem aqui pedir voto assinar. Foi tão grande que o Ministério das Comunicações percebeu que tinha que legalizar a rádio Heliópolis, eles disseram que iam testar um canal no *dial*, o 87,5 FM: “vamos reabrir a rádio em caráter experimental para fins científicos” e para fazer isso a gente tinha que ter uma parceria com uma universidade. Procuramos várias e deu certo com a Metodista. Conseguimos mandar toda documentação e botamos a rádio no ar nessa frequência 85,7 FM para fins científicos. Esse processo foi importante porque conhecemos pessoas que foram importantes para legalizar a rádio: Cicilia Peruzzo, Sérgio Gomes, que sempre esteve com a gente; o senador Suplicy, o Mercadante... E é apartidário, porque tem o Willian Woo que não é do PT, é de outro partido. Todas as pessoas que a gente achou que poderia contar a gente procurou, independente de partido, a gente queria botar a rádio no ar, e conseguimos. Muita gente falou que Heliópolis foi legalizada porque tinha o político lá que legalizou. Teve gente que falou que a rádio foi legalizada por causa do Zidane, você acredita? Depois de 18 anos de luta, a rádio estava para ser legalizada e o Zidane viria a Heliópolis. E o Lula tinha marcado para vir aqui dar a concessão para a gente, assinar autógrafo...só que o Lula não queria fazer no mesmo dia do Zidane. Porque senão ia parecer que ele ia aproveitar a visita, e ele não quis fazer isso e desmarcou a visita. Até pensei que a rádio poderia não ser mais legalizada por causa do Zidane, mas ele veio, ficou 5 minutos e foi embora [...] Eu fui no

encontro da TEIA, dos Pontos de Cultura, no GT de rádio o pessoal veio me falar que a rádio tinha sido legalizada graças ao Zidane. Aí eu dei risada, porque o Zidane nem sabia que tinha uma rádio em Heliópolis. De um boato cria tudo isso, eu estava no Ceará, em Fortaleza, e isso foi citado. É uma coisa que é loucura e que às vezes apaga toda uma história de 18 anos de luta para legalização da rádio, para construir através da comunicação um futuro melhor para Heliópolis.

Sérgio Pinheiro - Heliópolis tem um projeto de sempre ser um bairro educador. O que é ser um bairro educador?

Reginaldo Gonçalves - Para mim, que estou há algum tempo atuando com o social aqui na comunidade, acho que ser um bairro educador é estar sempre aprendendo alguma coisa e ensinar algo a alguém. Você pode aprender com uma criança de 5 anos. Você pode passar seu conhecimento para uma pessoa e essa pessoa reproduzir esse conhecimento para outra, para outra, para outra. Eu não preciso ser estudado, ter uma faculdade, porque conhecimento você adquire com o tempo, com a experiência. Também eu penso que o que eu aprendo de positivo eu posso passar para outra pessoa. Como DJ eu faço oficina e eu lembro que eu ia participar das oficinas e os caras iam lá e levavam aqueles equipamentos de outro mundo e a gente ficava com os olhos brilhando, falavam que com esse equipamento você faz isso e aquilo e a gente ficava esperando chegar a nossa vez. O cara fazia uma exibição nota 10 e depois dizia que acabou a oficina, desligava os equipamentos e a gente não tinha oportunidade de tocar nos equipamentos. Depois quando eu tive a oportunidade de dar uma oficina de DJ a primeira coisa que eu falava para o pessoal era que iríamos ter uma parte teórica, que é o que você tem que saber, e depois iríamos para a prática. A maioria das vezes a gente tinha um resultado positivo, porque às vezes o que eu estava falando ali o aluno não entendia nada, mas na hora que ia para a prática ele acabava entendendo o que eu tinha falado. Outra coisa, a gente não deixa morrer nossa cultura. Infelizmente o Brasil é assim, a gente não valoriza nossa cultura, nossos antepassados, nossa história. Você tira pela escola mesmo, veja o ensino de hoje, é muito precário. Você pergunta para um jovem quem foi Zumbi dos Palmares, ele não sabe quem foi, porque a escola não ensina, ou passa por cima. E é coisa que a gente tem que saber das nossas raízes. Um jovem hoje não quer saber de onde o pai e a mãe deles vieram. Muitos aqui são do Norte e Nordeste e os jovens que nasceram aqui em São Paulo não sabem o sufoco que foi naquela época em que eles vieram para cá em busca de uma melhoria para a

família. Se hoje eles têm tudo isso foi graças aos pais, que fizeram todo esse processo de buscar o melhor para aquele jovem e a gente não resgata isso. Eu acho que bairro educador é isso: resgatar a história, mostrar para o jovem, para o senhor, para a senhora, que eles têm algo para passar e para aprender. Eu acho que o bairro educador aqui de Heliópolis está acontecendo, é um processo difícil, mas tudo o que é difícil é mais gostoso de trabalhar.

Sérgio Pinheiro - Um dos grande problemas de Heliópolis são as drogas, a violência, consequentemente se o cidadão não estuda ele não consegue ter uma boa qualificação profissional. Como a rádio colabora para dialogar, problematizar e verbalizar esse problemas com a comunidade?

Reginaldo Gonçalves - A rádio trabalha no sentido mais de prevenção, com relação às drogas. Eu vou te falar que o cara que está no mundo das drogas, no mundo do crime, ele dificilmente consegue sair. Por se acomodar, ou por não ter oportunidade, pois ele acaba por algum motivo roubando, vai preso, chega na cadeia, não há nenhuma oportunidade dele se recuperar e ele volta um profissional do crime, ele volta com outra mentalidade. Tem muitos casos assim, a maioria é assim. Ele acaba preso, vai pra cadeia, e ali é uma escola do crime. Ele sai revoltado, porque ele sabe que quando ele sair vai sofrer preconceito, não vai conseguir emprego, sua autoestima vai lá em baixo e o ser humano com a autoestima baixa é a pior coisa que tem. Então a gente procura trabalhar no sentido da prevenção, para que não aconteça isso. Nosso papel aqui é esse, a gente orienta aqui na rádio, a gente fala sobre o tema, a gente anuncia vaga de emprego. A gente tenta fazer o possível para que aquele jovem, aquele pai de família não entre para o mundo do crime. E a relação com o crime é a seguinte: aqui tem tráfico de drogas, não vou falar que não tem, mas ele é morador de Heliópolis como outro qualquer. Eles não interferem na programação e cada um faz seu papel. A gente não vai lá dizer que eles não podem traficar aqui. Também porque a gente sabe que cada um que está ali a gente tem que analisar o contexto. Eu não vou falar que ele é um filho da mãe, eu não sei a história daquele cara, às vezes ele está traficando porque não teve outra oportunidade. Aí eu vou julgá-lo? Talvez se eu estivesse no lugar dele eu estaria traficando também. Eu tive sorte, tive oportunidade na vida, mas será que ele teve? E as pessoas gostam de julgar sem saber a história. Então a gente procura aqui fazer um trabalho de prevenção, às vezes a gente consegue, às vezes não, mas a vida é assim, é feita de desafios e você tem que enfrentar.

Sérgio Pinheiro - Então você entende que a rádio é um ambiente educativo para essa prática da cidadania? Na prática mesmo, o cara que está em casa ouvindo a rádio ele consegue ouvir isso ou será que isso fica no discurso, no ideal? Você acha que isso verdadeiramente acontece?

Reginaldo Gonçalves - Se acontece ou não acontece eu não vou saber falar precisamente, a gente tem que ter consciência do nosso papel. Mesmo que entre por um ouvido do cara e saia pelo outro, mas nosso papel é falar. Porque é isso que a mídia faz: o cara quando quer vender um material ele coloca na TV e fica martelando. De tanto a pessoa ouvir isso no rádio e ver na TV ela acaba comprando. Eu vejo isso da mesma maneira, tem que martelar e uma hora entra na cabeça da pessoa. Às vezes desperta o interesse da pessoa em pesquisar, saber que o que estamos falando é verdade [...] o nosso papel é martelar, fazer a divulgação e fazer as pessoas uma hora entenderem que às vezes é mais importante você participar de uma reunião de moradia, mesmo sabendo que seu barraco não tenha nada a ver com o que está sendo discutido, do que ficar no bar bebendo. Porque aqui os moradores participam quando vai incomodá-los. Enquanto não está incomodando, enquanto o problema está no vizinho não tem problema. Quando o problema do vizinho começa a ser seu problema também você procura soluções. Aqui a gente tenta fazer o contrário, primeiro falar, orientar, para que esse problema não se espalhe.

Sérgio Pinheiro - Você falou sobre processo de renovação. Como funciona esse processo de renovação? Como os apresentadores entram e saem da rádio?

Reginaldo Gonçalves - Os locutores são voluntários, como eu disse. A gente teve uma época em que estava saindo muito locutor da rádio. E locutor bom, tanto da parte teórica como da técnica; gente que tinha entendimento de comunicador social, mas que precisa sustentar a família. Então quando esse cara estava indo bem ele acabava se destacando na comunidade e acaba aparecendo oportunidade. Essa pessoa às vezes está desempregada, tem filho, tem pensão pra pagar, o cara escolhe entre sustentar a família e ficar na rádio, mesmo que ele ame a rádio. Ele tem que sair da rádio e a gente nem quer isso, a gente quer que todos os locutores aqui da rádio estejam bem com suas famílias. Porque eles estando bem em casa eles vão fazer uma programação legal. Agora, se ele não está bem em casa, vai chegar aqui e não vai fazer um trabalho legal.

Sérgio Pinheiro - Qual é a audiência da rádio aqui na comunidade?

Reginaldo Gonçalves - Hoje a gente não sabe, depois de todo esse processo a gente não sabe como está a audiência. Mas foi feita uma pesquisa há algum tempo atrás pela jornalista Márcia Detoni da BBC de Londres. Ela fez um trabalho para o Mestrado e deu que 30% da comunidade de Heliópolis escutava a rádio. Mas a gente estava naquela frequência 97,9, então a gente tinha uma audiência boa, porque 30%, se fosse 100 mil habitantes, eram 30 mil ouvindo a rádio. Hoje a gente não sabe, mas eu tenho a impressão de que é bem menos do que isso, devido a todo esse processo, mudança do *dial*. Hoje Heliópolis tem muita coisa para fazer, tem Internet e ali tem tudo. Então rádio não é mais uma coisa que você ouve porque não tem mais o que fazer. Acho que quem ouve a rádio é gente que se preocupa com a comunidade, quer saber o que está acontecendo. São as pessoas mais politizadas da comunidade. Quem não pensa nesse sentido vai fazer outra coisa, a rádio não é uma coisa interessante.

Sérgio Pinheiro - Quais são as principais mudanças da comunidade nas quais a participação da rádio foi importante?

Reginaldo Gonçalves - Eu acredito em vários pontos; um deles é a conscientização dos moradores. Quem escuta a rádio hoje é o pessoal mais politizado e eles vão participar mais da comunidade. Por exemplo, a Caminhada da Paz começou com 1.500 pessoas e hoje chegou a 15 mil pessoas. A rádio contribuiu muito com isso, porque a rádio divulgando, batendo, falando, aquela pessoa acaba se sensibilizando e acaba participando. Eu acho que o foco da rádio é mesmo na participação, de passar a informação para que a pessoa participe mais das ações. Tem um locutor aqui que se chama Erisvaldo, quando ele entrou na rádio ele começou a fazer a programação, dissemos que a rádio tinha reunião, que ele ficaria como repórter. A primeira matéria que ele iria fazer foi a matéria da corrida e caminhada de Heliópolis. Quem ia participar trazia um kit educação. Quando ele chegou para cobrir o evento, eu fiquei feliz e disse pra ele que estava feliz em vê-lo, porque acontece das pessoas dizerem que vão e não aparecerem. Ele falou para mim que não sabia que a corrida tinha toda essa estrutura, ele achava que era coisa para 20, 30 pessoas. Depois desse dia ele cobre todas as atividades. Outro dia teve a visita de uma princesa da Europa, acho que da Noruega, e ele que foi lá cobrir. Isso tudo traz informação para a comunidade. Às vezes aquele cara que está trabalhando nem sabe que a princesa veio visitar a comunidade, não sabe que o prefeito

esteve aqui, isso eu acho que é o essencial da rádio.

Sérgio Pinheiro - Você percebe que a comunidade sente que a rádio é um espaço do povo?

Reginaldo Gonçalves - Quem entra aqui e conhece o locutor, o que é a rádio, sente. Quem só ouve eu acho que não tem esse sentimento. A pessoa está lá escutando para se informar, mas não para participar. Mas a partir do momento em que conhece, essa pessoa consegue mudar a visão. Quando ela vem aqui e começa a conversar com o locutor e o locutor começa a contar a história de vida dele, essa pessoa percebe que tem uma rádio dessa na nossa comunidade. Várias pessoas me falam que me vêem passar por aqui todo dia, mas não sabiam que eu era aqui da rádio. Mesmo nossos familiares, no começo achavam que eu estava ganhando grana na rádio, mas quando a gente falava que era trabalho comunitário e que não ganhava nada eles achavam que eu estava louco. E quando você vê um morador elogiando seu trabalho, falando que de certa forma a gente o ajudou, isso é o nosso pagamento, e vale mais do que qualquer salário. É uma coisa que às vezes mudou a vida dessa pessoa para sempre. Uma vez eu fazendo a programação de *rap* e de repente a polícia chegou. A polícia parou e os caras vieram me chamar. Pensei que iam fechar a rádio. Eu saí e perguntaram quem era o responsável. Na época eu não era o coordenador, era o Geronino. Eu falei que o responsável era o Geronino mas ele não estava ali e eu era o responsável no momento. Ele perguntou meu nome e disse “É o seguinte, seu Reginaldo. Eu estou com uma criança perdida aqui no carro e a gente já procurou o pai e ele não quer falar nada e eu queria que você anunciasse na rádio”. Falei para ele trazer o menino. O policial até deixou o telefone dele e falou que se eu não achar que eu ligasse para ele. Só que só falou o primeiro nome dele. Eu entrei no ar e ele começou a me observar falando. Daqui a pouco eu toquei uma música e disse “você me viu falando no ar?” eu aumentei o retorno e comecei a mostrar os botões para ele. Tinha que ver os olhos do menino. Fui mostrando para ele no computador como seleciona as músicas. Perguntei de novo o nome dele, e ele disse “Jorge”, eu acho. Depois eu perguntei o sobrenome dele e onde ele mora. Ele falou o nome da rua e eu anunciei. Aí uma vizinha ligou dizendo que a mãe dele estava desesperada rodando a favela toda de moto. Não deu cinco minutos e a mãe dele chegou dizendo que tinha ido à delegacia e o pessoal falou que tinha trazido ele para cá. Depois passou um tempo, uns dois anos, eu estava fazendo uma matéria para uma revista. A gente rodou Heliópolis toda, era até uma matéria sobre a urbanização de Heliópolis. Aí esse menino veio correndo e meu deu o maior abraço. Até o repórter falou

“cara, você é famoso mesmo por causa da rádio”. Eu não estava lembrando de onde eu conhecia ele. Ele perguntou: “você lembra de mim?”. Eu tentando lembrar...se eu não lembro eu falo. Perguntei: “de onde você me conhece?”. “Lembra que eu tava perdido e você me achou lá na rádio?”. E o repórter começou a dar risada....foi uma coisa que marcou ele, porque eu nem estava lembrando, mas ele lembrou e foi me dar um abraço. É esse tipo de coisa que recompensa.

Sérgio Pinheiro - Você sente que a programação musical faz parte do processo educativo da rádio?

Reginaldo Gonçalves - Sim, eu sinto. Às vezes tem muito tema delicado que não é fácil de você abordar na rádio. Mas às vezes aquela música está falando aquilo, na música já fala tudo. Você só dá uma introdução e toca a música; você diz “presta atenção nessa letra aqui” e às vezes a música vai diretamente para aquela pessoa que está escutando. Esse é o poder da música. A música tem um poder que às vezes a gente não sabe. Muita gente reclama que tem música que tem 8 minutos. E falam “pô, mano, mas essa música de 8 minutos dava para tocar 3”, mas às vezes as 3 que eu podia tocar não fazem o efeito daquela.

Sérgio Pinheiro - A rádio discute os assuntos, ocorrem debates durante a programação?

Reginaldo Gonçalves - Tem. Eu mesmo quando eu fazia a programação eu fiz vários debates. Um debate que foi muito polêmico foi em relação ao aborto, que teve várias participações. Outro debate foi sobre os preconceitos. São coisas que davam debate, uma vez a gente estava fazendo um debate sobre o preconceito contra o *rap* e ligou um ouvinte: “eu estou escutando a rádio de vocês e eu quero dar um depoimento”. Eu coloquei no ar e perguntei de onde ele estava falando: “da Rodovia Anchieta, eu sou motorista, estava passando aqui na Anchieta e sintonizando a rádio, acabei sintonizando vocês. Eu não gosto de *rap*, mas eu sou nordestino. Enquanto vocês estão falando de preconceito aí eu também sofro preconceito. Eu quero falar de preconceito em relação ao lugar aonde eu nasci e cheguei aqui em São Paulo, o pessoal tem muito preconceito contra nordestino...”. E começou a falar um monte e aquilo aumentou o debate, porque o cara estava na Anchieta, parou o caminhão para entrar no ar e aí o pessoal que estava em Heliópolis começou a ligar também. Era um debate temático sobre preconceito contra o rap, mas acabou se tornando uma coisa maior. Se fosse numa rádio comercial ia fugir do foco...o bom é que a gente tem essa liberdade.

Sérgio Pinheiro – Com qual frequência são realizados esses debates?

Reginaldo Gonçalves - No programa de *rap* praticamente uma vez por semana acontece entrevista, ou debate, mas um programa específico não tem. A gente tinha o Fuzarca, que era um programa de entrevista que debatia um tema com um convidado. Mas a gente não tem um tema assim específico. Esse programa chamava “Heliópolis papo-cabeça”, a gente pegava um tema, chamava um convidado e deixava os ouvintes fazerem perguntas.

Sérgio Pinheiro - Quem são os parceiros da UNAS?

Reginaldo Gonçalves - Da UNAS tem vários: tem a *Action Aid* que é uma associação internacional que ajuda a rádio, tem o próprio poder público que é um parceiro, sim. Eles trazem os projetos para cá e quem administra é a UNAS, o que é positivo. Às vezes acontece em outras comunidades...tem comunidade que precisa de uma creche e não tem. Precisa se articular para cobrar do poder público. Tem muitos parceiros.

Sérgio Pinheiro - Algumas pessoas comentaram comigo que algumas pessoas vêm aqui, fazem umas entrevistas e somem. Como você se sente a respeito das pessoas que não são da comunidade? Você se sente apoiado por essas pessoas ou usado?

Reginaldo Gonçalves - Eu não posso generalizar, depende da pessoa. Tem pessoa que vem aqui procurar a gente e acaba que a pessoa vai lá, faz o trabalho dela, mas continua vindo na comunidade. Agora, tem pessoas que não. Já aconteceu caso da pessoa ter que fazer TCC e vir aqui sem marcar com ninguém. A gente atender, mas pra todo mundo a gente fala que não cobra nada, a única coisa que a gente cobra é que mande o material. É uma forma da gente saber o que foi feito. Às vezes tem alguma crítica construtiva, então para a gente é super positivo, porque é uma opinião de fora de uma pessoa de fora, que dá um toque que a gente nunca pensou nisso e vai melhorar a rádio. Agora, tem pessoas que vêm, usam a rádio, usam a comunidade e depois somem, porque já fez o que tinha que fazer. E às vezes a própria pessoa aqui mesmo que está fazendo trabalho na comunidade usa o nome Heliópolis. Vem, faz seu trabalho, mas só visando lucro pessoal. Não é porque está procurando melhoria das pessoas que estão participando. Porque Heliópolis tem um nome muito forte, então muita gente procura aqui. E já tomamos vários tombo por acreditar nas pessoas e as pessoas vêm com uma proposta e depois mudam. Mas acho que a vida é feita de experiências e a gente não tem medo de errar. A gente prefere arriscar e apostar nessa pessoa, mesmo sabendo do risco que a

gente está correndo, do que falar não e perder uma oportunidade que pode ser positiva para a gente.

Sérgio Pinheiro - O coral Baccarelli atua na comunidade. Como a rádio colabora com o coral?

Reginaldo Gonçalves - Na verdade a gente não tem nenhuma participação com eles nem eles com a gente. Porque como eu falei, se a gente está fazendo um trabalho na comunidade, nada mais justo do que a gente beneficiar essa comunidade. Então o Baccarelli, tem gente que acha que música clássica não é para a periferia. Mas quem falou que o vizinho se escutar não vai gostar de música clássica? Mas se eu apresentar para ele...eu não entendo, eu posso apresentar rap, porque eu conheço. Agora, música clássica eu não conheço. Não tem como eu pegar um violino e tocar. Agora, será que se ele não vir o menino da comunidade tocando o violino, será que ele não vai gostar? É isso que a gente cobra do Baccarelli; fazer uma apresentação aqui na comunidade, pegar os jovens de Heliópolis, que eu acho que tem alguns lá, e trazer para fazer uma apresentação aqui...

Sérgio Pinheiro - Então não há interesse do Baccarelli em divulgar o trabalho aqui.

Reginaldo Gonçalves - Não se você vai conversar com outros locutores, mas outro dia foram o Zenildo e o Erisvaldo lá. Eles até brincaram dizendo que iam entrar lá. Porque tem uma catraca lá e você só entra se tiver marcado bem antes, aqui na rádio você vem pra conhecer, você vai entrar e vai conhecer a rádio, não vai precisar marcar. Agora é diferente, se você precisar marcar uma entrevista, a gente não tem tempo e tem que marcar para você vir e conhecer não custa nada. É uma coisa simples, que nem você perguntou antes se eles sentem que a rádio é deles. Eu falo que quando eles vêm aqui eles sentem. Agora, se eu for lá no Baccarelli conhecer não vou sentir que aquilo faz parte da comunidade, porque só pra entrar e ver é uma dificuldade. Faço o desafio para você de ir lá agora e tentar conhecer, eu sei como é o trabalho deles, é a maneira deles, não vou dizer se é certo ou errado. Mas, como morador de Heliópolis, eu sinto que aquilo não faz parte de mim. Eu não tenho acesso. Quantas apresentações tiveram em Heliópolis? Você não acha que seria legal eles pegarem a Rua Paraíba, que é o centro de Heliópolis, e fazerem uma apresentação com coral e orquestra? Coisa que nunca foi feito. Veio um pessoal fazer um trabalho e as pesquisas deles eram em cima do Baccarelli. Para ver quantas pessoas conheciam, quantas participaram, quantas

peessoas viram algumas apresentações deles. Depois do trabalho do TCC eles me chamaram para ir assistir e eu fui, só que eles queriam fazer uma coisa diferente: depois da apresentação ele queria fazer um show juntando *rap* e a música clássica. “Você topa?”. Eu disse que não topava, mas ia falar com o China, que é do meu grupo e canta, eu levo o toca-disco. A gente fez a música da caminhada pela paz...na hora que esse cara viu ele disse que dava pra tirar umas notas. E a gente não ensaiou nada, ele só pegou o CD, eu levei o toca-disco. No dia o pessoal apresentou o trabalho e no final ele falou “para a gente provar que a música não tem fronteiras, não tem lado social, a música é universal, a gente trouxe um grupo de *rap* de Heliópolis e um ex-aluno do Baccarelli que toca violino”. Eu soltei a base do CD e ele começou com o violino, o China cantando. Quando acabou a apresentação o pessoal aplaudiu de pé e pensei que eles iam tirar 10. Os professores iam fazer a avaliação deles, e o professor falou: “antes de fazer a avaliação eu queria pedir que vocês repetissem a apresentação”. Depois ele falou que o trabalho estava show de bola, nota 10.

Sérgio Pinheiro - O escritório Dom Evaristo Arns fez uma parceria de assessoria jurídica e em troca, eles iam trazer material para vocês veicularem falando da questão jurídica, os deveres e direitos do cidadão. Como foi isso e por que acabou?

Reginaldo Gonçalves - No começo rolou legal. A assessoria jurídica eles ainda dão, mas a questão das vinhetas ficou meio perdido, porque eles ficavam de mandar e mandavam uma vez e outra não. E devido à correria deles e a correria aqui a gente não conseguiu acompanhar mais a fundo.

Sérgio Pinheiro - Eles nem mandam mais?

Reginaldo Gonçalves - Não, nem mandam mais.

Sérgio Pinheiro - Foi acordado isso?

Reginaldo Gonçalves - Não, acabou acontecendo. A rádio passando por várias transformações e acabou se perdendo e não aconteceu mais. É coisa que acontece muito aqui, não sei se é uma falha ou uma qualidade. É muita coisa que acontece e você não pode ficar focado numa coisa. Por exemplo, eu sou coordenador da rádio, mas eu coordeno outro projeto, porque nesse outro projeto eu ganho. De tarde eu não fico na rádio e tem dia que eu nem apareço na rádio. Porque eu estou em outro trabalho, eu tenho que sustentar minha

família. Às vezes aparece alguma oportunidade e eu não tenho como começar e tem que outra pessoa começar e as coisas acabam se perdendo. Eu estou ausente, mas tenho confiança de que quem está aqui vai representar a rádio. Sempre está o Rogerinho, o “Zóio”, a Cláudia, o Ribeiro, o próprio Renatinho. Aqui na rádio eu estou tranquilo porque eu sei que a rádio sempre vai ter alguém para resolver.

Sérgio Pinheiro – A Oboré também tem uma parceria no Plantão de Saúde. Como é que isso acontece?

Reginaldo Gonçalves - Até hoje eles mandam o Plantão Saúde para a gente na rádio e a parceria nem é só no Plantão Saúde. A gente tem uma proximidade muito grande com a Oboré, porque a Oboré é o escritório da AMARC aqui em São Paulo e a rádio é associada à AMARC, inclusive a Cláudia esteve na Argentina fazendo um curso sobre rádios comunitárias. O Sérgio foi muito importante e até hoje é muito importante para a rádio. Ele lutou, ele batalhou e ele mostrou os caminhos que a gente devia seguir para melhorar a qualidade da rádio. Quando a gente conheceu o Sérgio o Geronino era o coordenador sozinho, então ele tinha que fazer tudo, cuidar da parte financeira, da parte de programação, da parte de manutenção e ele acabava ficando sobrecarregado. E depois que o Sérgio começou a vir aqui na rádio, percebendo esses problemas, perguntou por que nós não criávamos uma mesa de trabalho para debater os problemas e melhorar a qualidade da rádio. E a gente fez isso, começou a se encontrar uma vez por mês e, através dessa mesa de trabalho, a gente viu que tinha que descentralizar, dividir as tarefas. Até hoje, eu sou o coordenador geral, mas a maioria dos trabalhos quem faz são eles. O Sérgio Gomes foi quem orientou a gente e se hoje a rádio está onde está, a gente conta com vários parceiros, mas um deles é o Sérgio Gomes da Oboré, e toda aquela equipe da Oboré que sempre está com a gente quando precisa. Ele até cobrou que a gente não foi mais lá, que a gente sumiu, mas eu disse para ele que estamos passando por aquele processo de formação e não temos tempo de sentar. Queremos também deixar tudo redondo antes de partir para fora. Outra coisa que o pessoal falou no seminário que eu estive no Paraná foi a relação da rádio com a ABRAÇO, que a gente não estava participando das reuniões. E eu falei que a gente realmente não está participando, porque a gente tem que ser verdadeiro. Não adianta falar que a gente vai mandar uma pessoa lá que não tem entendimento. A gente tinha uma pessoa que ia lá, no começo o Geronino, depois a Cláudia, mas essas pessoas têm vida própria e quando elas iam lá elas estavam

desempregadas. A gente ainda não conseguiu pegar uma pessoa e dizer que essa pessoa vai representar a rádio em todas as reuniões da ABRAÇO, mas não adianta ser qualquer pessoa, tem que ser uma pessoa que vá acompanhar, trazer as informações para a gente. Se não for para fazer a gente prefere não fazer.

Sérgio Pinheiro - Os programas que a Oboré produz são veiculados conforme...são programetes e a veiculação é feita duas vezes por semana, certo?

Reginaldo Gonçalves - Eu não sei, porque eles mandam para a Cláudia, eu não sei de quanto em quanto tempo eles mandam, nem por quanto tempo eles vão veicular. Mas às vezes eles mandam uma semana e daqui a duas semanas que vai passar. Agora não sei qual o horário que está passando, mas tem um horário fixo.

Sérgio Pinheiro - A Oboré também promove alguns cursos e vocês participam?

Reginaldo Gonçalves - Participamos, inclusive ele fez um curso aqui, o “Correspondente da Cidadania”, com os locutores de Heliópolis, inclusive a Cicilia Peruzzo participou e foi muito importante. Teve um dia que fomos para a USP e a gente fez uma faixa enorme “Cidade do Sol, cidade Universitária, viemos ver o que é nosso”. Foi super bacana, porque a maioria do pessoal nunca tinha entrado na USP, conhecemos a FAU, tudo lá. Foi super interessante para a gente e mostra que quando a gente tem articulação e quando a gente quer adquirir conhecimento e acaba trombando com pessoas que querem passar esse conhecimento, a gente acaba criando coisas legais, coisas positivas. O “Correspondente da Cidadania” foi muito importante e hoje do “Correspondente da Cidadania” a gente tem uma locutora que é a Gabi, que participou, naquela época não era locutora e hoje tem um programa só dela.

Sérgio Pinheiro - Qual a colaboração da rádio Heliópolis com as outras rádios que estão em busca da concessão ou que já conseguiram e querem executar um trabalho educativo legal

Reginaldo Gonçalves - Bacana você perguntar isso, porque tem muita gente que tem esse pensamento de que a rádio Heliópolis foi legalizada e sumimos, mas é totalmente ao contrário. Todas as reuniões que eu estou participando, eu digo que a rádio Heliópolis foi legalizada, mas a gente não se esqueceu da batalha não, estamos aí com vocês. Tanto é que o pessoal da rádio Paraisópolis veio aqui na rádio ver como a gente trabalha, ver o que eles vão precisar, a gente passa todo material para eles. Eles estão montando a rádio deles lá. Ficou

duas vezes para inaugurar e a gente ia na inauguração, mas não rolou ainda. Até porque estamos em ano eleitoral, então muita gente vai querer falar que se o Lula inaugurar agora ele vai estar usando isso como...e a rádio vai ser prejudicada. Os caras querem inaugurar e é o Lula que vai fazer, mas tem medo que o pessoal use isso contra ele. Muita gente fala que a rádio Heliópolis tinha que puxar esse trem, só que eu vejo que quando a gente foi legalizado, a rádio se articulou, mas a gente tinha a Oboré ao nosso lado e eu não sei se a gente tem condições de puxar esse trem. A gente tem que ir junto, todo mundo junto. Até a gente teve uma discussão com o Sérgio nesse sentido. A Oboré tem que puxar o bonde e a rádio vir como parceiro e lutar pelas outras rádios. São 22 rádios que estão legalizadas. Só que tem outras rádios que estão fazendo trabalho comunitário que ainda não conseguiram a concessão. Por que essas rádios não conseguiram? A gente tem que fazer um movimento para que todos tenham direito. Outra coisa também que o pessoal ainda não entendeu é que às vezes as pessoas querem que a gente brigue entre a gente mesmo. E fala “a rádio Heliópolis foi legalizada e a minha não foi”. Começam a falar mal da rádio Heliópolis. Não é isso que a gente quer. Se a gente não se reunir, parar e ver o que está acontecendo a gente não vai conseguir legalizar outras rádios não. E a rádio Heliópolis está aí no que precisar, mas pra puxar eu acho que a gente ainda não tem essa força, porque a gente ainda não tem estrutura para fazer isso. Se for para fazer tem que fazer bem feito. Inclusive nesse processo de formação foi citado isso também. O que a gente avaliou é que a gente não tem condições de assumir tal responsabilidade, mas a gente está junto.

Sérgio Pinheiro - Você falou da visita na USP. Quando vocês receberam esse prédio foi feito um projeto para melhoria, uma estruturação?

Reginaldo Gonçalves - Foi feito um projeto que, na verdade, a rádio ia ser totalmente derrubada e ia ser criada uma nova sede. Só que ia ter que ter muita grana para isso. Então o Sérgio Gomes, junto com o pessoal da RadiOficina, com a arquiteta, eles fizeram todo o projeto do que ia ser. A gente até tem o projeto aqui até hoje. Mas infelizmente não conseguimos um parceiro para fazer isso. A nossa ideia era montar um estúdio e um auditório. Quem quisesse vir ver como era a programação, participar, aí sim quando tivesse o debate ia ser bom. A rádio ia criar muito mais vida, porque ia ter a participação da comunidade. O cara poderia vir aqui a hora que quisesse, ver a programação, conhecer o locutor. É um sonho que a gente tem que está engavetado, mas quem sabe um dia a gente consegue um parceiro. Quem

investir na rádio não está perdendo. O pessoal vem procurar a rádio porque sabe que o nome Heliópolis é muito forte. A maioria dos parceiros que a gente arruma aqui não se arrepende de estar com a gente.

Sérgio Pinheiro - As pessoas que fazem a programação, que estão aqui na rádio, elas sentem que esse trabalho que elas fazem é uma prestação de serviço para a comunidade ou você ainda sente que um ou outro atua pensando em benefícios pessoais?

Reginaldo Gonçalves - A gente já tinha percebido que nem todos os locutores da rádio têm esse entendimento. Eles são comunicadores sociais, não só locutores. Tem muitos aqui que têm intenção de se tornarem profissionais mesmo. Então, eles fazem um trabalho como se estivessem em uma rádio comercial. É legal e tudo mais, mas eles esquecem do lado social. Hoje com esse processo de formação a gente está melhorando muito e essas pessoas estão vendo que tem como ser um bom profissional e um bom comunicador social. Uma coisa não atrapalha a outra. E quando a pessoa consegue assimilar e efetivar isso na programação da rádio, essa pessoa acaba se destacando e conquistando os ouvintes. Porque o cara já é um bom profissional e aí um bom comunicador social, além de ser bom profissionalmente é bom para a comunidade, acaba se destacando. Estamos nesse caminho, não sei se vamos atingir 100% dos locutores, mas é todo um processo e eu tenho certeza de que todos que estão por aqui estão por amor, independente de fazer ação totalmente comunitária, independente de estar pensando um pouco mais pra frente, o foco deles é o amor deles pela rádio, isso eu não tenho dúvida, de todos, sem exceção. Às vezes algum cara dá uma derrapada, mas isso é normal. Quem não erra?

Sérgio Pinheiro - A rádio já fez 18 anos, e agora?

Reginaldo Gonçalves - Agora é trabalho da mesma forma, com mais intensidade até. Dezoito anos de vida não é qualquer coisa. Você acompanha desde quando a rádio foi criada até hoje o salto fenomenal que a rádio teve. Isso mostra que, apesar das dificuldades, a gente está no caminho certo. Apesar de às vezes a gente chegar aqui na rádio e ouvir fulano de tal falando mal da rádio, às vezes o locutor que não tem aquele entendimento, mas você vê como a rádio era antes e como ela é hoje e saber que você faz parte desse processo é gratificante. Pegar uma rádio que praticamente não tinha nada e transformar esse veículo de comunicação, que pra mim é o mais importante de Heliópolis, não porque eu estou aqui, mas eu acho que é o

mais importante. É o que a comunidade tem mais acesso. Qualquer morador de Heliópolis pode vir aqui e falar o que está acontecendo na sua rua...tem gente que liga aqui na rádio para falar de problema pessoal. As pessoas ligam e, às vezes brigam com o namorado e desabafam com o locutor, brigam com os pais e querem fazer a reconciliação e ligam na rádio e fazem uma declaração ao vivo. Esse poder a gente tem, que nenhuma rádio comercial vai ter, uma televisão não vai te dar essa oportunidade. Hoje a rádio Heliópolis, depois de 18 anos, está no processo mais rico de sua vida. É bom a gente falar que está dando um breque mesmo em tudo que a gente está fazendo lá fora para focar aqui, para preparar todo mundo aqui. Depois que esse pessoal estiver preparado, com certeza, a gente vai dar o que falar e essa rádio Heliópolis vai ser referência, mais do que já é no Brasil inteiro. Nossa meta é ambiciosa mesmo: querer que a rádio Heliópolis seja modelo. O cara quer montar uma rádio lá no Piauí, na Bahia e ele vem pra Heliópolis para saber como é o trabalho comunitário que a gente faz. Não achar também que a gente é a melhor de todas, porque a gente sempre vai aprender com alguém e essa troca é muito importante.

ANEXO 11 – ENTREVISTA COM PEDRO SERICO VAZ FILHO

Pedro Serico Vaz Filho é jornalista, professor da Faculdade Cásper Líbero e gerente da Rádio Gazeta AM. A entrevista foi realizada no dia 30 de junho de 2010.

Pedro Vaz – Eu já tive uma visão mais romântica de rádio comunitária. Aliás, eu já tive uma visão mais romântica de outros formatos de rádio. Mas falando de rádio comunitária, após me aproximar, visitar rádios comunitárias e até a própria Heliópolis, onde eu conheço pessoas e, já fiz reportagens e documentários, eu não tenho mais essa visão romântica. Porque você convivendo com as pessoas que participam da produção comunitária, mesmo em Heliópolis, como em toda organização. Porque não deixa de ser uma empresa. É uma produção comunitária, mas é uma empresa, tem horário pra entrar, horário pra sair, as pessoas que trabalham, existe o ambiente físico que precisa ser cuidado. Em todo ambiente que existem pessoas, existem conflitos também. Se percebe que existem conflitos naturais que todo ambiente tem, inclusive o familiar. Quebra um pouco essa visão que a gente tem às vezes...as pessoas estão caminhando, mas no próprio ambiente a gente nota que tem pessoas que pensam de uma maneira, e outras pensam de outra. Isso é positivo, claro, porque senão seria complicado. Mas eu ainda não senti 100%, no caso de Heliópolis, um reflexo mobilizador. Até porque nem toda comunidade conhece, respeita, prestigia a emissora de rádio, mas eu acho que a programação poderia intensificar um pouco mais as campanhas. Eu não sei exatamente o que falta, porque toda emissora, como uma emissora AM, a gente quer chegar às pessoas, mas eu creio que poderiam ampliar um pouco o leque e a divulgação da emissora.

O que eu quero dizer com isso? Eu acho que precisaria unir um pouco mais as forças, para comunidade ficar mais atenta, para fortalecer a rádio comunitária, independente de partido, religião ou indicação. Mas, com todos os problemas, com todas as dificuldades, é uma emissora importante, é conciliadora, isso é importante dizer. Eu percebo que na comunidade ela tem uma ação importante e conciliadora com os grupos da própria comunidade e com os grupos de fora. A rádio Heliópolis eu vejo que ela funciona nessa questão da conciliação como um elo entre quem chega e quem mora lá dentro. As pessoas de fora quando querem conhecer Heliópolis, a favela, a comunidade, querem conhecer a rádio. Elas batendo na porta da rádio elas são bem recebidas e conseguem conhecer a comunidade. Porque ali você tem uma instrução de como conhecer Heliópolis. Essa instrução é passada pra

gente quando você chega na rádio comunitária. E as pessoas que moram lá, que convivem, que são da comunidade, independente da situação que elas vivam, a rádio faz essa conciliação. São pessoas que estão procurando coisas, não só prestação de serviços, mas a conciliação entre as pessoas que moram ali e alguma outra situação. Por exemplo, os policiais também procuram a emissora para divulgar alguma coisa, para pedir alguma coisa e sabem que vão conseguir atingir seus objetivos ali. Moradores que recorrem, em qualquer tipo de situação, passando por ali eles não têm as portas fechadas. Então, o que eu vejo é que a rádio cumpre o papel dela quando as pessoas batem a porta. Mas aí voltando àquela questão que eu falei; isso precisaria ser mais valorizado. Às vezes eu penso que a própria rádio Heliópolis não percebeu ainda a dimensão dela. Ela participa de eventos, já foi premiada, mas ela tem uma dimensão que eu acho que vai muito além do que a pessoa que trabalha lá imagina. E se imaginasse, se fosse atrás, eu acho que teria uma representação maior do que ela tem hoje. Ela é muito conhecida no meio comunitário, mas acho que ela poderia ser conhecida em outros meios. Quando se fala em rádio comunitária ela é uma referência, mas eu penso que ela poderia ganhar outros espaços se ela fosse um pouco além.

Eu tinha uma atuação importante porque eu era membro da APCA⁹⁴, membro e votante em rádio. E no momento da votação falamos de várias emissoras AM e FM, o que cada uma fazia e nenhum dos votantes naquele momento conhecia ou tinha visitado Heliópolis. Eu chamei a atenção deles naquela situação, porque as emissoras ali representadas já tinham sido premiadas, os gêneros já eram conhecidos, os formatos eram conhecidos e eu falei que independente de qualquer coisa, essa situação que se apresenta de qualidade técnica, de alcance, a produção comunitária vem avançando e precisa ser observada. A APCA precisa ter esse vínculo e encontrar a produção comunitária, porque no momento em que estamos lutando pelo crescimento dessa produção e a importância que eles têm. Nessa época não se falava ainda nos programas que apareciam na televisão, que eram feitos pela Globo, pela Regina Casé. Eu falei que a gente não podia fechar o olho para a produção comunitária, porque ela ensinou muito para a produção comercial. A gente tem que entender que a produção comercial hoje fala de educação e cidadania porque aprendeu com a comunitária. Com esse discurso eu fui sensibilizando os colegas votantes, eles foram prestando atenção porque eles notaram que eu sabia o que estava dizendo, eu fui apresentando vários

⁹⁴ APCA. Sigla da Associação Paulista de Críticos de Artes.

argumentos e houve uma concordância. Eu fui descrevendo e eles aceitaram minhas argumentações e a emissora foi premiada. A importância disso que quando ela foi premiada, por uma instituição como a APCA. O dia da premiação foi importante porque entre todos os grandes nomes da música, das artes, que lá se apresentaram, estava lá a produção comunitária. O prêmio foi recebido pelo Geronino Barbosa, então coordenador da rádio, que fez esse discurso também sobre a representação de toda comunidade. Ali, quem não sabia o que era produção comunitária, dava atenção na plateia só para artistas, mesmo o que foi reproduzido pelos jornais foi muito importante. A comunidade sabe da importância dela, mas o público em geral não está sabendo...tem informação, tem noção, mas eu acho que não pode ficar só no ambiente que se fala em comunidade, como aconteceu na APCA. De repente aquelas pessoas que me ouviram falar não sabiam e descobriram a rádio Heliópolis e descobriram a rádio comunitária.

Creio que a rádio comunitária de Heliópolis é um bom exemplo, é referência. Ela precisa sempre estar atenta à própria organização, porque querendo ou não ela é uma referência para as outras produções comunitárias, não só de rádio, mas quando se fala em produção comunitária Heliópolis aparece nas pautas sempre. Ela sempre deve estar organizada porque ela carrega uma responsabilidade gigante diante do nome que ela adquiriu. De repente a pessoa cresce, tem um nome, ela tem que manter esse nome, tem que buscar cada vez mais melhorar. Eu sei que lá existe uma luta grande para isso, ela conta com o apoio do Oboré e de outras instituições que se atentam a isso e ela tem que manter essa postura de referência. Todo e qualquer problema interno tem que ser resolvido porque ela sabe que é elo de ligação entre grupos existentes de dentro da comunidade e também com o ambiente externo.

Eu acho que acontece em Heliópolis o que acontece em qualquer lugar. Existe política, então muitas vezes, como Heliópolis é uma referência, às vezes brilhar com a estrela dos outros é importante, mesmo que você não leve nada. O fato é que você está de mãos dadas com quem tem o brilho, você aparecendo ao lado mesmo como “papagaio de pirata” na fotografia lá atrás, você está perto, você está apoiando, é bem aceito. Infelizmente acontece das pessoas num determinado momento se aproximarem por uma necessidade qualquer, tiram as fotografias, usam isso como marketing e depois não voltam mais. É como aquela coisa de que quando acaba o açúcar do chiclete, joga fora. Mas eu creio que rádio Heliópolis sabe disso,

ela abre espaço para essas pessoas: políticos, artistas, ou quem quer buscar o marketing, como ela abre espaço para o cidadão comum, que não está atrás disso. Ela é uma rádio comunitária e o papel dela é abrir espaço para a comunidade e na comunidade você tem a hierarquia: o presidente, o assistente, o coordenador, o empresário, a dona de casa, o estudante, a pessoa que está procurando, a pessoa em situação de rua. A comunidade não é formada por um tipo de morador, mas de vários tipos de moradores e nós carregamos as hierarquias da sociedade; quem está no poder, quem não está no poder; quem vota e quem é votado. Nesse ponto, como pessoas que estão no poder procuram e pessoas que não estão no poder também procuram, e elas recebem do mesmo jeito. Eu acho que ela (rádio) recebe e não conta com isso, porque ela sabe. Se um dia ela contou, ela aprendeu que ela pode receber, mas ela não vai contar mesmo. Ela fez o papel comunitário dela. Eu falei que não só Presidente da República, ou ministro, mas a polícia, etc. são todos cidadãos também. Ela (a rádio) recebe a todos e hoje aprendeu que não adianta contar com o status para resolver uma situação. Ela vai resolver pelo simples formato: é comunitária e por isso sobrevive.

Eu estive lá em 2003 fazendo um documentário envolvendo ao menos 50 alunos no projeto. A primeira vez que eu cheguei lá, era um sábado do mês de junho. Quando nós chegamos tinha terminado uma feijoada bem ali na sede da rádio e as pessoas que vinham da feijoada foram todos para o ar porque tinham programa para fazer. Quando entramos no ambiente da rádio foi interessante porque tudo o que sobrou da feijoada foi colocado numa bacia de plástico. O que sobrou da feijoada tinha ido para o estúdio e tinha uma única colher para 6 pessoas dividirem. As pessoas entravam no ar, mas ainda estavam com fome, então todo mundo comendo daquela bacia. Quando eu saí de Heliópolis e chegamos na faculdade fizemos uma avaliação do que vimos. Na conclusão a coisa mais comunitária que a gente viu foi aquela refeição, porque a feijoada já é uma refeição comunitária...tudo aquilo envolve muitos alimentos. Numa rádio comunitária, várias pessoas comendo no mesmo prato, praticamente, foi muito comunitário. Ali eu percebi que as palavras comunidade e comunitário estavam presentes em todas as pessoas que entraram para trabalhar e nós que éramos visitantes entendemos as palavras comunidade e comunitário não só pela feijoada, mas pela atuação das pessoas. Quando se pisa em Heliópolis você sabe que está pisando em uma rádio comunitária. As hierarquias se modificam, o ambiente físico é aceito logo de cara, não tem essa divisão...tem espaço para todos. Você vai chegar ali, se o presidente está lá dentro e o

segurança do lado de fora, mas bate o cidadão ele vai entrar, porque o espaço é dele. Passou do portão, entrou na emissora, subiu as escadas e entrou no estúdio e está no ar, você está num ambiente comunitário. Não precisa nem estar no ar, só passando o portão você já sente o clima e a atmosfera que é apresentada naturalmente, como se o ar já apresentasse o que é uma rádio comunitária: venha porque você vai ser ouvido.

Eu creio que isso foi importante, embora no início eu tenha feito algumas observações, possíveis críticas. Todos os problemas que uma sociedade tem, e a gente não pode falar de Heliópolis fora de um contexto de uma cidade, porque o que acontece lá acontece aqui fora, sejam problemas sociais ou de violência. Você percebe que ali dentro não é que exista uma lei diferente, mas pelo fato de não ter sinalização nas ruas, você nota que quando você vai com seu carro numa rua estreita e vê um carro na mesma direção, ou vocês trombam ou vocês voltam para trás. Ou ele sinaliza com o farol, ou simplesmente o fato dele dar a ré ele está sinalizando com a mão que vai te dar um espaço. O fato dele posicionar o carro na calçada para você passar com o seu automóvel já sinaliza alguma coisa assim. A velocidade dos automóveis não é muito alta, até porque as ruas sempre têm crianças, pedestres...você tem o respeito que é automático.

Eu percebo que a produção comunitária se estendeu bastante no sentido de conscientizar ao pessoal o respeito, ao espaço do outro, ao limite, aos direitos e deveres. Essa prática da cidadania eu creio que foi uma contribuição fundamental que ela apresenta para quem mora e para quem ouve a rádio. Ela poderia valorizar um pouquinho mais isso na programação. Eu acho que teria que ter entre a programação musical um discurso mais elaborado. As coisas aparecem e somem, mas acho que talvez a voz entre a música poderia ter uma porcentagem maior, pois a contribuição seria bem mais significativa.

Eu acho que o espírito comunitário não se perdeu, mas pelo que eu conheci ele poderia estar um pouco mais consistente. Eu acho que ele permanece, as pessoas que atuam ali, até por força da assessoria de capacitação que eles recebem, incluindo a própria Oboré, ou eventos nos quais eles participam. Eu sei que a Cláudia e o Geronino, a cada palestra que a Cláudia dá em faculdades, cada vez que ela viaja para outro país ou outro Estado, e troca experiências com outras emissoras, eu creio que ela vai adquirindo cada vez mais essa consciência e volta com isso. Por isso eu acho interessante, porque é uma pessoa que não mora na comunidade,

mas ela tem uma gana, um objetivo. Ela não tem uma remuneração adequada, ou não tem nenhuma remuneração, mas ela tem um ideal e creio que ela está plantando e vai colher bons frutos. Em algum momento toda essa plantação, ela vai colher, mas a partir do momento que ela viaja, que ela é solicitada como representante da rádio para outro país, ou Estado, ou São Paulo em algum congresso, ela sabe que o papel dela é fundamental. A carga deve ser pesada para ela, porque ela deve saber que se ela largar aquilo não vai ter alguém para segurar a onda. Claro, outras pessoas chegarão, mas tem o ideal, o objetivo. Eu acho que essa consciência ela tem e cumpre-se esse papel. Às vezes, por dificuldades, as coisas não são tão consistentes, mas que existe uma consciência desse papel na comunidade.

Eu acho que é algo positivo, tudo agrega. Eu já conheci uma produção comunitária no Vale do Jequitinhonha, visitei uma emissora que não tinha apoio de uma instituição, da prefeitura, ou da igreja, ou etc, vive porque eles criaram a rádio, um grupo se reuniu e a rádio sobrevive. Quando você tem uma instituição que te apoia, que se aproxima e que está atenta, é válido. Eu creio que é bem positivo sim, porque eu já tive a experiência de visitar comunidades que não tinham um alicerce mais firme por conta da ausência de um outro grupo próximo que pudesse participar do conselho e das deliberações, ou pelo menos da organização. É importante ter ao menos uma referência do que o outro está pensando. Uma associação de moradores é importante porque ela vai apoiar, então eu vejo de uma forma bastante positiva.

Eu acho que o ambiente da programação da rádio proporciona educação. É a capacitação de quem está trabalhando lá. Houve época que estava melhor, depois com um pouco mais de dificuldade, mas isso que é legal, eles estão sempre buscando a capacitação. É um ambiente que proporciona várias possibilidades de integração, de difusão da cultura. É um ambiente bem propício sim.

Eu acho que o fato de ela ter mudado de sede, foi importante. A sede anterior era um pouco mais difícil, porque nós entramos na Rua da Mina, era numa casa a sede da UNAS, a gente descia uma escada, era lá em baixo, praticamente no porão da casa. Um ambiente bem escondido, bonito, legal, simples, com aquela cara de comunitário, mas lá em baixo. Não tinha acessibilidade, por exemplo. Hoje você tem uma casa, o estúdio fica na parte superior, mas eu vejo que ali é um ambiente mais que proporcional à participação. Com essa mudança de casa, com a firmeza de pessoas como a Cláudia Neves, que lá estão, com a conciliação,

com certeza as pessoas levam a sério. Pessoas de toda a comunidade que procuram ali sabem que vão bater na porta, vão procurar e as coisas aparecem. Ou pelo menos elas têm um canal para procurar alguma coisa que se perdeu, ou para anunciar alguma coisa.

Eu acho que a comunidade sente que o ambiente é dela, embora ela às vezes, essa coisa da programação ser feita por ela, não. Mas ser feita para ela. Eu acho que produções de artistas da comunidade, de pessoas de expressão da comunidade, não apenas artística mas qualquer outra iniciativa, poderiam chegar um pouco mais. Por isso que eu digo que às vezes não é feito exatamente por elas, mas para elas. Na rádio Heliópolis você não precisa chegar...eu estou ouvindo o rádio e não porque é uma rádio comunitária que eu vou ouvir música somente de artistas da comunidade. De repente eu quero ouvir músicas de um outro artista, que seja o Roberto Carlos por exemplo, o que não é necessariamente feito pela comunidade. Mas é importante que se leve isso pra comunidade também, não vamos fechar somente aqui. É o que eu falo, é feito para a comunidade, porque são artistas de renome nacional, ou políticos de nome que aparecem ali, não apenas políticos da comunidade. É um projeto feito para a comunidade, não vejo sendo feito pela comunidade.

Eu acho que ela proporciona esse elo, é muito fácil fazer rádio comunitária porque a gente fica muito naquela condição de “vidraça”, mesmo o produtor comunitário fica naquela posição de sujeito a muitas críticas. Eu acho que seja na produção comunitária ou não, mas falando da comunitária, as pessoas precisam levar contribuições. Se você percebe que a rádio da sua comunidade tem alguma dificuldade, bata na porta e apresente sugestões. É muito fácil criticar, mas o que você fez para melhorar isso? Você foi lá? Bateu na porta e sugeriu? Se ofereceu para ser voluntário algum dia na semana ou uma vez por mês para levar alguma coisa? Se você mantém esse compromisso? Você ofereceu alguma coisa nesse sentido? Envolve com a comunidade, com a associação de moradores para apresentar essa sugestão, porque senão ela vai ter dificuldades mesmo. Pode até descaracterizar pela falta de expressão da comunidade, do integrante da comunidade. O integrante da comunidade que está ouvindo e critica tem que levantar, sair da casa dele, bater na porta, ou ligar e falar “olha, eu sou morador, vocês estão entrando na minha casa com a sua programação e eu acho importante, mas eu quero sugerir isso e isso” se for coerente o que ela está indicando, se não for nada fora da realidade, ela tem que ser realmente atendida e ajudar a fazer, porque a palavra

comunitária é isso. É a comunidade chegando e ajudando a produzir. Não é um grupo que vai fazer a rádio comunitária sozinho e carregar toda a responsabilidade. Tem que ter essa participação para agregar os anseios, as expectativas da comunidade, porque senão fica muito complicado.

Sérgio Pinheiro – Você acredita que a rádio fazer parte da UNAS ajuda ou atrapalha no trabalho comunitário da emissora?

Pedro Serico Vaz Filho – Eu não tenho um conhecimento exato da UNAS. Eu sei, que estive no Vale do Jequitinhonha e lá, claro, tem Internet e as pessoas conhecem a rádio. Quem faz rádio comunitária em outra região, seja no Vale, uma das regiões mais pobres do mundo, ou qualquer outra cidade e bate nas portas...eu sempre procuro saber como está o rádio nessas regiões. Você menciona a rádio Heliópolis e todo mundo conhece. Automaticamente ela chega, então a contribuição que a UNAS ou que a própria rádio dá pela visibilidade, pelas palestras, pela forma como ela se espalha pelo mundo. Eu creio que é bem positivo, porque as pessoas a têm como referência e aumenta a responsabilidade da rádio Heliópolis, porque quem pensa em fazer rádio comunitária, vai buscar uma referência e bate na porta da emissora, tem como um parâmetro. Agora, não sei exatamente, porque não tenho dados específicos de como ela atua dessa maneira. Eu tenho os reflexos que eu noto quando eu converso com alguém sobre produção comunitária e basta citar a rádio Heliópolis numa cidade distante é porque houve um trabalho e as pessoas sabem. Se fala muito mais de rádio Heliópolis do que da rádio Paraisópolis, que eu já visitei. Sem desmerecer a rádio Paraisópolis, mas nem sei como está o funcionamento dela hoje. Mas eu creio que pelo trabalho que é feito em Heliópolis ela tem uma vitrine e uma visibilidade maior e mais significativa.

ANEXO 12 – ENTREVISTA COM GERONINO BARBOSA

Geronino Barbosa foi coordenador da rádio de 1997 a 2006. Atuou em projetos da UNAS e a partir do dia 22 de maio de 2010 voltou a coordenar a rádio Heliópolis FM. A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2010.

Sérgio Pinheiro – Como é sua história e a história da comunidade?

Geronino Barbosa – Eu cheguei no processo de formação de Heliópolis, em 1986 eram poucas ruas e casas. Quando eu cheguei, um homossexual sofria demais, eu comecei a ser ameaçado e eles ameaçavam a minha família. Os grileiros faziam uma lista para dizer quem estava marcado para morrer, colocavam essas listas nos bares e o meu nome era um dos primeiros nomes da lista. Tinha uma tal de perua azul que seguia a gente, então eu fugia. Eles falavam que eu estava influenciando as pessoas, mas eu só estava fazendo com que as pessoas que eram homossexuais não assumidos assumissem ser como verdadeiramente eram. Eu sempre quis lutar pelos meus direitos, tenho medo de morrer, mas se for pra ajudar a minha comunidade, as pessoas que eu gosto, prefiro morrer.

Em Minas eu nunca estudei, mas quando eu fui estudar já aqui em São Paulo não conseguia ficar na escola porque era muito perigoso e tinha que trabalhar. Já nos anos 1990, chegou a notícia que tinham matado os grileiros da época e eu pude voltar a estudar, entrei na quinta série. Na escola eu vi uma quadra enorme, um pátio lindo, um anfiteatro com som e tudo, mas nada era usado. Eu fui falar com a Diretora da escola, mas ela nem olhava pra mim, eu pedi a atenção e ela me deu, então eu perguntei porque a instalação da escola não era usada e ela pediu pra eu fazer um planejamento da quadra e do teatro da escola. Um professor me ajudou e a gente ensaiava o teatro nos finais de semana. Aos poucos a violência da escola foi sumindo e a escola passou a se destacar como uma das melhores da região e eu comecei a ganhar a popularidade na região.

Em 1992 eu comecei a conhecer melhor a UNAS, e pensava ser reconhecido pelo trabalho. Era um pensamento errado, pois eles queriam o reconhecimento para o conjunto da comunidade. Eu estava certo no que eu queria, mas estava errado no reconhecimento, porque eu queria só pra mim. Em 1994, a gente ia muito nos forrós que tinha aqui na comunidade, aí me chamaram para ir na casa e eu fui. Chegando lá tinha várias pessoas que eu conhecia fumando maconha, foi a primeira droga que entrou aqui em Heliópolis, isso era escondido e

não como é hoje que as pessoas fumam no meio da rua. Um menino que veio do Rio de Janeiro para trazer drogas para cá, ele queria me convidar para vender as drogas. Eu não aceitei mas foi assim que as drogas entraram em Heliópolis.

Em 1997 a rádio deixa de ser rádio corneta e passa a ser rádio FM, 98,3FM. A gente era tão besta que aceitou esta frequência do lado da rádio Metropolitana FM. Então veio o convite para eu fazer um programa na rádio e eu não sabia como era. Aí falaram para eu fazer o que eu já fazia na comunidade e eu vim fazer um programa GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) com outro homossexual, o Alexandre, e começamos a fazer este programa que se destacou como o principal programa da rádio. Era um programa humorístico, a gente fazia as pessoas darem risada, chamava as pessoas para dançar, brincava e o pessoal adorava. O telefone não parava de tocar e as pessoas também mandavam bilhetinhos com recados, então a gente atirou no que viu e acertou o que não viu. Nós fazíamos o programa pra discutir os direitos dos homossexuais, mas nós atingimos toda a comunidade. As pessoas começaram a entender, fazer perguntas sobre homossexualidade, com isso a UNAS me chama para ser o coordenador da rádio porque a coordenadora iria sair.

A primeira coisa que eu queria fazer era povoar a rádio porque quase não tinha colaborador, mas tinha gente que vinha e eu não gostava. Veio o Reginaldo e eu achei que ele tinha cara de maloqueiro, então quem eu ia com a cara deixava entrar na rádio, quem não gostava eu bloqueava. O Reginaldo insistiu veio e se destacou, tanto que hoje é um dos coordenadores da rádio.

Eu comecei a levar a rádio pra fora da comunidade, participar de seminários, fazer cursos na ABRACO, na Oboré e entender o que o que a gente estava fazendo era uma rádio comunitária, era dar voz ao povo, falar de direitos e deveres. Então começou a força da rádio Heliópolis, porque nós levamos a nossa experiencia para fora. Assim a minha história se funde com a história da rádio Heliópolis que é da entidade.

Com tudo isso eu terminei o segundo grau e veio a Lú Alkimin (esposa do vice prefeito Geraldo Alkimin) e a Luciana de Paula (reitora da Faculdade São Marcos) e a Mônica Serra (esposa do José Serra), para visitar a UNAS e falar na rádio Heliópolis. Então a Luciana de Paula perguntou porque a rádio não era legalizada e eu respondi que não era porque a rádio não tinha um jornalista daqui da comunidade, porque precisa de um jornalista responsável. Ela perguntou se eu queria fazer jornalismo e eu disse que sim. Então ela me convidou a fazer o vestibular e depois me deu 50% de bolsa de estudos pra estudar na

Faculdade São Marcos e a UNAS, com a Action Aid, pagou a outra parte da minha faculdade. Em 2002 eu comecei a fazer jornalismo na São Marcos, conheci a Claudinha e trouxe ela aqui pra rádio.

Com tudo isso conseguimos 100 bolsas de estudos para as pessoas da comunidade na Faculdade São Marcos. Mas aqui tem várias pessoas que viam muitas injustiças e brigaram para melhorar, mas nós também perdemos muita gente, amigos de infância, pessoas que tinham o mesmo ideal ou não. Por isso que nós precisamos valorizar o nosso passado que construiu o presente para gente poder estar aqui.

Tudo começou com a Genésia, mas cada um que chegou tem a sua importância na comunidade. Eu tenho um pedacinho de importância e a gente tem que ter esse entendimento. Quem está chegando agora também vai construir uma história bonita e vai fazer coisas bonitas, vai sonhar, a gente vive de sonhos....

Sérgio Pinheiro – A UNAS começou com a luta por moradia?

Geronino Barbosa – Sim, mas quem quer moradia também quer abastecimento de água, quer luz elétrica, quer esgoto, escola, creche, transporte enfim uma série de coisas. Então hoje a UNAS não quer só a moradia, mas também a moradia, agora o nosso foco maior é a educação porque ela é a mola propulsora de tudo isso. A educação vai fazer com que as pessoas tenham o entendimento que ter educação é ter saúde, moradia, então tudo começa pela educação.

Sérgio Pinheiro – Dentro do processo educativo, como a rádio colabora?

Geronino Barbosa – A rádio leva a informação que é um processo de formação na questão de direitos, ela mostra para as pessoas que elas também tem direito, além dos deveres. É seu dever votar, mas é seu direito cobrar do parlamentar os benefícios para a sua comunidade. E além disso, nós devemos tocar a música de quem é daqui da comunidade porque você nunca ouviria essa música na grande mídia.

Aqui na rádio a gente toca todas as músicas, fala dos direitos e dos deveres. Por exemplo, quem é da época que não tinha recolhimento de lixo? Lembra como era difícil, agora a gente só tem que colocar o lixo na rua no dia certo, também temos a nossa parte.

Então é esse o nosso papel como rádio comunitária, é gerar um entendimento e gerar um movimento para buscar melhorias para a comunidade, para o Estado e para o país.

Tem gente aqui na rádio que não entende o nosso papel, tem locutor que só toca

música, manda abraço, toca música e assim vai. Ele é importante para a nossa comunidade? Sim, porque enquanto ele está lá, a rádio não está parada, tem alguém falando com alguém, tá levando alegria para alguém. Mas o nosso papel é fazer com que esta pessoa tenha o entendimento do papel dela na comunidade. Que o papel dele é mais que isso na comunidade.

Sérgio Pinheiro – Tem gente que faz o programa só para satisfazer a vontade própria?

Geronino Barbosa – Uma minoria muito pequena tem o entendimento do papel dele aqui na comunidade. Não entende a grandiosidade do que é o trabalho dele, mas a maioria está lá para satisfazer o ego e cabe a nós da diretoria trabalhar isso diariamente, fazendo com que ele tenha o entendimento. Às vezes nós temos que tomar medidas drásticas que é dar um chacoalhão na pessoa e mostrar que ela já sabe os direitos e os deveres, mas não traz isso para o programa. Muitas pessoas têm o entendimento do que é a rádio comunitária, mas nós temos ainda que explicar qual o papel dela na comunidade, no dia a dia, e aí as pessoas começam a ter um entendimento. Tudo faz parte da formação, da educação que fazemos.

Só de a pessoa estar lá sem ganhar nada já é um entendimento. Agora falta ajeitar para que esse entendimento seja ampliado, que o papel da rádio é de formação. Nós temos feito isso, mas cabe às pessoas entenderem e caso não for isso que ela quer, que vá criar a própria rádio. Várias pessoas já fizeram isso. Mas as pessoas que estão abertas ao entendimento continuam aqui e nós convidamos elas para fazer esse trabalho de abrir a cabeça dos demais.

Sérgio Pinheiro – Como foi o processo do Ponto de Cultura?

Geronino Barbosa – Em 2004 teve um crescimento dos Pontos de Cultura e tinha cerca 800 de Pontos de Cultura aqui no Estado de São Paulo e a rádio Heliópolis se tornou um Ponto de Cultura. Então o Presidente da República veio aqui para inaugurar todos os Pontos de Cultura do Estado de São Paulo. Todos os Pontos de Cultura vieram aqui para a inauguração, veio o Ministro da Cultura que era o Gilberto Gil e o Lula. Eles falaram que a rádio era importante para os Pontos de Cultura porque ela já era um Pólo Cultural em Heliópolis e que esse investimento era para intensificar o trabalho. Foi isso que aconteceu! Nós iniciamos um curso com 250 adolescentes na questão de ativar as diversas culturas. Heliópolis são 125 mil habitantes e 95% de nordestinos ou descendentes, então esses jovens pesquisaram as diversas culturas presentes na comunidade. Tanto que a programação da rádio é bem variada: nós temos uma paraibana que faz “A quebrada do Nordeste” ela fala de como era a vida na roça;

esta programação nasceu da pesquisa feita com os meninos. Foi montado um estúdio de rádio e esses meninos montavam as matérias falando da cultura em Heliópolis e isso ia ao ar.

Nesse projeto, a rádio recebeu o valor de R\$ 155.000,00 dividido em quatro parcelas. Dentro desse valor tinha uma ajuda de custos que era dada aos 250 jovens que participaram do curso (meio salário mínimo por mês durante seis meses) além do dinheiro da montagem de um estúdio de gravação que foi criado na rádio. O Ponto de Cultura foi fundamental para a rádio porque foi daí que se montou toda a infra estrutura que a rádio tem até hoje.

Agora foi aprovado o segundo Ponto de Cultura, mas eu estou mais envolvido com as questões do entendimento da equipe e saber se o trabalho que a rádio executa é verdadeiramente o que uma rádio comunitária deve fazer.

Eu estou aqui para acabar com esse negócio do pensamento do eu, para fazer com que as pessoas entendam que a rádio é comunitária, que ela tem um papel educador e qual a importância de cada colaborador da emissora. Então a executiva da UNAS me chamou para que eu pudésse colaborar nesse sentido porque eu tenho outros projetos pedagógicos que eu realizo na UNAS.

Sérgio Pinheiro – Como é esta questão da rádio não conseguir ser sintonizada em toda a comunidade?

Geronino Barbosa – A questão é a sintonia de FM 87,5 porque a rádio não consegue pegar com qualidade, então por isso que eu estou juntamente com uns locutores, estamos montando um projeto de uma pesquisa da rádio Heliópolis pra saber onde ela está pegando. Então nós vamos querer sintonizar a rádio na casa das pessoas, vamos falar da programação e perguntar, caso ela já ouça, o que deve melhorar, o que ela quer que tenha na rádio para que ela possa ouvir. Eu encontro gente na rua que diz que a rádio é uma porcaria, mas não sabe dizer qual o programa, quer dizer, ela não ouve a rádio verdadeiramente.

Através da pesquisa que nós vamos fazer, vamos encontrar gente que não gosta, mas também vamos ensinar a pessoa a sintonizar e a ouvir a rádio Heliópolis FM.

Sérgio Pinheiro – A rádio contou com o apoio de uma Universidade para novamente ter a concessão?

Geronino Barbosa – A rádio foi fechada porque houve denúncia que era uma rádio que estava tirando ouvinte de certas rádios e as pessoas estavam começando a ter o entendimento.

Infelizmente tem muita gente que não quer que as pessoas tenham o entendimento. Essa rádio começou a ganhar espaço porque o Lula mostrou que era possível fazer rádio comunitária, mas nisso começamos a incomodar pessoas que não querem o entendimento das pessoas. Imediatamente nós avisamos vários colegas sobre o que estava acontecendo, que tinham fechado a rádio Heliópolis, e isso caiu no ouvido do Lula, do Eduardo Suplicy, do William Woo, do Paulo Skaf, ou seja, caiu no ouvido de várias pessoas e em menos de 24 horas veio a ligação do Ypir Marotta dizendo que para a rádio voltar a funcionar deveria ter uma série de questões que nós já tínhamos, mas desde que estivéssemos transmitindo em caráter experimental com a parceria de uma Instituição de Ensino. Então nós analisamos a São Marcos, Metodista, USP, Cásper Líbero e Anhembi Morumbi. A Cásper Líbero não podia porque já tem as Rádios Gazeta AM e FM; a USP também já tem a rádio USP FM, a Anhembi Morumbi estava no processo de início da parceria, a São Marcos não tem o forte na comunicação, então a Metodista que já tinha uma parceria com a gente através do jornal da UNAS feito pelos alunos. Nós falamos com o reitor da Metodista e explicamos a nossa situação, eles toparam e deram a assinatura para a gente voltar a funcionar.

Nós tivemos um grande apoio do Sérgio Gomes da Oboré que ajudou a gente a conseguir tudo o que precisávamos: laudo técnico, cursos com a RadiOficina, etc. Então a Action Aid, grande parceira nossa, financiou a compra dos equipamentos que precisávamos e já poderíamos voltar a funcionar.

Sérgio Pinheiro – Você tem medo da rádio ser fechada novamente?

Geronino Barbosa – Não, não tenho nenhum medo. Não existe nenhuma rádio perfeita, mas a mais próxima da perfeição é a rádio Heliópolis. As rádios comunitárias hoje são mini rádios comerciais e aqui nós somos totalmente diferentes. Nós temos os apoios culturais que não são comerciais porque não divulgamos preços, não temos incentivo ou interferência do governo, de partidos políticos. Então nós estamos junto com todos, abrimos espaço para todos mas não deixamos fazer politicagem. Nós estamos mais próximos da perfeição, tanto que nós fomos os precursores para fazer com que tenha rádio comunitária em São Paulo. Então a Rádio Heliópolis está a frente de tudo, ela puxa as outras rádios. Abrimos o precedente para as rádios comunitárias poderem abrir. Agora a luta é querer que as outras rádios possam ser legalizadas.

Sérgio Pinheiro – Qual a ajuda que a Rádio Heliópolis dá às outras emissoras comunitárias?

Geronino Barbosa – Eu sempre fico me perguntando o que estamos fazendo pelas outras rádios. Nós fomos os primeiros associados da AMARC em São Paulo. A gente sempre participou de todos os cursos, nós fizemos uma capacitação de todas as rádios que tinham a proposta de rádios comunitárias no Ministério das Comunicações. A rádio Heliópolis tem colocado uma discussão nas mesas de trabalho sem êxito porque nós descobrimos que muitas dessas propostas de rádios comunitárias estão nas mãos de parlamentares e nós somos totalmente contra isso. Nós continuamos atuando, mas não tão forte. Hoje a nossa atuação é só com as afiliadas da AMARC, falando das propostas, como tem que ser, do que tem que fazer para conseguir legalizar a rádio.

Sérgio Pinheiro – Você vê a transmissão via internet como uma ajuda para as outras comunidades?

Geronino Barbosa – Eu durante muitos anos não queria colocar a rádio na Internet. A gente discutia e eu sempre votei contra porque eu sei que hoje tem programa que está pronto para na Internet e as outras comunidades verem o que é rádio comunitária. Para que os outros possam ouvir e dizer é isso que nós queremos ou que possa indicar caminhos para cada um fazer a própria rádio, mas tem programa que não dá, que não vai contribuir em nada porque não é programa comunitário. Eu voltei agora pra rádio e eu vou colocar em discussão várias dessas coisas, pra discutir mais amplamente as questões da rádio comunitária.

Sérgio Pinheiro – Há ligação entre a Rádio Heliópolis e o Coral Baccarelli?

Geronino Barbosa – Não tem nenhuma ligação porque eles são individualistas e nós somos totalmente abertos. Todos os que chegam para contribuir, para incluir nós estamos juntos, mas pessoas que chegam para excluir nós estamos fora. Quem participa do programa dele é feito para quem é bonitinho, para quem vai bem na escola, para quem tem família estruturada então nós estamos fora. Nós discutimos a comunidade, o espaço, o pólo educacional que é para melhorar a comunidade. E ele escolhe a dedo quem vai participar, além disso não são todos os que participam da comunidade. Podemos no futuro dialogar mais e encontrar caminhos comuns.

Sérgio Pinheiro – Fale a respeito do Projeto do Maestro Martinho Lutero que tinha um

programa sobre música coral. O que aconteceu com este programa?

Geronino Barbosa – Este programa foi o seguinte: nós tivemos a oportunidade de trabalhar juntos na questão de educação. Tínhamos a intenção de fazer um programa de música coral e ele iria fazer o programa, mandar pra nós e a gente ia tocar. Mas aí aconteceram tantas, tantas e tantas coisas que nós acabamos nos perdendo, mas eu Geronino, tenho a intenção em voltar a discussão com: Oboré, Cyro César, Martinho Lutero, Pedro Vaz. Porque são pessoas que foram importantíssimas para que a rádio fosse o que é hoje, mas que infelizmente por causa do dia a dia nós perdemos o contato. O dia a dia é fogo, faz com que a gente perca o contato com essas pessoas ótimas.

Nós precisamos voltar a dialogar com várias pessoas que ajudaram a gente, até porque nós estamos aqui dentro, mas quem está lá fora enxerga diferente e pode ajudar porque vê mais claramente a situação e quem está de dentro às vezes acha que está tudo bom.

Sérgio Pinheiro – E a parceria com o escritório Dom Evaristo Arns?

Geronino Barbosa– Escritório importantíssimo que a gente precisava voltar a trabalhar juntos, a Doutora Maria Cláudia. Olha, você está falando de tanta gente que ajudou a gente e eu vejo a gente saiu fora, eu tenho vergonha! Eu não sei o que vou falar para o pessoal do escritório Dom Evaristo Arns, o Sérgio Gomes, eu não sei o que eu vou falar de tanta vergonha. Eu vou falar o que? Falar que eles foram importantes para a legalização da rádio e nós viramos as costas? Porque foi isso o que aconteceu. Nós precisamos voltar, mas eu não posso, nós precisamos colocar em discussão com a equipe que faz a rádio. Cada uma dessas pessoas foram importantes em uma instância da rádio e como a gente vira as costas para as pessoas que estão ajudando a gente. É pecado a gente fazer isso. Eles não têm nada a ganhar ou a perder ajudando a gente, eles ajudam porque possuem a grandiosidade em colaborar, mas é difícil fazer as pessoas da rádio entenderem isso. Se não toda a equipe da rádio, 90% da equipe não quer a colaboração dessas pessoas porque tudo o que dá trabalho, responsabilidade para as pessoas, eles não querem. Porque voltar a parceria com a Oboré significa ter formação no sábado e domingo ou colocar dinheiro do bolso pegar um ônibus, mas eu só quero pegar o microfone, fazer o meu programa do jeito que eu quero. Então eu tenho que pegar a minoria aberta e incentivar aos poucos para que as pessoas também se contagiem e participem dessas coisas. Quem quiser colaborar vai ser bem recebido, mas quem não quiser estar mais junto com a rádio, que vá embora e siga o seu caminho sem problema nenhum porque a vida é

assim. Mas nós precisamos em todos os sentidos trazer os colaboradores da rádio que se afastaram da questão comunitária e também nos aproximar de quem está lá fora querendo ajudar a gente.

ANEXO 13 – ENTREVISTA COM JOÃO MIRANDA

João Miranda é vice presidente da UNAS. A entrevista foi realizada no dia 2 de julho de 2010.

Sérgio Pinheiro - Como foi o começo de Heliópolis? Você está aqui praticamente desde o início do bairro? Como vê sua história com Heliópolis desde quando você chegou aqui na região?

João Miranda - A minha história aqui no Heliópolis é que eu vim pra São Paulo, sou nordestino, sou pernambucano, e vim pra cá, pagava aluguel e sai do aluguel pra comprar um barraquinho aqui na Rua da Mina, onde está hoje a minha casa.

Sérgio Pinheiro - Você morava aonde?

João Miranda - Eu morei na Vila Prudente de aluguel; na região da Ponte Preta que enchia de água, dali eu vim morar na Caro Preso em outra rua, também pagando aluguel, daí foram duas famílias que a gente alugou uma casa. Daí foi legal porque a gente foi unidos com a outra família, morando na mesma casa. A casa era grande e a gente alugou em duas famílias. Eu, com minha esposa e meu filho, eu só tinha um filho, agora tenho três filhos, tenho cinco netos. Daí depois de lá que eu pensei não dá pra morar de aluguel e sempre trabalhando, eu entrava nas fábricas, de ajudante geral, depois passava sempre para operador de máquinas. Eu trabalhei em três empresas metalúrgicas; na última eu ganhava até um salário melhor, mas trabalhava muito, fazia 12 horas, das 6 às 6 da noite. Daí comprei um barraco aqui e viemos morar e vimos que aqui tinha mato, não tinha estrada, que era um caminho que tinha e a Rua da Mina não passava carro. Em 1980, eu que comprei o barraco, então não tinha, todo transporte era só da Estrada das Lágrimas. Não tinha carro aqui, aqui era tudo mato, e tinha uns quatro barraquinhos que tinha luz da gente que vinha lá do poste da Estrada das Lágrimas. O fio vinha pela rua e passava nos barraquinhos e eu era o dono, porque quando eu comprei o nome estava do dono seu José Mineiro e ele foi pra Minas Gerais vender o barraco e a luz era dele, mas ele tinha me emprestado e quando eu vim pra cá, o pessoal vinha me procurar porque eles não tinham luz. E como eram 110 e 220 Volts, três fios, então eram tudo ligado em dois, no negativo e no positivo. Aí quando chegavam era como se fossem o resto, ficava mais escuro na minha casa do que nas outras. Daí veio um cara e falou, um eletricitista

que eu deveria dividir o 110 Volts, o negativo com o positivo pra 5 casas e os outras 5 você divide na outra. Ai melhorou. Ai a gente ficou morando aqui. A gente começou a querer melhorar a comunidade tudo, mas na verdade quando eu vim pra cá já tinha esses barraquinhos e tinha o alojamento no Heliópolis que agora acabou o alojamento, mas o alojamento passou quase 30 anos, trazendo as filiais lá da Vila Prudente para cá num alojamento provisório que a Prefeitura fez, isso em 73 mais ou menos, nossa Presidente veio pra cá morar aqui, ela tinha na época 9 anos de idade, a Cris. Eu já vim pra cá casado com filhos. A gente começou a participar da pastoral, eu aprendi muito com a pastoral e é uma pastoral de dominicanos, padre dominicano muito bom, e mostrando pra gente as ações, a organização e a luta da gente era por água e luz pra todo mundo, porque não tinha aqui e com isso foi desenvolvendo a comunidade. A gente começou lutando e ai a gente não sei como tem gente que fala que tem gente que nasce em liderança eu não sei, eu sempre falo que eu vim ser gente depois que eu vim para Heliópolis. Gostar mais de mim, do que eu faço, porque a gente trabalhava nas fábricas e ficava contente porque dava o que comer para os filhos da gente, mas a gente sabia que o trabalho da gente era para ganharmos muito mais, então eu ficava com aquela coisa dentro de mim. Aí quando eu vim morar aqui e eu vim tomar consciência e tudo. Eu fui mandado embora por causa da greve porque a gente tava querendo insalubridade, porque aquilo ali tem uma química danada nas pilhas, você sabe, mas é metalúrgica, mas tem química, então tem que pagar insalubridade. Aí fizemos todo movimento, vieram pessoas que a gente teve apoio, por exemplo o pessoal CIPA, Volkswagen, e agente fazia reunião na igreja da Arapuá porque a fábrica era lá e tinha uma igreja e o padre já trabalhava com a gente lá. Padre Celso, muito bom, essa igreja que prega o Deus vivo e a coisa mais bonita, não é um Deus que morreu é um Deus que está junto com a gente, na luta, nas ações. Tudo isso eu aprendi com a pastoral. Então eu acho que fui privilegiado,. Vim morar aqui na favela, pra sair aluguel e aqui me tornei um cidadão e exercendo a cidadania, porque tem tanto cidadão que se forma na Universidade e é cidadão porque tem diploma, mas não exerce cidadania. Se esse povo exerce um pouquinho de cidadania, não precisava dar a vida assim como a gente faz, mas pelo menos um pouco no final de semana, este país era outro.

A luta foi isso, a gente tinha este alojamento, nos organizamos com a pastoral, ai trazíamos as crianças, pois não tínhamos convênio, depois criamos em 1982 uma comissão de moradores com representante e com isso foi a área, pois aqui tinha os grileiros também, grileiros são

peessoas que tem documentos falsificados e diziam que eram donos daqui. Queriam que nós pagássemos aluguel. A primeira briga foi interna e eles vendiam terras. E muitos que vieram morar aqui compraram terras deles e eles ganharam dinheiro, mas eles não eram donos. Isso era do antigo IAPAS, do Governo Federal, que foi construído o Hospital Heliópolis pelo IAPAS, do INSS que mudou depois. Essa história aqui do Heliópolis, daí ficou favela do Heliópolis, daí verificamos que Heliópolis significa “Cidade do Sol”, então esse sol tem que brilhar. O sol é uma coisa que dá vida, é uma história muito bonita a história. E aí pronto estou aqui até hoje, a comissão de moradores, a gente achou que tinha que criar também uma entidade, porque teve uma reunião que tinha uma entidade, uma associação de bairro e a gente achou que isso era coisa de pelego. Pelego quer dizer pessoas que não defendem a comunidade, defendem direitos próprios. Então a gente tinha visão, porque quem criou essa associação foi Jânio Quadros quando era o presidente, quando tinha na época dos movimentos fortes, operários. Ele pra quebrar um pouco isso ele queria atender só quem tinha associação e no governo dele municipal aqui, onde ele foi prefeito da cidade, uma uma das reuniões que tinha 40 pessoas aí tinha um cara lá, representando uma associação, o nome dele era Cláudio, ele representando uma associação e um outro homem José Francisco, representando outra. A gente queria que essa reunião da Prefeitura da Secretaria de Habitação fosse aqui na igreja de Santa Edwiges, que tinha um salão grande e o padre da época era muito bom também. E a gente queria que fosse aqui, aqui cabia mil pessoas e lá não dava pra fazer reunião para o povo. E aí eles falaram que não, que a reunião deveria ser lá e que ia ter representante. Terminou colocando em votação e aí pensei que íamos ganhar, pois éramos em 40 pessoas, mas perdemos, pois a comissão de moradores ficou com uma entidade e os dois ganharam de dois a um e aí a reunião foi lá. Depois disso e ele falou que nunca mais iria perder votação, vamos criar várias associações, pensamos e aí criamos com advogado de direitos humanos que vinha aqui, Doutor Jairo Fonseca, que nunca vou esquecer na minha vida, aí nos começamos a nos organizar com advogados também juntos, que os padres trouxeram, que é do Centro Oscar Romero. Foram as pessoas que ajudavam as pessoas carentes mesmo, davam assessoria jurídica e tudo. Então deram assessoria pra gente e criaram a UNAS União de Núcleos, Associação e Sociedades dos moradores de Heliópolis. Aí pronto foram criando mais associações, a gente dividiu a comunidade em 10 núcleos.

Aí a gente foi se organizar nesse sentido. Aí foi crescendo, muito bom e teve um momento que passamos a ser curral eleitoral de alguns políticos. Eu sempre falo que ser curral eleitoral

da esquerda é pior de ser da direita, porque a direita já faziam isso, já pegava pessoas pra ter voto, a da esquerda não, era pra fazer isso. Porque o sentido da luta dos partidos socialistas é pra que tenham o socialismo e que as pessoas tenham direitos, né? Aí a pessoa não pode culpar todo um partido ou os partidos de esquerda, ou a esquerda do nosso Brasil que tem uma história é linda, é bonita, né? E tem tantas pessoas de esquerda e de direita que são boas, eu acho que todos partidos políticos têm disso também, pessoas ruins e pessoas boas. Onde tem ser humano tem isso, nas associações também. O que faz com o que a gente fique junto e continuar junto...tem outras associações que pensam diferente de nós, essas não são filiadas a UNAS. Para se filiar a UNAS a gente tem um rumo, tem uma proposta política, política que eu digo é comunitária e não partidária, tanto que a Marta a gente votou nela e ela foi prefeita e nós fizemos manifestação. Cobrar o voto também é fazer manifestação. Porque não? Com outros prefeitos a gente se dá bem. O Serra, outros e outros, tem o secretário da educação que é amigo da gente, é uma pessoa do Município, está contribuindo, pode fazer mais, e a gente não mistura essa coisa da amizade, da admiração que ele tem com o nosso trabalho com a reivindicação da comunidade. Não podemos misturar, isso é pecado.

É assim que a gente está ficando mais velho, ficando maduro. Eu ia nas manifestações, eu queria derrubar as grades das prefeitura e tal e agitar, mas só mudou o jeito de fazer, por que as tecnologias mudam, as coisas mudam, então hoje tem que ter articulação com gente que tem, por exemplo, que são grandes formadores de opinião, grandes empresas, grandes empresários que acreditam nessa luta que existe, pouco mas existe. A gente está criando um conselho de pessoas que admiram a gente, para serem porta-voz da gente onde precisam ser, pois tem muita gente no poder que tem nojo de pobre e aí agente precisa ter essa mudança. Os mundos são outros, isso não significa que as manifestações não podem parar, mas tem que ter os momentos certos. Outro dia parou aqui na Anchieta, 14 km, meu Deus esse povo, tinha ver alguma coisa. Tem essa coisa de direito, eu luto pelo meu direito, mas o direito que tira o direito do outro, será se é direito pra mim? Mas não tinha como fazer diferente, porque a imprensa não vinha. A mídia só vem quando tem assassinato, quando toca fogo em carro, quando dão tiro, aí a imprensa aparece, a Globo e as outras aparecem. Estou falando nomes por que eu nunca vou ser candidato a nada, porque os políticos tem medo de falar mal da imprensa para não ferrar com eles. Eu não tenho rabo preso com ninguém. Eu sou um favelado aqui da comunidade e aprendi a ter sonhos, a sonhar...

Sérgio Pinheiro - Por que veio o sonho da Rádio Corneta? E por que essa Rádio Corneta se tornou FM?

João Miranda - Por que a gente achava que tinha que ter aquilo que os nomes das ruas e até hoje ainda muitas ruas não tem nome. Colocaram os nomes aí nas ruas que não foram discutido por quem mora. Por exemplo, eu represento uma entidade, sou vice-presidente da UNAS, fui fundador desse entidade e vim da comissão de moradores, como falei pra você, eu não tenho direito de colocar nome da rua onde eu moro, imagina nas outras. Eu tenho direito de chamar os moradores que moram na rua onde eu moro. A gente discute um nome e o nome que for mais aprovado. Imagina a Prefeitura vir aqui com gente morando pra pedir respeito ao ser humano. Parece que o ser humano não pensa, e colocaram os nomes aqui, eu não tenho nome italiano, eu não tenho nada contra isso. Mas tem tantas pessoas no nosso país que podiam ter nomes. A gente ignora esses nomes que tem. É um absurdo isso, a comunidade tem que estar unida, organizada e a gente tem que pensar que as decisões não são de uma associação. A gente pode propor pra nossa comunidade o que a gente acha, pois eu moro aqui esses anos todos, eu tenho direito de propor, agora eu não tenho direito de impor. Essa é uma diferença do projeto político que eu estou falando é de uma política comunitária. Você vê bem a missão da gente: promover a cidadania, melhorar a qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade. Essa é a missão da UNAS. Por isso que a rádio é importante, porque é um meio de comunicação. Por não ter nome as ruas, muitas crianças se perdem, muita gente vem aqui do nordeste procurar o parente, porque não foram na rodoviária. A rádio fazia um papel hoje e faz hoje, documentos perdidos, mais ainda, informação pra comunidade, ela tem que ser diferente das outras. Não estou dizendo que ser melhor. Quem somos nós pra dizer que é melhor que muitas rádios aí. Eu to dizendo que rádio comercial tem muitas, não precisa ter mais uma. Para ter uma rádio comunitária tem que ser diferente, tem as programações, como qualquer rádio, do ponto de vista de música. Tem evangélico que pediram pra fazer programas na rádio, católicos também, se vier espírita, vai fazer também, porque moram na comunidade, ela tem que ter esse entendimento. Mas a gente tem que ser diferente e o diferente é promover a missão da UNAS, é promover a cidadania, é juntar o povo e promover datas comemorativas e Caminhadas pela Paz contra violência que a gente faz todo ano. Esta foi a décima segunda com mais de 10 mil pessoas nas ruas. A rádio tem que estar à serviço de promover isso, isso é cidadania. Então o diferencial da nossa rádio é esse. Estamos legal? 100% não estamos, essa construção demora, até porque a história do nosso país é de coronéis,

que fazia pelo povo, é uma história, né? Aí falam que brasileiros não lutam pelos seus direitos. Mas vejam as histórias daqui e da Europa. A Europa passou por guerras, por sofrimentos, o Japão aquela bomba toda lá. O povo sofreu muito mais do que aqui. Que o sofrimento foi na carne, aqui a gente sofre até mais viu. Quantas crianças morreram de fome num país que tem tanta gente rica, uma minoria rica e que é centralizada a riqueza. Pode ser que as pessoas vivam bem, mas que as pessoas tenham um entendimento dos seus trabalhadores, que dê uma condição de vida melhor, mas tem muitos empresários bons também, bons que eu digo é que acreditam no social, que investem no social. E eu acho que não está fazendo mais do que sua obrigação como cidadão.

Sérgio Pinheiro - Como foi o apoio político para conseguir a concessão da Rádio? Você estava envolvido nisso?

João Miranda - Lógico que eu estava envolvido, em tudo na vida, foi desde o começo da rádio, quando Dom Paulo veio abençoar quando era Corneta, depois virou FM. Daí andamos toda documentação para o Ministério da Comunicação. Isso se eu não me engano foi em 1998 ou 1997 que mandamos pra lá. Aí não iríamos esperar tanto tempo com a rádio fora do ar e a rádio nunca incomodou ninguém, sempre foi um trabalho para o bem da comunidade. Depois terminou vindo a Polícia Federal, prendeu a nossa rádio, eu fui também preso, tanto que eu era presidente da UNAS essa época. Eu não fui preso, me convidaram pra ir junto e tal, separei os equipamentos e fui junto e tive que dar depoimento como presidente da entidade. Foi mais ou menos desse jeito, o pessoal da Polícia Federal são legais, então daí pra frente hoje, olha que coisa bonita a luta da gente, depois dessa apreensão da rádio, hoje já não é mais crime ter rádio comunitária. Rádio pirata é outra coisa, mas a rádio comunitária não é mais crime, até se você não tiver documentação, a Polícia pode levar os equipamentos, mas não vai incriminar nunca. Eu fui condenado a pagar uma cesta básica, e eu falei para o juiz que a justiça tinha que nos ajudar, mas o juiz disse que a lei não era assim e eu tive que pagar uma cesta básica por causa da rádio comunitária que estava sendo vista na comunidade. E aí com os políticos que a gente acredito, com senadores como Suplicy, Aloísio Mercadante, Deputados Federais que contribuíram conosco de outros partidos também. Não foi só ligado ao PT, não é isso...tinha partido do PSDB, deputados que foram solidários com essa luta, aí a coisa foi andando e o Suplicy mandou uma mensagem, pois nossa documentação estava “caduca” e pediram documentação nova e demorou. Demorou até que um dia nós recebemos

o Presidente da República aqui, com o Ministro, cinco Ministros aqui; e o Ministro das Comunicações veio e entregou nas nossas mãos. Até hoje ela está lá nunca mais a polícia vai levar ela embora. Isso é uma história, a coisa mais bonita.

Quando a Rádio foi presa, quando a rádio ficou fora do ar, a rádio nunca ficou fora do ar, por que todo final de semana a gente se reunia e discutia a programação, como se ela estivesse no ar.

Sérgio Pinheiro - E como foi o apoio da Universidade Metodista?

João Miranda - Foi um trabalho bom, foi com os diretores de lá. Os alunos fizeram um trabalho importante, os alunos que eu digo, são os alunos da comunicação. Foi muito legal, eu espero que outras universidades como a USP e outras, tragam sua tecnologia, faz esse povo exercer, né? Não é que a gente quer ser um laboratório, se for um laboratório pra bem, para o desenvolvimento da comunicação, estamos de braços abertos e acho que o papel das Universidades, não só privadas, mas públicas também é esse, principalmente desenvolver, por que não fica só na teoria, fica na prática também, né? Pegar os arquitetos, olha aqui o que tem para os arquitetos, sonhar, pegar uma área que não tem ninguém pra fazer o projeto fica mais fácil. Difícil é num lugar de um milhão de metros quadrados, com 125 mil pessoas, olha como você vai mexer nisso pra que a pessoa tenha condições de vida melhor fica difícil.

Na área da educação, por exemplo, quem está fazendo pedagogia, nós temos aqui até dizer chega. Na área de direito meu Deus do céu, temos espaço aqui para atender o povo, orientar nosso povo, em todas as áreas. Educação física tem as quadras, olha que coisa linda, né? Gastronomia, tem um bocado de creche aqui que dá comida, jamais desfaz, quanto mais a gente comer melhor, tem tudo aqui.

Sérgio Pinheiro - Como que a rádio contribui para os projetos da UNAS?

João Miranda - Olha, tem programas que vão as crianças dos projetos lá, que visitam a rádio. Eu estou falando das crianças de outros projetos, visitam a rádio, que falam no programa. Vários diretores vão lá na questão de outros projetos se perguntam como contribui: convidando as pessoas para a reunião dos sem teto que é dia tal tal tal, se eu não me engano é no último sábado às 15 horas na Coronel Silva Castro, número 58. Olha a contribuição que tem e sempre vai gente da coordenação. O Manuel é o diretor e quando ele não vai, vai outra

coordenadora falar como é que está o movimento na rádio da comunidade. Essa rádio é como se fosse uma coisa que junta todos os projetos e passa a mensagem.

Sérgio Pinheiro - Você tem ideia de qual é a audiência da rádio?

João Miranda - Não tenho, mas aí parece que é por telefone. Tem programas que recebem mais telefonemas. Cada telefonema tinha um número que significa quantos telefonemas aquele programa teve é quantas pessoas que não é o mesmo número. Tem um número maior de pessoas por isso, eu não sei essa técnica. O Geronino sabe mais do que eu, mas eu acho que mais de um terço, chegando quase a metade da comunidade escuta a rádio, não direto, mas pega programa da rádio. Acho que está chegando a 50%, eu acho. Eu acho que precisa atingir mais, por que tem lugares que a rádio não pega, por causa do relevo, tem problemas com lugares mais altos e mais baixos. Mas você perguntou da comunidade, na comunidade tem uns dois locais que não pegam que é mais baixo, que tem problemas de chegar lá a transmissão e no lugar que pega a transmissão eu acho que mais da metade está ouvindo a rádio.

Eu acho que precisa de uma divulgação maior como as grandes rádios fazem, como a gente não tem dinheiro pra isso a gente faz a rádio peão, né?

Sérgio Pinheiro - Dentro da programação da rádio existe debate?

João Miranda - Olha, já aconteceu muito de ligarem e as pessoas falarem na hora e dizerem “o que é isso e tal, mas eu moro aqui minha rua vai sair do projeto?”. Tem muito disso, por que pra mim debate é isso: o ouvinte ouvir e ligar e falar tudo. Muitas das vezes a gente também discute um pouco sobre a questão da educação, pois tem gente que pensa de um jeito, tem gente que discute, mas a gente tem um projeto pedagógico para nossas crianças junto com a Escola Campos Sales. Eu sei que a gente está em busca do novo, não pode ficar do jeito que está. As crianças da gente na sétima, oitava série sem saber ler e escrever, isso não pode, isso é violência, isso é um pecado, não podemos fazer isso e isso trás outros problemas e hoje estamos vendo aí a violência. Tem gente que acha que é melhor investir em helicóptero, em carro blindado do que investir nessas crianças, na educação dessas crianças pra que não tenha tanto assalto, pra que diminua a violência e aí seria melhor que a gente construísse uma nação, também isso, o futuro do nosso país, que são essas crianças. Se a gente não cuidar disso, e os empresários, quem é que vai trabalhar daqui a pouco o povo se aposenta. Olha

agora mesmo, só agora quando eu vim pra cá em 1975, 76 quando eu vim para São Paulo, tinha aquele período, o frio era muito forte, mas emprego as peruas passavam, as Kombis passavam nos pontos dos ônibus nos chamando para trabalhar nas empresas. Depois faz muito tempo que a gente não vê isso, é muito desemprego dos anos 1980 pra cá, 90 para 2000. Arrocho salarial, desemprego, agora a gente está vendo que estão buscando engenheiro fora, está vindo engenheiro dos EUA trabalhar no Brasil. Eu fico contente com isso e por outro lado eu digo “Meu Deus” então tem engenheiro desempregado que não teve investimento, um estudo, que vai se formar um número de engenheiro menor que a economia precisa. Já estão pensando nisso: tem que aumentar mais na engenharia, imagina de executivo.

Sérgio Pinheiro - João, na década de 1980 todo mundo falava que era perigoso morar em Heliópolis?

João Miranda - Eu ficava chateado, por que isso é discriminação, é discriminar toda uma comunidade que na verdade existem os problemas. Eu nunca vou dizer, eu nunca disse pra ninguém que aqui não existe drogas, não é verdade se eu disser isso. Existe drogas e existe muita gente de fora com carro bonito que vem comprar aqui dentro e isso não significa que a comunidade toda, que cria favela, só tem bandido, favela só isso, e pra mostrar o diferencial disso não tem outro jeito do que você lutar pra que essa comunidade faça parte do Estado de São Paulo com direito, por que com deveres a gente já nasceu com eles, agora os direitos mesmo estando na Constituição pra gente conseguir tem que ser com luta, pois são perversos com a gente. Mas ainda continua a discriminação, mesmo com Heliópolis estando assim na mídia e tudo, melhorou, combateu muito, combateu, mas continua. Como os homossexuais, a discriminação também e as favelas continuam a mesma coisa. Tem gente que anda aqui com medo e ele aqui está mais seguro do que em todo canto. A coisa mais difícil de dizer é “assaltaram tal pessoa na Rua da Mina ou em qualquer rua da favela”. É tão difícil ver isso.

Sérgio Pinheiro – Como você se sente morando em um bairro também conhecido como bairro violento?

João Miranda – Olha, quanto teve o caso da menina assassinada pelos policiais, teve fogo nos ônibus e que fizeram e não fomos nós que fizemos isso, nós ficamos indignados, acho que isso tem que ter justiça. Não vai dar pra trazer a vida dela, mas a maneira como a Polícia agiu e a Guarda Metropolitana, não foi a maneira mais correta, mais certa. O cara roubou todo

mundo, não atirar num lugar que está passando muita gente. É irresponsabilidade, despreparo e tudo, mas foi um momento interessante e aí eu queria dizer pra você que essas pessoas falam “João, você é de Heliópolis?”. Dessas pessoas eu não tenho bronca, por que elas não sabem do que estão falando, elas não tiveram vida; quando elas vierem aqui elas vão ter vida, vão conhecer. Agora da mídia eu fico preocupado, por que eu sou contra coisa de imprensa, eu sou a favor da liberdade de imprensa, sabe, isso eu sou a favor. A imprensa tem que ter liberdade, eu sou a favor da liberdade com responsabilidade. Fala o que é ruim, mas mostra o que tem de bom. As pessoas como você que vem fazer o estudo que sabem os projetos que tem aqui dentro, que sabe que mais de 99 vírgula pouco por cento são todos trabalhadores. Trabalhador no sentido de trabalhar nos fábricas, no sentido de ter o seu próprio negócio, é esse povo que está aqui. Tem um pouquinho que trabalham com as drogas, mas eles trabalham também viu, eles não obrigam ninguém a comprar, vem gente de fora comprar aqui. E isso é correto, não é, é ilegal, agente trabalha combate, fala com os adolescentes. Sou contra coisas que fazem apologia as drogas e tudo, mas eu tenho que partir do princípio da questão do trabalho preventivo e isso estamos fazendo e todo mundo sabe e não tenho medo de fazer isso, por que isso a gente tem que fazer.